

JOSÉ GERALDO VIEIRA

A LADEIRA DA MEMÓRIA

EDITORA
DESCAMINHOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

José Geraldo Vieira

A LADEIRA DA MEMÓRIA

Editora Descaminhos
São Paulo
2015

Copyright ©2015 by José Geraldo Vieira

Vieira, José Geraldo

A Ladeira da Memória

São Paulo, Editora Descaminhos, 2015

Capa

Marcio Scavone

Edição e apresentação

André Caramuru Aubert

Produção editorial

Clélia Aubert

Revisão

Douglas Batalha

Leda Botton

Todos os direitos reservados à Editora Descaminhos

São Paulo - SP, Brasil

Telefone: +55 11 3062-9057

E-mail: editora.descaminhos@gmail.com

A Ladeira, a memória, o amor e o tempo

A Ladeira da Memória foi, de longe, o romance mais lido e reeditado de José Geraldo Vieira. A começar pelo lançamento no início de 1950, pela Coleção Saraiva, com uma impressionante tiragem de 45 mil exemplares (nada menos que a maior edição de um romance brasileiro até aquela data), seguida por uma reimpressão, pela coleção Jabuti, da mesma editora, em 1952. Anos depois, nas décadas de 60 e 70, surgiram reedições pela Martins e pelo Círculo do Livro, até que finalmente, em 2003, apareceu, pela editora Planeta, uma derradeira e muito bem-cuidada edição.

E ainda que outros livros de José Geraldo, como *A Mulher que Fugiu de Sodoma* (1933), *A Quadragésima Porta* (1943) e *O Albatroz* (1952), tenham causado mais barulho entre a crítica, nas seções de literatura dos jornais de suas respectivas épocas, eu não hesitaria, hoje, em situar *A Ladeira* entre as mais refinadas realizações romanescas do Autor.

O livro traz todas as marcas registradas do estilo de José Geraldo Vieira: o cosmopolitismo, os diálogos com a arte contemporânea, as inúmeras referências autobiográficas, as questões éticas assombrando os protagonistas. Além disso, este talvez seja um de seus romances mais intimistas e tensos, conduzido pelo arrebatador caso de amor, não resolvido, entre Jorge e Renata. É mais ou menos nessa linha que vai Alfredo Bosi, quando afirma que "o seu refinamento vai mais fundo e chega mais longe enquanto molda criaturas extremamente instáveis e nervosas, incapazes de situar e de resolver os seus conflitos fora dos quadros culturais da literatura e da arte. A herança da *belle époque*, do *art nouveau*, é sensível na construção de sua obra; mas seria precipitado classificar como 'mundano' um romance como *A Ladeira da Memória*, onde há lugar para vigorosos lances existenciais".¹

Outro aspecto da obra de José Geraldo Vieira, e que neste romance atinge, talvez, seu ápice, é a reflexão a respeito da passagem do tempo, tanto num plano mais amplo (histórico, planetário, ou até mesmo urbano), quanto nos níveis individual e pessoal. O tempo, e as marcas que ele deixa, são aqui tão presentes que o próprio título do livro já os apresenta. Esse “tempo”, com seus dramas e suas cicatrizes, aliás, é o aspecto mais destacado por Francisco Foot Hardman, na bela introdução que escreveu para a edição da Planeta: “Porque, entre tantas qualidades contidas nestas páginas, mais de um crítico considerou ser este *A Ladeira da Memória* um dos mais tocantes dramas amorosos da literatura brasileira do século XX, seja no modo do lirismo elegíaco da viagem-lembrança de seu narrador, que o repõe em linhagem clássica, seja na transfiguração transbordante das paisagens pela angústia do autoexílio e das ausências, que o aproxima das altas criações da modernidade.”²

Resumindo, em *A Ladeira da Memória*, nos vemos envolvidos por uma narrativa na qual se impõem dois elementos profundamente relacionados entre si: por um lado, todos os dramas derivados da realização, ou não, de uma relação amorosa; e, por outro, a beleza e as dores resultantes do tempo (a espera, a transformação de pessoas e espaços físicos, a memória, a saudade). Se esses dois elementos estão presentes, de diferentes formas, em todos os livros de José Geraldo Vieira, aqui eles alcançam ao seu grau mais elevado.

Como sempre acontecia quando seus livros eram reeditados, José Geraldo Vieira não se acanhava em fazer grandes mudanças em seus textos: reescrevia capítulos, suprimia parágrafos, acrescentava outros. No caso de *A Ladeira da Memória*, ele chegou mesmo a alterar o desfecho. Para a presente edição, nós nos baseamos, como parecia ser a abordagem mais correta, na última versão do Autor.

André Caramuru Aubert, março de 2015

PRIMEIRO CADERNO

Viagem ao rés da noite
Tio Rangel perscruta a minha alma
A ladeira da memória
Bodas de ouro

I

Taciturno e absorto, muito embora esteja bem junto de meu velho tio-avô — um desembargador aposentado —, viajo rente à janela do vagão D do trem noturno, no último banco do lado direito.

Em dado momento aproximo o punho a fim de ver as horas, e então percebo que os olhos dessa criatura compreensiva se fixam no quadrantezinho do relógio que emergiu de sob a manga do meu sobretudo. Estendo-lhe cortesmente o antebraço para que veja melhor, e oscilamos de comum acordo nossas cabeças. Meu tio agradece calado mas atento, depois olha para fora através da vidraça fazendo da minha testa alça de mira; e por fim se acomoda, enquanto isso por duas ou três vezes estudando o meu feitio.

Percebo que vai travar conversa outra vez, porque uma fusão de analogias decorrentes do relógio, da escuridão e da velocidade está a exigir dele um exerciciozinho verbal.

E, de fato. Torna a ajeitar-se, a olhar para fora, até que diz não sei se para mim ou se para ele mesmo, com o queixo preso entre o polegar e o indicador — atitude antiquíssima, dos tempos ainda de quando juiz:

— Não, a noite não é isto só.

Automaticamente perscrutamos a treva. Volto-me para ele, cruzo as pernas, adoto atitude dócil e respeitosa.

— Esta escuridão, que nos parece delimitada apenas porque lhe estamos no centro, é mero fragmento sucessivo da treva que banha esta metade do mundo.

Anuí logo e tirei um cigarro. Ele, por cortesia, tentou procurar fósforos com que me servir, e prosseguiu:

— Nunca fumei. O hábito de trazer fósforos comigo provém de exigências de Maria Clara. Além de obrigar-me a adquirir coleções de charutos e a oferecê-los às visitas, acha que, complementarmente deva estar munido sempre de fósforos. Até nisso minha mulher

exerce — pensa que exerce! — influência sobre mim e exorbita dessa autoridade que eu... tolero! Sim, pois se não fumo! Trata-se, em última análise, de me fazer ver que, se não fumo, toda gente fuma; logo, para que não cuidem que tal virtude ou defeito é miserabilidade de velho, ela exige de mim esta e outras extravagâncias sem nexos. Contumélias!... Mas não era isso que eu queria dizer... Daqui deste trem assistimos da noite ao que dela se oferece intato, já que dentro do vagão a luz a corrói. Tamanha nos vai acompanhando, embora já esteja atrás mas não cesse de vir ainda e sempre de diante, que decerto quer que entendamos que apenas ela é que viaja deveras pelas duas metades da Terra, em excursão circular.

Nisto, como a dar-lhe razão, a locomotiva engasgou na velocidade, tal qual um andarilho que tropeçasse. O vagão deu forte solavanco, meu tio desembargador quase caiu, e seu chapéu rolou para o chão. Tratou de agarrá-lo; já o trem criara ímpeto de novo, e tive que segurar bem meu companheiro de banco.

Sem se perturbar e sem se dar por aplaudido, achando aquilo decerto eventual sofisma contra um homem de leis, meu tio se reacomodou, continuando:

— Não sei se me faço entender... Se queremos andar, caímos. Já a noite, todavia, anda muito certinha desde milênios. Isto é, certinha relativamente. Na grande viagem ela também oscila um pouco na "bitola" por causa de folgas e apertos a que os sábios chamam mutações e precessões...

De fato, íamos num embalo.

— Ah! A noite! Vai atravessando estas bandas, desmesurada e compacta, preservando o que recebeu do dia, guardadora fiel da contingência legal do tempo horário... Sim, realidade opaca, não imóvel nunca mas sempre conteúdo e medida, instante e sucessão, ela é indiferente e cega, cega e inumana...

Pensei comigo: "Meu tio deixou de ler os clássicos, anda agora a ler ciência e filosofia..."

— Inumana, mas não desumana, Jorge! Pelo contrário: propícia até, já que em sua idealidade e transcendência é reposteiro para os

que dormem e túnel para quantos buscam na vigília uma escuridão maior.

Parou um pouco de falar, olhou para os passageiros que dormiam e para mim tão cheio de antigas insônias, como a ilustrar os dois exemplos opostos citados, e acrescentou:

— Sendo treva, nos livra de restrições visuais, nos facilita a comunicação com distância que o azul nos veda, nos povoa um céu que de dia é monótono... E ora nos expande quase infinitamente para fora de nós e da terra, ora nos recolhe e acalca para dentro dos nossos seres.

Encarou-me com autoridade. Oscilei a cabeça. Ele se deu por satisfeito, abanou a fumaça com um gesto. Prendi então o toco do cigarro entre os dentes, ergui-me, abaixei o vidro, joguei fora o cigarro; ia soerguer outra vez a vidraça mas meu tio me pediu que a deixasse aberta, explicando:

— Não está frio. E, se alguém reclamar, fechamos.

Pusemo-nos a conversar com mais naturalidade (o acesso de erudição de meu tio ainda não amainara), ficando voltados lá para fora, para a noite, sentindo-a, na verdade, segundo Wundt e Dietze (meu tio voltara à carga, apoiando-se agora em autoridades), passagem opaca, indiferente e cega, inumana mas não desumana e nem mesmo neutra, visto nos ser propícia. Tanto que, para estabelecer uma reciprocidade, lhe citei umas considerações de diferentes poetas mundiais definindo a noite. Para que fui fazer isto? Meu tio enveredou logo para o assunto que desde o começo da viagem vinha premeditando:

— Nenhuma dessas definições serve para o seu caso especialíssimo? Atenha-se ao que dela disse o poeta — que você tanto ama — quando a cognominou de “a domadora hipnótica das coisas que se agitam muito”!

Na verdade, meu tio queria fazer tempo enquanto não atingia Volta Redonda onde ia visitar o filho, engenheiro de altos-fornos. Não tendo conseguido leito no Cruzeiro, visto haver resolvido a viagem já de tarde, e tendo coincidido essa viagem com a minha resolução de ir aplacar os nervos numa fazenda entre Resende e Itatiaia, principiava agora a querer abordar “certo assunto” desde

que saíramos do Rio, pretextando que eu tinha de tolerar a lenga-lenga dum velho a fim de não acabarmos dormindo ambos de boca aberta, hediondamente, como acontece a todos os passageiros do mundo em todos os trens noturnos, já que apenas os previdentes e cautelosos acabam usufruindo num leito as prerrogativas de saberem na quinta-feira o que farão no sábado.

— Há quanto tempo esteve você nessa fazenda?

Disse-lhe. Ante a data tão distante e antiga, indagou:

— Informou-se ao menos se tal fazenda ainda existe?

Expliquei-lhe que não se tratava de ir ficar uns dias numa fazenda, e sim de averiguar em que estado ela estaria, rematando mais ou menos assim o meu intento:

— Trata-se de uma ideia que me veio depois que lhe escrevi a última carta. Se até essa fazenda já não existe mais, for uma tapera, ou um grande parque moderno agrícola, talvez eu me possa certificar então do sentido do verso desse mesmo poeta que o senhor citou ainda agora: “O fim é já não haver o que esperar”.

— Ahn! Está querendo agravar o seu péssimo estado de alma, ou arquivar um passado? Hein?! Olhe bem para mim, e responda!

Mediu-me, a ver meu desânimo, passou o braço por meu ombro, puxou-me com efusão de bondade, valeu-se da sua experiência de vida e considerou:

— Desde muito você já devia ter feito isso. O fato de ter vivido no interior estes anos não significa que haja descansado. Muito pelo contrário: safou-se do bulício das cidades mas se entranhou no torvelinho de si mesmo. Vive traduzindo dia e noite para editoras, compondo artigos e ensaios para jornais e revistas, afastado até mesmo dos seus romances programados. Por último, abandonou a profissão liberal para cair num artesanato de escritor estipendiado. Ainda por cima é um solitário, não se abre com ninguém, vive às voltas com um sentimento irremissível.

Coçou o queixo, franziu as sobrancelhas.

— Que enigma o aconselhou ir a essa fazenda? Escusado dizer-lhe que vivo preocupado com o seu feitio, pois sempre que lhe faço perguntas não por curiosidade mas para apor a minha experiência humana, você ergue a cabeça de dentro do seu marasmo e em seus

olhos só vejo atarantamento. Quer saber duma coisa? Menti-lhe hoje quando lhe disse que Roberto, em conversa pelo telefone, instara para eu ir passar o fim de semana em Volta Redonda. De fato, ele anda a insistir comigo e se trata positivamente duma pessoa capacitada para mostrar-me o que seja deveras Volta Redonda. Eu, porém, se resolvi viajar hoje e neste trem, foi porque você me disse, no banco Boa Vista, que você fora retirar dinheiro a fim de passar uns dias numa fazenda para lá um pouco de Resende. Não decidi absolutamente por causa de Volta Redonda e sim de você. A cara com que me comunicou sua decisão foi suficiente para eu inventar logo aquela "coincidência", aquele telefonema do Lauro, irmos depois juntos até à Exprinter e contentarmo-nos com assentos numerados já que não restava leito em noturno nenhum. Jorge, não nego que você por diversas vezes se tenha aberto comigo. A sua última carta, por exemplo, é quase uma consulta. Mas lamento que tais provas de confiança tenham redundado em mera verificação dum estado onde minhas considerações têm sido de efeito nulo. Morreu-lhe determinada mulher, que na sua vida significou um ápice de emoção e de beleza. Hoje, mais de quatro anos depois disso, aqui estamos juntos algumas horas. Será que ao menos não conseguirei dar-lhe um conselho viável?

Observou minha fisionomia, como a verificar se malograria ainda desta vez.

— A que se resume o seu caso? No seu entender é tamanho que não é passível de resumo, quanto mais de solução. Vejamos: ela morreu, só vindo você a saber dessa morte meses depois, visto estar ausente no interior de São Paulo para onde fora por injunções inerentes a essa paixão recíproca. Tal morte não redundou em epílogo do seu caso, antes o exacerbou, como era natural, deixando-o em tal desespero que, como você se esquivasse a quaisquer desafogos e comunicações, nos deixou bastante apreensivos. Ainda bem que seus pais não perceberam a causa secreta. Mas Germana ficou ciente de tudo. A família é isso: todos nos queremos um bem louco, todavia escondemos dela a nossa alma atulhada de tantos mistérios que, sendo pais, filhos, irmãos, na verdade somos estrangeiros até dentro do lar! Isolou-se você do mundo, desde

1940, quando descobriu que essa criatura estava tuberculosa e com o “passado” permanentemente à cabeceira. Foi pois para a Alta Paulista, acabou embrenhando-se no interior. Quando eu soube, porém, que você emendava acolá o seu livro, disse comigo: “Bem, o Jorge está construindo o seu farol lá nesse litoral de desvalimento!” Em meados de 42 você veio ao Rio e gostei de ver que cobrara certo ânimo. A tal criatura estava bem melhor, praticamente boa, e ia solucionar o seu impasse. Sucedeu, porém, que, ao voltar em fins de 43, você soube nem mais nem menos...

Abraçou-me com o braço direito, retirou-o logo, prosseguiu:

— ... que ela havia morrido em novembro. Foi quando você, num estado miserando, me contou tudo. Dei-lhe então uma senha para comportar-se nessa descida aos infernos: fazer do seu desespero uma autêntica superação em prol mesmo de sentimento tão belo e trágico. Isolou-se você ainda mais de tudo, da realidade dos seus, disposto a cumprir o postulado de Eckhart: “Despojar-se do todo o QUÊ”, ao invés de extrair dessa angústia uma sublimação.

Deu-me um tapa no joelho, continuou:

— Ainda assim, confiei em você, porque sendo um cronista-mor, desta época do mundo, teria por si só e através dum descortino — que é a onisciência dos romancistas — que acabar chegando à conclusão lúcida de que ao longo do litoral da finitude há um promontório com um farol. Que diabo! Pois se até eu, que sou velho, leio, entendo — e aprovo — Camus, por exemplo, como é que um sujeito que se abalança a nauta nesta hora atual não haveria de saber que há que arrecadar não a nau já naufragada, mas o corpo, já que existe a... natação? Mas, como agiu você? Rasgou, ou queimou, nem sei direito, outro livro em que trabalhara desde 1937 até meados de 1942. Internou-se em meados de 1943, durante meses na selva, à beira do Araguaia, depois voltou para Hacrerá, por lá ficou, marasmado, sem escrever a ninguém, e só apareceu no Rio em junho de 1944! Bem, os aliados desembarcavam na Normandia, e você desembarcava no aeroporto de Santos Dumont!

Olhou-me de alto a baixo, por entre as sobranceiras franzidas.

— Tratei logo de estudá-lo. Sim, analisei-o logo para o... prognóstico. “Tempo bom, mas ainda com muita névoa... seca”,

disse eu. Para começar desandou você a brigar com a sua irmã Germana. E, por quê?

Sorri, lembrando-me.

— Porque essa grande criatura sonegara da sua mala o original do romance, escrevera à editora — com a qual você já tinha um contrato, seu paspalhão! — e remetera o livro que... louvado Deus, saíra com êxito ainda em 1944. Não tardou que você andasse por São Paulo, solicitado pela fama do livro. Fica você no Rio uma temporada, eu consigo entusiasmar-lo até com o boato que depois foi confirmação, do atentado a Hitler, e juntos, em mapas, acompanhamos ambos o avanço aliado Europa adentro — com a ajuda nossa na Itália, cumpre não esquecer, sim, senhor, é o que lhe estou dizendo! — e me alegrei todo ao ver seu interesse despertar. Ora muito bem! Mudara o mundo para melhor. Se mudara! Senão, vejamos: Conferência de Casablanca, ocupação de Trípoli, derrota alemã fragorosa em Estalingrado, desembarque na Sicília, destituição de Mussolini... Depois? Que houve depois? Aquela série de vitórias espetaculares, de envolvimento obstinado e cauteloso. Orel, Salerno, armistício italiano, Badoglio, Conferência de Teerã, a epopeia de Nettuno, a Conferência de Brazzaville, a libertação de Sebastopol, nós em Monte Castello, a queda de Roma, a abdicação do reizinho bigodudo, o desembarque de você no aeroporto voltando à vida donde fora escorraçado simbolicamente em Dunquerque!

Esfregou as mãos, bufou, empertigou-se.

— Acompanhei-o ao aeroporto vaticinando-lhe insurreição, para muito breve, em Paris. Foi, ou não foi?

— De fato, tio Rangel. E depois, na carta em que tratava do meu livro pacientemente relido, o senhor confirmava que seus vaticínios estavam realizados.

— Pois então, rapaz?! Leclerc não entrou em Paris não para libertá-la mas sim para ver o que o povo, o povo, homem! tinha feito aos nazistas nas praças públicas?!

Deu um grunhido, não sei se tosse ou brado gaulês.

— Eu, com o coração na boca, esbofando-me, a seguir o general Patton na França e o general Clark na Itália, atolando-me no barro das ilhas do Oriente! E você, meu galhardo, a escrever mais

outro livro. Hein?!... Já não lhe dissera eu, muito antes, tantas vezes, que sua literatura o salvava?

Ante o meu feitiço de dúvida, reagiu reflexamente.

— Salvava e salvará. Passou a frequentar a casa de minha filha em São Paulo, quase mensalmente saindo de Hacrera, apareceu mais frequentemente no Rio, deu em colaborar em jornais, irrompia em casa de sua mãe com telas, presentes, livros sobre arte, acompanhava Germana a passeios, teatros, concertos até ela se casar, ouvia música, tomava banho de mar, fazia roupa em bons alfaiates. *Et coetera!* Enquanto isso os Bálcãs libertados, a Rússia recuperando suas cidades, Roosevelt reeleito! Que susto a estuporada tentativa de ofensiva alemã nas Ardenas! Fiquei que nem um leão! Cai Budapeste, os ianques repetem acolá no Oriente, em Okinawa, o arrojo da banda de cá... Estamos já recapitulando 1945, rapaz! Morre Roosevelt. Já a última fotografia que vi dele no cinema me confrangeu o coração... Aquela capa pendendo dos ombros! Aquelas olheiras... Pouco depois Mussolini é dependurado numa trave, pelos pés, para escarmento macabro aos aventureiros; menos de uma semana depois Hitler, confinado num porão, acuado como um chacal, se abate! Maus ventos espalhem suas cinzas! Ah! Livrou-se o mundo de espécimes que parecia incrível pudessem proliferar no Ocidente, neste século! Em agosto, a bomba atômica sobre Hiroxima. Em setembro, a capitulação japonesa.

Tio Rangel soprou para fora todo o ar residual do peito, como um desafogo.

— E quanta coisa se renovando depressa, como uma primavera! A liberdade voltando qual rajada de ar novo! Lembra-se você dos nossos passeios pela cidade, por tudo quanto era bairro, quando aqui depois também nós saímos de contrafações ditatoriais, *dips*, endeusamentos, bambochatas, arruaças? Lembra-se, Jorge?

Sorri, com o olhar distante.

— Eleições marcadas. Muros, paredes, andaimes, muralhas, monumentos, casas, todo um letreiro denso de cartazes! Parecia que se estava forrando a cidade! Giz e piche! Tabuletas, painéis, retratos, nomes, partidos, comícios, volta à Constituição, liberdade de presos políticos, regresso de exilados! Dizia-me você que em São Paulo era

a mesma coisa, o mesmo entusiasmo, o mesmo ímpeto. Mas voltemos a você. Seu livro lhe forneceria uma boia atirada. Uma nova criatura procuraria entrar em sua vida, tonificar seu coração. Resumindo: você sabe, inteligente como é, experimentado como ficou, que não se pode existir sozinho. Nós coexistimos. Somos gregários... Meteu-se você a estiolar-se lá na Alta Paulista. Mas o hausto do mundo em novo solstício vernal tinha que arejar almas da categoria da sua, meu caro Jorge! Não é mesmo?

Como me olhasse muito, aguardando resposta, sorri, complacentemente.

— Bem. O tempo passou. Aqui estamos neste trem. Eu vou a Volta Redonda. Você vai a uma fazenda onde, no período ardente de sua paixão, foi feliz com certa criatura... E vai, por quê? Escrúpulo puro, embora cuide ser por motivo de saudade. Não lhe nego a saudade. Tenha-a sempre, enquanto vivo for, e será pouca, como turíbulo a um ser tão extraordinário! Mas lhe garanto — eu conheço sua alma — que você vai por mero escrúpulo.

Passei as mãos pelos cabelos e tio Rangel enfezou-se:

— Cuidava você, então, que neste mundo não havia mais nenhuma criatura que captasse o seu S.O.S.? Jorge, em todo sofrimento, em todas as perplexidades solitárias, sempre, sempre, embora nos cuidemos, resignados, mesmo voluntariamente, há um instinto reflexo de socorro. E há sempre “escutas” capazes de captar essa ânsia. Agora, você se está debatendo (porque é leal e nobre, sensível e magnânimo) num grave problema de consciência. Cuida que quem, vindo do deserto e se abeirando da cisterna, ao dar com as sandálias da outra, não tem o direito de calçá-las. Imagina que quem se aproxima da catacumba, ao deparar com a candeia votiva largada no degrau, não tem o direito de acendê-la.

Calou-se, estirou o corpo, sentenciou com seu vozeirão de magistrado:

— Essa outra criatura, vinda do oásis, trazendo os mesmos anelos de solidariedade, chega diante do altar revirado onde jaz ainda o vaso de ouro. Quer roubar o vaso sacrossanto? Não. Apenas quer com ele correr à fonte próxima, enchê-lo e assim reanimar quem está ali no chão. Sabe você muito bem — pelas características

que me deu da alma dessa nova criatura, pela inteligência e intuição que a fizeram abeirar-se e guardar mistério e recato — que tal ser, prêmio autêntico de Deus, não intenta, curiosamente, nenhuma aventura. Não é esse o escrúpulo de você. Antes pasma em ver surgir-lhe na vida ser tão idêntico e tão diferente, tão gêmeo e tão antípoda da que deixou as sandálias e a candeia. Seu escrúpulo, seu caso de consciência é cuidar que seria um sacrílego, um ingrato, se anuisse à aproximação de tal catecúmena. Será possível, Jorge, que você tenha ficado um desajustado, como esses infantes da Espanha e da Rússia, pássaros tontos, tangidos pelos bombardeios e fuligens, que já não veem o ninho, o pomar florido, nem ouvem mais o sussurro das fontes?

Olhei-o muito, pois aquelas palavras não eram propriamente dele, e sim trechos de cartas recentes.

— Pois lhe digo que em verdade você comete um erro afastando-se para o largo, pois acabará acontecendo, hediondamente, o quê?: como o suicida em movimentos de desespero, egresso do mundo e de Deus, você faz perigar quem avança mais, mar adentro para salvá-lo.

Olhou-me esbugalhadamente, com a fisionomia em reação de pasmo.

— Mar adentro, por quê? Já não se trata de você. Trata-se de quem não o considerava naufrago mas sim, fora da terra incendiada, tangido pela solidão e tão longe indo que chegava a uma ilha, a de Ogígia. Está reparando bem? Estamos ainda em Homero! Em plena glória do Egeu! E tanto isso é verdade, que essa criatura se assina, na sua correspondência, Calipso! Que criatura magnífica, sensível e conhecedora do mistério eficaz dos símbolos!

Encolheu-se em atitude de expectativa, pediu:

— Fale-me dessa criatura! É livre, ou prisioneira, como a outra? Vendo-me calado, mudou para outra variante de assédio.

— Conhece aquele vocativo de Novalis? “És tu, ó morte, que nos cures de nosso sofrer?” Para a outra, a que morreu, a morte acabou sendo isso, misericordiosamente. Mas você mesmo me disse, no seu período “negro”, que “morte também é quando alguém vive e não o sabe”. Pois Jorge, você está vivo. Quer permanecer morto sem

saber, já que vivo está e não sabe? Compreendo o que se passa na sua alma. Está zozona porque ambas essas criaturas, a morta e a nascida, confluem no portal da sua perplexidade, como dois fenômenos aparentemente opostos em ação, quando na verdade um continua o outro, são idênticos em essência. Cabe aqui uma palavra demasiado erudita, mas a única que serve: "hipóstase". Uma indo e outra chegando. Ora, que é isso? Os pilotos se revezando no castelo da proa! Como um ex-moribundo no deserto, você reabre os olhos e vê uma criatura apanhar as sandálias que a outra deixara no rebordo da cisterna. Que deseja essa que você cuida intrusa? Calçar-se para adivinhar assim qual o percurso por onde levar você que precisa urgentemente de oásis. Como catecúmeno na catacumba por onde se arrastou após o martírio incompleto, ainda com os olhos fulgurados por os haver, lá da treva, ao recobrar ânimo, volvido para a luz da porta, vê você a recém-chegada apanhar a candeia e principiar a enchê-la com o óleo que trouxe no odre. Quer ela acender a lâmpada para quê? Para poder soerguê-lo, rapaz! Caído na duna sente duas mãos o segurarem pelos ombros, pois a estrada passa lá em cima e você caiu cá embaixo. Ou, como o adolescente que se perdeu na travessia e que o mar levou à deriva, aporta você a uma ilha, vê uma gruta a livrá-lo do sol e do vento, e foge para o litoral, quando lá dentro está o bálsamo, a sombra. É, ou não é isso? Por que essa carranca? Esse recuo para a vidraça? Escandalizei-o, ou atingi o âmago da questão?

Reacomodou-se no banco, satisfeito e ofegante, como se me houvesse provado um axioma. Sua cabeça venerável de velho Plotino estava estupenda, batida de luz e de sombra ali no vagão.

— Estes casos, disse-me você em sua carta, e eu concordo, lhe advêm em consequência da sua literatura. Certas leitoras vão além dos personagens e enredos: atingem o autor, processo aliás mais lógico. Querem o criador, bem mais do que as criaturas. Ora, sendo os seus romances de pauta lírica, o carisma que originam representa atração. Elas averiguam que a similitude de suas almas, problemas, anelos e dramas com as almas, problemas, anelos e dramas dos personagens dos seus livros, as coloca, primeiro, numa atmosfera idêntica; segundo, que já que você criou tudo isso e tudo isso

encontra representação real em suas vidas, tanto os personagens, como o autor e elas — certas leitoras —, são dum mesmo clã específico. Daí, a consequência: tais leitoras se cuidam também personagens e criaturas suas. Mas, vamos adiante: todos os personagens essenciais dum romancista são de certo modo ele próprio. Todos os problemas, anelos e dramas que escreve (ou descreve) são catarse. Estabelece-se então uma afinidade global. Digo mais: se essas criaturas até então não achavam a quem confiar certos estados de alma, consciência, sensibilidade, espírito, no sentido de compreensão, já agora sabem a quem consultar. E isso com uma confiança estribada em documentação exata: o livro.

Reparando no meu ar dubitativo, reiterou:

— Sim, senhor! Com uma confiança estribada! No seu caso, por exemplo, já ficou provado pelo menos duas vezes que certas criaturas se sentiram irmãs de determinadas personagens suas quanto a ídoles e problemas. Acorreram para você e, de personagens, se incorporaram a criaturas suas, atraídas por uma afinidade rigorosa, muito mais do que mera analogia. A primeira que assim lhe surgiu da vida para o romance foi tão real e humana que nasceu, viveu, amou e morreu. Nisto é que ela foi exata, completa. Sentiu você o vácuo insuportável, incrível, porque como criador você perdurou ao passo que ela, como ser humano, acabou se extinguindo. Em vão você sempre que vem ao Rio a procura nos sítios onde outrora se viam. Copacabana, avenida Niemeyer, Barra da Tijuca, centro da cidade, calçadas, cinemas, lagoa Rodrigo de Freitas. Paineiras, Paquetá, Petrópolis. Consegue mesmo ressuscitá-la, mas... com ausência de nitidez de rosto, isto é, sempre com a máscara, a verônica. Ora, é claro que as criaturas nascem e morrem e que o criador continua, para criar outras. Você resolveu descer à condição de criatura também. Mas sua descida não pode representar uma submissão total ao *status* de criatura; é um simulacro da Paixão. Isto é, o criador vindo como remissão eventual. Andou você estes últimos anos extraviado no Limbo para onde descera. Conseguiu afinal emergir cá para fora, para o mundo, para a vida, já que o outro lado de lá, a eternidade, nos é insonoro e imperscrutável. Malogrou você em querer seguir as pegadas de

quem ultrapassou a fronteira. Por isso temi durante muito tempo por sua integridade, muito embora perante o mundo você parecesse um indivíduo normal, sensato. Compreendo que um golpe como o que recebeu prostrasse durante muito tempo um homem da sua sensibilidade. Mas a sua função de romancista diz respeito ao tempo. Aqui no mundo pode você evocar, transsubstanciar, quantas vezes queira, a criatura que já não existe. Use e empregue os seus atributos evocando com sucessivos heterônimos a que já não tem nome humano e sim atende a vocativos como os que nas litâneas são reconhecimento simultâneo de beleza e virtude.

Seguiu com o olhar a passagem de pessoas que desciam numa estação e me aconselhou:

— Deixe dessa incongruência de visitar os locais onde antigamente vocês se encontravam, pois nisso imita o autor indo de dia ver o teatro vazio e escuro, o palco e a ribalta, os bastidores e cenários dum espetáculo que certas noites foi empolgante. Largue de vez essa ânsia pericial de procura de testemunhos, indícios e provas cronológicas. Não limite tamanha criatura a esquemas e diagramas, restringindo-se a um passado. Valha-se duma outra espécie de sabedoria: a imanência obtida poeticamente. Só pela poesia poderá você fazer sobreviver sem equívoco nem mistificação aquela que cruzou um dia a fronteira estranha. Jorge, o Estar-Aqui é um desvalimento e só os romancistas é que tiram dessa averiguação um sentido que não é o das carpideiras. Mas se neste seu caso que se desarticulou em 42 e explodiu em 43, você se subordinar ainda, agora e sempre, a uma saudade de homem por uma mulher, que redundará? Redundará a verificação lancinante dum fato irremissível. Ora, essa lógica o porá sempre na situação de vítima também. Resta perante seus olhos, seus sentidos, sua alma, o mundo onde você está, onde você ficou. Por que não considerar mais isto aqui vida, mundo? Lembra-me você o indivíduo que já não considera templo uma antiga nave só pelo fato dum governo laico a haver transformado em museu. Transfigure este mundo através do otimismo, como aquele mendigo que quando íamos entrando hoje no banco Boa Vista nos saudou e agradeceu nossa esmola dizendo: "Bem-vindos sejam a esta nossa casa..."

Olhando a estaçõzinha que o trem deixava, perorou:

— O mais estará errado. A percepção real só é possível no cérebro através dos sentidos. A percepção analógica — no caso a saudade daquela primeira criatura — tem que ser sempre um processo apenas mental. De verdadeiro só ficou você como parte desta simetria que se chama amor, sentimento recíproco por excelência. Logo... se desarticulou o binômio. Voltar, ela não volta. Morrer você também, para a hipótese de recuperação e prosseguimento *alhures*, é problemática quanto à realidade e à consequência, já que nada lhe prova que o destino ambivalente daqui de baixo possa ser continuado no além. Você não disporá duma garantia de reencontro num outro plano. Não estou absolutamente negando esse outro plano nem mesmo esse reencontro, mas sim estou esclarecendo que não depende de você nem de nenhum recurso esotérico a continuação do amor acolá com as mesmas características daqui. Pelo menos tal encontro pode não ser dentro de atribuições como as que aqui decorreram de critérios morfológicos e vivenciais, mesmo porque você há de sempre insistir em recuperar essa criatura através da lógica dum passado.

Abrindo desmesuradamente os braços, perguntou:

— Qual será então o recurso válido? Contentar-se com o que lhe foi outorgado a prazo fixo mas com efeito permanente, procurando não mais uma promulgação na pauta da realidade e sim na da transfiguração. Decerto todas estas reflexões que lhe estou fazendo já lhe têm acudido como ato de vigília desde que você começou a sentir a impossibilidade duma opção sua. Qual, então, a opção a aceitar, já que a sua é impossível? Antes de mais nada, levantar-se. Você caiu estatelado. Mas, por felicidade, não somente tem pernas de homem como asas já que é romancista, categoria esta de locomoção possível mesmo entre escombros. Evidentemente o estado de sua alma, agora, Jorge, não é o mesmo de 42 e de 43. Mudou e melhorou muito. Não lhe ofereço uma solução. Essa lhe será dada por você mesmo. O romancista salvará o homem. As sandálias da criatura que se foi pelo deserto, a lâmpada da criatura que sumiu na catacumba, outra criatura do seu mundo de romance e de criação recolherá da beira da cisterna e de cima do patamar.

Para tanto urge que você suba a ladeira da memória, veja a que ficou reduzido o desvão do passado, e resolva reinsertar-se na existência autêntica.

II

Sorriu, fechou os olhos, ficou algum tempo assim enquanto limpava o rosto com o lenço; depois me perguntou com um tom ameno de palestra:

— Conhece bem São Paulo?... Não, não me refiro ao apóstolo... Conhece bem a cidade de São Paulo?

— Assim, assim. O centro e alguns bairros.

— Já ouviu falar num trecho antiquíssimo, o Piques?

— Sei onde é.

— A baixada do Piques, hoje praça da Bandeira, coisa de sessenta anos antes, era composta de duas partes: o largo do Bexiga, que também foi chamado do Riachuelo, e o largo do Piques, sotoposto ao pequenino largo da Memória. Ao largo do Bexiga iam ter a rua do Bexiga, hoje Santo Antônio, e a de Santo Amaro, bem como a travessa que depois viria a chamar-se rua do Ouvidor, por onde se alcançava a rua Nova de São José (a Líbero Badaró de hoje, não sabe?). Quanto ao largo do Piques, para ele desciam as ladeiras de São Francisco e do Ouvidor, a rua Santo Antônio, depois, do outro lado, a rua Formosa, a ladeira do Piques, hoje rua Quirino de Andrade, e a ladeira da Memória. Dirá você: "E a que vem isso?" Tenha um pouco de paciência. Nós, os velhos — e lembre-se que estou com mais de setenta anos —, cada vez tendemos mais a explicar nossos pensamentos por meio de mapas ou desenhos, ao percebermos que de nada valem anexins e máximas. Ora muito bem: tem você diante dos olhos essa confluência de ladeiras e de becos descendo dum anfiteatro para uma baixada cortada pelo Anhangabaú. Transporte-se a um São Paulo de seus bisavós, de antes do viaduto do Chá. De bem antes não do atual e sim do anterior que tantos aborrecimentos causou à baronesa de Tatuí, viúva do barão de Itapetininga, que era então dona de toda uma imensa chácara por ali. Veja um vale do Anhangabaú antigo, elimine

da sua visão a moderna avenida 9 de Julho, o atual parque e a atual avenida Anhangabaú, imagine um Piques rodeado de casas baixas marginando as chácaras do conde de Prates, do barão de Ramalho e do Martinico. Meu pai, quando eu era menino, saía de casa, andava, voltava, dizia: “Estive na rua do Príncipe, comprei cigarros na rua do Jogo de Bola, tomei um *tilbury* para ir até o largo dos Curros, depois subi a ladeira do Acu, passei diante do El Dorado e do Politeama, estive dando um dedo de prosa no largo do Rosário diante da igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de lá fui tratar dum negócio com um caixeiro-viajante no largo da Forca, descí, botei umas cartas no correio no largo do Tesouro, atravessei o centro, descí para o Piques, fui ver meu compadre Valério em sua casa no largo da Memória.” Ora, muito bem. Eu, por minha vez, não sei quantos anos depois podia dizer a mesma coisa, empregando outra nomenclatura. Isto é, podia dizer: “Estive na rua Quintino Bocaiúva, passei pela rua Senador Feijó, tomei um táxi e fui à praça da República, depois subi a avenida São João, passei diante do prédio da Recebedoria de Rendas Federais, quase todo demolido já, estive em conversa com uns amigos na praça Antônio Prado, perto do City Bank, fui a uma companhia de seguros, na rua Anchieta, cheguei até a Liberdade para encaminhar um negócio, descí, atravessei a praça da Sé, rumei para o largo São Francisco, descí, atravessei aquele pandemônio cheio de automóveis e ônibus, consegui escapar ileso, subi a ladeira da Memória para rever a ex-casa do meu sogro, o antigo fazendeiro coronel Valério.” O mesmíssimo percurso, meu caro Jorge, mais de cinquenta anos depois da suposição anterior. Sim, há alguns anos passados, por ocasião das minhas bodas de ouro festivamente terminei ali o meu dia. E todavia não me considero um fantasma, sou um ser vivo, contemporâneo do avião, do rádio, da II Grande Guerra, acabarei, e aquilo acolá, aquele chão de níveis tão diferentes perdurará como base de coisas sempre e sempre renovadas e renováveis.

A porta de trás do vagão se abriu, entrou com o empregado do carro-restaurant uma golfada de ar frio. Meu tio Rangel, com aquele seu feitio de prelado, achou melhor que fechássemos a

vidraça. Posto o quê, tratou de confluir com as mãos e os pensamentos para o centro mesmo daquela espécie de apólogo.

— Há cinquenta e poucos anos, eu saí dum sobrado da ladeira da Memória, para casar-me na Aparecida. De lá segui para a lua de mel no hotel das Paineiras, no Rio de Janeiro, cidade onde viria a ser juiz e depois desembargador. Nunca mais voltara ao tal sobrado da ladeira da Memória, porque das inúmeras vezes em que de então em diante estive em São Paulo, primeiro na outra residência de meus sogros, depois sucessivamente nas de minha filha e de meu filho, permanecia nos Campos Elísios, e a seguir em Higienópolis e nas Perdizes. Ultimamente, no Jardim América. Pois não é que nas antevésperas das nossas bodas de ouro, minha mulher, que quanto mais se veste segundo os últimos figurinos mais parece baronesa ou embaixatriz, me obrigou a passar com ela pela ladeira da Memória, que absolutamente não era itinerário obrigatório, tendo-o eu feito por imposição e extravagância de Maria Clara? É evidente que, diante do antigo sobrado imperial (uma aberração encravada entre prédios medonhos mas não antigos, só existentes à direita de quem sobe), minha mulher parou, toda emocionada; e mesmo depois, quando já estávamos no passeio de Xavier de Toledo, ainda se voltou, a observar e a fazer comentários. Depois, durante o chá no Mappin, me confessou: “Já passei por lá várias vezes, ontem de tarde com o Lauro e hoje de manhã com a Rafaela.”

Ajeitou o chapéu, voltou-se mais para mim.

— Tomei o chá meio emburrado porque detesto os acessos românticos de Maria Clara, hoje uma anciã, com menos dois anos do que eu. Afinal ela, ainda havia pouco, me assustara fazendo menção de quase entrar no sobrado da ladeira e tivera a curiosidade de olhar por uma das janelinhas do porão onde, em resposta à sua curiosidade, apareceu logo um sujeito de camisa riscada. E durante o chá me falou dos aspectos que eu mal notara: que no vão da antiga cocheira, de porta imensa de duas folhas, havia agora um pintor de cartazes; do outro lado, antes da entrada, um “cerzidor elétrico”. Cuidei que houvesse máquinas elétricas para cerzir, mas Maria Clara riu da minha ingenuidade, explicou, comendo torta, que “elétrico” nesse caso queria dizer rapidíssimo, assim como, por

exemplo... “relâmpago”! Que, pelo jeito, o casarão que o pai vendera antes de mudar para os Campos Elísios, estava transformado em cortiço.

O velho desembargador bateu-me no ombro com vivacidade, perguntou-me:

— E quer saber do pior? Maria Clara, quando descemos do elevador, me puxou não para a porta que dá para a praça Ramos de Azevedo e sim para a saída em Xavier de Toledo; e isso com enternecimentos que me enfezaram. Daí a dois minutos falava nas nossas bodas de ouro, retrogradava miraculosamente para os primeiros tempos da República, para a imensa sala de visitas, a formidável sala de jantar, o jardim interno (com lago, cascata e peixes vermelhos), o piano de cauda, as cortinas das janelas, a cor do papel das paredes de cada aposento, e me arrastava outra vez para a ladeira da Memória. Se reagi, e como! Disse-me então que combinara com o Lauro pegar-nos de automóvel embaixo, na esquina da rua Formosa.

Após uma pausa para melhor efeito, explicou:

— São capazes de tudo. Ah! As mulheres! Em se tratando do ridículo dos maridos, então aguçam seus caprichos demoniacamente! Mentira dela. O que desejava era “romance” aos sessenta e nove anos! De súbito, como uma serpente, me engalfinhou, me puxou para dentro da entrada do casarão onde noiváramos. Ainda vi o anúncio do tal cerzidor relâmpago, isto é, elétrico, com pedacinhos de casimira puída, queimada e depois urdida de novo, perfeita. Tal símbolo de paciência me serviu de disciplina e resignação. Então, parado no escuro saguão, deixei que minha mulher matasse as saudades da escada, do tempo em que descia comigo de mão dada quando eu, estudante de direito, me ia embora de noite. Nisto o homem da camisa listrada apareceu com ar intrigado, observou-nos, veio para a porta e, como não nos visse subir nem sair, criou coragem e indagou se queríamos alguma coisa, se estávamos procurando alguém. E, concomitantemente, um japonês da oficinazinha de cerzidor apareceu com um riso melífluo, as mãos juntas, todo um raquitismo oriental de medidas e zumbaias.

Fez ar de reação.

— Travei Maria Clara pelo braço, disse ao cafuzo que não queríamos nada, e me voltei para sair, quando minha mulher perguntou ao japonês: “Conserta gabardine também?!” “Tudo, tudo! Casimira, flanela, sarja, tropical, tudo tudo mema coisa!”, disse logo o nipônico com timbre de ventríloquo. Maria Clara quase lhe deu parabéns. Depois se voltou para o homem de camisa listrada, perguntou se ele era o zelador. Imagine você, “zelador” num cortiço! Não, não era. Mas enfiou dois dedos na boca, voltado lá para cima, para o segundo lance da escada, e soltou um assovio de arrebear timpanos de paquiderme. E disse, complementarmente: “Não, madama. O encarregado é o Lula Canindé”. Claro que com aquele assovio-senha, o tal Lula se despejou pelas escadas abaixo e se perfilou todo, perguntando: “Vossuria manda alguma coisa?!”

Era notável a voz de tio Rangel, reproduzindo a cena.

— Minha mulher placidamente o olhou, insensível e resistente ao aperto de minha mão em seu braço, disse com timbre de matrona em excursão pela Cidade Baixa, na Bahia: “Ah! Muito bem, então é o encarregado disto aqui, não é?...” “Às suas ordens!” Nisto vi o tal da camisa de meia subir e explicar para uma mulher que amamentava um marmanjo de bem uns três anos: “Di cerlto são os proprietário qui tão despejando nós! Vinhero dá uma espiada de curiosidade. Beim qui eu disse pro Lula qui ele devia tê avisado ontem memo o doutô Danilo qui a milionária tava rondando a casa desde já hoje... desde já ontem... Botum os probes na rua di cerlto pra alevantá arranha-céu”. O nordestino sungou o cinto e disse com desenvoltura: “Se vossurias tão querendo quarqué coisa é mió se adirigi ao doutô Danilo. Eu já entreguei p’rele os papé do oficiá de justiça. O prazo tá correndo, ele disse ansim pra nós que fiquemo firme que tem inda um tempão e que vai entrá de peito no jogo”.

Não pude deixar de rir; o mesmo fazendo estentoricamente meu tio Rangel.

— A essa altura havia já umas oito caras no andar de cima, espiando para baixo. Procurei arrastar minha mulher para fora, dizendo que o Lauro devia estar esperando com o automóvel na esquina da rua Formosa; porém Maria Clara não redarguiu nada e indagou do “gerente” (de zelador o cabeça-chata passara para

encarregado e fora promovido a gerente) se aquilo era casa de cômodos. “As citação foro trinta e três, idade de Jesus, mas a cabroeira de cambembes daqui vai pruns córenta e oito. Num hai jeito de sê menas gente.” Nisto desceu uns degraus a mulher que estava amamentando uma criança sonolenta e parou, muito atenta e apreensiva. “Calu, vem cá!” Ela obedeceu, parou diante de nós, submissa. “Esta é minha mulherr! Nós casemos no Canindé, lá nas Alagoas, depois vinemos para São Paulo; eta terra danada pra fazê frio! Experimentemo a lavoura, coiamo algodão, té que o coroné Florêncio cabô arranjando eu tomá conta disto aqui.” “E agora nós tá tencionando vortá pras Alagoas. Eu já tô ansim de sodade...”, comentou a mulher ninando o filho com um movimento gingado. Então Maria Clara fez uma carícia na criança “enchendo de açúcar a boca da mãe”, conforme compreendi, e perguntando: “Como é que ele se chama? Quantos anos tem?” “Migué. Três ano. Tenho mais dois, um mais grande, outro mais menó. Este aqui é o do meio; só dorme mamando o leite destinado ao mais menó... É um porqueira sovina como ele só. Apois pruquê é que vossurias tão querendo botá a gente ansim pra fora?”

Riu, cruzou as pernas, olhou para fora, desta vez não para observar a noite e dizer altas reflexões sobre ela e sim para ver em que estação paramos.

— Maria Clara foi abrindo a bolsa, dando dinheiro, puxando a Calu para o vão da escada; pediu-me uma nota, receei uma descompostura não dela mas das “massas” representadas ali pelo Lula e por toda a sua “cabroeira de cambembes”, tive que assistir às explicações de minha mulher que contou ao casal que aquela casa fora de seus avós, de seus pais, que estes já a haviam vendido há cerca de trinta e oito anos (não sei como não citou o número da escritura de venda e compra e o nome dos proprietários); que nunca mais, havia cinquenta anos exatos, tornara a entrar ali dentro; que, achando-se em São Paulo agora, já passara com esta umas seis vezes por ali, querendo sempre entrar para matar saudades; que ontem de manhã não quisera incomodar ninguém, e que hoje não tivera coragem porque estava só com a filha; e que então agora, por estar comigo, seu marido (“aqui o doutor juiz”), tomara coragem.

Bom tio Rangel. A contar-me essa historiada para quê? Que ilação tinha isto com as considerações de um quarto de hora antes? Decerto estava tentando distrair o taciturno do sobrinho Jorge, seu predileto. Um sobrinho da minha idade...

— Então, Jorge, o alagoano recuou, o homem da camisa de meia recuou, o grupo lá de cima se dobrou mais, e o Lula exclamou alto, abrindo as mãos, pedindo trânsito: “Abre passage, gente, pro doutô juiz e pra senhora dele. Vinhero vê a casa!” Uma espécie de coro abafado sussurrou com pasmo: “O juiz!” E tive que subir, pois minha mulher é voluntariosa e eu prefiro sofrer a perceberem qualquer embaraço que me desorienta. Ah! A escada, os degraus, o corrimão do nosso noivado. Eu, múmia ressuscitada, entrando nos paços hipostilos dum passado de ruínas cheirando a mofo, ou melhor, com aqueles cheiros de saturação das casas de cômodos a que se refere o autor duma novela boêmia parisiense: cheiro de queijo, de peixe, de rato, e de adega. Para ser franco, todavia, o cheiro pior era o pituim do alagoano... Algo assim como exalação de crosta de goiamum, uçá e caranguejo secando em canoa parada ao sol num mangual tanto das Alagoas como das cercanias de Iguape...

Fez uma cara muito feia.

— E minha mulher, vestida que nem uma Dorothy qualquer adamascada dos Estados do sul antes da Guerra de Secessão da América do Norte, olhava enternecida para as bandeiras das portas do corredor que no andar de cima ligava a sala de visitas com a sala de jantar. Bandeiras de porta com vidros foscos, azuis, e um terceiro, no centro, bem encarnado. Enveredou logo para o salão da frente. O Lula bateu na porta, abriu-a, berrou: “Atenção! A otoridade! O doutô juiz! Veste essa camisa, seu sem-vergonha! Isso é modo, então?” Minha mulher investiu mas logo recuou como puxada por uma espécie de mola. O Lula fechou a porta, fez sinal que esperássemos, aprumou-se, dando tempo; tornou por fim a escancarar a porta. Maria Clara entrou. Fiquei hirto, como se me voltasse de súbito não o *aplomb* de juiz, mas o medo de vaias. Em pouco o Lula acendia luzes mortijas e inúteis pois ainda estava claro, e que pendiam de fios cheios de moscas; e surgiu como num pesadelo a antiga sala de visitas do coronel Valério. Não ampla, com as três sacadas, os

móveis de jacarandá, o piano de cauda, os espelhos de molduras douradas, as cornijas com cortinas de veludo, os bronzes, os tapetes, o lustre, as porcelanas, as pratas, as alfaias; mas dividida com tabiques formando creio que oito cômodos que minha mulher revistou como uma generala prestando muita atenção em catres, baús, rádios, bacias, painéis, fogareiros, cabides, capas de revistas grudadas feito quadros, sapatos, latas, caixas, garrafas, violões, ganzás, pandeiros, roupas e corpos humanos. Tive que segui-la não sei se por instinto de defesa ou por coação. Fiquei horrorizado com aqueles oito cubículos que pareciam bem mais cenários de cinema francês, por exemplo. O Lula, chefe de protocolo, dizia, ao passar, o nome do inquilino e a profissão. "João da Silva, condutô do ônibus 17 da Aclimação. Amílcar, revisô de jorná. Eleutério, um home qui chegou de Minas e tá desempregado ainda praquê é malandro memo, só qué sabê de gafeira. Pedro Aleijado (tá qui o carrinho-cadeira dele. Ué, onde qui tu tá, Pedro Aleijado? Homessa, se o carrinho tá qui como é que ele num tá?), vendedô de biete de loteria. O Cabeça de Carneiro, engraxate ali no barbeiro de Xavier de Toledo. Seu Damião, tradutô. Ôiem só quanto dicionário. Virge! Aquilo ali é a mánica de escrevê. Credo! Como esse chão tá di ponta de cigarro! Aqui mora dona Mercedes!" E baixinho: "Trabaia em naite clube, dorme di dia! É o doutô juiz! Gente, apôis se componham, ora essa! Dois estudantes, o Ozório, de Pederneiras, e o Arruda, de Sorocaba. É verdade qui tu é vagabundo, diabo? Aqui, nossa! quem é qui mora memo aqui. O... o... Depois eu me lembro. Ah! O Donato! Ele garra a livraiada toda quando sai, vai espaiá tudo na porta do banco da rua Alvis Pentiado; só num sai quando tá chovendo... Aqui, hum! tá fechado... É o quarto do Joel Borges. Dizem qui é comunista. Pra sê franco, num parece. Moço tão direito! Mas tô de oio! Quem sabe si ele é sonso? Aqui o Monetti e o Rodovalho. Só chegam depois das sete. Vendem brochura na rua, *Nova lei do inquilinato*, e rifa di automove. Uma praga esse negócio de rifa de automove. Dona sentada dentro fingindo qui lê revista ou se pintando. Ouro da gente qui vai pro estrangeiro e pros tubarão do câmbio negro... Num é memo, seu doutô juiz? Aqui, licença, licença,

não se assuste, fique à vontade, é o Giovanhoni, da puliça. Num tá de plantão hoje, hein? À vontade, à vontade. É umas visita minha...”

— Que memória a sua, tio Rangel!

— Memória e imaginação. Saí da antiga sala de visita, mas minha mulher atravancou o portal, dizendo-me: “Ali o piano. Ali o sofá onde sentávamos. Ali a cadeira onde papai cochilava...” Puxei-a disfarçadamente. Junto da escada, fiz menção de descer, mas já ela acompanhava o nordestino para o outro corredor transversal ao primeiro. E a voz solícita do Lula: “Aqui, eu com a Calu e a fiarada. Posso acendê, Calu?” Estava deitando o rebento na cama entre os outros dois. Cheiro de emplastro, de urina e de xarope. “Aquele é o Jeférsão e esta aqui é a Teresinha Marlene... Vossurias adesculpem eu não acendê pra mostrá os pequenos porque se eles acordam vai sê um fuzuê. Já chega o que eu aguento de noite. Nesta outra porta mora o Meia-Noite, do caminhão da prefeitura de lavá a rua. E de frente é o Rolão, operário. Lá no fundo, onde decerto era o quarto das moças (quem sabe se não foi o quarto da senhora?) mora uma famia inteira de polaco fugido da Oropa: marido, mul-hérrr, cunhada, sobrinhos, primos, criançada e a sogra do home, uma véia que já anda implicando com a Calu. Saíro hoje cedo, ainda num vortaro, foram vê o museu do Ipiranga. Aqui, outro quarto em cima da oficina do pintô de anúncio, e é onde mora o Belinha, funcionário da Recebedoria, com uma zinha; ele diz que é casado, mas eu num sou bobo não. A estas hora tão jantando cachorro-quente com mustarda ali na Sete de Abril. Vevem brigando. Só tô esperando escândalo pra sapecá os dois na rua; quantu mais que o Belinha tá atrasado nos alugué, permetendo hoje, amanhã.”

Meu tio Rangel era famoso por causa do dom invejável da memória que o fazia saber de cor alguns sermões do Padre Vieira e umas quatro peças de Gil Vicente. No foro suas citações de memória eram célebres; mas, evidentemente estava agora armando uma verdadeira novela tipo Heinrichplatz e rue Maubeuge, ao sabor do Doebelin e Van der Mersch para ver se me arrancava da taciturnidade.

— Paramos diante duma escada que dava para o sótão, onde outrora dormia a criadagem em três mansardas. “Lá em cima tem

três cômodos com doze camas. Num vamo subi não porque inté cheira a carniça. São doze vagas como nós usa dizê.” Começou a contar nos dedos e a citar os nomes, atropeladamente: “O Casusa, lixeiro; o Nelson, fazedô de chave Yale; o Justino, varredô de escritório; o Liberato e o Tavares, serventes do Hospitá das Clínicas; o Fuganti, encadernadô; o Brito, que vende enceradeira Lux; o Tartaruga, que lava pratos; o Januário, que vende modinha no largo da Misericórdia; o T’arrenego, um portugueis que veio de Santos e que foi arreprovado no exame pra motorneiro; o Samuel, que trabaia com judeu de prestação; e o Juca Perebento, um mulato que veve do hospitá pra qui e daqui pro hospitá...”

O empregado do carro-restaurante tornou a passar, tio Rangel pediu água mineral; fomos servidos, bebemos; daí a pouco meu velho tio prosseguia.

— Voltamos para o corredor. O Lula e minha mulher embarafustaram para a antiga sala de jantar. Já estava escurecendo e por isso o encarregado acendeu a luz elétrica, uma luz pior e mais fraca do que a deste vagão, e que mostrou aspectos tão tétricos como este aqui... Só que definitivos. Minha mulher quase chorou. Dois lances de madeira pintada a óleo dividiam a sala em duas metades com um corredorzinho pelo centro até à antiga varanda. Cada um desses dois lances era dividido por sua vez em cubículos feito quartinhos de balneário popular. “Isto aqui é o Purma.” “Como?” “O Purma!” Então emergiu uma cabeça de sujeito mais incrível do que um dos irmãos Marx (do cinema) e corrigiu: “Pullman!”, e reentrou para a sua cabina. Pelas caras que apareceram me considerei em Angola ou no Congo. Só a tal cara tipo “irmão Marx” era loura, lembrando ali um inglês exilado em pleno sortilégio africano. Passou por nós uma pretinha de *tailleur*, bolsa a tiracolo e sapatos Anabela; seguiu-a com desdém um sujeito cheirando a brilhantina, com o paletó de linho lhe dando quase até aos joelhos e com umas calças afuniladas cujo cóis lhe apertava o coração. No mais, todos os espécimes do livro de Nina Rodrigues quanto à cor, gaforinhas, beijarias, pés, falas, risadas e prole. Negrinhos simpáticos nos cercaram como se fossem bailar, pois um rádio gritava histericamente um boogie-woogie. Haja espalhar

níqueis pelos garotinhos de imensas barrigas e de grandes olhos, até alcançarmos a varanda. Vi ladrilhos portugueses, imensa balaustrada e duas estátuas de mármore mutiladíssimas. Dois fogões acesos. Velhas cozinhando, feito megeras mexendo filtros. Uma pia atulhada de panelas e pratos. Uma torneira deixando escapar água embora estivesse amarrada com arames. Do outro lado uma mesa de pinho sobre a qual moscas formavam mapas sonoros com zumbidos frenéticos. Cordas esticadas entre as pilastras. Roupas estendidas. Cinco sujeitos cosmopolitas na cor, um mulato, um ruivo, um albino, um moreno e um sardento, jogando cartas no patamar da escada que dava para a área — o antigo jardim interno. Minha mulher, com voz e gestos de Sarah Bernhardt, disse com empostação fanhosa: “A cascata! Ainda tem a cascata, o lago com os peixinhos vermelhos...”

Meu tio alargou o colarinho com um gesto de dispneia, franziu muito as sobrancelhas, tal qual, decerto, como quando nas audiências algum promotor comprometia um “texto explícito”.

— E nisto, meu caro Jorge, uma aparição, um fantasma como os das novelas escocesas. Sim! Avultou e cresceu para nós, vindo de perto dum dos fogões, um imenso sujeito cuja cara estava rodeada por um esplendor de cãs e de barbas, espécie de rei Lear ou Édipo, contorcendo-se todo como um Laocoonte a livrar-se de filhos e de serpentes. Recuei não de medo mas somente por causa do seu cheiro. Um cheiro somado de todos os bichos dos parques zoológicos do mundo. Calças de brim com o cós tão baixo que seu umbigo delimitava um ventre de ascite, sem camisa, como um poço delimita um deserto. E o velho se apresentou não com humildade e sim como um guia complacente resfolegante. “Felipe, ex-prático do porto de Vitória! Hoje um rebotalho confinado neste porão de barcaça adernada!” Minha mulher fugiu para o jardim, descendo como uma adolescente de braços abertos para o lago e exclamando: “A cascata! A cascata com os peixinhos vermelhos!” Enrubesci até à raiz dos cabelos, porque se a achei ridícula e desfrutável naquele ambiente medonho me pareceu que o antigo práctico do porto de Vitória, as velhas megeras dos fogões, o Lula, os homens que jogavam cartas, tudo ia reagir violentamente contra aquela invasão “imperialista” em seus domínios. Mas o Lula, enquanto eu com o

olhar hipnotizava e era hipnotizado pelo tal Felipe, se arremessou escadas abaixo, arrancou de cima dum tanque uma lanterna, acendeu-a e iluminou o ex-jardim para que minha mulher me envergonhasse ainda mais com suas efusões espinoteadas. Despreendi-me do sortilégio do velho marinheiro, passei por entre os jogadores ouvindo-lhes as apostas vibrantes: “Boto na dama de copas a fortuna do Matarazzo!” “Dobro! A fortuna do Matarazzo e mais a do Aga Cão!!”

Riu, tirou o chapéu, penteou com os dedos a cabeleira sedosa e branca, tornou a cobrir-se.

— Desci pressuroso para a “cascata”, como pressuroso já correrá certa vez para o grande lago existente atrás do palácio de Versalhes temendo que minha mulher, no entusiasmo de *touriste*, caísse lá dentro. Lula, com a lanterna suspensa, dizia: “O encanamento entupiu faz muito tempo decerto; o cimento embaixo rachou, agora o lago virou depósito do pintô de anúncio”. De fato, uma tralha confusa entupia o antigo tanque semicircular. Tábuas, cavaletes, latas vazias de tinta a óleo, vassouras velhas, lonas enroladas. Minha mulher, vergada por curiosidade e para poder ver bem, deblaterava, como num fim de tragédia de Ésquilo. A noite caía. Olhei as horas, agarrei Maria Clara pelo braço, apertei-lho com aquele jeito (tão conhecido dela) de quando estou “seriamente zangado”, intimei-a com um olhar mudo mas incisivo a que nos fôssemos embora, a que deixasse de “dar espetáculos”. O antigo jardim, outrora belo como um átrio com águas sussurrantes, flores, pórtico, banquetas, azulejos, estátuas e cascata artificial, era agora, sob a noite (que caía com um chilrear infernal de pardais dali de perto diante da rua Sete de Abril nas árvores em volta do obelisco e no trecho de Xavier de Toledo), uma área lúgubre. Antes de subirmos, Lula parou debaixo da escada onde havia um vão parecendo canil abobadado. Enfiou lá para dentro o braço com a lanterna, como um marujo clareando uma eclusa. Dois vultos sentados diante um do outro. Pareceu-me uma água-forte reproduzindo uma cena de intocáveis na Índia macróbia, ou uma cubata no coração negro da Guiné.

Olhei para meu tio desembargador, certo de haver chegado o clímax da sua história.

Ele, com sua voz vincada por mímica e gestos, continuou:

— “O Indalécio e o Ataú!” Achei tão esquisito aquele recanto de senzala, tão inacreditáveis aqueles dois seres metidos ali dentro, que abaixei a mão de Lula, forcei-a a avançar e percorrer quase o canil com o halo da lanterna. E vi um soba retinto, cor de piche, e um índio oblongo, cor de ocre. Duas múmias desenroladas? Dois séculos face a face? Lula repetiu, passando a luz bem pelas duas fisionomias hirtas: “O Indalécio... O Ataú”. O Indalécio, com um rosário de contas muito grandes, me olhava com olhos ramelentos. Parecia não homem, nem bicho, nem lenda, e sim um desenho dalgum bisavô de Paul Robeson, dalgum remanescente de navio negreiro ou de quilombo. Aproximei a lanterna mais ainda: Indalécio seria uma antiga estátua e para ali removida como entulho? Não; era uma coisa viva, imóvel, olhando com olhos de aço dentro dumas pálpebras ramelentas. Tão viva que me disse: “Sus Cristo!” O Ataú, sentado também, mas com os joelhos rentes ao queixo, misto de faquir e resíduo de esqueleto dentro dum sambaqui, tinha uma cara encovada com milhares de riscas lhe pregueando a pele. Estava de calças de algodãozinho, com o busto enrolado numa manta, e disse: “Tori auditire!”

Tio Rangel, completamente voltado para mim, esculpia no ar a múmia e o faquir.

— O Lula e eu nos afastamos. E enquanto procurávamos minha mulher que embarafustara pelo porão debaixo da sala de jantar e onde outrora se achavam a despensa, a rouparia, parte da primitiva senzala — uma série sinistra de lugares com chão de cimento e teto de traves — o nordestino me contou que o Indalécio era o decano da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e que, desde 1903, quando a municipalidade mandara demolir a igreja no largo do mesmo nome, tomara parte voluntária e grátis na construção da nova igreja no largo do Paissandu — onde, desde esta pronta, ia ouvir missa todos os dias — e que largado pelas filhas, depois esquecido pelos netos, os bisnetos nem sabendo de sua existência, viera morar ali de dia; sim, porque de noite era vigia das

obras dum arranha-céu com relógio despertador marca Chicago. A sua vida, pelo que depreendi, era uma espécie de vigoroso protesto contra as netas e netos que só pensavam, aquelas, em frequentar auditório de estação de rádio, e, estes, quadras de *football*.

— E o outro?

— Pelos informes pitorescos do Lula bem como pelo que me lembro de haver lido, o Ataú era um índio javaé, antigo cacique na foz do Tapirapés, lá na famosa ilha do Bananal, e viera reclamar ao Papai Grande contra os carajás, os gorotirés, os puracurus, os canoeiros, os missionários e os sertanistas que andavam “roubando” tesouros das lagoas de propriedade da sua raça. Queixara-se primeiro ao bispo dominicano dom Sebastião; depois, ao doutor Bandeira de Melo; e, por fim, resolvera vir a pé tomar providências. Na verdade jornalistas e fotógrafos se tinham servido dele para uma reportagem exótica em *The National Geographic Magazine*; mas, de Barreira de Santana e de Conceição do Araguaia para cá, esse Ataú — você não se lembra dos jornais se referirem a isso? — teve uma odisseia mais cômica do que trágica. O informe perplexo do Lula foi a bem dizer este: “Já ouvi dizê, seu doutô, que o Ataú manda numa terra do tamanho de Sergipe, onde tem jaraguá e mimoso que dão pra fazê forragem pro gado todo do Brasil, e onde chove mais do que no tempo do dilúvio. Agora tá qui com essa boca franzida de tanto comê muriçoca!” Ao reflexo da lanterna examinei o índio acorçado no seu nicho, esperando com paciência milenar que uma expedição amiga voltasse para levá-lo. O Lula disse que a estada ali debaixo do vão da escada fora paga adiantadamente com seis perolazinhas que vendeu na rua do Seminário. “Todos os domingos vem gente espiá, trazê comida, comprá colares, pérolas, esteiras. Inté já aprendi uns nome: *uaachiuhatê*, arco; *uerrhe*, flecha; *cotirucoatió*, plumagem; *dechi*, pulseira; *biré*, esteira.” E o Lula ria, feliz, chegando a confessar que cobrava entrada a cada curioso que queria ver Ataú, rei dos javaés, filho de Narubeia, pai de Unariru!

Evidentemente era um prazer estar ao lado de tio Rangel, quer na sua variadíssima biblioteca da rua Prudente de Moraes em Ipanema, quer num trem noturno.

— Entrei no porão, onde minha mulher, acompanhada pela Calu, fazia uma inspeção em regra. Não se via nada; quase se sufocava com uma fumaça e com um bafio quente que parecia hálito de tigre. Como num subterrâneo em tempo de *blackout*, havia acolá, rente às paredes e debaixo de traves de caravela, umas quinze pessoas. O “Pullman”, em cima, comparado com aquele porão, era um balneário nas Bermudas ou na Flórida. Só vi ombros, cabeleiras, olhos, joelhos, mamas, bocas de crianças e de velhas... Algo assim como o repouso provisório duma leva de nordestinos através de cidades. Maria Clara se apoderou da minha carteira — que eu reflexamente já tirara do bolso e abrira — e desandou a distribuir dinheiro. Saímos meio acurvados por uma porta baixa, para onde corri como para uma escotilha. Subimos três degraus, vimo-nos de repente, noite acesa já, na calçada da ladeira da Memória. Calu e Lula emergiram depois, com gestos e sorrisos simétricos.

Tio Rangel fez menção de sair de dentro duma toca.

— Maria Clara, meio fulgurada pela claridade e pela emoção, se agarrou ao meu braço. Pouco depois me olhava com um sorriso, a pedir desculpa e misericórdia, certa de que no trajeto para casa eu lhe passaria uma raspança em regra. Quem diz que o Lauro nos estava esperando com o carro lá embaixo na rua Formosa? Outra mentira da Maria Clara. Voltamos de táxi para casa de minha filha. Em dado instante, durante o percurso para o Jardim América, livre a mão que ela segurava, disse-lhe: “Infantilidades em cima de infantilidades! Não resta dúvida que caduquice e puerilidade no gênero humano se confundem...” Ela não entendeu bem. “Sempre foste uma estabanada e todas as tuas ideias românticas sempre foram de melodrama. Já há cinquenta anos passados o casamento na Aparecida foi um disparate. Primeiro a cerimônia civil no hotel. Minha sogra com a cara inchada de mordeduras de percevejos... Depois o padre a benzer-nos com um aspersório tamanho que borrifou nós dois, bem como os vestidos, os fraques e as sobrecasacas dos convidados. Ah! Os romeiros e o bando tipo Rugendas dos teus parentes que abalaram de todas as cidades bandeirantes para comer doce e beber champanha. A seguir, na pracinha, o fotógrafo que nos retratou, tu de véu, eu de fraque. Foi

o único homem que até hoje se atreveu a humilhar-me quando disse lá dentro do pano preto, aderido à máquina como um polvo a uma concha: “Faça um sorriso de noivo e não de bacharel!” Atrevidação! Decerto, se tivesse sobrevivido até hoje, estaria trabalhando como locutor de rádio... E agora, após cinquenta anos de experiência de vida, esta ideia ridícula: visitar um cortiço, uma casa de cômodos! Naturalmente, para depois de amanhã, dia de nossas bodas de ouro, já arranjaste alguma surpresa ridícula afora a fotografia com filhos e netos...” “Casa de cômodos ou não, a verdade é que foi lá que me conheceste, que noivamos... Pensei que tivesses um coração mais sensível, tu que tanto aprecias antiguidades!” Depois, com ar de vitória estratégica: “Surpresa para depois de amanhã?! Sim; comprei no balcão da Exprinter, enquanto foste à livraria, algumas passagens no Cruzeiro para... a Aparecida”.

III

Continuou a reconstituir:

— Em casa de meu genro, depois do jantar, me retirei para a sala de visita a ler jornais. E Maria Clara se trancou com a filha no quarto, decerto a comentar a sua proeza. Uma hora depois, tantas eram as risadas e havia um vaivém tão esquisito lá em cima, que subi, dei umas pancadinhas na porta e, quando me deixaram entrar, fui instalar-me no cadeirão a fim de inibi-las um pouco. Nem as atrapalhei sequer, pois continuaram remexendo numa enorme mala-armário, um trambolho chapeado de metal nos cantos, com rótulos de hotéis do mundo inteiro nas ilhargas. Aquele traste sempre fora o pomo de discórdia porque minha inefável consorte, quer fôssemos para Caxambu ou Poços de Caldas, para a fazenda ou para Santos, para as Paineiras ou para Petrópolis, havia de, além duma série incrível de malas, maletas e valises, levar sempiternamente aquela arca do tempo dos piratas da rainha Elizabeth. Com ela já me atanazara, uma porção de vezes no estrangeiro, de Lisboa para Paris, de Paris para Lausanne, para Viena, para Lourdes, para Burgos... nas paradas pela Itália, então, nem quero lembrar-me!

Estendeu os braços configurando o volume incomensurável daquele pesadelo cúbico.

— Não era mala, era arca, era armário, formidável cofre, *maquette* de arranha-céu, cujas gavetas e prateleiras, escaninhos e pertuitos, sótãos e subterrâneos, ela abarrotava só com coisas desnecessárias já que minhas roupas, seus vestidos, enfim todo o nosso enxoval de turistas paspalhões estava em umas oito malas... razoavelmente menores. Para que aquele trambolho? Somente para causar-me aborrecimentos, acessos e trabalheiras infernais nas alfândegas e nas baldeações. Sim, pois como um piano de orquestra, só quatro marçanos a locomoviam dum *fourgon* para outro. O que sofri, fechando os punhos, arrepiando a cabeleira,

emitindo roncos apopléticos pelas gengivas em Hendaia, Liège, Aix-la-Chapelle, San Remo!

Bufou ainda, só em evocar sua odisseia.

— Catorze gavetas numeradas, como apartamentos. Agora as duas estavam começando uma espécie de despejo coletivo. Primeiro, a gaveta superior. Nunca vi tanta caixa de charuto, eu, que não fumo, eu que já dera (para me livrar da coleção) tantos charutos a visitas, amigos, inimigos, porteiros de hotéis, advogados, peritos etc. Meu Deus, e ainda não haviam acabado?! “Ó filha, dá isso depois de amanhã aos convidados e aos parentes.” Em resposta, repuseram ambas todas as caixas no lugar. E minha filha, à medida que ia passando uma por uma as caixas para a mãe acondicionar no gavetão, lia aqueles nomes cubanos escritos nos rótulos. Na verdade uma coleção que seria um régio presente para subornar corretores de Wall Street. Ao lembrar hoje, lamento não haver remetido tal preciosidade para a Downing Street consignada a Churchill. Aconselhei pois minha mulher e minha filha que dessem um sumiço naquilo, distribuindo charutos a mancheias depois do jantar das bodas de ouro. Olharam-se as duas, de modo esquisito. Em seguida, enquanto Maria Clara contava a Rafaela suas impressões da visita ao casarão antigo, fazendo-o com uma alegria de beata francesa passando de noite pela praça Pigalle, eu lamentava não haver uns quarenta anos antes reagido em regra contra caprichos idiotas de minha mulher. Sim, pois agora, abertas outras gavetas, tiravam de lá para daí a pouco repor, outros troféus inconsequentes, já que eu, pessoalmente, sempre fui um abstêmio. Por que não aniquilara eu no nascedouro aquelas fantasias esdrúxulas de minha mulher cuja mentalidade frívola me obrigava, retrospectivamente, a fazer considerações misericordiosas sobre o epicurismo rastaquera dos senhores de engenho e dos fazendeiros destas plagas da cana-de-açúcar e do café?

Olhou-me, como se tal pergunta fosse feita a mim e exigisse uma resposta.

— Sim, Jorge; as duas tiravam, acariciavam e repunham nos lugares uma espécie de adega. Miniaturas de garrafas de todos os formatos; de vinhos e de licores, de aguardentes e de infusões, com

que montar um botequim para colônias anglo-saxônicas. “Isso, filha, abre essa joça toda depois de amanhã para os parentes e convidados. E o que sobrar esvazia na sarjeta. Só assim arquivas no porão, de vez, essa excomungada mala-armário.” Enfiei as mãos nos bolsos e fiquei a assistir. Que nomes mais arrevesados! Guardado que foi tudo aquilo, que é que você pensa que apareceu na oitava gaveta? Sim, porque da segunda à sétima, só havia garrafas. Eu, escusado dizer-lhe, não fumo.

— Eu sei, tio Rangel. Tirei a carteira de cigarro apenas para servir-me e, como estou prestando atenção no senhor, fiquei com a carteira esquecida na mão.

— Não é isso, rapaz... Não é isso. O que quero dizer é o seguinte: minha mulher me obrigou a vida toda a cometer bobagens. Você sabe que era que tinha na oitava gaveta? No oitavo gavetão? Grosas de cachimbos! Novinhos em folha e decerto alguns comprados antes das nossas bodas de prata! O pai de Maria Clara, o sovina do coronel Valério, só fumava fumo de rolo. Para que havia de dar a filha? Para fumar Pall Mall, Abdullah? Enfim para fumar cigarros de luxo como vira muitas embaixatrizes e aristocratas fumarem em Biarritz e Cannes, ou no Waldorf Astoria e no Meurice? E isso, para desrecalcar o complexo de inferioridade do pai!...? Não, senhor! Obrigava-me, isso sim, a em tudo quanto foi viagem ao estrangeiro, ir comprando cachimbos... Agora, em pé ali diante do gavetão aberto, fui lendo as marcas, vendo os feitios e os tamanhos. Pois, meu caro, interessei-me, peguei, li, repeti alto o que lia; cachimbos dos modelos e marcas mais incríveis: bojudos, finos, retos, curvos, selvagens, aristocráticos, para lordes e para cocheiros, para desportos e para salão, para botequim e para biblioteca, para iate e para automóvel, para *golf* e para corridas. Ah! É mesmo. Guardei e mandei um, muito simpático, com ar intelectual, um Weber, para você. Não se esqueceu de usá-lo?

Tirei do bolso o que usava mais frequentemente e mostrei, explicando:

— Doctor Plumb. Presente daquela criatura num aniversário meu. Entregou-me num cinema, repleto de perfume. Foi, com os retratos, as revistas e alguns livros, a única coisa que me ficou...

Meu tio tossiu, arrependido de haver retirado sem querer o esparadrapo de cima numa ferida. Tanto que prosseguiu, afoitamente.

— Com o tal cachimbo no bolso separado para você, me retirei para o aposento ao lado e me pus a ler *Daisy Miller*, de Henry James, um livro que saiu também dum dos tais gavetões. Li, passou-se bem mais, muito mais de uma hora. Saí do canapé, meti-me num pijama, recostei-me na cama, apaguei a luz. Mas como adormecer com as risadas de Rafaela ouvindo a mãe descrever a colmeia humana daquele cortiço? Lá para tantas me levantei, enfiei o roupão, compus-me bem, como diria minha mulher, saí do quarto para procurá-las. Notei silêncio. Depois, dueto lá embaixo. Soprano e contralto. A filha e a mãe. Na sala de jantar? Não. Da copa para a cozinha, da cozinha para a despensa, da despensa para a copa, da copa para a cozinha. Desci. Agora, mais outras vozes: da copeira, da cozinheira, da arrumadeira, do motorista, do jardineiro, da lavadeira, numa vizinha. O inefável sistema do mutirão brasileiro! Entrei, fui até à geladeira, servi-me de água. Minha mulher me olhou por cima do ombro, nem sequer me considerando presença, quanto mais intruso. Enquanto abri e enquanto fechei a Gibson, abarqueei com a vista a bacanal! Sim, o pouco que pude ver ali perto de mim na primeira mesa de tampo de mármore me provou que minha mulher estava sistemática e organizadissimamente com a sua *équipe* preparando com suficiente antecedência a programação pantagruélica para as bodas de ouro. Verdade é que, pelo que pude inferir, o fogão elétrico, o tal General Electric Range, não estava funcionando. Pudera, quase onze horas da noite! Mas a porção de latas, boiões, vidros, caixas e invólucros mostrava, como um anúncio sumário de revista ianque, uma série de desenhos e nomes. Se em cima eu já me saturara com aquelas marcas de gim, uísque, licor, champanha, imagine você agora diante de tantas latas, daquele fogão elétrico cujo registro de comandos e chaves era mais complicado do que um mostrador de avião internacional, diante daquela infinidade de *meats, sauces, vegetables, salads, dressings, cookies* e *frostings*! Diante daquela efusão de gulodices luxuriosas, arenques, atuns, salmões, lagostas, espargos, frutas, ervilhas, todo

aquele oceano, todo aquele pomar, toda aquela horta enlatada em *gift package!*

Fiz também eu um ar de empanzimento.

— Jorge, dou-lhe minha palavra que vi até duas enormes latas com perus assados, da Rockingham Marketers. Retirei-me dizendo com desdém retórico: “Maria Clara, não te esqueças de telegrafar para os Estados Unidos mandando vir de avião, se é que ainda há tempo, violetas frescas da MacBee Company”. E, com esta me retirei, enfurecido. Pensa você, Jorge, que tais coisas que se adquirem hoje nos bons empórios e armazéns do Rio de Janeiro e de São Paulo foram alguma encomenda de minha mulher ou de minha filha? Ab-so-lu-ta-men-te! Quase tudo aquilo as duas haviam retirado da excomungada mala-armário; aquilo tudo era ainda o meu opróbrio; aquilo tudo assistira eu minha mulher comprar meses antes, quando de nossa visita aos Estados Unidos (quando fui compartilhar dum congresso internacional), quase na hora exata de termos que embarcar, nas diversas cidades, nos aviões da Delta, da Braniff International, da Beech Aircraft, ou rente mesmo às estações da Great Northern Railway, da New York Central System... Subi as escadas pensando: “Tanta fila desde madrugada nos açougues e padarias, e essa mulher a guardar num armário portátil todo esse sortimento! Caso de polícia! De processo!” Fui deitar-me. Não sei a que horas minha mulher e minha filha subiram. Não ouvi a que horas meu genro entrou.

Espreguiçou-se como a explicar de que forma acordara no dia seguinte.

— Na véspera das bodas de ouro acordei lá para as sete da manhã com um beijo de minha mulher. Nem abri os olhos, mas percebi, daí a meia hora — depois de ela ir e vir pelo aposento e pelo banheiro —, quando resolveu descer. Então, me barbeei, tomei banho, me vesti, virei às pressas o café e me raspei daquela casa para longe, a fim de evitar alergias e, principalmente, o encontro demasiado prematuro com os parentes inumeráveis de minha mulher, toda uma população de mamelucos que decerto já estavam correndo pela Paulista, pela Mogiana e pela Sorocabana ali para o Jardim América para a patriarcal comemoração de cinquenta anos da

minha escravidão aos caprichos duma mulher que me amava demais e que me tratava como um galã da Comédie Française. Por conseguinte, fui tratar de interesses vários, de comprar um presente bem vistoso e moderno na rua Barão de Itapetininga, de visitar amigos, de percorrer o antigo itinerário tão alterado a que me referi neste começo de palestra. Isto é, palestra! Pois se só eu estou falando! Mas isto lhe faz bem, não é Jorge?

Anuí pressurosamente. Meu velho tio era uma inteligência muito aguda. Aquele modo de manifestar com “comando invertido” o seu amor pela mulher, desancando-a, era inefável, pois eu sabia quanto a adorava. Ele tinha razão em dizer que tia Maria Clara lembrava em muito a generala Epantchim dum romance de Dostoiévski: temperamento em rompantes!

— Almocei em casa de Moura Serpa; estive em um banco; passei uns telegramas para o Rio pela Western; meti-me na Biblioteca Municipal, quedei-me lá mais de duas horas; estive na diretoria d’*O Estado*, desancamos o governo federal e estadual; saí, passei hora e meia num cinema vendo já não me lembro que filme, fui pegar no Arouche mais um presente para a mulher, visto ser ela incontentável; tomei um táxi, entrei em casa preparado para aguentar (com uma filosofia toda especial) as conversas e as caras dos parentes já chegados decerto de Itu, Jaú, Campinas, Mogi, Ribeirão, Franca, São João da Boa Vista etc. etc.; toda uma turma a falar em cafés finos, em gado, em algodão, no Instituto do Café, em parentes consanguíneos, em mercado imobiliário, em prefeitos, em eleições, em partidos, em bicho-do-pé, em maleita e em carrapato!

Não pude deixar de rir, e isso excitou ainda mais meu companheiro de viagem.

— Mas a verdade é que não havia ninguém a mais lá em casa de minha filha. Nem perguntei nada referente à parentela, para evitar saber quem tinha morrido, quem tinha casado, quem tinha sido operado, quem tinha chegado, quem tinha hipotecado seus alqueires etc. Contei por onde andara de dia; aguentei as efusões de Maria Clara radiante com os presentes; imaginei os convites remetidos uma semana antes; suportei minha mulher contar ao Lauro em que estado encontrara o casarão da ladeira da Memória;

arranjei uma boa dose de resignação para o programa infalível do dia seguinte. Decerto, às nove ou às dez horas, missa em Santa Cecília; entre meio-dia e uma hora, almoço íntimo com minha filha, meu genro, meu filho, minha nora e meus netos, todos decerto querendo dizer, mas não tendo coragem, que eu fizesse uma fisionomia expansiva para os parentes pois essa gente de fora é muito desconfiada... Eu já tinha a minha ideia. Depois do almoço me fecharia inexpugnavelmente no Retiro, o pavilhão aos fundos do jardim. Primeiro, para evitar ser traumatizado pelo afoitamento doméstico dos preparativos, pois decerto baixelas, louças, cristais, pratos e flores poriam as salas e o terraço dos fundos em polvorosa; sim, eu sabia que a programação do jantar perfazendo toda a tradição culinária do Nordeste, do Recôncavo, do vale do Paraíba e da velha Mogiana tinha que ser com protocolo inglês, etiqueta francesa e estabamento ianque. E, depois, porque o vestíbulo, as salas, os corredores, a escada, o jardim, tudo ficaria apinhado de figuras exóticas — bacharéis, funcionários, professores, deputados, fazendeiros, gente de quatrocentos anos e ricos de extração peninsular absorvida, comendadores, fabricantes, banqueiros, numa paródia entre *Vogue* e *Casagrande e Senza!* Toda a árvore genealógica por parte de minha mulher e a respectiva malta de garotos e meninas em volta das mesas de sorvete, guaraná e Coca-Cola. Com você, Jorge, eu não contava mesmo, sabendo que teimava no seu exílio.

Ao dizer isto tossiu, disfarçando.

— Dormi bem aquela noite, como convinha a quem no dia imediato ia ser centrifugado por tantas novidades. Mal acordei no dia das bodas de ouro, tive minha mulher um quarto de hora abraçada a mim chorando, mas tão cheia de papalotes e máscaras elásticas contra rugas que lhe disse: “Já não pareces mais a generala Epantchim. Agora estás parecendo Gertrude Stein”. “Quem? Credo!” Tive que me paramentar para assistir à missa. Lá fomos para Santa Cecília. Assisti ao divino ofício ajoelhado num genuflexório com almofada, ao som de órgão; recebi beijos, abraços, apertos de mão. Transportamos as flores para casa de Rafaela. Esperei o almoço no jardim lateral, moderníssimo, assim uma espécie de Cape Cod com

terraço de grandes lajes, relvas em declive, lagos com fundo de azulejos e plantas aquáticas, vigas espessas, trepadeiras vistosas. Quando chamaram para a refeição entrei na sala de almoço que parecia decorada por Marwell, pois a verdade é que os gladiolos e os gerânios garantiam o bom gosto de Rafaela que puxou mais a mim em sensatez do que à mãe em extravagância. Você que a conhece bem, tenho ou não tenho razão?

Tive que dizer que Rafaela, minha prima, possuía o temperamento paterno e a argúcia materna. Tio Rangel concordou.

— Depois do almoço me esgueirei para o Retiro, ao fim do jardim, atrás da garagem, junto aos eucaliptos. Você conhece. Um pavilhão rústico, entre florestal e marítimo, a bem dizer uma cabina de pesca e uma cabana de caça, com piano, radiovitrola, apetrechos, armas, anzóis, varas, tapetes, peles, ferros forjados, canapé, poltronas, estante com livros essenciais sobre floresta e mar. A um canto um pequenino bar bem equipado, com garrafaria e cristais e onde estavam colados rótulos coloridos, com receitas de vinte e cinco *cocktails*; não eu que sou leigo, mas algum esnobe se deliciaria com o que em cor, diafaneidade, beleza plástica e gosto sutil se pode obter com gim, uísque, Porto, Dubonnet, champanha, vermute, rum, conhaque, limão, laranja, açúcar, cerejas e azeitonas. Olhando para os rótulos fiquei sabendo o tipo dos vinhos, a cor, se devem ser servidos gelados ou não, antes, durante ou depois das refeições. Que o Sauternes é dourado, o Madeira, cor de âmbar, o Tokay, vermelho, o Graves, branco, o Barbera, rubro etc. Dei-me conta do efeito de nomes tais como Bacardi, Manhattan, Old Fashioned, Sazerac, Bamboo. Para ser franco, um balcão onde me sinto estranho... Tão verdade foi isso que retirei da estante um volume, depois me refestelei no canapé e desandei a ler a odisseia das baleias e dos que as pescam... De vez em quando ia à janela e espiava pelo vidro se já haveria mouros na costa. Dia claro e céu azul, de esmalte. Pensei na beleza e na alegria dos meus netos adolescentes, ao reparar na quadra de tênis. Depois me veio uma ternura por minha esposa. Entendi sua curiosidade, seu desejo de rever a casa paterna. Mas, ao refletir sobre o jantar, as visitas heterogêneas, eu sentado entre duas velhotas, minha mulher entre

dois velhotes, tendo que ouvir considerações sobre a longevidade, a política estadual e federal, o corredor aéreo de Berlim, a experiência da bomba atômica no atol de Bikini, que aturar saudações, que beber champanha, e de súbito, como uma golfada do passado evocar em meio a tudo aquilo o dia melhor da minha mocidade apesar do hotelzinho da Aparecida, fiquei apaspalhado, entre ridículo e sublime... E então você sabe que foi que aconteceu, Jorge?

— Não quero dizer que o senhor chorou; mas não terá sido isso?

— Quase. Quase. O que sucedeu de veras foi que só ali, no Retiro, ouvi o órgão que todavia fora tocado entre nove e nove e vinte na igreja de Santa Cecília... Esquisito, não?

— Deveras.

— Então mergulhei outra vez nos mares a levar rabanadas de baleias! E a verdade é que li mais de cinquenta páginas até ser interrompido pela criada que perguntou se eu queria chá, ou sorvete... Sorvete na minha idade? Pois sim. Ótimo. Trouxesse o sorvete. E perguntei por minha mulher. A criada respondeu que dona Maria Clara e dona Rafaela haviam saído logo depois do almoço, tal qual tinham feito ontem! Hum!!! Homessa?! Nisto, ouço ruído de automóvel entrando. Seriam elas? Não. Era um caminhão. Refestelei-me outra vez no canapé. Com que então estavam chegando mais coisas! Não bastava o que eu vira pela cozinha como amostra infinitesimal do abastecimento da despensa? Onde teriam ido elas ontem? Visitas, claro. E hoje? Ao cemitério, claro. Minha mulher sempre que vai a São Paulo faz como fazia o Martins Fontes quando ia ao Rio. Primeiro visitar os vivos. Depois visitar os mortos. Então, ainda era cedo. Naturalmente os convites para jantar davam a hora. Sutilezas de protocolos e pragmáticas, não? Tomei o sorvete cristalino, puro *iceberg* minúsculo onde uma fatia de gomo de não sei que fruta parecia o *Titanic* soçobrando. Já que eu estava vivo, com quase setenta anos, essa analogia não me comoveu; tratei de voltar ao livro de Melville, desejando veementemente que minha mulher e minha filha chegassem sem demora para receber e fazer sala aos convidados porque isso de um ancião como eu em tais conjunturas se apaspalhar um pouco por causa dum edemazinho

cerebral e... providencial, pois convenhamos que é uma formidável maçada entreter visitas com assuntos que na verdade são bocejos. Isso de pescar baleias também não é para a minha idade. De forma que adormeci. Sim, ferrei num sono beatífico, até que levei um susto: alguém me sacudia no camarote do *Titanic* avisando a catástrofe. Levantei-me de supetão, agarrei minha mulher! Soltando-se, ela me disse com as mãos nas ilhargas: "Sobe, sobe, vai pentear essa gaforinha de maestro. São seis horas. Está tudo pronto, só à tua espera". "Está bem, está bem, filha. Com que então esse pessoal todo já chegou?"

IV

Tio Rangel prepara aos poucos o efeito:

— Sala de jantar apagada. Sala de visitas apagada. Sala de estar apenas com o *abat-jour* aceso. Ainda meio zonzo, decerto o sono me embotara, vejo minha mulher, no vestíbulo, estender-me o sobretudo aberto como um espantalho. Fico entalado, isto é, um dos meus braços se entala numa das mangas; minha mulher dá puxões frenéticos na gola e nas abas do sobretudo e me enfia um chapéu na cabeça, tendo a gentileza graciosa de abaixar a aba “a fim de meu rosto remoçar”. Compreendi então que para o meu cansaço ser maior e a estopada ainda mais categórica a família combinara o jantar de gala em casa de meu filho visto o bairro, a residência, o luxo e os salões serem maiores do que os de minha filha. Oh, por que não ficara eu em Ipanema, e essa gente toda que moesse os ossos no Cruzeiro ou arriscasse a carcaça viajando por via aérea para comer leitão e peru, os mais sagazes se valendo do expediente de mandar telegramas? A caminho do jardim, onde o automóvel do Lauro, meu genro, nos esperava, passamos pela copa e diante da cozinha. Literalmente apagadas, e sem ninguém. Isso equivalia a dizer que até a criadagem se transferira para ajudar lá em Jardim Europa. Ao aboletar-me no carro, supliquei: “Maria Clara, és lépida como o foi Isadora Duncan. E, tal qual ela, tão desfrutável! Todavia, tem complacência com um ancião. Estou por tudo no dia de hoje, comemoração dum fato antediluviano, mas peço a Deus que não te haja inspirado nenhuma extravagância; bodas de ouro devem significar, antes de mais nada, sensatez e comodidade já que são a entrada oficial para a fossilização”. Disse certo ou não, Jorge?

— Para o senhor e tia Maria Clara isso não se aplica. Lembrame, sempre que os vejo juntos, Goethe e Cristina em Weimar...

— Oh! Oh! Oh! — riu tio Rangel achando a analogia exata quanto à tia Maria Clara. — Notei, porém, que o carro não rumou

para a casa do Roberto. Ainda assim não perguntei nada, contentando-me em observar Lauro e Rafaela no banco da frente e minha mulher no de trás junto a mim. E os filhos de Rafaela? Bem, decerto tinham ido antes para ajudar... ou atrapalhar. Iríamos desviar-nos um pouco do trajeto para a casa da Conceição e Roberto? Não. O carro seguia indubitavelmente para o centro da cidade. Mas não perguntei nada. Decerto íamos jantar *na intimidade* à mostra nalgum restaurante. Novidades norte-americanas: deixar o lar pela exibição. Ainda bem que eu não tinha dietas. Pela certa, se não devêssemos ir à Aparecida depois, aquilo tudo ainda acabaria em cinema, democraticamente, o que vale dizer em quase duas horas de sono, pois minha mulher se apanhando em sala com ar-condicionado e música dorme que nem uma bem-aventurada, essa bem-aventurança se propagando logo a mim. Afinal, melhor essa resolução. Decerto Maria Clara e eu tínhamos vindo incógnitos a São Paulo (isto é, sem retumbantes cartas avisando nossa chegada), íamos festejar sem escarcéu nosso casamento; quando voltássemos para o Rio daríamos com bateladas de telegramas da parentela toda. Ótimo, ótimo! Mas... e aquela azáfama na cozinha anteontem e ontem? Achei logo a explicação. “Rangel, Rangel, não viste tua mulher mexendo na mala-armário, retirando e repondo tudo nos gavetões? Tiveste a cretinice de acreditar que Maria Clara era capaz de desfazer-se dos seus troféus de viagens, mesmo em se tratando de caixas de charutos, cachimbos, miniaturas de garrafas e mais pertences de enxoval permanente mais adequado a um celibatário do que a um pobre juiz e desembargador posto sob a tutela duma Proserpina?! O que Maria Clara fez foi rever, sentir, venerar lembranças do teu itinerário de resignações emburradas.” Jorge, há muitas maneiras de viajar. Mas minha mulher sempre conheceu apenas uma: fazer-me andar pelo mundo com aquela mala-armário às costas, como um pobre Sísifo se habilitando para Prometeu.

Esperei o efeito da comparação.

— Por fim, o carro sai da avenida 9 de Julho, dá uma volta no antigo Piques, para na esquina da rua Formosa com a ladeira da Memória. Rafaela olha para trás, Lauro diz que vai colocar o carro não sei onde, minha mulher salta e eu me encolho todo dentro do

carro disposto a armar um escândalo. “Desce, amor!”, dizia Maria Clara com seu ar de Sarah Bernhardt. Rafaela permanecia ao lado do marido, ela e ele neutros. Fiz um apelo a todas as minhas virtudes de longanimidade, achei que minha mulher já velha tinha o direito de ensaiar ainda um ou outro experimento; e então, como a um condenado à morte um carcereiro oferece um cigarro ou um chocolate, Maria Clara, depois de eu pular para a calçada junto aos degraus do começo da ladeira da Memória, me ofereceu o braço. Eu não tinha senão um pressentimento muito vago do que se iria passar. Não pensava propriamente em qualquer surpresa mínima ou máxima, isto é, se Maria Clara resolvera apenas passar mais uma vez defronte do casarão paterno antes de jantarmos e seguirmos para a Aparecida, ou se iria dar um espetáculo forçando-me a mostrar-lhe as únicas coisas que não vira, o Indalécio e o Ataú. (Sim, ao jantar na antevéspera, eu falara minuciosamente ao Lauro sobre o soba e o índio, e Maria Clara se desesperara por não haver visto exatamente o aspecto mais original do casarão: a gruta debaixo da escada com a múmia e o faquir.) “Já sei, criatura, queres ver o Indalécio, ex-chefe do tambaque do largo do Rosário no tempo de teu pai, e lhe queres comprar colares de coral, pés de coelho, dentes de anta, figas de guiné, raízes de pacová, e mais ingredientes de quiçaça, maturimbimbe e picuanga. E quanto ao Ataú, lhe queres comprar pela certa uerrhés e birés, perguntar-lhe se há hotéis, manicuras e aparelhos de ondulação permanente em Itaboca, para depois de atulhares a mala-armário com mais entulhos me propores a última viagem não mais a Nice e Ouchy nem a Havana e a Miami, e sim aos Travessões de Sant’Ana...”

Espiou as horas, continuou:

— Dito isto lhe dei o braço enquanto o Lauro e a Rafaela sumiam; comecei a subir aquele Gólgota. Foi só então que percebi o seguinte paradoxo: estando minha mulher vestida agora com um vestido imitação do vestido do casamento civil, não era ela, sexagenária, que estava feia e sim o vestido apenas, pelo fato de ser um modelo antiquíssimo. Mesmo a beleza anacrônica, meu caro Jorge, está sujeita a tais injunções. Aquele vestido... Aquelas luvas até acima dos cotovelos... O camafeu florentino na linha

biclavicular... O semblante de minha mulher me sorrindo, um semblante que se baralhou, que sofreu transmutações sem todavia deixar de continuar essencial, um semblante não de agora, mas de cinquenta anos antes... Ah! Subindo a ladeira da Memória eu via a Maria Clara de cinquenta anos antes! Então me sobreveio um estado de êxtase, uma emoção não sentida desde muito. Instantaneamente me dei conta mais uma vez do que ela tinha sido e era para mim, da sua inteligência, da sua perspicácia, da sua vivacidade. Alisei-lhe os dedos pousados na manga do meu sobretudo, sorri-lhe com gratidão, olhamos os dois para aquela rampa plebeia, para as grandes árvores por cujos troncos subiam heras, para o obelisco de cantaria de mestre Vicente, para o frontão de azulejos, para o lago, para aquela gente vária que subia e descia. E foi como se meio século antes estivéssemos indo, depois duma saída de teatro, para o casarão do coronel Valério pouco antes da rua do Paredão. Subindo a ladeira da Memória recuperei o passado, me rendi submisso a quaisquer vontades — como sempre — de Maria Clara. Quis dizer e disse de forma a ela ouvir bem: “Louvado seja Deus que nos fez tão felizes, tão amigos um do outro, que nos outorgou filhos e netos... És a Maria Clara de sempre, lembro-me de ti outrora através do semblante que tens agora e me olhas com o teu semblante de antigamente. E tudo, em vez de baralhar-se fica nítido. Mesmo a evocação não é um esforço e sim uma oferta; e o tempo não tem passado nem presente e nem futuro pois é e está simultâneo...” Ah, meu caro Jorge, saber subir a ladeira da Memória é repetir o prodígio do Tabor.

Olhou-me com firmeza, demoradamente. Bateu-me no braço.

— Chão de pedrinhas. Vozes. Passos. Vultos. Parede contínua. Ônibus e bondes descendo Quirino de Andrade. Andaimos. Movimento urbano lá em cima em Xavier de Toledo. A antiga casa de meu sogro ladeada por outros prédios como macróbia de asilo apoiada entre velhotas prestimosas. Janelas ao rés da ladeira. Sacadas no sobrado. Beiral de telhas negrejantes. Esquadrias. Portais. De braço dado passamos diante da porta fechada. Maria Clara fez menção de puxar-me. Resisto. Prosseguimos, eu com ímpeto, ela travando o meu ímpeto. Chegamos ao sopé.

Transeuntes. Agrupamentos. Gente sentada no paredão. Engraxates escarranchados em banquetas. Motorneiros. Condutores. Luzes dum café. Maria Clara me olha misericordiosamente, e me puxa com doçura mas com determinação para a ladeira. “Filha, e o jantar? Está bem, está bem. Queres ver o Ataú? Sim, só o Ataú, pois o Indalécio já deve ter ido para o trabalho. Queres? Está bem. Mas... e esse jantar? Para onde foram o Lauro e a Rafaela? Por que, depois do almoço, o Roberto com a mulher e os filhos foram embora? De mais a mais, se é verdade essa coisa da viagem à Aparecida, atenção, não percamos o trem. Escuta, a mala-armário, pelo amor de Deus, não a vamos levar conosco à Aparecida, ora não?” Ela sorriu, disse que o Cruzeiro só saía às dez da noite, que iríamos jantar com os filhos e os netos, sim. Mas que... Nisto soergui os olhos para as sacadas da ex-sala de visitas, vi lá em cima o Lula a gesticular. Isso me fez reagir. E estava eu decidido a não mostrar Indalécio nem Ataú nenhum, quando a porta se abriu e um Lula paramentado num bom terno de casimira arreganhou a dentuça. Entramos com a pressa típica e envergonhada de quem penetra em antros clandestinos. O Lula fechou a porta com a chave e com... a tranca. Sim, a tranca funcionava. Escuridão, luz mortífera? Não senhor. Tudo iluminado. Guirlandas de folhagens apenas ao corrimão. Folhas e flores nos ladrilhos do saguão e nas tábuas dos degraus. Mas... não havia inquilinos formando alas. Logo descobri meu filho Roberto com a mulher e minha filha Rafaela com o marido. (Minha mulher subira até Xavier de Toledo, para dar tempo!...) Hum! Hum! Logo reconheci as vozes de meus netos naquela promiscuidade, lá na área. “Filha, já temos idade para não dar espetáculos e escândalos! Isto é uma insensatez! Até parece exibicionismo de novos-ricos!” “A porta está fechada”, respondeu Maria Clara já autoritária, começando a subir as escadas. Soltei-a então. Não, de braço dado é que eu não subia, abso-lu-ta-men-te! Em cima, ramalhetes, grandes focos de lâmpadas fulgurantes. Mas não aparecia ninguém...

Agora quem estava surpreendido e perplexo era eu, ouvindo tudo aquilo. De fato, minha tia Maria Clara era incrível.

— A sala de visitas, toda acesa, com os cubículos abertos e vazios, recendendo a alfazema e a incenso. Guirlandas e festões. No

lugar onde outrora se achava o sofá dos noivos, um monte de flores. Mais exatamente: de rosas. No lugar onde era a cadeira de meu sogro, dalias. No lugar donde a sogra nos vigiava, lírios. No lugar do piano, algo assim como um amontoado de *corbeilles*. As manchas e os rasgões do papel de forrar as paredes dos dois corredores estavam encobertos com festões de gerânios metidos em tufo de samambaias. E a sala de jantar? Ah! O “*Pullman*” era uma quermesse. Os tabiques pareciam flancos de coreto. Já a varanda era um formidável camarote real onde decerto peritos de ornamentação tinham passado a tarde. Agora eu compreendia onde minha mulher, Rafaela, Conceição *et cetera* tinham estado ontem e hoje de dia. Por que não houvera recepção, por que só íntimos haviam assistido à missa. Danei-me com essa conspiração matriarcal!... E quase me senti fulgurado com o revérbero que vinha da varanda. Vacilante, me acerquei. Vacilante não de medo nem de raiva, mas intoxicado já pelo efeito agudo do aroma daquela massa de pólen, pistilos, estames e folhas que meus pés trituravam. O cheiro especial dos casamentos e dos enterros... e a que se juntava o cheiro humano vindo lá da área. Ao defrontar com o vão da área foi como se entrasse numa gruta de Fingal, por causa do efeito de cor que vinha da cascata. Uma cor serena que batia em cima dum círculo de gente rodeando em alça todo o recinto desde o patamar da varanda até a porta maior do porão. E, o mais extraordinário, era que a cascata “funcionava”! Sim, gotejava água sussurrante em gotículas pingando do cimento rugoso e enchendo de círculos a água do lago... Lula bradou uma ordem e então vi, encarapitados em cima da cascata, quatro sujeitos, quatro demônios, entornando cautelosamente dois imensos barris, já que decerto não houvera tempo de consertar o encanamento entupido e esburacado. Assim, aquele lago que na antevéspera estava árido como o Saara, agora além de ter água também tinha, segundo Calu nos disse com seu timbre inefável de nordestina, dois peixinhos vermelhos!

Escancarei os olhos para o tio Rangel que se transformara em ator formidável.

— Nisto, meu caro Jorge, descubro a criadagem da casa do Lauro e do Roberto, os dois motoristas, as duas cozinheiras, as

arrumadeiras, as copeiras, os jardineiros, e meus cinco netos estudantes superintendendo num cenário imperial mesas e mais mesas cobertas por toalhas unidas. E em cima delas, como relevos de anúncios do *Fortune* e do *Better Homes*, comedorias policromas. E não foi só. Ao centro disso, vigiada por dois sujeitos atléticos, a mala-armário! Ora graças! Chamei o Lauro, exigi terminantemente, quase apoplético, que aquela mala ficasse ali, fosse dada de presente, enfim não voltasse aos meus ombros de mártir.

Onde estaria minha mulher? Teria eu que descer as escadas, arrebatá-la de ao pé do lago onde crianças lhe estariam mostrando os dois peixinhos? Minha fúria porém cedeu como ante um refrigerio. É que avencas e samambaias tremiam, arfavam peroladas sob os fios prateados da água que não caía sobre cavaletes, tábuas, latas vazias de tinta a óleo e lonas enroladas e sim sobre a superfície tremeluzente do lago onde agora, como miniaturas, dois peixinhos vermelhos, com seus enxovais de filó e tarlatana, engoliam bolhas... E minha mulher, no auge do enternecimento querendo tirar as luvas para ir acariciar os peixinhos; todavia não descera, estava ainda para dentro da varanda. Acercou-se de mim como um paxá, o ventre rotundo por sobre o cinturão, Felipe, ex-prático do porto de Vitória, seguido, como num livro de Stevenson, pelo rei negro, Indalécio, e pelo cacique javaé, Ataú, filho de Narubeia e pai de Unariru. Felipe parecia um irlandês rubicundo saído da Santa Casa. Indalécio estava metido numa vestimenta litúrgica estranhíssima, não sei se de carnaval ou de procissão, opa ou manto real, com o crânio esculpido, e se remexia como a acompanhar um tambaque. Já o Ataú, severo como um ídolo, ruminava a sua taciturnidade, assim oblongo e solene... Apresentei-os a Maria Clara que ficou pasmada para os dois como já fizera no museu Grévin diante dos corpos de cera de Gandhi e de Prestes João. Temor ante os mesmos, ou obediência sensata a um protocolo por ela mesmo preestabelecido, minha mulher se retirou com o filho e a filha, a nora e o genro, os netos e o pobre de mim, atravessando a sala de jantar e indo para o seu antigo quarto de solteira — atual residência da família polaca que estava na varanda e que nos cedera aquele palanque. E palanque sabe você para que fim, Jorge?

Pude, é claro, fazer uma suposição.

— Para assistir ao jantar de gala dos moradores do cortiço da ladeira da Memória. Embora Rafaela tivesse aberto uma cesta, pouco comemos. Isto é, os netos comeram, devoraram e desceram para a quermesse. E nós ficamos ali, assistindo, incógnitos, ao festim barulhento e movimentado. As mesas dispostas em balcão único foram garrulamente saqueadas. Exclamações, risadas, braços estendidos, maxilares trabalhando, vislumbres jocosos de bocas. Os encarregados de ir entornando as pipas em cima da cascata largaram sua tarefa, desceram para comer e beber, e agora o jardim iluminado era um arraial festivo, um terreiro de fazenda, um pátio de milagres, onde criaturas sem humilhação e sem cerimônia abriam garrafas e enchiam seus copos, abocanhavam pastéis, físgavam sanduíches, descarnavam coxas de peru, dilaceravam leitões, engoliam *croquettes* que nem cápsulas, manobravam espetos com churrascos, desarticulavam asas e costeletas, enquanto uma vitrola tocava coisas de Haeckel Tavares e Dorival Caymmi. Acabado que foi o festim, veio a grande hora: a distribuição por sorteio das coisas da mala-armário. Que agradável surpresa para todos, principalmente para mim! Dei o que se pode chamar enfaticamente um ósculo em minha esposa. Meu neto José Paulo, o mais novo, um patusco ainda com a cabeça raspada à escovinha por causa do trote aos calouros de direito, era quem fazia a chamada por uma lista que decerto arranajara com os informes do Lula. A custo a chusma fervilhante foi recuada para formar círculo outra vez. Agora sim, eu podia num relance rápido ou numa observação minuciosa, sem ser visto, reparar naquelas fisionomias onde se sucediam os aspectos marcantes do operário, do pequeno amanuense, do português, do italiano, do japonês, do judeu, do mulato, do cafuzo, do caboclo, do caçara, do sertanejo, do nordestino, do mineiro, do velho, da criança, do adulto, do magricela, do gorducho, do malandro, do trabalhador, do sadio, do esfomeado, do apático ou do alvoroçado. Meu neto José Paulo fazia a chamada e o outro meu neto Amadeu, sempre pândego, citava pomposamente a “prenda” lendo alto os objetos que os dois motoristas, o jardineiro e os meus três outros

netos lhe iam apresentando. E ambos com o desafoço dos locutores de rádio em festas de auditórios.

Tio Rangel idealizou maravilhosamente a cena mutável assim:

— “Manuel Brito!...” (Irrompeu um sujeito obeso, lerdo, balofo.)

“Um corte de tecido para um terno... Não sei se a casimira chegará...’, acrescentou Amadeu vendo o indivíduo enorme. Risadas, palmas.

“Justino Tavares!

“Uma bateria de alumínio para cozinha; cinco cobertores e um envelope fechado!’ (E o tal Justino, a mulher e quatro crianças recuando, com as mãos cheias.)

“Anacleto Peixoto!’ (Um sujeito com bigodes em cortina como Camilo Castelo Branco e com uma calva de tártaro.)

“Um paletó de camurça, uma garrafa de Kentucky Tavern.’

“João Exposto.’ (Um crioulo de macacão sujo de graxa.)

“Uma capa de gabardine, uma caixa de gravatas Arrow, uma caneta Parker 51.’

“Tiago Monteiro!

“Uma caixa de charutos El Triunfo, uma garrafa de Haig & Haig.’

“João da Silva!

“Uma garrafa de Melrose, outra de Schenley.’

“Amílcar Pinheiro!

“Um cachimbo Super Grain, uma garrafa Park & Tilford.’

“Pedro Alvarenga!’ (Era o tal Pedro Aleijado, que avançou no seu carrinho.)

“Uma caixa de charutos Our Defender, uma garrafa de Old Smuggler.’

“Eleutério das Dores.

“Uma lata de Peter Pan, uma garrafa de Bardinet.’

“Damião de Góis Pereira!’ (Era o tal tradutor. Sujeito majestoso.)

“Cinco fitas de máquina de escrever, uma caixa de charutos Prize Bull.’

“Gilberto Arruda!

“Uma caixa de charutos Union Issue, uma garrafa de Overbrook’s.”

E tio Rangel, com sua arte de memória e fantasia, invenção e reprodução, de ator e de contrarregra, com seu espírito ora faceto, ora dramático, sempre moço apesar da idade avançada, exemplo permanente de vitalidade, arquivo humano de experiência, tratou de ver as horas, de saber entre quais estações já estaríamos, e tratou de concluir:

— E, meu caro Jorge, assim por diante. A verdade é que afinal de contas não tive tempo de assistir ao resto da distribuição, de ver sumir para boas mãos com um fim útil toda aquela série de charutos, cachimbos, uísques, licores, runs, gins, vinhos, vermouthes, conhaques, lataria de sopas, charcutarias, peixes defumados, frutas, sobremesas, acepipes e quitutes sintéticos etc. Apenas esperei que Felipe ganhasse e agradecesse com seu vozeirão de ciclope a coleção de remédios que o Lauro lhe selecionou para dar cabo da ascite, e as latas de comestíveis considerados inócuos ao seu estado bem como uma singela garrafinha de *Kummel* para lhe fortalecer o coração. Que o Indalécio recebesse confuso um sobretudo para aguentar o frio durante o seu plantão noturno e agradecesse com um ronronar fanhoso o fornecimento de charutos, as latas Campbell's e Kingan's. Que o Ataú fosse galardoado com duas mantas escocesas e um *foulard* francês, e enchesse as mãos de encontro ao peito com todo um vasilhame de naufrágio europeu de bebidas e sortimentos. Meu caro Jorge, você há de estar com a cabeça a arder de tanto aturar a minha tagarelice. Assim pois, ainda não se escoara a reserva da mala-armário. O Lauro, porém, nos advertiu da hora de saída do Cruzeiro. Ah! Tínhamos, Maria Clara e eu, os filhos, os netos, que estender a nossa ladeira da memória até à Aparecida! Brrr! E eis que no corredor, quando saíamos, ocorre a Calu, quase a chorar, com as mãos viradas para cima trazendo qualquer coisa. A custo lhe entendemos a explicação. Os homens tinham parado de botar água na cascata. O cimento rachado deixara a terra chupar a água toda do lagozinho e... quando ela percebera, o tanque estava mais do que vazio e os peixinhos agonizando... Abriu as mãos ainda mais, aconcavando-as bem, e mostrou aquelas duas postazinhas lívidas, cor de chumbo e de zarcão. Maria Clara pegou nos dois cadaverezinhos, ficou a olhar, sem saber se os levava, se os

devolvia. Por fim os entregou de vez a Calu. E saímos escondido, atravessando o corredor, descendo a escada. Convulso e gago, o Lula agradeceu a mala-armário com o conteúdo integral da última gaveta. Meus netos tinham sonogado cada qual uma garrafa de Clover Club, Pink Lady, Sidecar, Frisco e Bonx, entrando em descomposturas da avó. A Conceição e a Rafaela entregaram a Calu roupinhas para a Marlene, o Jefferson e o Miguel... Verdade é que o casal retribuiu emocionado entregando um rolo a Maria Clara que pensei que fosse algum diploma, com certeza... Não, não era. Isso de diplomas os pobres não conferem. Só as instituições ricas. Tratava-se de duas estampas, uma do Senhor de Bonfim e outra do Bom Jesus de Iguape.

O velho desembargador perscrutou a noite que não cessava de passar, solene e formidável, por sobre esta metade lateral do mundo. Os primeiros revérberos de Volta Redonda surgiram, o noturno parecia embarafustar para Pittsburgh ou Hamborn. Ajudei-o a tirar a valise. Ele abotoou bem o sobretudo, soergueu a gola, fitou-me para descarregar o símbolo do seu auto gilvicentino:

— Aquela hora, iniciávamos a rampa; eu e minha mulher, com a filha e o genro, com o filho e a nora, com os cinco netos. O emocionado, o ridículo e o sublime, o noivo, agora era eu. Eu, com sessenta e oito anos, mas na verdade com dezoito ao lado de minha mulher não com sessenta e seis anos e sim com dezesseis anos. Havia que saber transfigurar o passado, subindo a ladeira da Memória. Rente à calçada de Xavier de Toledo, onde o Lauro encostou o carro, eu lhe disse, nervoso: “Depressa, temos vinte minutos só para alcançar o Cruzeiro!”

Quando o trem parou em Volta Redonda descemos para a plataforma da estação. Roberto, avisado por telefone, já nos esperava, com sua sisudez de engenheiro. Os abraços me fizeram bem, tanto como o ar da noite e o símbolo de fogo da cidade técnica. Quando o trem recomeçou a deslizar subi para o vagão e, vergado para o tio Rangel, prestei bastante atenção ao seu conselho:

— Suba a ladeira da Memória! Não para fossilizar-se como o Indalécio, o Ataú e o Felipe... mas para prosseguir rumo à

“Aparecida”!

SEGUNDO CADERNO

Renata renasce da terra
Poente na Barra da Tijuca e Noturno em Paquetá
Comandira e Dobaré
Crepúsculo sobre a Guanabara

I

Estou agora sozinho rente à janela do vagão, vendo passar clarões delimitados, labaredas retilíneas como esculturas de Béothy, retábulos quadriculados, reverberantes, em superfícies de cimento armado. Volta Redonda, acesa na noite, lembra no negror uma tela abstracionista.

Depois, só a treva outra vez. E, lateralmente, se lhe presto atenção, um flanco que, correndo para trás do trem, é uma película contínua de muitíssimos quilômetros. Recordo-a; o Campo de Santana, o Ministério da Guerra, o edifício monumental da estação Dom Pedro II, um vestíbulo desmesurado, plataformas, muros, semáforos, favelas, pedreiras, trilhos, fundos de casas, Gamboa, Matoso, São Cristóvão, Mangueira, Méier, Cascadura, trens elétricos, postes, dormentes, abóbadas, anúncios, transformadores, quintais, terrenos baldios, usinas, quartéis, fachadas acesas, botequins, torres de igrejas, lances de hospitais, praças, táxis enfileirados, ônibus em pontos terminais, subúrbios, mato. Nesga marginal do Rio de Janeiro, onde as luzes adiam por algumas horas o sono dos homens e corroem acidentalmente a franja da noite. Famílias ouvindo rádio em torno da mesa ainda posta do jantar; uma mulher colocando na cama, entre cortinados, uma criança adormecida; um velho amanuense fumando no escuro numa janela de sala triste. Depois, luzes já esparsas, barrancos, pontes, baixada, serra do Bangu e estrelas sobre os campos de Sernambetiba, ruínas, escuridão, vultos, massas, túneis e uma ideia fixa. Essa, como um cão com a língua de fora, correndo sempre em sentido contrário, através de tudo, num galope obstinado, me seguindo.

Jato duplo de faróis dum caminhão abarrotado de fardos; listras acesas dum outro trem passando.

Depois, aqui dentro do vagão, ladeando a passagem central, de porta a porta, parcelas de pessoas lotando o carro e sentadas com a

paciência relativa e morna a que os horários obrigam. Que ficou em mim da dialética persuasiva de tio Rangel?

Estou sozinho de todo na solidão encarapaçada de quem já agora não recebe fraternidade nenhuma. Meu Deus, que enfermaria mais soturna que é um vagão de trem noturno! Dir-se-ia que a dignidade civil se desfaz, pois os corpos passam a ser unidades intermediárias entre coisas e gado. As fisionomias, os bustos, as mãos e, mais que tudo as bocas, tomam características mórbidas formadas por depressões e saliências, ângulos e arestas, todo o conjunto tomando aspectos de litografia e de *acquatinta*, colorações de sépia e de ponta-seca.

Cada ser se torna caricatura de si mesmo, tanto na inércia balofa como na intenção incisiva. O caixeiro-viajante de guarda-pó dorme sonhando com os conselhos behavioristas de Napoleon Hill e Dale Carnegie. A solteirona tem uma perfeita máscara laica. O padre parece farmacêutico ou tabelião. A criança que dorme deixa os pés balançarem, inúteis para a viagem; os sapatos estão esfolados, lixados. Que é que as crianças fazem para que seus sapatos fiquem assim com muito mais indícios, marcas, provas e cicatrizes de contato violento com o chão do que as botas dos ciganos?

Cansado de examinar gradualmente o vagão inteiro, fecho os olhos. E isso não me adianta nada. Penso no verso do meu poeta predileto: "Que grande sono em tudo exceto em poder dormir!" Reabro os olhos. As vidraças oferecem-me ilusões de ótica. Quase todos os passageiros já agora estão dormindo revirados, as nuças pesando sobre os encostos dos bancos, as gargantas tumefatas parecendo papos macios. No banco, à esquerda do meu, um senhor lê as *Seleções*; primeiro se distraiu com os anúncios coloridos, com as vantagens oferecidas pela KLM; mas desde muito está assimilando condensações de artigos, vendo em que pé vai a questão da bomba atômica; de como os modelos 46 dos automóveis lembram brontossauros; verificando o que acontece em Porto Rico; distraíndo-se com o artigo "Seja bem-vindo à Dinamarca", inteirando-se da capacidade mental de J. Robert Oppenheimer. Depois sorri lendo frases notáveis do duque de Windsor e de Joe Louis, de Lady Chesterfield e de Bob Hope, para acabar cochilando

em reação ao pessimismo que lhe provocam as páginas de *O Caminho da Sobrevivência*. Vendo-o assim tão desligado de tudo, imerso no vácuo reparador, rumino em vão outro verso: “Quando é que despertarei de estar acordado?”

O recurso de passatempo é decompor os passageiros em analogias disparatadas, baralhando-os como cartas onde idades, profissões, pesos e condição social sejam naipes, e as ir retirando uma por uma. Malogro em tal intento, pois já não são seres humanos, visto sucessivamente parecerem hipopótamo, maçaneta, fuinha, gárgula, herma cívica, ferro de engomar, camelo, cebola, ganso. Reajo, insisto em vê-los como gente. E então, sem querer, os vejo como vísceras vestidas: grandes buchos digerindo; enormes fígados fabricando fel. Às nove, às dez e meia, ainda pareciam, em Belém, em Barra do Piraí, e bem antes de Volta Redonda, passageiros mesmo, com seus bilhetes de passagens e suas carteiras de identidade; mas agora, esvaziados, frouxos, bambos, com as caras cobertas com travesseiros ou com jornais por causa da luz que os incomoda, estão destilando sonhos como alambiques oníricos. Os corpos de alguns tomam posições incríveis, inconscientemente teimando em transformar o banco em rede ou em catre, desconjuntando-se, dispondo-se em prateleiras como mercadoria em trânsito. Três bancos adiante do meu, mas voltados para cá, dormem mãe e filho; este, criança duns oito anos, dorme arqueado, com a cabeça e as espáduas bem para trás; a mãe, dormindo, o segura por uma axila e por um poplíteo. Parecem transformados em estátuas, numa *Pietà* de igreja romana, ou em tela de *Descida da Cruz* dum autor espanhol.

Vagão noturno da Central do Brasil, varanda deiscente, gaiola rouquenha de destinos empoleirados, lá vais tu, ligado aos teus irmãos como série de chouriços. Temperatura acre, atmosfera conspurcada, bocejos da resignação, ventriloquismo áfono. Custa a crer que haja gente assim capaz de, sem combinação prévia e lógica, se amesendar durante horas e horas em torno do disco da monotonia de suas mútuas cataduras embalsamadas! Pois não parece aquele soneto rilkeano sobre o necrotério?

O trem agora está parado numa estaçõzinha. Parecemos todos, nós e ela, xilogravura. Janelas, plataforma de terra socada entre vigas. Esquadrias de cabana de *Far West*. Numa placa, a quilometragem e a altitude. Um guarda-freios com ar de suicida em potencial. Barulho de água numa nesga fria e escura com cheiro de líquens e musgos; penso em caramujos e sapos. Passa vagaroso um trem de gado. Pelas ripas transversais aparecem focinhos, chifres, olhos de grande resignação. Imediatamente se alterna a simetria provisória: aquele gado parece gente seguindo para o degredo; nós parecemos gado que, por uma transfiguração segundo a técnica dos *Caprichos e Disparates*, tomasse morfologias humanas. O trem recomeça sua marcha de lesma pelo vão do vale do Paraíba. Por que é que não entram salteadores ou fantasmas, heróis domingueiros de filmes em série e os condenados de Nurembergue, com Tom Mix e Goering à frente, para que o pânico modifique esta catatonia de morcegos dependurados que nem Mussolini numa trave urbana!?

Outros trens, muitos outros trens estão correndo pela noite adentro nesta parte do mundo que ela cobre, seja no chão da Bolívia, entre túneis dos Andes, seja entre manguais e brejos no Pantanal. E estão correndo muito adiante, muito atrás, muito longe e muito perto deste, com velocidades diferentes, todos eles puras ironias duma invenção caducada e arcaica, meros depósitos itinerantes e lerdos, humilhados pela passagem dos aviões no céu. Por que é que anjos em férias não desengatam e não suspendem este vagão, levando-o para um museu com todos nós dentro transformados em bonecos de borracha? Este carro vai ligado a uma locomotiva *diesel*, mas não tem nada dos vagões aerodinâmicos da Norfolk and Western. Lembro-me duma ilustração que vi numa velha revista: carruagens caricaturais puxadas pela locomotiva gaiata *Atlantic*, entrando em Washington em 1832. Não seremos aqui assim tão ridículos perante os passageiros da Beech Aircraft como para um motociclista ridículos seriam aqueles sujeitos que chegaram a Newport em 1880 em altíssimas rodas de bicicletas primitivas, homens que mais pareciam insetos de cujos élitros saíam grandes aros metálicos? Vamos deveras para Resende, Queluz, Cruzeiro,

Lorena, Guar, Caçapava, São Paulo, ou rodamos em torno de nos mesmos num *carousel* de 1847?

Agora me ensurdece, irrita e crispa o tom dodecafônico dos ruídos de todos os vagões formando contraponto ao ruído mais próximo destas rodas e destas engrenagens.  bigorna demoníaca de que sou a lâmina traumatizada. "Por amor de Deus parem com isso dentro da minha cabeça."

Não aguento mais. Levanto-me, vou ao carro-restaurante para comer qualquer coisa. O gerente dorme, l no seu recanto, emitindo roncamentos irisados de bolhas. Os dois empregados cochilam, um com a cabeça apoiada no punho, o outro com as fuas grudadas num guardanapo. Mas na mesa dos fundos, seis sujeitos, um atarracado, outro magricela, o terceiro um mulato, o quarto um judeu, o penúltimo um caixeiro-viajante e o sexto um soldado, riem, bebem, contam anedotas, soltam gargalhadas, dão-se tapas mútuos, parodiam sem querer o *Grupo Alegre* de Frans Hals, pois se lhes faltam vestimentas e categoria para isso, a luz e a treva cooperam para tal possibilidade.

Não tendo quem me atenda, saio, fico na plataforma de trs, parado ali como peça disponível, um *truck axle* ou um *coil spring* da marca Eaton ou Kearney.

Por fim, o ulular cavo e o sacolejar concêntrico me obrigam a voltar para o meu banco do vagão D, onde me recolho e me isolo de tudo como dentro duma "*douplex roomette ideal for the passenger who desires complete privacy and confort...*" Onde foi que li isto, em que revista técnica? Num barbeiro ou numa sala de espera de dentista? Que vontade de viajar invisível e amorfo, quase fluido, não eu como sou e sim eu reduzido a protoplasma, sem alma dentro dum *tank car* de Dallas para Seattle... Nem protoplasma ser mais e já e para sempre óleo refinado ou ácido muriático.

Fico nesta letargia talvez meia hora. E  enfim como se estivesse ainda embrionário, na fase de verme e de peixe, aderido à noite como a uma placenta. Sinto-me gradualmente feto e selvagem, homem de Neandertal e touro alado da Caldeia. Sinto crostas de séculos e fases evolutivas, rompo-as em desesperada lentidão passando por todos os estágios. Eis-me despencado numa

muralha de alcáçova; fujo atravessando charcos e florestas, venho ter, através dos antepassados, como trazido por uma correia de transmissão, ao carro D do segundo noturno Rio-São Paulo, estou parado na composição que anda, como um parálítico na montanha-russa dum parque de diversões. Vejo passar uma cidadezinha decrépita, do antigo itinerário do café. Que telhados lúgubres para gatos e sombrações! Como compará-la por exemplo a um recanto habitável se, vista de conjunto, parece um monturo de cinza e lava acumulado ali pelo Mito, o decano dos arqueólogos?

Manhosamente as luzes diminuem dentro das arandelas do teto do vagão e daí a pouco se extinguem, devido decerto a algum defeito. Então o carro se transforma de fato em antecâmara de repartição de pesadelos, em ala de enfermaria, em piche e em giz com desenhos violentos de Rouault, Levine e Grosz representando amontoadamente carcereiros, clérigos, alquiladores, tabeliães, devotas, cancerosos, agentes de seguros, recrutas, funcionários municipais, burgueses, casais de noivos, sargentos, mascates, emigrantes, fantasmas e médiuns, tudo isso circunvalado por estrépitos. Somos as piores páginas duma enciclopédia desfolhada forrando estes carros. A luz volta.

Ligeiro reflexo, como se a noite nos tornasse fosforescentes, vinca a nossa dubiedade.

Acuado entre o torpor e o cansaço, analiso a cidadezinha em cuja orla estamos parados. Sujeito-a a diversas hipóteses irritantemente intelectuais. Assim é que, nesta hora noturna, parece uma tela de Bergman. Se já fosse de madrugada, lembraria, sob a aurora frígida, um *gâchis* de sorvete, lama e sangue, pintado por Vlaminck. Se estivesse chovendo, daria a impressão de escombros descarnados duma aldeia lacustre pintada por Max Ernst. Mas o trem recomeça a andar. A cidade vai sumindo para trás, substitui-a a simultaneidade da escuridão, fazendo halos concêntricos em torno de "uma coisa central que é coisa nenhuma".

O chefe do trem, com a sua lanterna e o seu ajudante, passa declamando o nome da próxima cidade, pede-me o bilhete. Levanto-me no escuro, retiro a mala, vou para a plataforma posterior, soergo a gola do sobretudo, fico recebendo o vento que a velocidade me

joga em jato contínuo. Enrijo os traços do rosto, firmo o chapéu nas têmporas.

O trem, depois dum percurso em curva que lhe mostra o flanco, diminui a marcha, os vagões como que se encolhem, um chiado típico lhes percorre as articulações, aparecem desvios, dormentes e uma estação rudimentar. Procuo logo a serra cuja silhueta andei querendo ver tantas vezes desde Barra do Piraí para cá. Mas o que vejo é a noite oca. Salto para a plataforma, deponho a mala no cimento, encho o cachimbo, acendo-o gastando nisso vários fósforos, vejo frisos de janelas, reflexos de vidraças, um vão como de sarjeta entre os carros e a plataforma. O trem recomeça a marcha; o último carro-dormitório parece, assim se afastando, um fundo de sanfona que dedos largassem.

Dirijo-me à bilheteria; a mala me atrapalha, peço o favor de a guardarem até amanhã. Saio, lanço uma olhadela circular abrangendo as cercanias, distingo paredes que me sugerem quartel, asilo ou hospital. Cravo os maxilares no cabo do cachimbo, enfio a mão esquerda num bolso, aspiro e devolvo haustos, lembro-me de verificar as horas, para o que aproximo o punho com o relógio bem perto da fogueira diminuta do Plumb. Armazém de carga. Rampa. Chão batido. Luzes. Rua com lojas fechadas. Portas verdes. Muros de taipa. Mangueiras velhas ao centro dum quintal. Reflexo de luz batendo na calçada e na rua. Aproximo-me. Um botequim atrás de cujo balcão cochila um sujeito glabro. Apoiado na vitrina rústica onde há pães, roscas, broas, sequilhos, rapaduras e beijos, conversam vivazmente dois tipos cujos macacões me informam que eles trabalham no posto de gasolina da estrada que vai para Caxambu. Um caipira de barba rala toma pinga e corta fumo de rolo enquanto um soldado de calças de montaria, sem botas nem perneiras, mas simplesmente de chinelos, procura convencê-lo de qualquer coisa. Vendo-me, o soldado acorda o vendeiro, por minha causa. Compro fósforos, bebo café, saio, passo rente a um estábulo, para diante duma igreja, vou sair ao lado da via férrea, margino-a, acabo outra vez junto do armazém de carga. Faz frio. Decido voltar ao botequim, repetir o café, mas desta vez com broa. Respondendo a perguntas minhas me informaram que o Nico do Chevrolet aparece

sempre às sete. Mas que no posto de gasolina o Boanerges guarda sempre o Studebaker; e se oferecem para ir acordá-lo. Aceito. Fico bebendo guaraná, enquanto espero. Entra uma mulherzinha descalça, de cabeleira emaranhada; pede-me fumo para o seu cachimbo cor de carvão, senta na soleira, tira salame de dentro dum jornal, fica assim comendo com um ar vago. Abancado diante da única mesa, considero que fiz mal em ter vindo pelo noturno, que poderia ter viajado de dia, fico sem esperanças de que achem o homem do Studebaker. De fato, daí a um quarto de hora me dizem que a mulher do Boanerges mandou dizer que ele estava para Resende. Pago cerveja para os quatro homens e café com leite para a mulher. No ambiente mortuário a velha descabelada parece, depois, uma carpideira disponível, às voltas com as lêmdeas. E nós mais o vendeiro atrás do balcão formamos um grupo taciturno, pois o sono está vencendo os dois empregados do posto, o soldado pensa não sei em quê como um animal ruminando, e o caipira mastiga o fumo com um jeito de marujo de cargueiro a ensalivar os dentes.

Lembro-me de coisas sem nexos, já que não sei o que deva fazer. O dono do botequim dá corda num despertador, diz que tem que fechar. Saímos. O soldado segue rua acima com o vendeiro. O caipira envereda para a estação, senta-se num banco, fica acolá como um personagem de *A Estrada do Tabaco*, numa pasmaceira entanguida. A mulherzinha continua acocorada no limiar, catando-se ora na nuca ora nas axilas. Eu acompanho os dois empregados do posto de gasolina, atravessando o leito da via férrea; fico parado junto à bomba; os dois começam a lavar um caminhão. Por fim me decido a rumar para a estrada que se dirige para a serra em curva dócil saindo da que vem de Resende e que segue para Queluz.

A relativa claridade da estação e do posto de gasolina me serve no começo como em patamar noturno oportunas mãos erguendo lanternas. Casebres à direita e à esquerda. Muros, cercas e árvores; depois pastos e a seguir as primeiras colinas cujas lombas descem de ambos os lados da estrada. Na minha frente, quase invisível — e não silhueta como nas noites de luar e nas de céu estrelado — a serra da Mantiqueira.

Caminho decerto mais de meia hora perfeitamente orientado, embora me afastando dum halo insuficiente. Ouço cada vez mais próximo o ruído agradável duma ribeira entre pedrouços evidenciando pressa, velocidade, pouco volume, diferenças de níveis, e me causando arrepios discretos e lembranças de samambaias. Passo por uma ponte de concreto por sobre o corte retilíneo do futuro leito da via férrea e que naquele trecho já foi retificado. Por enquanto ainda sem uso, é um talvegue em cujo canal se acama a parte mais saturada da treva. A estrada agora faz uma curva em rampa onde a escuridão como sentinela me aguarda e toma conta total de mim. Volto-me para trás: a colina escondeu as luzes da estação e daquela parte da estrada de rodagem. Tudo quanto era discernível ficou encoberto por um veludo, os meus olhos a custo discernindo onde piso. O riacho encachoeirado murmura cada vez mais perto e em dado instante o sinto paralelo ao lado esquerdo da estrada do parque Nacional; mas é um contato breve, cuja visão moitas — que na treva são como bastidores — me escondem; mas ouço bem a passagem áacre da água cujo mistério vem até meus ouvidos como carícia apenas musical já que com o frio seu contato verdadeiro só me poderia causar sensação desagradável. Depois o estribilho diminui, vem de mais baixo e de mais longe, fica sendo um monólogo distante entre grotões e lajes.

Em dado trecho transponho um limiar de silêncio. Ausculto-o: sim, há um profundo silêncio, e tão autêntico que, decerto como não posso ver a noite, parece que dei em senti-la com os ouvidos; como a visão não tem nada que captar, dir-se-ia que cedeu à audição um estado vicariante. Treva de breu. Olho para o firmamento: é uma abóbada de carvão. Caminho, com o cachimbo entalado entre os pré-molares. E, para evitar a sensação de treva, penso nos astros da região equatorial e verifico que nomes como os Peixes, a Baleia, o Touro, a Serpente, o Aquário, só têm deveras sentido suposto. Isto é, que tais constelações só podem parecer mesmo o que esses nomes significam se eu supuser as estar vendo mentalmente, pois que se meus olhos dessem com um firmamento constelado tais configurações estariam de tal forma baralhadas com superposições e

contiguidades que eu teria que formar imagens dando-lhes nomes muitíssimos outros e decerto bem mais apropriados.

Há pois que me servir dos ouvidos, não para escutar ruídos, já agora para entender o silêncio. Assim, pouco a pouco vou averiguando que certa fibrilação que percebo, um vibrar tenuíssimo, que antes me pareceu a soma de timbres simultâneos de infinidades de grilos e de infinidades de muitíssimos outros insetos, não é absolutamente isso, mas uma espécie de estado de alerta dos meus ouvidos solfejando sua função. Algo parecido com o rodar do *dial* dum radiotelegrafista sondando o silêncio, procurando atingir faixas. E então percebo o seguinte: que logo após haver deixado a estação fui acometido por uma amaurose; depois, por uma surdez; em seguida por um estado de letargia, meu rosto não sentindo mais nem frio nem aragem; minhas mãos não transmitindo mais ao meu cérebro a sensação dos dedos; minhas narinas não sentindo odor nenhum, nem mesmo o da vargem onde ainda estou nem o que a floresta e a serra me pudessem mandar. Quanto ao paladar o que sinto é o travo que vem do cachimbo quase em brasa.

Que é que há, em mim, pois como vida de relação? O cérebro?! Nada recebendo, opera em função de quê? Do passado, do "antes" recente ou longínquo, da analogia condicionada. E, por conseguinte, estou existindo nos sucessivos momentos, destacado de tudo, apenas como perito ou testemunha da veracidade do verso: "Este abismo de a existência de tudo ser um abismo".

Tão verdade é isso que não sei onde piso, tenho que parar, refletir em termos de orientação. Por que não vim no trem diurno? Que necessidade tenho de cansar-me tentando subir a pé para a fazenda? Acertarei com o caminho? Não será preferível descer, voltar, aguardar o dia, subir depois, de automóvel?

E então me dou conta de que o fato de dar comigo agora, de repente, na escuridão, prova que "estou só, tão só como ninguém ainda esteve".

Agarro o cachimbo em brasa, aperto-o, volto-me para todos os lados, pergunto alto, uma porção de vezes, quanto tempo levarei, por que não fiquei na estação, por que foi que a ideia de rever a fazenda, uma vez me tendo vindo, tive que realizá-la imediatamente,

sem raciocinar sequer quanto ao trem mais conveniente!? Ouço a minha voz, as perguntas irritadas e repetidas; e pasmo por nenhuma outra voz, nem mesmo uma voz sem som, apenas gráfica no meu cérebro, me responder. E minha interpelação a mim mesmo, que timbre tinha? De irritação só, ou também de insolvabilidade?!

Decididamente é impossível continuar. O recurso é refazer o trajeto procurando sempre ao longe luzes que de dado momento em diante me ajudem no regresso para Itatiaia; sentar-me lá num banco da estação, pensar, sentir frio, fumar, e, quando amanhecer, seguir de automóvel para a fazenda.

Sim, pois esperar que a vista se acomode a este negror, ou cuidar que daqui a pouco verei (embora mal) uma área suficiente para seguir a orla da estrada, é tolice pois já estou nisto faz algum tempo e o que vejo é uma nódoa difusa, que nem camadas apresenta. Como é que até hoje, mesmo num quarto fechado ou de pálpebras bem cerradas, jamais prestei atenção no que fosse propriamente a treva? Palavra tão usada, tão explícita! E todavia só agora averiguo sua veracidade. Torno a olhar para cima. Mesmo que "houvesse" astros, seriam duma imprestabilidade irônica. Sim, de que me valeriam? Oh! A serventia da lua tão ínfima comparada com eles! Contudo, era do que eu precisava agora.

Por esta estrada acima não aparecerá de repente a luz dos faróis dum carro? Esta imensidão do vale do Paraíba, onde há mais de quinze cidades disseminadas, não supõe sequer a coincidência dum automóvel irromper de súbito por aqui? De que me vale ser bípede? E de que me valeria ser centopeia?

Nada. Só a vaia sutil, em quiálteras, dos grilos. Deve haver uma imensidade deles a toda volta, já que tudo arfa em sibilos intercortados como milhares de propagações tamborilando numa lâmina sotoposta. Ou não estou ouvindo nada absolutamente a não ser a reação de meus ouvidos em expectativas?

... Globo ocular. Retina. Cristalino. Nervo óptico. Visão: sensação específica que nos revela a presença dos corpos e nos dá sua forma e cor. Está bem. Que é que me falta então para eu ver? Ah, sim: um excitante, que é a luz.

... Audição: sensação resultante da excitação das terminações do nervo auditivo pelo vibrar dos corpos sonoros. Tais vibrações são transmitidas ao líquido do labirinto.

Bem: não há luz, logo não posso ver. E este silêncio relativo desajusta ainda mais minha situação. Assim pois, vou voltar vagarosamente; a meio caminho já verei luzes lá embaixo. E por que me irritar se, considerando bem, o estorvo é provisório, de horas apenas? Pois não saí do Rio, já não estou próximo da fazenda, a serra não está aí na minha frente?

Dou uns passos, esbarro num tronco. Apalpo-o, equilibro-me, prossigo pisando com intervalos curtos, esforçando-me por distinguir e perceber o chão, tentando dissociar as camadas do negror que me envolve. O chão sólido me atemoriza mais do que o espaço livre, ambos não adivinhados sequer. Resvalo em outro tronco, machucando um joelho. Recuo, enviesio um pouco a marcha, firo o ombro noutra empecilha. Sobressalta-me o terror de cair, mesmo porque a ribeira invisível e insistente voltou a choramingar.

Paro, acendo fósforos, seguidamente. Troncos. Mato. Chão rugoso. No halo mais próximo de mim: cordoalhas de cipós, folhas, nervuras, rugosidades. Encho pela quarta vez o cachimbo. Uma pedra no meio do caminho. Não; do lado. Sento-me nela.

Estar agora assim sentado no centro fictício da treva, com os ouvidos apurados, me causa uma série de calafrios. Sinto as faces geladas, doem-me as mãos metidas dentro dos bolsos, principio a raciocinar de que forma devo agir. Interceptado pelo silêncio e pela escuridão, parece que "me sinto" mais especialmente, que posso dar mais atenção a mim próprio. Invadem-me pensamentos cautelosos, oferecendo-se na ajuda da interpretação do "auto" gilvicentino de tio Rangel. Subir a ladeira da Memória... E não estou bloqueado aqui por um vácuo pior do que qualquer muralha? Ou haverá que subi-la em hora adrede?... Tia Maria Clara não a subiu em hora propícia, dentro do horário certo, sob a claridade da comemoração das bodas de ouro?

Lembro-me das palavras de tio Rangel: "Não, a noite não é isto só". De fato, esta lacuna imensa só é lacuna porque as coisas reais que encobre fingem não existir para os meus sentidos; o cérebro,

porém, tem certeza dos relevos e da nomenclatura de tais coisas. E não somente tem tal certeza, como também possui o dom de acrescentar suposições, já que dispõe do mundo real e de muito mais ainda. Posso na treva operar transferências, *ver* a serra da Bocaina, onde deverá estar a da Mantiqueira, e vice-versa: *ver* a Via Láctea, muito embora uma nuvem me vede o firmamento; *estabelecer* planos sucessivos disseminando neles fazendas, pastos, vargens, estradas, a via férrea, o Paraíba, os aterros da Central, cidades. *Fazer ficar* do tamanho que eu quiser o botequim de página de Erskine Caldwell, com a mendiga vagabunda na soleira da porta catando lêndeas. *Esculpir* instantaneamente no bloco da serra a cara de basalto do Indalécio, as rugas pré-colombianas do Ataú, a corpulência hirsuta de Felipe ex-prático do porto de Vitória. Mas seguir para a fazenda, isso, não posso!

Cruzo as pernas, encolho-me, aspiro e devolvo baforadas, sinto calafrios, fecho mais as mãos dentro dos bolsos, procuro resguardar o pescoço e as orelhas na gola da capa e fecho os olhos inúteis.

II

Percebo, porém, qualquer coisa difusa, daí a minutos. Escancaro as pálpebras, vejo uma nesga de céu estrelado, nuvens se abrindo, uma grande lua! Bato o cachimbo até esvaziá-lo, fico em pé, desentorpeço-me, olho em volta, vejo a paisagem noturna mas real. E por sobre ela avança o primeiro arco da "ladeira da memória" que, como um viaduto, enquanto começo a subir, vai colocando suas pilastras de centopeia.

Estou na câmara escura, diante das cubas de revelar, fixar e lavar os filmes Kodak *super speed*. Destampo o primeiro tanque vertical, soergo uma das três radiografias, montada em seu caixilho metálico, examino-a por transparência, rente à lanterna vermelha, vejo que sob o efeito da glicina os contrastes já surgiram bem. Abaixo-a, enfiando-a no fixador; verifico a segunda: a cornucópia, branca de bário, dum estômago; úlcera fibrosa na pequena curvatura; suspendo a terceira: um crânio de perfil, com sua estrutura trabecular; penetração suficiente para os seios esfenoidais. Não será ali a sede, ou o poleiro da alma?!

Depois que a solução 2 reduz e completa o processo, transfiro os filmes para a banheira de lavar. Enxugo as mãos, vou sair da câmara escura e nisto o telefone (instalado ali dentro) toca. Já sei: meio-dia exato. Colo o fone ao ouvido. Música de orquestra... O *Largo* de Händel, como sempre, ao meio-dia, de segunda a sábado. A música que, segundo Renata, define a minha índole. Escuto sorrindo. Depois a voz de Renata não para mais de falar, descendo e subindo de tom, ora normativa, ora suave, em dados momentos neutra, em outros convincente, terminando íntima, bem feminina, como uma carícia. Primeiro pergunta como vai a alma. Depois, o que fiz de noite, "isto é", se saí, se li, ou se me esqueci dela... A seguir diz "como me achou" quando passei pelo Posto 5 a caminho do hospital. Conta que já nadara, que já fizera ginástica, que já jogara

peteca. Procura explicar a temperatura da água, a beleza da manhã translúcida, o tom de ouro da areia, a tonalidade entre âmbar e esmeralda das ondas. E, sem transição propriamente dita, me pergunta de chofre se concebo uma poetisa feia, adunca e ainda por cima vestida feito “embaixatriz”. Não compreendo. Ela então me explica que depois de deitada abra o livro de Edith Sitwell. Compreendo, concordo; ela dá umas risadas interessantes, pergunta por que foi que lhe dei aquele livro, critica os poemas, ironiza o nariz e principalmente os olhos da autora, indaga por que será que mesmo a Virginia Woolf tem uns olhos tão duros. Daí passa sem pausa a lamentar que só certas inteligências tenham um semblante de acordo com “hipótese” do leitor. Pergunto-lhe uns exemplos de tal raridade. Então dá uma risada problemática e não cita nenhum, mas declara que o motivo do telefonema é avisar que “virá” à cidade; e explica onde a devo esperar. Penso que vai desligar, mas isso foi apenas parte de expediente; agora é que começa a conversa. Primeiro, insiste comigo que não me esqueça de almoçar, que me alimente bem. Dito isto em tom maternal, “confessa” que se decepcionou com o sumário dos capítulos do meu futuro romance (e que lhe entreguei quatro dias antes). Por que motivo insisto em romances-rios, em obras de artesanato? Implica com a vastidão enciclopédica dos meus livros. Pretende convencer-me que devo tomar como paradigma de tamanho a *Sinfonia Pastoral*, de Gide, ou *Golovin*, de Wassermann.

Respondo-lhe categoricamente “que abranjo períodos”, que só sei guiar com muitas rédeas, que não trabalho com personagens e sim com gerações. Reflete de lá, diz que talvez eu tenha razão, afirma que só escreverei o meu livro essencial quando ela morrer... Que só escreverei um livro digno de mim quando o sofrimento me depurar do conceito órfico. E que se encarregará de um dia me pôr na obrigação de dar em literatura não o barroco mas a qualidade de que sou capaz; mas que para isso terá que desaparecer porque me atrapalha como o *allegretto* atrapalhou Beethoven obrigando-o a sair da sinceridade grandiosa do *vivace* e do *presto me no assai* da *VII Sinfonia*.

Entabulamos uma altercação. Respondo-lhe que o *allegretto* é a parte maior em tamanho e em beleza da *VII*; ela ri de mim, lastima profundamente ouvir declaração tão ingênua da minha boca. Diz do plano, da essência dos movimentos da *VII* e que não entende como é que o grande taciturno teve a fraqueza mozartiana de incluir uma parte gratuita, borboletas e colibris, mero bailado, num conjunto tão severo, tão panteísta. Daí a instantes já estamos na nossa grande disputa de sempre. Eu a fingir que prefiro Ravel e Debussy, ela a ferver de brio, a descompor-me com uma galhardia meridional. Para o pacto de paz provisória me intima a lhe dar um presente, a *Gymnopédie I e II*, num disco só. Sim, por causa do oboé. Explica que antigamente supunha que o instrumento mais parecido com a voz humana fosse o violoncelo; mas que o violoncelo agora a irrita sobremaneira por seu timbre gutural de solilóquio de Macbeth, ao passo que o oboé lhe parece (para um pouco, pensa, procura a comparação) um monólogo de Hamlet. Sim, o Macbeth não é alma, é temperamento, ao passo que o oboé, como a voz de Hamlet, é alma. Tragédias muito diversas. Prefere a segunda. Achei propósito em asseveração tão original.

Agora sua voz baixa um pouco, vira sussurro. Diz a hora exata do dentista, acrescenta que quer ver só onde a vou levar das quatro às seis da tarde. E desliga.

Saio da câmara escura, redijo protocolos, preencho fichas, volto ao laboratório para pôr os filmes a secar, dispo o avental, saio para o almoço, procuro ser obediente ao pedido e recomendação de Renata. Depois me encaminho para a rua do Ouvidor, rente às vitrinas, paro diante duma exposição de livros, entro na loja de discos, isolo-me numa cabina, ouço a *Gymnopédie*, tenho a sensação dum lamento, não aceito o nome de tal trecho por não me parecer absolutamente que condiga com o estado de alma que representa. Adquiro o disco, volto para o trabalho, deixo o envelope com o disco perto da máquina de escrever, ponho outra vez o avental, saio pela varanda, entro na biblioteca, procuro num *Larousse* a palavra *gymnopédie*. Leio, releio e medito sobre o que diz o verbete. Não, positivamente tal nome não pode de modo algum aplicar-se àquela música. Volto para o gabinete, termino por

achar o nome belíssimo, uma vez abstraindo o sentido exato da palavra.

Sentado diante do negatoscópio, faço gráficos, assino os protocolos já redigidos, entro na câmara escura, tiro as radiografias do secador elétrico, corto-lhes as pontas, carimbo-as, prendo os relatórios, enfio cada qual em seu envelope, passo a atender clientes.

Atendo a um fraturado, abaixo a mesa Victor, vou carregar o *chassis*, radiografo uma articulação do tornozelo, revelo, fixo, mostro ao paciente a fratura do calcâneo, explico-lhe que caiu de certa altura, vejo-o arregalar muito os olhos, por fim confessa que teve que pular duma janela alta para uma área, por causa da batida da polícia a uma casa clandestina de jogo. Devolvo-o ao ambulatório clínico depois de explicar que há três qualidades de fratura do calcâneo, cada qual decorrente duma forma de queda em salto.

Entra outro cliente; atendo-o já com óculos de acomodação, a sala imersa numa débil luz azulada, as cortinas das janelas e da porta bem descidas. E daí a pouco acalco o pedal, o transformador chia, a sala fica totalmente escura e a pantalha fluoroscópica intercepta uma imagem torácica. A luminosidade opalescente dos dois pulmões rodeia o mediastino como dois mares batendo suas vagas esverdeadas contra um continente. Depois reduzo o diafragma da lâmpada ao mínimo e percorro de cima a baixo, de fora a dentro, cada hemitórax. Acendo a luz, o doente se veste calado enquanto retiro as luvas.

Prosseguem as horas do expediente ali na sede do Caduceu, com a sua série de exames de rotina. Ao fim de meia dúzia de radiografias, me fecho na câmara escura a revelá-las, a ver os diagnósticos suspendendo cada filme à altura da lanterna antiactínica. Um pulmão colabado por pneumotórax desviando o coração; aderências no ápice; líquido rente ao diafragma. Uma vesícula biliar repleta de cálculos, como romã evidenciando seus bagos transparentes. Uma coluna dorsal. Um ceco-apêndice. Uma fratura de cotovelo. Uma telerradiografia. Deixo os seis filmes na cuba de água corrente, vou preencher as fichas. Faço por escrito um pedido de drogas e de material radiográfico. Mudo a fita da máquina

portátil Remington, inspeciono novamente, já agora no negatoscópio, cada filme, preencho com o diagnóstico o espaço em branco dos protocolos, acabo de redigi-los.

E assim passou a tarde. Dispo o avental, ajeito os cabelos, visto o paletó, pego no chapéu e no disco, saio, desço pelo elevador. Tarde magnífica.

Atravesso a avenida, paro em dado trecho da calçada, verifico a hora exata, inspeciono os automóveis que porventura se abeiram do meio-fio. Fico assim à deriva, isolado mas sempre rente à multidão naquele trecho conhecidíssimo e imutável desde a minha adolescência, entre a Equitativa e o Café São Paulo. Apenas um arranha-céu e mais além uma série de andaimes lhe modificam o aspecto do postal instantâneo de centro de cidade. Começo a sentir-me alvoroçado, afasto-me para junto duma das vitrinas da Casa Lohner, sempre vigiando as imediações. Movimento incessante de ônibus, táxis e carros particulares. Brados de jornaleiros, trechos de conversas de transeuntes. Povo em duas tiras intermináveis, ora densas, ora ralas.

A todo instante ela deve descer do carro da tia. Disfarço e quase me escondo como se transeuntes pudessem pressentir a razão de eu estar ali. Prudência instintiva, e na verdade desnecessária já que o lugar mais secreto do mundo é a rua. Nisto passa por mim um agrupamento heterogêneo, depois um vulto que diz meu nome baixo, guturalmente, e que prossegue. É ela. Onde teria descido? Acompanho-a de longe. Insinuo-me por entre pessoas, entro no vestíbulo do arranha-céu, fico parado à espera dos elevadores, bem junto dela, sentindo sua atenção alerta e seu feitio embevecido.

Abre-se a porta dum elevador escoando gente. Entra um grupo. O ascensor desliza para os andares; estou num canto, ao seu lado. Sinto sua mão presa na minha. Ela salta no oitavo andar. Prossigo até ao décimo. Desço pelas escadas, passo pela sala de espera do dentista. Está sozinha, em pé, folheando uma revista. Vê-me, disfarça, aproxima-se da porta, com uma atitude ao mesmo tempo serena e cautelosa. O elevador, descendo, para. Entro, assisto à entrada de outras pessoas nos andares pares. Chego ao rés do chão.

Agora vou tomar café, comprar cigarros. Depois volto obedientemente para aquela calçada e me coloco em um ponto donde possa vigiar o vestíbulo do prédio. Aquele trecho entre a 7 de Setembro e a rua do Ouvidor é, de ambos os lados, uma plataforma cortada do Rio de Janeiro, uma lâmina de histologia onde tudo se contém: as tiras em sentido oposto do tráfego ininterrupto de ônibus, caminhões, táxis, carros de luxo, com estrépito simultâneo, presenças itinerantes de população, através de seus aspectos mais rotineiros e excepcionais evidenciando uma variante incrível de estados físicos, profissionais, trejeitos, vozes, gestos, cores, disposições, as características mais agudas e diferentes sobressaindo por entre os trechos das calçadas onde quatro polias perpassam carregando fileiras de gente. E o todo é tanto um flagrante carioca e brasileiro como uma variante ou paródia, feita por comparsas, dos muitos outros flagrantes de trechos de qualquer grande capital em hora de tarde de verão.

Cada vez que os elevadores lá dentro da passagem descarregam gente, observo. Por fim acabo vendo seu vestido, seu chapéu, todo o seu feitio inconfundível e essencial e que vem, cresce e se define em categoria e em pormenor até se inserir na multidão.

Segue pela calçada abaixo naquele ritmo de compostura neutra, atravessa a esquina, continua, some e reaparece à medida que sigo e que grupos a interceptam e livram. Vou sempre a determinada distância. Entra numa livraria e quando chego a surpreendo com o busto ligeiramente voltado para as bancas de livros. Vejo-a afagar a capa do meu romance, disfarçar, sair novamente, ser unidade móvel e rítmica dentro da multidão. Depois atravessa a avenida com desenvoltura, detém-se diante duma vitrina somente para verificar se a acompanho, demanda a rua da Assembleia em direção ao largo da Carioca, atravessa-a em dois lances para o lado da muralha do convento de Santo Antônio, percorre o trecho onde outrora foi a Imprensa Nacional.

Eu então me dirijo ao ponto de estacionamento onde deixei o Stutz, retiro-o manobrando com certa dificuldade tamanho é o aperto e número de veículos ali naquela hora; embarafusto para a rua Senador Dantas inspecionando as duas calçadas. De repente a

vejo irromper de dentro duma casa de antiguidades. Está de óculos escuros que lhe dão uma severidade de cautela imediata. Bem perto dela, paro rente à calçada. Passa pela frente do radiador, abre a portinhola cujo fecho eu já soltara, entra com aquele modo severo e instantâneo de sempre.

Assim que me liberto do congestionamento de esquinas e das filas para lá do Passeio Público e da praça Paris, isto é, logo que vejo adiante de mim as pistas e alamedas da Glória, do Russel, calco a sola no acelerador, vejo passar a paisagem una da muralha baixa, do mar igual, me incorporo à simetria dos demais carros, ultrapasso-os, vejo a tarde radiosa em Santa Teresa e na Glória, distingo o recorte de bronze do Pão de Açúcar e do Corcovado, atinjo o Flamengo, e a curva da Amendoeira, sempre sentindo ali embaixo, escondido sobre o meu joelho, aquele rosto pousado de perfil. Uma das minhas mãos, enquanto seguro e manobro a direção, lhe roça a cabeleira e a testa, e até mesmo a gola do *tailleur*. Vejo que está com o chapéu e a bolsa no colo.

Mas agora, antes de entrarmos na praia de Botafogo, Renata levanta a cabeça, recompõe os cabelos, reajeita os óculos esfumados, fica com a fisionomia e o busto incisivos, assim batida de vento e de nervosismo, muito atenta aos carros que passam. Dentro de vinte minutos, se tanto, estamos além da lagoa Rodrigo de Freitas e do Hipódromo, tendo vindo por dentro, por São Clemente e largo dos Leões e varado o bairro do Jardim Botânico. Paro o automóvel, salto, dou volta pela frente do Stutz, ela se senta diante da direção, eu ao seu lado, ela dá uma saída "tangente", toca para o fundo do Leblon, em direção já da avenida Niemeyer. Com a velocidade seus cabelos formam em sua testa e em suas têmporas aspectos flexuosos de medusa. Galharda e vivaz, impele o carro pela primeira subida em curva, passamos por uma espécie de garganta de penhascos. Depois então ela intromete o motor potente pela paisagem adiante, em alta velocidade. À esquerda, ilimitadamente, até à África sem dúvida, o Atlântico a arfar, selvagem, vivo e túmido. Vamos a toda pela estrada em cornija, ora vendo só a muralha e o oceano, ora o flanco que desce em permanente promontório cheio de plantas ou em vãos de areia formando praias e angras. Depois da

gruta da Imprensa a estrada deixa o litoral, faz uma alça, corre em seta ao lado do Golf Club. O carro embarafusta para o Joá, faz a curva fechada espetacularmente, desce em planos helicoidais de fuso para a baixada, prossegue rumo à Barra da Tijuca.

A cabeleira ao vento, as mãos morenas, de veias altas, agarradas ao volante, o rosto esticado como relevo de proa, os óculos pretos lhe dando um ar categórico, Renata não fala, não ri, prova a noção da responsabilidade e, de repente, para com estardalhaço. Por quê? Para que eu compre as flores todas dumas crianças que avançaram oferecendo-as. O carro recomeça a andar, estou segurando braçadas úmidas de grandes lírios-do-brejo. Chegamos assim a uma espécie de rotunda onde uma estrada poeirenta vai para Jacarepaguá rente a um mangual. Outros carros parados. Um mocambo. Pescadores. Canoeiros. Encravamos o carro todo fechado entre duas moitas de pitangueiras. E ela, muito lépida, escolhe logo uma canoa por causa do nome bárbaro. Atravessamos a lagoa, sentados no barco podre. Renata vai jogando na vasa os lírios, um a um; ficam boiando como num cenário para Ofélia. Descemos num areal do lado interno da praia que se prolonga batida de sol. Do lado oposto ao canal por onde sangra a lagoa, a pedra da Gávea, maciça e violácea; do lado de cá, a duna sem fim. Defronte a superfície do mar que brame cavernosamente. Assim, em menos de uma hora, houve transposição total do cenário. Do torvelinho urbano de calçadas e esquinas na hora mais confusa da cidade para a nesga bárbara da restinga além da Gávea.

Logo que salta da canoa, Renata tira os sapatos, atira-os na minha direção, desanda a correr de encontro ao mar. Molha os pés, põe-se a dar saltos e arremessos por sobre o areal dourado, enquanto corro querendo alcançá-la segurando seus sapatos e seu *tailleur*. As vagas atroam, acrescentam contraponto à paisagem selvagem. As figuras múltiplas e sucessivas de Renata na orla marítima me fazem rir e declamar comparações. Mas a cada nome que brado, oceânida, nereida, nájade, ninfa, oréade, cáríte, helíade, ela, que sente reação acerba ante tais nomes mitológicos, me atira punhados de areia e me descompõe com o epíteto desdenhoso de “antológico”!

Na verdade, jamais aceitou símbolos nem imagens arcaicas, quer ser sempre inédita e diferente, bem humana e atual; declara que é apenas — e que isso lhe basta! — índia, mulher dos trópicos, no máximo iara.

Agora estamos estirados na praia, ela séria e ofegante, eu fazendo de seus sapatos e de seu casaco travesseiro para a minha cabeça. Como sempre a conversa é em patamares. Primeiro, literatura ao acaso, em complemento às nossas recentes conversas anteriores: Gide, Proust, Morgan, Baring, Kafka, Thomas Wolfe. Depois, musical: Ravel, Debussy, Prokófiev. Ouço-lhe depois a voz de contralto dizer coisas lúcidas sobre a nossa vida que ela chama de fictícia, já que cada um de nós tem a própria e que juntos não temos nenhuma, só coexistindo escondido em cinemas, em passeios assim à margem do mundo, em conversas prudentes pelo telefone.

— Quando te procurei deliberadamente, depois que consegui conhecer-te, passei a vigiar-me, pois aconteceu que se propuseram conviver em teoria dois seres evitando o mais possível motivos para problemas de consciência. A sociedade não nos pôs diante um do outro. Foi preciso que escrevesse teus livros para que eu pudesse ver que alma eras, que sensibilidade tinhas, para então ir nascendo dentro de mim a tentativa lúcida duma escolha, já que o direito a uma opção, mesmo secreta, nos é vedado. Como foi que não nos pressentimos *antes*?! Acordo com noção radiosa de ser tua, vou para a praia esperar-te de manhã quando passas para o hospital São Cosme, telefono-te na hora do teu expediente no Caduceu, e a verdade é que em tais ocasiões, e mesmo agora, nos estamos iludindo com curtíssimos simulacros de vida, já que há deveras A VIDA... Por exemplo, antes que anoiteça saímos daqui, deixas-me perto da minha casa, segues para junto de teus pais, e que passa a haver então? A minha vida e a tua vida, em dois planos diferentes, tu com o teu mundo mas livre, eu com o meu, e... Por que não posso conservar fora de mim, e sim apenas dentro, como um segredo, a noção integral com que acordo todos os dias de termos sido apartados e atraídos por uma plenitude harmoniosa? Mas nasce o dia depois de mim — sim, pois sempre acordo cedo, antes do sol — e me impõe a realidade social e doméstica. Sei que na minha

consciência não considero errado nem pecaminoso querer-te bem de modo leal, sem transgressões nem embustes.

Calou-se, refletindo no que dissera, considerou:

— E como é que, ciente disso, aturo e aceito, nem tento sequer alterar, interromper, a cegueira do destino, que, ainda eu em plena adolescência, me laçou nas suas malhas? Que vida passou a ser a minha desde que te conheci? Teus livros caíram por mero acaso em minhas mãos. Estudei-te e compreendi-te através deles; tive a revelação de que eras o paradigma humano mais condizente com a minha expectativa de mulher. Isso teria que ser mera verificação teórica e eventual? De fato se criou em mim um interesse, uma curiosidade que tive que soffrear durante mais de ano, sem saber diretamente nada de ti, da tua existência; até que não me pude conter mais e te escrevi. Bem viste que não foi leviandade, que não foi temperamento, e sim algo parecido com uma lei, uma atração. Conhecendo-te pessoalmente depois, coincidiu verificar que a essência estava moldada num indivíduo pelo qual senti desde então uma simpatia crescente. Reduzi-a peremptoriamente a fraternidade, visto haver tudo o mais, que era um estorvo intransponível. Havendo tal empecilho, que é então que quero de ti, já que me satisfaço apenas em falar contigo ao telefone, em me avistar contigo num desvão do mundo, em me sentar horas ao teu lado num cinema escuro?

Olhou para o mar reboante, estirou-se mais na areia, com as mãos juntas sob a nuca, disse devagar, com sílabas quentes:

— Que é que quero de ti? Tanta coisa e nada!... O infinito e o transitório. O eterno e o instante. Isso é que tenho que querer, o "convívio intersticial". O *mais* seria pecado e acarretaria remorso. Ora, não admito que pecado e remorso, injunções de complexos e erros, interfiram na nossa plenitude. Que pareça uma plenitude irônica a ilusão de *tudo* em *nada*, não faz mal. Só pode ser assim; logo, tenho que dar a esse *assim* um sentido altíssimo, para além do bem e do mal, do tempo e do limitado. Teria sido bom termos crescido juntos, brincado em criança, subido em árvores, tomado banho nos mesmos rios e cachoeiras, estudado nos mesmos livros,

visto o mundo de mãos dadas e juntos termos entrado na adolescência.

Meneou a cabeça e deduziu:

— Certo dia nos conhecemos. E esse prodígio de nos havermos conhecido redundou em quê? Na lástima lancinante de só então, tarde demais, nos sentirmos irmãos secretamente. Conhecemo-nos e foi preciso que tudo continuasse como dantes. Sim, a vida. Não nós. A vida! És para os meus o estrangeiro. Mesmo para mim, em minha casa, és o que está distante, o que não mora comigo, o contemporâneo simétrico a mim em tudo, mas o apartado. Mal te conheci, sem informação segura do teu caráter, de tua condição social, adivinhei logo, sem possibilidade de equívoco nem de engano, que te queria porque te conhecendo recebi instantaneamente a revelação dum evidência garantindo tua categoria. Foi uma evidência que não resultou de ilações, mas sim dum lei. Dum lei, entendes? Jamais me decepcionarás, porque somos um ritmo de leis. Temos que respeitar injunções severas, não solapá-las em nada, por causa de Deus e de certa... criatura, contentarmo-nos com este segredo, de forma a ele substituir um estado que fatos irremovíveis impossibilitam. Minha consciência me é testemunha de como não te aliterei a nada, como um conluio. Não és um acréscimo com intenção de substitutivo. Não esquadrinho certos recessos porque os considero sacrossantos mesmo sendo eu vítima. Não depende o meu querer bem de nenhuma hipótese em elaboração. Não estudo nenhuma possibilidade temporal, não acaricio nenhum sonho que sou obrigada a adiar. Quero-te bem já e sempre, sem urdir a esperança de qualquer realização provável ou improvável, sem aguardar acasos nem supor probabilidades; muito menos sou mulher para planejar circunstâncias.

Encarou-me, definiu o seu sentimento:

— Trata-se dum mistério. Por exemplo: a poesia não pode tudo? A música não pode tudo? Assim, a nossa solidariedade. Da mesmíssima forma. Quando certa noite, após muitas outras de insônias, bati na cabeça compreendendo o que se passava em mim, isto é, que te queria bem e que tal sentimento era amor, comecei a procurar não a maneira de utilizá-lo nem de anulá-lo e sim que era

que eu faria dele; ou melhor, que era que tal sentimento faria de mim. Uma louca, uma insensata, não! Uma platônica, uma mística, não! Conhecedora perfeita de minha formação moral, da minha negação lúcida para a ambiguidade, verifiquei que poderia amar-te contanto que tal sentimento fosse mantido sempre tão acima das injunções terrenas que não se objetivasse nunca em estados sensoriais. Evitar conhecer-te, coisa que fiz muito tempo, se me deparou impossível. Analisei que sensações seriam essas que, incógnito, me despertavas. Analisei-as como mulher. Analisei-as como alma. Analisei-as como uma terceira pessoa, neutra. Circunvalada pela “minha” vida, logo adotei uma tática e uma estratégia. A mim mesma me jurei, na hora mais lúcida de minhas reflexões, não ferir nem violar nada... Amor não é apenas curiosidade, instinto, atração. Querer, depois que te conheci, que entre nós o amor fosse vida em comum, impossível pensar sequer! Reduzir um sentimento sobremaneira alto a combinações ilícitas seria o mesmo que aplicá-lo como em negócios se aplica o ouro “disponível” para que renda juros de agiotagem secreta. Assim, acabei por ter certeza de que no nosso caso não preciso nem mesmo superar nada, andar às voltas com problemas de consciência, pois para te querer bem não necessito transgredir sanções, já que meu sentimento por ti não supõe obrigatoriamente estratégias. Se te telefono escondido, se nos encontramos com a máxima cautela, se não nos debatemos em aflições em que entram terceiros, se vivemos emaranhados em expedientes, tu ou eu insinuando combinações, é porque vimos nitidamente que há que suportar um estorvo usando de cautela e de nobreza e não de argúcia e de cinismo.

Analizou-me, perguntou:

— Achas que estou sofismando perante mim mesma?

Meneei vivamente com a cabeça.

— Jorge, se não somos livres, que liberdade foi essa que atingimos? Onde a recebemos? Ou chegamos a ela pela inversão conveniente de verdades que ajeitamos à nossa feição e sabor?

Ficou algum tempo calada, pensando. E depois disse com serenidade:

— Busquei em poetas, em filósofos e depois em santos uma palavra, um substantivo, abstrato ou concreto mas susceptível de significar um esconderijo. Procurei, procurei, folheando livros e mais livros, pois precisava de qualquer informação, duma objetividade explicando, definindo, esclarecendo o fenômeno que deu causa ao nosso sentimento. Ao cabo de investigar em vão, estava quase concluindo que tal palavra eu a teria que inventar, nem que tivesse que fundir radicais e desinências para formar um neologismo indicando o estado imanente de bem-aventurança terrestre. Ouvia Bach e Händel para ver se me vinha do recesso do meu êxtase tal palavra; arranjava traduções francesas de Rilke a fim de entender bem três das suas *Elegias de Duíno* referentes ao amor; folheava teologias; consultava místicos como São João da Cruz, até que por simples acaso, certa noite, num livro qualquer, encontrei. Custou mas encontrei!

— Que palavra é?

— Não digo. Tenho medo que cações de mim. Que me julgues “complicada”!

— Que palavra é?

— Juras que não me acharás ridícula, intolerável, “incrível”? Ainda agora, quando eu vinha dirigindo pela avenida Niemeyer, me dizias, mostrando o disco de *Gymnopédie*, que tal nome, *gymnopédie*, não condizia em nada com a música; mas que, isolada era uma palavra bonita, deveras musical. Pois bem. A palavra difícil que descobri é pretensiosa mas tem diafaneidade.

— Que palavra é...?!

— Não digo. Eu é que me encarreguei dela e não tu.

Fez menção de levantar-se.

Agarrei-lhe os pulsos, intimei-a assim imobilizada a dizer que palavra era. Debateu-se, sentou-se, viu as horas no meu relógio, bateu com as mãos uma na outra, gritou que já era tarde, tirou os sapatos de debaixo do casaco, limpou a areia dos tornozelos e dos pés, pediu-me o lenço, esfregou-o pelas pernas abaixo até aos artelhos, jogou-mo, calçou-se, vestiu o casaco.

Um sol imenso, vermelho e opaco, sumia no poente, qual moeda entrando numa fenda.

Ela olhou para o lado oposto, para a pedra da Gávea, para o canal, levantou-se e estendendo-me as mãos para que eu a ajudasse, encaminhou-se para o lado da areia onde devia estar a canoa. E veio dizendo:

— Ainda agora te declarei uma coisa que já sabias. Isto é, que juntos usufruímos um sentimento que nos basta, estando nós a coberto de receio ou pavor quanto a um passo a mais. Sabes que esse passo é impossível. No amor, o homem e a mulher desejam a união como finalidade e depois como frequência. Pois bem, não quero parecer original, como a raposa que disse que as uvas estavam verdes. Se for da vontade do destino normal que nos conheçamos um dia como homem e mulher, isso só se dará se não tivermos que transgredir leis e conjunturas legais. Aceitando tal restrição que talvez venha a ser permanente não estou aberrando de nenhuma condição corporal instintiva, terrena e humana. Tampouco sou criatura que se confine no platônico ou se transfigure optando pela sublimação mística. Não. Desejo querer-te bem sem recuos nem avanços. Limpidamente.

Continuou a falar, mas já agora como num solilóquio:

— Sei que estou incluída dentro de sanções que, se transgredir mesmo que seja em pensamentos, já estarei prevaricando. Ora, não me passa pela mente ser preciso qualquer transgressão ou expediente feminino, para te querer bem, pois o alvoroço que sinto não se estriba em desespero como se eu me debatesse na demora duma hipótese porvindoura ou levasse urdindo planos para sua possibilitação. Embora na verdade nossas vidas civis sejam apartadas, tu morando com teus pais, eu vivendo na minha casa com meu compromisso, não sou criatura que se nutra de esperanças tortuosas, que se intoxique de anseios, querendo transpor ou arranjar meios de transpor obstáculos. A minha situação existe, só chegamos a conhecer-nos depois que tal situação já era desde muito uma realidade. Evidentemente, no plano terreno se trata duma limitação que evitamos considerar por escrúpulo. Sou bem mais do que mulher apenas. Como mulher, natural que me sinta às vezes no limiar de barreiras. Não nego que de vez em quando me sobrevenham considerações confusas, esquisitas mesmo. Em tais

momentos averiguo que para os sentidos, até mesmo para a alma, seria preciso uma filosofia para transpor o dilema de ou esquecer ou lutar contra tal inibição. Como criatura hei de reagir quanto a esse embate entre a realidade e a ilusão. Mas tais estados puramente femininos se restringem a sintomas de insatisfação apenas, porque sempre, mesmo durante tais raciocínios, nosso sentimento se me apresenta tal qual um triunfo.

Mostrou o mar, a montanha, a duna que desaparecia sem fim.

Paramos diante do canal por onde a lagoa se ligava ao mar e que naquela hora parecia um conduto lacrimal, a baixada lembrando uma pálpebra inferior. O mar atirava bramidos, rolos de vagas se quebravam estentoricamente. Prosseguimos, passando já agora por um chão onde debaixo de cajueiros e amendoeiras um botequim estendia seu telhado de zinco e sua sordície de balcão primitivo. Em cima dum prateleira perto da máquina de fazer e conservar sorvetes, um rádio dava notícias de *football*.

Num mocambo isolado com portas negras e janelas escuras, qual pavilhão de leproso levantino, um velho só de calção de pescador e barbas de taumaturgo nos olhava, sentado por trás dum caixote onde expunha pencas de caranguejos e bagres. Seus netos cafuzos saíram lá de dentro da cabana e nos rodearam oferecendo curios, guriatãs, socós-bingas e xexéus...

Entre altas moitas de muriris e aningas, um grupo acabava seu *pic-nic*, já agora dançando no alpendre ao som de ganzás e violas, em completa bebedeira, homens e mulheres em trajes velhos de banho. Por entre ingazeiros rumamos para a beira da gamboa; Renata enxotava, rindo, alguns maruins.

Como saído da gamboa surgiu, fibroso como uma raiz, o canoeiro. Entramos para o bote. O crepúsculo contornava tudo, vincando aquela paisagem agora desolada com um friso de zarcão.

Onde estávamos? Que região era essa limitada pelo oceano violáceo, quase lilás, pela pedra da Gávea assim maciça e pela baixada imperial de Jacarepaguá?

Vogamos mais de meia hora pela lagoa, a pedido de Renata. Calados, sofrendo a depressão lóbrega do crepúsculo que tornava

possível aquele mundo bárbaro e selvagem transformar a nossa felicidade em desvalimento.

Subimos para o Joá em ímpeto de propulsão ziguezagueante, depois em giros quase helicoidais. Vimos como plataforma lisa e melancólica o oceano lá embaixo, já com um farol aceso. Enquanto descíamos para São Conrado, o Golf Club e a Gávea Pequena, Renata calada, atenta, séria, tendo repostos os óculos pretos, descansava o queixo no meu ombro. Rodeamos a metade da lagoa Rodrigo de Freitas entre o Leblon e Ipanema, entramos para Copacabana pelo corte entre duas favelas suspensas em rochas. E daí a minutos, numa rua transversal bem perto da sua esquina, estanquei o Stutz.

Apertou a minha mão agarrada ao volante, firmou os óculos e disse:

— Aquela palavra que se adapta ao nosso sentimento é...

Tapou a boca, sorriu, criou coragem:

— ... adússia.

E, esguia e ligeira, saltou, correu e virou a esquina.

De volta para casa, na avenida Vieira Souto, procurei decorar a palavra “adússia” que jamais ouvira. Assim que cheguei corri à biblioteca, abri o dicionário *Morais* e fui procurar o significado. Renata escolhera bem. “Espaço atrás do altar-mor, na abside.”

III

Na lacuna negra há agora uma trama, as primeiras camadas, ainda ralas, duma tessitura. Olho ao centro da treva circular o reflexo que o firmamento pulsátil aí depõe. E do fundo dessa espécie de açude sobe do passado a voz de Renata me falando pelo telefone.

— Como vai a alma?... Tenho uma surpresa para contar. Um projeto estupendo.

Indago do que se trata. E ela começa a considerar com muita vivacidade como seria ótimo se pudéssemos passar semanas numa fazenda. Explica-me que existe entre Resende e Itatiaia uma comunidade de finlandeses organizados em cooperativas, e que a esposa do chefe aluga o edifício da casa-grande como hotel de férias. Fala que só há movimento deveras nos três dias de carnaval e um pouco durante a temporada de férias, no mais não havendo quase hóspedes por falta de publicidade conveniente e por causa da ausência de sentido prático dos donos. Que não existe propriamente conforto, a fazenda em si sendo um casarão rodeado de muita mata e de muita água, com passeios admiráveis. Que conversou mais de meia hora com Júlia que veio de lá, e com dona Maria Emília que tem uma fazenda perto. Que frequentam o Camapuã alguns estrangeiros, gente que em nada nos estorvaria. Que os tais finlandeses são famílias vivendo em casas à parte, em meio à lavoura cítrica, gente meio ingênua para nós, cheia de projetos irrealizáveis por falta de capital, verdadeira colônia de protestantes tentando uma vida à Rousseau, fusão esquisita de cooperativismo e panteísmo, mas trabalhando em vão, já que só os juros referentes a pagamentos atrasados vão a uma enormidade.

À guisa de informação ilustrando o que diz, conta por entre risadas umas observações de Júlia que lá passou os dias de carnaval entre suíços, suecos, ingleses, judeus e bancários, numa verdadeira atmosfera de Babel de línguas e de fisionomias, o sujeito menos

exótico parecendo Strindberg e a mulher mais elegante lembrando a Mae West.

A seguir passa a explicar em que se estriba a possibilidade de lá para maio tal projeto vir a realizar-se: é que dadas circunstâncias ocorrerão. Assim fico sabendo, embora sem pormenores nem citação de nomes, que haverá uma viagem por mar. Acho graça nessa frase cujo final parece de cartomante. Sim, haverá a ausência de alguém por mais de mês. Uma viagem ao sul. Comissão do governo, inquérito a mando do ministério. Que tudo se está aparelhando providencialmente, sem interferência sua. Que tem sido muito prudente. Que há três dias vem pensando na viabilidade de tal projeto, analisando-o com o maior critério. Expande-se em alegria antevendo o que possa vir a ser essa nesga de sonho. Imagina os passeios a cavalo, a escalada a cumes, as excursões pela mata. Promete mostrar-me fotos lindíssimas de paisagens magníficas: florestas, recantos do parque Nacional, cachoeiras formidáveis como o Véu da Noiva e Maromba. Sua voz se inflama e me comunica entusiasmo que manifesto fazendo perguntas a que ela responde com pormenores.

(No retábulo da noite aqui na subida para a serra agora já existem laivos que se agregam à luminosidade rala do luar. Sempre que a lua se esconde atrás de nuvens negrejantes volta a amaurose e se apura a audição pois, ou contextura microscópica do silêncio ou estridular sutil de grilos, há uma persistente vibração neste vácuo. Quando o disco da lua começa a desentranhar-se da fímbria rala da nuvem vejo tudo mutiladamente como se estivesse acometido duma hemianopsia. Mas a lua total irrompe por fim e a paisagem mostra, outra vez, o começo da minha "ladeira da memória", recamada de poalha.)

Estou de pé, bem atrás ouvindo uma orquestra inexistente. Diante de mim, em declive, cabeças e ombros, em muitas fileiras, como semibreves inseridas em pautas e mais pautas. Um jato luminoso fere a tela. Filme francês com Michèle Morgan e Jean Gabin.

Renata e a tia estão demorando. Cada vulto que entra, cada grupo que se esgueira, eu analiso para ver se as distingo. Por fim,

entram as duas. O empregado desce pela passagem inclinada e lhes indica uma fileira onde há lugares. Venho, sento-me ao seu lado. Renata envolta num halo de Arpège. Assistimos ao filme de mãos dadas, ombro a ombro. Esquecemos o filme, olhamo-nos, percorro as veias do dorso das suas mãos, vejo seu semblante aquilino, os grandes olhos, a alegria suave dos seus lábios. Percebo-a murmurar meu nome ou apenas fazer que o soletra, dado o empenho em não sermos pressentidos pela tia. Aquela proximidade tão rara, possível apenas uma vez ou outra, tem no entretanto uma realidade íntima. Que estranho que é o fato da presença da pessoa amada anular todas as demais! Apresenta-se não como síntese das outras criaturas mas como exceção fundamental.

Cada vez que combinávamos um encontro num cinema esperávamos com ansiedade aquela hora e meia de alheamento do mundo, de aproximação dual, até nos inserirmos deveras num nicho de sombras, numa diminuta abóbada de êxtase! Renata esculpia no ar com as mãos uma ogiva, uma *adússia* onde quedávamos como dentro duma concha. O mundo em redor, a dose crescente de experiência que embota sensibilidades, nada podia contra a força de enlevo que nos insulava do passado, do presente, das multidões, da realidade normal e da rotina particular. Quedávamos livres de apreensões, anulavam-se os pessimismos integralmente, jungia-nos um mútuo transe de efusão.

Vê-la nas manhãs ou nas tardes já de si tão belas era como se o Posto 5 assumisse a amplidão nimbada de poesia; como se a fímbria toda do oceano, desde o Leme até a igrejinha de Copacabana, ou desde Ipanema até o Leblon, ou a orla das montanhas, desde as Paineiras e a Tijuca até Petrópolis entrassem aqui nos trópicos para a categoria mítica onde outros nomes mediterrâneos, tais como o Hebro e o Escamandro, a Etólia e o Ponto Euxino eram ainda e sempre halos panteístas e líricos.

Mas vê-la secretamente em meio a mil pessoas numa sala aparelhada para gáudio dos contatos era conseguir um sortilégio de triunfo secreto, poder nutrir a sensação jamais saturada de bem-aventurança terrena, da euforia misteriosa. Parecia incrível que tão prematuramente vividos e experimentados, tendo à nossa volta

marés de realidade prosaica, pudéssemos de forma categórica ascender a tais estágios.

Maio chegou, sem se realizar a nossa ida para a tal fazenda.

Mas nos fins de junho, certa vez ela me disse que no sábado eu fosse a Paquetá pela última barca que lá chegava à meia-noite. Aguardei a hora e obedeci com entusiasmo incontido. Fiz o trajeto da Guanabara sentado entre funcionários e pequeno-burgueses vendo as luzes de Niterói, das ilhas, dos cargueiros e das boias, num estado entre lúcido e febril. Lâminas de ondas preguiçosas me vinham ao olhar não como se eu, qual Ulisses emergisse por entre as águas das fragas da Lucárnia e sim como se, repetindo Glauco, seguisse incógnito para encontrar-me com Ariadne. (Quem, feliz e incógnito na sua felicidade, não busca sempre comparação nos mitos?)

Em Paquetá me dirigi logo para as imediações da chácara colonial imersa em escuridão relativa. Para não ser pressentido por algum transeunte noctívago me sentei no cais a contemplar o Rio de Janeiro coruscante de luzes, até que escutei os primeiros compassos do *Largo* de Händel sussurrados a *bocca chiusa* do lado de dentro do muro. Então me abeirei do portão cuja folha esquerda logo se entreabriu. Renata me tomou a mão, e dentro em pouco nos sentávamos debaixo dum jasmineiro que a bem dizer nos tapava da rua e da casa. Reparei melhor: estávamos apoiados a um caramanchão cujos postes e balaustradas quatro jasmineiros enchiam de sombra compacta e de perfume estonteante.

Ficamos sentados no chão em cima duma espessa manta dobrada, as pernas estendidas por sobre a grama, os dorsos apoiados na madeira. Vaga-lumes já não vivificavam o gramado e os tufos. O mar não tinha ruídos senão de lento bater de ondas durante a maré preguiçosa. Às vezes o luar abria escamas tremeluzentes à esquerda da ilha Brocoió: víamos então o fervilhar dos cardumes sob a superfície. De mãos dadas nos olhávamos calados. De quando em quando Renata apurava o ouvido, virando o busto na direção da casa, atenta e cautelosa quanto à prima Carmem e à tia Noêmia. Em seguida se virava para mim, sorria, colhendo ao longo do jasmineiro, ao alcance dos dedos, flores e mais flores imaculadas e recendentes;

e então as esfregava em nossas mãos até virarem massa, dizendo: "Ai, ai, Renata; muito juízo!" As horas depressa passavam nessas contemplanções recíprocas; acontecia gotas de orvalho pingarem sobre nós. Ela exigia que eu ficasse calado; mostrava-me a casa, fazia-me perceber o perigo. Em dado instante me fez pousar a cabeça sobre o seu colo e ficou a afagar-me os cabelos, evitando acariciar meu rosto. E abaixava um pouco o semblante, olhava-me de perto. Sua fisionomia trigueira tomava um ar de doçura, quase de convalescença, como se tudo aquilo fosse pura fantasia, sonho mútuo, eu em Ipanema, ela em Paquetá, unidos só pela imaginação. Depois a cena se alternou. Soergueu meu busto e se deitou no meu colo; não consentiu que lhe acariciasse o rosto, deixou apenas que fizesse das mãos unidas uma concha onde apoiar o vão tépido de seu crânio que a cabeleira afofava.

Ou me olhava, ou fechava os olhos, como a dormir. A madrugada começou a esfriar. Então levantou o busto, instou comigo graciosamente que me soerguesse um pouco, puxou a manta, ajeitou-se de modo a continuar forrando o gramado e a também cobrir nossas cabeças e costas, ajeitando-a em duas cogulas. Parecíamos resguardados da noite e do frio num bosque. Suas mãos seguravam de encontro ao seu peito e de encontro ao meu as abas daquele xale comum, improvisado. Ríamos baixinho. Até que Renata resolveu puxar bem para a frente as abas da manta: ficamos com os rostos escondidos, vendo só uma treva aveludada e ouvindo nossas respirações. Uma vez ou outra ela entreabria um pouquinho a cobertura na direção da varanda e das janelas, escutava, voltava a esconder a cabeça e a cobrir-nos bem. Em todo esse tempo me veio a ideia de, de repente, abraçá-la e cobri-la de beijos. Mas assim que certa aura secreta começou a empolgar-me e a invadi-la também, Renata se recostou bem de encontro ao caramanchão, abriu a manta. O rosto de cada qual, emergindo, procurou o outro, em observação atenta e perturbadora.

De súbito ela se desvencilhou e disse: "Jorge, vai embora!" Olhei-a sorrindo, embrulhando-me na manta. "Jorge, a primeira barca é às cinco e quarenta. Que horas são?" Dobramo-nos com as cabeças apoiadas uma na outra, vendo agudamente o quadrante

que os ponteiros formavam no meu relógio de pulso. “Quatro e dez.” “Preciso e devo entrar; já começa a clarear, vai embora. Deixa o *plaid* dentro do caramanchão. Tenho que entrar. Tu entenderás direito o que eu fiz?...” Perguntei-lhe então: “E tu, por tua vez, em tempo algum acharás que minha atitude... meu comportamento...” Não me deixou concluir; envolveu-me num halo de gratidão, atravessou o jardim, correu para a varanda e sumiu.

Continuei sentado, com a manta na cabeça e nos ombros, aproveitei-a até para acender escondido um cigarro; depois me estendi de costas no gramado, deixando que os jasmineiros acabassem de embriagar-me. Esperava a todo instante que ela voltasse. Indício algum. Silêncio total. Fiquei fumando, sentindo um ou outro pingo de orvalho bater em meu rosto. Um livor crescente começou a manifestar-se rodeando Paquetá. Dobrei a manta, larguei-a em cima dum banco, esboroei-me pelo gramado abaixo, saltei cautelosamente para a rampa cimentada, abri o portão, saí, fechei-o, comecei a andar pela praia, o cigarro aceso no canto da boca, a mão fria, ao pegá-lo, sentindo a rispidez da barba nascente.

Às cinco e quarenta voltei para o Rio numa barca em cuja proa grandes peixes do tamanho de cetáceos expunham suas corpulências lívidas e plúmbeas. Embaixo havia quase só operários. Em cima, entre um castelo e outro, o dorso bombeado e branco da barca estava vazio e batido de aragem. Fui acoitar-me ao calor das máquinas no centro, perto da chaminé; e assim, de mãos nos bolsos, o queixo tapado pela gola soerguida, o chapéu arriado para a testa, os pés estendidos no banco da frente, me entreguei a um torpor engelhado.

Ao meio-dia o telefone não tocou. Compreendi que faltasse o *Largo* de Händel, pois Renata estando em Paquetá não poderia telefonar com facilidade. Mas três dias decorreram sem que desse sinal. Calculei que o motivo fosse não haver voltado ainda para Copacabana. Mas na tarde do quarto dia o aparelho soou na câmara escura e Renata, diferente, com um tom hirto nas sílabas, começou a apostrofar-se, a chamar-se de leviana, a pedir que me esquecesse daquela noite, que anulasse da memória sua atitude “inconsiderada”. E explicou com um travo de amargura que estava decepcionadíssima

consigo mesma, batida por problemas até de ordem religiosa. E o timbre de sua voz transmitia de modo evidente o seu estado de escrúpulos. Ainda bem que lhe disse que embrulhara dois pacotes de livros para ela. Perguntou os títulos das obras, mostrou gradual interesse à medida que eu me ia lembrando dos nomes. Disse-me que estava falando da modista. Prontifiquei-me a ir vê-la, a acompanhá-la. Advertiu-me que não se achava sozinha. Prometi fazer como outras vezes, isto é, segui-la de longe pelas calçadas.

De fato, daí a meia hora eu me achava no portal duma loja, vigiando a saída do prédio quase fronteiro. Era a hora em que a rua Gonçalves Dias, sem trânsito de veículos, toma aspecto denso não de tráfego mas quase de estagnação, o andar, a atitude dos transeuntes se transformando num *ralenti* de curiosidades gratuitas e de conversas cariocas imediatistas, tanto as calçadas como a rua propriamente dita apresentando mais gente parada do que em movimento, os grupos se formando de preferência nos portais e na frente da Colombo e do Caduceu. Rua de prédios baixos, estreita como as vias de bazares do Oriente Próximo, com sobrados de sacadas, lojas de varejo, joalherias, modas e frivolidades, a sua vida está nas vitrinas e no trânsito intenso de que ela se torna canal. Não é uma via de acesso ao povo em si; é mais um logradouro estreito e comprido de passagem e permanência de burguesia e de funcionalismo público, de profissões liberais e de políticos, só nas esquinas, desde o Mercado das Flores até o largo da Carioca, recebendo afluências que agem em seus flancos como bombas calcantes de efeitos reduzidos. E foi por suas calçadas que vagarosamente, com várias interrupções, acompanhei Renata e Carmem que entraram primeiro numa loja de armarinho, depois numa casa de chapéus, a seguir na Colombo. Acompanhava-a sempre discreto e emocionado, recebendo sua atenção breve e solícita enviada duma vitrina ou duma porta de loja. Em dados momentos a multidão nos tapava. Perdia-a, olhava desorientado para as quatro calçadas duma esquina, até que a descobria a sorrir, disfarçando, com ar de motejo.

Constantemente, desde que a conheci até abril de 1940, a acompanhei assim, incógnito. Isso foi criando uma sensação

crescente que redundava numa espécie de radar. Ela sempre me descobria logo em qualquer ponto onde eu estivesse à sua espera ou procura. Bastava a minha voz parecer distraída ou evidenciar qualquer preocupação ou dissabor eventual para logo me interpelar. Conhecia meus estados de alma só pelo tom de minha conversa. As dificuldades de comunicação pessoal tornavam o telefone o nosso instrumento mais eficiente. Só íamos a cinemas e a passeios quando sucedia — o que não era muito raro — aquela pessoa se ausentar do Rio em comissões e inquéritos administrativos nas sucursais da sua repartição fiscal. Era por meio de longas conversas vivazes que ela me contava a própria vida, desde fatos recentes até reminiscências de quando menina; e isso com sabor inefável, os pormenores ressaltando através dos efeitos pitorescos por entre risadas e terminologia álaçre, abrindo dicotomizações para voltar depois ao eixo central. Também o seu drama íntimo, permanente, de vida doméstica (por mais que evitasse referências e objetivações) era em mim que achava derivativo, buscando o apaziguamento de perplexidades e vicissitudes. Assim, fiquei a par de sua existência desde a infância até agora; dos momentos mais aflitivos e dramáticos da sua vida de mulher casada; das ocasiões órficas do seu desabrochar adolescente; das qualidades específicas da sua índole e do seu temperamento; dos complexos transferidos para soluções intelectuais. Nem sempre, porém, encontrava solução em fugas teóricas, ficando não raro assoberbada por aborrecimentos e problemas que a marcavam como períodos de acessos cíclicos.

Se nos dias normais era a natureza mais transbordante que imaginar se possa, nos dias de “túnel” deixava que a batessem rajadas e marés de apreensões e angústias. Assim, se no mais das vezes se deixava arrebeutar pela beleza do dia, do céu, do mar, da mata, da noite, dos silêncios duma leitura, e então a sua palestra inesquecível através da voz rouca atingia efeitos até plásticos com as variantes mais inesperadas de apreciações e devaneios, também acontecia que fatos íntimos e insopitados a deixassem em marasmos; e então passava uma porção de dias sem telefonar, imersa em soluções anagógicas, isto é, místicas. Se eu, após cautelosa espera, telefonava, ela ou se fechava discreta e

delicadamente em seus problemas, ou pedia quase socorro: donde, logo que possível, imprevistos passeios a toda velocidade pelas estradas longínquas até Jacarepaguá.

Mais tarde, estalada a guerra, criticava Hitler e Chamberlain com apodos jocosos; ria gostosamente da comédia de Mussolini ou de Göring; dava-lhes apelidos duma originalidade pasmosa; começava a acreditar em Roosevelt e em Churchill; sofria com as derrotas na Polônia e na Noruega, com a inércia de Gamelin; sentia horror instintivo por Laval.

Assim, em tudo a sua vibração sempre me servia de teste da sua inteligência e índole.

Nos dias de "túnel" (conforme designação sua) a voz já nas primeiras palavras me avisava só pelo tom que "Grandes são os desertos, ó Jorge, grandes são os desertos..." Não se tratava nunca de fatos materiais e sim de estados de convívio conjugal, seus rebates promanando sempre de questões cuja essência não sendo exposta eu, todavia, lhes adivinhava a causa.

Realmente sempre que me telefonava ou que atendia a telefonemas meus, "ressurgindo" após um silêncio inexplicável de dias, eu já ao ouvir o timbre de sua voz sabia que daí a pouco ouviria, como resposta às minhas perguntas, o prefixo: "Grandes são os desertos, ó Jorge, grandes são os desertos!"

Nem sempre se externava de todo; eu tinha que respeitar essa faixa de alcova na sua vida. Por mais que suspeitasse das circunstâncias, contudo não me atrevia a instar, procurava distraí-la entabulando conversa sobre música, literatura, ou a guerra. Trocávamos impressões sobre os autores cujos livros eu lhe dava. Ela se cansava já de Aragon, principiava a interessar-se por Éluard, fazia-me perguntas sobre Hermann Hesse ou Montale. Às vezes eu lhe lia pelo telefone Eliot ou Pasternak, Sá-Carneiro ou Fernando Pessoa.

Sem saber como, pouco a pouco nos fomos promovendo a arquivistas recíprocos do passado, e do presente. Era minha conselheira quanto a projetos e programações literárias. Estabelecida que foi a confiança mútua, cada qual começou a ficar ao corrente da vida do outro, nossas almas se compreendendo

melhor. Sempre que sobrevinham problemas ou dúvidas nos consultávamos, exercendo e recebendo influências que eram refrigério e diagrama. Queríamos sempre saber da vida um do outro quanto ao tempo em que não nos falávamos ao telefone, em que não nos encontrávamos em cinemas, em que não andávamos de automóvel pela avenida Niemeyer e ao longo de matas e praias, subindo a ladeira do Ascurra, passando pela estrada do Cristo Redentor, atingindo o Alto da Boa Vista, descendo e entrando pelo túnel do Rio Comprido.

Estabelecemos uma permuta de sensibilidade também, ela ajudando e desenvolvendo meus conhecimentos e curiosidades musicais e folclóricas, e eu em paga retribuindo com livros e conversas calorosas sobre Kafka e Wassermann. Depois viera bem mais que simpatia, um sentimento misteriosíssimo, primeiro difuso e com exaltações, depois lúcido. Longe de tal sistematização de se firmar em amizade amorosa, possível somente durante as primeiras correspondências e telefonemas, subiu de ímpeto com os primeiros encontros. As horas em cinema tinham qualquer coisa de vibração crispada. Os passeios de carro, em pontos afastados, se apresentavam ensejo de convívio e conhecimento não deixavam de ser uma coragem consentida. Ao invés, todavia, de com a frequência tais estados se transubstanciarem em placidez beatífica, ou apenas em alvoroço fugaz, mesmo os raciocínios no gênero dos da conversa na Barra da Tijuca não significavam senão uma disciplina teórica, pois nossas naturezas se galvanizavam sempre e cada vez mais, como sucedera de modo nítido naquela primeira manifestação na noite de Paquetá quando de súbito teve que me dizer: "Jorge, vai embora!"

Assim, chegávamos a este paradoxo: ela vivia lá em sua residência com a sua realidade "anterior e atual", entretinha e solidificava as antigas relações de amigas que sentiam seu fascínio, convivia com as parentas mais íntimas; e eu indubitavelmente, na ordem temporal e espacial, se somasse as horas e os fatos, puros ou excepcionais (telefonemas, passeios, cinemas, encontros, conversas, confissões referentes ao passado etc.), que dose de realidade quantitativa significava na sua existência? Fazia-lhe esta pergunta, e

ela respondia com sagacidade intempestiva: “Remédios há que, mesmo tomados em doses maciças, só servem no máximo para abrandar sintomas, ao passo que os alcaloides... Vivo há tantos anos com minha gente, com os meus; isto é, desde que nasci. Conforta-me deveras tê-los; são o meu sangue. Que sentimento nutro por eles? Sentimento de averiguação real ou latente dum bem. Depois, me casei; estou com trinta anos. Logo depois te conheci. Contigo tenho amostras fugazes, vislumbres não de vida, mas de aparições. Sobressalta-me senti-los: são um mistério que fibrila a minha alma. Serei mais sincera dizendo: o meu ser. Que me advém disso? Uma sensação geral, de alegria, e uma sensação particular, de angústia. Ora, se a plenitude mesma não me bastaria, como é que tenho que me contentar com mera fração? Vou explicar melhor: no alto da montanha um pastor, sentado, vê a toda a volta o firmamento, e o sente. Um mineiro no fundo duma galeria também pode ver esse céu através dum poço profundo de arejamento. Vê-lo-á até estrelado, a qualquer hora, por causa da profundidade donde o contempla. Em ambos os casos o céu; mas no primeiro exemplo um céu a toda volta. E apenas um disco do firmamento no outro exemplo...”

IV

Bem que procurava usufruir essa fração. Uma tarde, num passeio às Paineiras, contou toda a sua vida. Falou mais de três horas. Primeiro, no terraço do hotel, durante o chá; depois, ao longo das estradas e atalhos por onde andamos vagorosamente até o cair do sol. Matas cheias de rumores. Penhas e muralhas cobertas de tinhorões e samambaias. À nossa direita a floresta e a montanha. À nossa esquerda despenhadeiros, os bairros de São Clemente, largo dos Leões, Jardim Botânico, Ipanema, Leblon, o mar, as ilhas, o horizonte retilíneo.

Depois de “confessar-se” (conforme expressão sua) interrompeu a conversa reticenciosa e começou a correr atrás de borboletas, perguntando entre risadas: “Não pareço o ex-rei Ferdinando da Bulgária?” Caminhava ao meu lado, sabendo e dizendo o nome desta árvore, daquela, ironizando a minha ignorância crassa em botânica, reconhecendo pelo gorjeio, pelo chilrear, pelo trinado, pelo canto, pelo voo, pela cor da plumagem, que aves, que pássaros estávamos ouvindo ou vendo.

Explicou-me que me contara as suas “memórias” não para enternecer-me, mas apenas para eu ficar ao corrente da sua existência. “Para teres a impressão de haveremos crescido juntos e de me haveres deixado depois... A fim de que eu não seja poesia vaga em tua vida e sim uma criatura que te encontrou e que te dá conta do erro em não te haver procurado e achado muito antes...”

Instava para que uma simetria se estabelecesse, pois, declarava:

— Não quero que nos tornemos abstrações idealizadas. Vamos, fala-me da tua vida... inclusive dos tempos de Londres, Paris e Berlim. Das mulheres que conheceste na Europa... Nunca foste noivo... lá ou aqui?! Juras?! — E aí tomava um ar crispado, agudo,

fechando um pouco as pálpebras: — E essa tal Lambeth que surpreendi uma tarde falando contigo na Garnier toda radiante?

Um diálogo denso se formou então. Eu a contar peripécias de colégio, da faculdade, da Europa, da minha profissão, da estreia literária. Ela a indagar pormenores, a entremear comentários, a espantar-se, a rir. Até que soltou de mim (pois seguíamos de braço dado), subiu num barranco e me chamou apontando para qualquer coisa. Aproximei-me da “índia” que, com os joelhos e os cotovelos em movimentos felinos, subia por um tronco acima. Estava agora parada, a dois metros do chão, acenava-me apenas com o queixo e as pálpebras. Por fim abraçou a árvore com os tornozelos cruzados e com o braço esquerdo, ao passo que, cerrando os dentes, procurava com a mão direita afrouxar e destacar as nervuras esverdeadas e túmidas dum pé de orquídea. E daí a instantes resvalava muito risonha pelo tronco abaixo, dava um pulo repentino para os meus braços e me oferecia a parasita dizendo com mímica, trejeito e voz de menina, de índia e de iara:

— Presente de Comandira a Dobaré...

Inclinava-se toda, repuxava as pálpebras para que os olhos ficassem oblíquos. E foi então, enquanto examinava as orquídeas, que me falou da sua velha ama, que já fora ama de sua mãe e de tia Noêmia, uma índia caiapó que seu pai levava para Belém. Perguntou-me se não achava bonito o nome da sua ama caiapó, Maluero.

Achei lindíssimo, repeti-o alto muitas vezes. E Renata procurou prender a parasita inteira em cima do meu coração; vendo que os alfinetes de nada valiam, dado o tamanho e o peso, ajeitou a magnífica peça colorida no bolso de lenço do meu paletó, no peito, em cima, à esquerda, dizendo:

— Lembrança de Maluero a Zavahúri...

Limpava a saia de casimira e as meias de seda manchadas de limo, ria do meu feitio hirto, comparava-me a um andor florido.

Depois, pondo as mãos para trás e andando sempre com os olhos no chão (conforme seu hábito quando se preocupava com qualquer coisa), mudou de feitio, até que perguntou:

— Onde é que conheces a proprietária da minha casa?

— ... a proprietária da tua casa...?!

— Sim, essa tal Lambeth!

— Da Associação dos Artistas, nos fundos do Palace Hotel. Conheço-a vagamente, do tempo em que eu frequentava esse reduto do Guerra Durval e do Celso...

— Vagamente?! Então o modo dessa estouvada conversar contigo na Garnier, quase apoiada ao teu ombro, indica que te conhece vagamente e que a conheces... vagamente?!

— É o feitio dela... Muito espontânea... Não sabia que era a proprietária da tua casa.

Continuou a caminhar, calada, apreensiva, de vez em quando erguendo o olhar para mim, e logo o abaixando para o chão. Disfarçava, colhendo uma flor, despetalando-a, fingindo prestar atenção num pássaro, numa árvore, numa pedra.

Dei-lhe o braço. Afastou-se para o lado. Depois subitamente começou a falar com ênfase:

— Ela não me conhece pessoalmente. Mas é claro que eu a conheço de vista, de retratos em jornais. Artista. Pintora. Bonita. Estapafúrdia. Usando uma piteira de trinta centímetros... Como tu rias, falando com ela! Não me viste entrar... Passei bem perto, fiquei folheando um livro. Quando vi que então não me vias mesmo, e ouvi aquelas risadas, Jorge para cá, Jorge para lá, Lambeth para aqui, Lambeth para ali, fui falar ao telefone, bem virada para o grupo. Foi a minha voz que te "acordou". Ficaste hirto, vermelho, disfarçaste, daí a pouco te despedias. Não tiveste coragem de cumprimentar-me sequer tirando o chapéu. E ela respondeu, ao te despedires: "Para que lado você vai, Jorge? Eu vou com você". — Renata imitava a voz duma Lambeth exagerada.

— Mas logo na esquina do *Jornal do Comércio* me desvencilhei dela dizendo que ia ao Correio e te esperei, crente de que te ia levar de carro para Copacabana. Todavia tomaste um táxi diante da Equitativa, nem me olhaste. Se não te cumprimentei na livraria foi porque sempre me aconselhaste cautela em público.

— E nem te telefonei durante três dias! E tanto tinhas culpa no cartório que não me telefonaste também a perguntar se meu silêncio seria porventura doença.

— Para que perguntar?... Pois se eu sabia o motivo de tal silêncio.

— Claro que sabias. Aquela intimidade evidente, em público...

Após determinado silêncio e amuo, Renata se arrependeu, disfarçou, e readquiriu a harmonia habitual que daí a pouco passou a ser meiguice.

Certa vez fui chamado por uma ligação interurbana de Petrópolis. Era ela a dizer que tia Noêmia e a Carmem haviam descido por causa dum jantar na rua Toneleros e que só subiriam no dia seguinte. Que se achava sozinha, se eu não queria ir vê-la. Deu-me o nome da rua e do bairro, o número da casa, explicou muito bem onde era. “Logo depois do hotel Quitandinha. Espero-te na varanda.”

De fato aí me recebeu às quatro e meia da tarde. Mostrou-me o jardim, disse que a criadagem se achava de folga, que apenas a velha Maluero estava cochilando lá na copa.

Atravessamos o jardim, rente às banquetas, e chegamos à piscina em cuja orla nos sentamos. Renata estava de *sweater* e de calças Lanvin, parecia Comandira domesticada. Tirou-me o chapéu, colocou-o na cabeça, começou a cumprimentar-me soerguendo-o um quase nada, dizendo inefavelmente:

— Está passando bem, Zavahúri? Gostou de vir me ver, gostou?... Comandira pergunta a Dobaré se está bonzinho...

Depois se levantou, quis mostrar-me o morro. E subimos até à mata, eu muito atento ao seu ar radiante, ela falando e mostrando uma porção de coisas, tanques com plantas aquáticas, estátuas, pavilhões, orquidários, estufas, viveiros, balaustradas, enquanto uma tribo de gansos nos apupava pelo gramado acima.

Depois que descemos, quis oferecer-me um *cocktail* que foi fazer, deixando-me sozinho numa das salas a folhear álbuns de fotografias que trouxe dos aposentos de tia Noêmia.

— Enquanto te faço um *daiquiri*, ficas vendo como eu era em pequenina...

Retratos de família. Dos pais. Do norte. Da infância. Do Rio. Da juventude. Paisagens do Amazonas. Seringais. Fotografias antigas, descoradas, da coleção do avô “no tempo da borracha”.

Renata voltou trazendo-me um cálice todo embaçado de gelo moído.

— Bebe, gulosinho. É suco de limão, rum branco, gelo quebrado e açúcar. Que dizes desta meninazinha antes de te conhecer?

Sentou-se, começou a folhear os álbuns, a explicar tudo, afavelmente, os nomes das pessoas, os lugares, as datas mais ou menos. Depois pediu o livro que eu tinha no bolso, *Nourritures Terrestres*, chamou-o de livro perigoso, arrancou cuidadosamente três fotografias suas e as colocou dentro do livro, dizendo que era presente, lembrança...

— Agora vou mostrar-te uma coisa que trouxe do Rio expressamente... e que não conheces.

Deixou-me sozinho um minuto, voltou trazendo uma caixa e os meus dois livros; mostrou como estavam anotados, com riscos a lápis, embaixo ou do lado de certos trechos. Disse títulos de contos, folheando o primeiro volume; e disse títulos de capítulos, folheando o romance. Em seguida juntou os dois volumes, ergueu-os até o rosto, fez menção de descansar a face sobre eles. Depois abriu a caixa envernizada e retirou maços e maços de recortes de jornais.

— Críticas, ensaios e artigos a teu respeito. E, este maço aqui, artigos teus. Queria... que não escrevesse para jornais, que não frequentasse livrarias nem rodas literárias, que não fizesses conferências, que não desses entrevistas, que sumisses da vida social, transformando-te em mito para essa gente toda... Que escrevesse um livro especialmente para mim.

— Poesia?

— Não. Um livro da nossa vida — (Revirou as mãos, fez um ar taciturno.) — Da nossa vida?... Qual vida? Temos uma vida, nós?... Quero que escrevas então a que deveríamos ter. Uma vida nossa, suposta, feita naturalmente com o pouco de informações que te venho dando da minha infância e juventude.

— E mais o quê?

— Não. Seria melhor um livro sobre o nosso tormento. Um livro descrevendo a eclosão do nosso afeto, a marcha para a vida, a impossibilidade de a vivermos, a solução única viável...

— Qual?!

— Darias primeiro a índole e a sensibilidade de nós dois. Nosso passado. Nosso conhecimento. Nosso encontro. A realidade, de permeio. Os estorvos. Os empecilhos materiais e morais. O drama. A minha alma apoiada a uma grande muralha no alto dum promontório em Tintagel vendo a toda volta um mar imenso em torno das Cornualhas, uma nau velejando tão lentamente que nunca chegasse...

Ergueu-se, sorrindo, foi guardar a caixa, os livros e os álbuns. Voltou, levou o cálice para a copa. E, ao reaparecer, me convidou para irmos passear a pé.

Fomos vagarosamente, conversando sobre o futuro livro, escolhendo o nome. Um nome que significasse um roteiro, um mapa, um chão dando para o impossível. Nós a percorrê-lo, a pisá-lo, a chegarmos diante duma circunvalação. As tentativas, os percalços, o caminho, as fronteiras e nós mesmos, internamente. Sim, os problemas, os escrúpulos, os debates espirituais. Um território, sendo no começo região de primavera e de encantamento; depois, apresentando acidentes, se transformando num vale de refúgio e de refrigério, a seguir se expandindo num deserto onde, rente à garganta vulcânica, as lamentações nos aguardassem para a entrada no reino do drama, já que o litoral para o embarque rumo às ilhas e penínsulas era infestado por legiões afeitas a rapinas e tráficos...

— Isso tudo é mais assunto de poema do que de romance...

— Ora! Não digas isso! Estou dando o plexo nervoso do assunto. O texto competiria a ti. O processo, também.

Então fizemos o primeiro esboço desse território humano... ou desumano. Algo diferente como roteiro lírico e sentimental, como desfecho de consciência e de destino.

Vagarosamente andando e conversando, fomos muito além da Crèmerie, chegando à Independência, uma espécie de balcão neolítico dando para a baixada, a Guanabara e o Distrito Federal.

Sentados num penhasco, nas imediações do restaurante, sentindo embaixo o despenhadeiro violáceo, olhávamos para um trecho posto lá longe, bem defronte. Um relevo apenas, delimitado, cromático, e que parecia caber numa das nossas mãos: a grande

capital semelhante agora a uma concha na beira do aquarozinho a que se reduzira a Guanabara.

— Vários milhões de pessoas acolá... inclusive as que o destino interpôs entre as *nossas* vidas. Só daqui de cima é que as podemos dominar e anular provisoriamente.

Um silêncio de avaliação de felicidade, um contentamento inebriado, só porque estávamos, como dois foragidos, contemplando de longe o cárcere cuja porta ficara aberta hipnotizando-nos para a obrigação do regresso...

— Sim, escreverei um romance diferente, para lá do processo de Baring. Um grande enredo lírico, dotado de ascensão máxima e com uma queda, uma catástase de drama pungente: o drama da insolvabilidade. A anulação dos corpos como empecilhos, a libertação das almas como realização total. Nada de soluções dialéticas. A solução simbólica, a chave forjada no fogo. Nós, vitoriosos na derrota aparente, postos no alto, assim, tal qual estamos agora, longe e acima da cidade, sabendo-a cárcere.

Calei-me. Ficamos a olhar para aquela região feita de ruas, praças, bairros, morros, praias, onde não podíamos conviver deveras, que percorríamos incógnitos e invisíveis mediante o pacto de jamais transgredirmos uma lei que aceitáramos sob juramento.

Rio de Janeiro, oferta natural para a felicidade de coexistir. Para nós, porém, eventual menagem mercê de disciplinas severas e observância estrita de horários.

Ergástulo, ou lá o que fosse, retraído agora a uma escala milimétrica, parecendo não uma paisagem direta mas sim uma linda e microscópica Kodachrome Print projetada numa tela neutra.

Tanto que, desligados de tudo, ali ficamos até que o crepúsculo caísse. (Ah! Os crepúsculos eram sempre a cortina de remate dos nossos eventuais encontros!) Primeiro, a amplidão perdendo a transparência. Desmaio gradual de luz. Depois, o cenário se apagando na face anterior, virando uma silhueta única de nanquim desde o Pão de Açúcar até o pico da Tijuca, e os bairros marginais e as encostas se fundindo num negror de presépio que por fim se foi subitamente pontilhando de luzes. Nos planos de cá do grande vão, a baía tomou aspectos horizontais de lâmina de aço, até ir

apresentando uma opacidade grossa, lilás, para acabar se soldando como rodapé ao quadrante fronteiro. E por sua vez, em cima desse vão, o céu, que tomara antes colorações de laivos melancólicos, começando a esbater-se em teto amarelado, depois em concavidade de madrepérola e de nácar, até o velário do dilúculo lhe aderir como uma tenda cor de sépia.

Agora, abstraindo o fervilhar da iluminação conglomerada lá embaixo e ao longe, apenas um niilismo de *blackout*.

Enquanto isso, recortada pelas sombras, deveras Comandira, a minha suave amiga incorporada ao conjunto de cá como uma estátua, da testa aos joelhos apresentando uma linha da silhueta, as pernas e os pés se fundindo na cornija do penhasco. Falava agora naquele outro crepúsculo na Barra da Tijuca.

— Lembras-te? Naquela tarde que já parece tão longínqua, pela avenida Niemeyer adiante, pelo Joá acima, depois em velocidade para a Barra da Tijuca, nossa tagarelice era um bailado mecânico. Depois, pela praia, correndo, dando saltos e arremessos, nossos corpos eram bailados olímpicos, um *allegro con brio*, como na *Heroica*. Até que começamos a prestar atenção no bramido das vagas, na majestade da pedra da Gávea, no canal ladeado de dunas. Estirados na areia, te declarei que nosso sentimento não podia mais permanecer tácito entre nós, sendo, como era, ardentemente sentido e compartilhado. Busquei-lhe uma nomenclatura já que o nome “amor” para nós era tabu, dados os empecilhos sociais e morais. Chamei-o de plenitude. Depois, como sempre que não existe ainda intimidade natural e sim estado dionisíaco, fugindo ao platonismo mas também não querendo ser arroubo físico, te defini o fenômeno que motivava tal estado como um processo só comparável ao mistério do esconderijo. Na verdade, porém, empreguei um termo, adússia, que decerto, na boca duma mulher, achasse rebarbativo. Mas, quando saímos de lá, o crepúsculo, esse bocejo da consciência das horas, nos avassalou. Passando pela mesma paisagem que hora e meia antes nos parecera um tecnicolor panteísta, vimos que tal paisagem se embuçara numa estamenha de quaresma. Vogando ambos naquela canoa, nós que andáramos aos saltos e arremessos na areia dourada, só víamos agora vasa, brejo.

Então voltamos para Copacabana imersos num silêncio esquisito, pois percebi, e tu também decerto, que a tal plenitude de que faláramos com tamanha sinceridade não passava de migalha. E que o amor a que andávamos dando nomes de puro eufemismo, era amor sim, eterno e incorruto, mas inviável e de realidade e eficiência tão abstrata que tendo nós tal riqueza era o mesmo que, esfomeados, estarmos vendo as maçãs daquela natureza-morta de Cézanne...

“Dias depois te falei, ainda assim, na probabilidade duma beatitude de três semanas ou quatro numa fazenda encravada na Mantiqueira. Dois meses se passaram!... Todavia não tive coragem de efetivar tal propósito e desejo porque tenho medo. Tenho medo por causa do que senti naquela outra noite em Paquetá... Vi-te depois na rua Gonçalves Dias, alvoreci-me tanto com a tua presença, a tua constância, teu ar submisso e ao mesmo tempo diferente em meio à multidão, senti deveras que a atração que nos impulsiona é tão misteriosa que passei a fiscalizar-nos. Hoje, porém, te chamei... Para quê? Não sei. Para te ver, te olhar. Como evadidos, estivemos vendo lá embaixo, o Rio de Janeiro, bem longe e recuado, reduzido a uma coisa que conforme disseste, parecia que podíamos pegar e desbrugar. E veio o crepúsculo, encheu tudo, tudo, inclusive nossas almas. Agora é noite. Os heróis olímpicos, os bailarinos atuando *con brio* no *allegro* da *Heroica*, aqui estão sentados corroídos de treva, não sabem sequer interpretar o *adagio assai* da mesmíssima *Sinfonia n.º 3*. Tens que voltar para acolá (estendeu o braço mostrando o cenário de luzes), para o Rio de Janeiro. Dentro de dois, de três dias, voltarei eu também. Com alegria, porque para junto de ti. Mas, *junto*, como? Jorge, serei eu a mesma que te falou aquela declaração de princípios na duna da Barra da Tijuca? `... A mim mesma me jurei, na hora mais lúcida de minhas reflexões, não ferir nem violar nada...’ Não foi o que te disse em tom categórico? `Acabei por ter certeza de que no nosso caso não preciso nem sequer superar nada, andar às voltas com problemas cruciantes de consciência, pois para amar não necessito de transgredir sanções, já que meu sentimento por ti não supõe obrigatoriamente

estratagemas e embustes ou transferências e sublimações.' Não foi mais ou menos isso que eu te disse?"

— Textualmente.

— E não te disse eu, depois: "Somos um todo de plenitude mútua, onde não sou mulher e nem tu homem...?" Pois não cheguei a afirmar que "aceitando tal restrição que decerto virá a ser permanente, não estou aberrando de nenhuma condição corporal, instintiva, terrena e humana..."? Não afirmei que "não existe nenhum impasse entre nós", que "a sensação de alvoroço ou de paz que sinto não se estriba em desespero nem em resignação"?

— Disseste. Afirmaste.

— E riste de mim, não?

— Como?!...

— Pois se não riste, ri, agora, Jorge. Que sabia eu do amor? Nada. Achava que era plenitude, que era... como é mesmo a tal palavra? Hein...?

— Adússia!...

Levantou-se. — Vamo-nos embora daqui. Tenho medo deste chão. Parece que por este precipício acima estão subindo serpentes... Que elas já me roçam os pés. Que toda essa treva aí, de quilômetros, me entra pela alma adentro.

Deu-me o braço, voltamos a pé para a residência longe talvez um quilômetro, visto termos saído antes sem destino e por isso haver eu deixado o carro a uns duzentos metros da casa.

— Plenitude... Ahn!...

Não tentei tirá-la daquele estado me utilizando de expressões inversas pois sabia que nada a demoveria de tais raciocínios. Instei a propósito da estada na fazenda, perguntei quando era que *fariam* outra viagem distante, procurei demonstrar a vantagem de podermos passar umas semanas juntos, o bem que isso faria a nossos corações e a nossas almas; para, finalmente, com muito tato, lhe dizer que, devido à nossa situação especialíssima, ela e eu teríamos que passar por muitos estados alternativos de pessimismo e de euforia. Por enquanto, apenas recordar e evocar nos momentos de distância, os encontros fortuitos. Aconselhei-a a não transferir reflexões a nosso respeito para uma escala de aflições, a evitar

sempre que um sentimento tão grande lhe viesse a parecer tormento, pois éramos criaturas felizes!... Perguntei-lhe, por exemplo, se não tínhamos já, não obstante a separação obrigada por severas contingências, se não tínhamos já um mundo nosso. Enfim, se não éramos criaturas para constituir com nosso sentimento aquela filosofia condicionada a que ela se referira certa vez. Indaguei mesmo se não tinha confiança em mim, em si mesma, se receava que tombássemos na estatística.

— Como?! Na... o quê?

Sorri contrafeito, repeti:

— Na estatística, isto é, no comportamento comum de toda gente. Se somos toda gente!?

E com ênfase lhe declarei que almas como as nossas podiam e tinham direito a uma qualidade de comportamento acima dos romances mesmo da vida. Que com isso não nos estávamos deformando, pois nosso interesse mútuo, nossa atração, decorrera de qualidades idênticas sendo nós incapazes de urdir uma trama que redundasse em sofrimento e em estados intoleráveis de angústia. — E já que estamos falando nisso, cumpre que te diga, Renata, que não somente é o amor um mistério capaz de motivar o que já motivou entre nós, isto é, uma alteração sensível em nossas almas, um alvoroço que por sua natureza é dual, ora júbilo ora atarantamento, como nem sabemos ao que nos levará. Até dias atrás eu era ainda homem capaz de dizer que por ti, pela tua paz, pela tua serenidade espiritual, eu sacrificaria qualquer disposição ou digamos mesmo pretensão não bem especificada. Já agora tenho que entrar em dados assuntos referentes não propriamente a nós, mas, de forma mais explícita, ao teu coração. Hoje te digo que já ultrapassamos qualquer probabilidade de recuo, visto como não nos aproximamos para uma experiência onde a lógica nos guiasse como conselheira lúcida, e sim fomos atraídos para um campo imantado. Podemos interromper, e até mesmo de chofre, nosso itinerário ideal... Podemos separar-nos num caminho que não tendo sido percurso todavia foi encontro. Mas não podemos acabar com o que já foi sentido. Mantive-me durante muito tempo reservado, deixei que manifestasses e externasses teus estados crescentes de

sensibilidade, até que chegou o dia em que *sponte propria* declaraste que usufruíamos uma plenitude, mas confessasses logo depois que isso era migalha... Vejo bem que começam a assoberbar-te raciocínios, mutismos, estados perplexos, pois sentes que estás entrando numa sarça. Tens temperamento, índole e natureza. E tens cérebro, consciência e livre-arbítrio. Mas, acima de tudo, tens coração, sentidos, sexo. Considera bem, sem pressa, a nossa equação; se quiseres, deixa por alguns dias de telefonar-me; analisa o que é que te conturba, em que meandros te sentes tolhida ou de que arroubos te sentes tombada. Uma coisa te digo: venho dum mundo onde minha situação social, minha função de escritor, minhas viagens, minha natureza me ofereceram contingências várias, provisórias ou duradouras, caprichosas ou ponderáveis... Jamais, porém, deparei com criatura da tua categoria humana. És uma exceção tanto no plano espiritual como no corporal, muito embora quanto a este recalques tua personalidade verídica. Exerces sobre mim uma febre, um fascínio, englobando todas as características do desejo. Sim, pois és bela, elegante, vivaz, inteligente. Mais que isso tudo: porque és tu, inconfundível, da estirpe mais selecionada de valores femininos. Pasma só em pensar no que há entre nós. Pasma ante a verificação empolgante da criatura que és. Se me fosse dado aperfeiçoar o dom de que disponho empiricamente como romancista, desejaria veementemente te eternizar num livro como suma e ritmo de bem e de beleza. Acresce que és duma nobreza de sentimentos beirando a perfeição do sacrifício. Não concorri em nada para o que existe entre nós. Recebi-te como uma dádiva inesperada.

Renata contemplava-me, absorta.

— Nada existe entre nós. E no entretanto existe tudo. Tanto que se nos separássemos sofreríamos sobremaneira. Não te obrigo a nada. Mas não te posso desobrigar de coisíssima alguma. Não motivarei eu próprio desígnio de qualquer espécie, contra mim ou a meu favor. O menor indício, porém, duma solicitação tua será uma ordem instantânea e cega que não precisará ser explícita, que entenderei através mesmo do código mais secreto. Compromisso algum, de nenhuma espécie, me tolherá de obedecer-te quer para que eu desapareça, quer para não importa qual resolução bem

oposta... Uma coisa, todavia, te juro: de mim não sofrerás a menor pressão, e isso porque acima da minha felicidade situo e respeito teus escrúpulos.

Ela dominou-se para não responder.

Prosseguimos silenciosos, sem remover palavras nem pensamentos, numa grande pausa de tudo, menos de aproveitar nossas presenças. Entramos na varanda já noite exata.

Convidei-a a jantar comigo no centro de Petrópolis, discretamente. Aceitou dizendo que de fato, por mais que a velha ama fosse um duende, não conviria despertar-lhe a atenção com uma visita desconhecida para o jantar.

Foi vestir-se enquanto eu ouvia rádio. Mas não tardou que começasse a *Hora do Brasil*, um programa oficial falando em boias apagadas nas costas tais e tais. Então, desliguei.

Pouco depois, sentada ao meu lado no carro, ela me ensinava o trajeto. Jantamos num recanto; ela a servir-me, a vigiar-se por causa do mundo.

— Quero-te bem e isso não está certo perante os outros. Portanto, tenho que me precaver a estar atenta; porém dispomos de tão raras oportunidades! Daqui a pouco te vais embora e eu fico sofrendo nos sentidos e na alma. Então o nosso amor, para não colidir com o mundo, tem obrigatoriamente que ser secreto, teórico, só pode ser um sentimento do qual apenas esteja a par a onisciência de Deus?

“Dispomos dum roteiro: Copacabana, Ipanema, Leblon, avenida Niemeyer, Barra da Tijuca, Retiro dos Bandeirantes, Paquetá, Petrópolis; talvez lhe anexemos Itatiaia. Sim, a fazenda Camapuã. — Sorriu de modo ambíguo. — Tenho a impressão de que os amantes chegam ao absurdo de considerar a Providência cúmplice de seus estratégias. Será que também nós precisaremos nos servir desse sofisma sacrílego? E para alcançarmos o quê? A felicidade ou o tormento? Começa logo esse romance, Jorge. Eu colaborarei. Traçaremos primeiro um esquema além e acima das contingências. Já que iludimos o mundo, enganemos também a nós mediante um contexto no qual o fictício obrigatório inclua o nosso passado real, o nosso presente secreto e inculque o futuro até termos coragem de

agir. Tu poderias e podes transformá-lo em presente imediato, porque és livre. Que coisa mais paradoxal eu, que te quero tanto, ser o teu único estorvo, hein?! Vamos, fala, restringes-te a ouvir-me, não tens confiança em mim, não é? Cita-me, ao menos como incentivo, aquelas grandes enamoradas da última vez que me falaste a respeito de Rilke. Têm uns nomes tão difíceis!

Obedeci:

— Maria Alcoforado; Gaspara Stampa; condessa de Die; Louise Labé; Lou Andreas Salomé; Luiza Schwerin; Alice Faehndrich; Edith Bonin; a condessa Kanitz-Menar; a baronesa Rabenau; a princesa Maria von Thurn und Taxis...

— Chega! Chega! Para isso tens memória, hein?

— ... Maria Gneisenau; a condessa Solms-Laubach; Sidonia Nadherny; Nanny Wunderly Volkart...

Renata fazia mímica de reação crescente a cada nome, até que me tapou a boca, zangada.

— Apenas admito a Volkart, porque foi a companheira a quem Rilke pediu que o ajudasse a morrer a sua própria morte. As outras, não. Já morreram há séculos, algumas delas, ao passo que as contemporâneas dele foram mecenas de saias acolhendo em seus salões, em seus castelos o andarilho de asas. Gostarias de ter um bando assim, não é? — Esvaziou o copo de vinho. — Pois vou prender-te, trancafiar-te na fazenda Camapuã. Falar nisso, cita aqueles lugares por onde ele amou e fez elegias e odes.

— Soglio; Valmanara; Lautschin; Irchel, o Valais; Hollinger; Capri; Godesberg; Furnborg; o Castelo de Friedelhausen; a Mansão Carolath; Ganowitz; Basileia; Veneza; Duíno; Muzot...

Bateu-me com o guardanapo.

— Escusavas de citar essa última localidade, que foi onde ele morreu. Pede a conta, leva-me até a "mansão". — Riu do nome que estava dando à residência de sua tia Noêmia.

No trajeto desafiou-me:

— Já que falaste em tantos lugares e mulheres cujos nomes nem sei pronunciar quanto mais repetir, ouve agora o que é que vou levar para Camapuã; sim, instrumentos de engenharia para uma

demarcação lírica, desde a serra da Bocaina até as Agulhas Negras na Mantiqueira.

— Sou todo ouvidos.

— Já ouviste falar na biblioteca de assuntos medievais que os Vilhena possuem?

— Nem sei quem é essa gente.

— Pois sou muito amiga de dona Maria Emília. Uma tarde fui tomar chá com ela e ao sair recebi de presente uns calhamaços que o casal comprara em duplicata durante as visitas aos sebos de Montparnô em Paris e de Portobello em Londres; compraram tanta coisa que só no Brasil deram com as repetições. Mas tratam, os cinco exemplares, do mesmo assunto: Tristão e Isolda. Tu dizes Isolda ou Iseu?

— Tanto faz. Ambos são lindos.

— Vou levá-los para Camapuã e os armarei na fazenda feito oratório.

— Cinco só não chegam. Posso ajudar-te levando Chrétien de Troyes, Clarimundo e Palmeirim, Francisque Michel, D'Oberg, Gottfried, Bérroul e Thomas Bédier. Assim me livro deles; estão sendo devorados por cupins.

Quando o carro parou rente à cancela, Renata considerou:

— Arre! Como estivemos intelectuais... ou irritantemente intelectualizados hoje! Vamos levar mesmo essa livralhada? Para quê? O novo romance, o nosso romance, que vamos esquematizar em Camapuã, será original teu... e meu, ou cópia desses canastrões? Proibido terminantemente lê-los, quanto mais levá-los. Basta que não esqueças a máquina Remington e meia resma de papel sulfite. Para leitura disporás da minha alma.

Redargui com certo atrevimento:

— Da alma, somente?

Bateu-me no ombro com a bolsa, e entrou.

TERCEIRO CADERNO

Fomos felizes em Camapuã
Mas o mundo se esboroa sobre nós
O passaporte cancelado
"Hard labour"

I

Meio-dia. A sereia dum jornal ulula por sobre os quarteirões. Instantaneamente o telefone toca. Os primeiros compassos do *Largo* de Händel enchem de otimismo a minha disponibilidade.

E ao centro de perspectiva sonora ouço este convite:

— Jorge, vamos para Camapuã?...

— Quando, Renata?

Há em sua voz um encantamento envolvente ao explicar de que forma estava tudo arranjado. Achava-se sozinha havia cinco dias. Já recebera telegrama da chegada a Porto Alegre. Então convidara tia Noêmia a acompanhá-la à fazenda Hortênsia. Claro que tia Noêmia não aceitara pois não podia deixar Carmem sozinha. E claro que Carmem não poderia ir por causa das aulas de piano. Logo... dar-se-ia o caso do doutor Jorge aceitar? Poderia acompanhar Comandira a Camapuã?

— Mas que história é essa de fazenda Hortênsia?

— A fazenda de dona Maria Emília Vilhena, entre Marechal Niemeyer e Itatiaia. Para todos os efeitos vou para lá. Os Vilhena foram para a Europa ontem, a bordo do *Alcântara*. Não regressarão tão cedo... E na semana passada ainda se achavam na fazenda. Tia Noêmia não os conhece. Não se dá com integralistas... embora se alegre pelo fato de eu dispor duma fazenda.

— Muito bem. Mas o diabo arma muita coisa. Se tia Noêmia souber que essa gente embarcou para a Europa...?

— Ora, Jorge! Não me decepciones... Escuta: já telefonei para Itatiaia. Júlia me deu o número do aparelho. Preço módico, irrisório. Há um carro que costuma esperar os passageiros para Itaoca, Donati e Camapuã. Vais fazer o seguinte: telegrafar hoje mesmo para o endereço que te vou dar. Desse endereço se comunicam com Camapuã. Assim não chegarás de improviso. Fica mais natural. Espera um pouco, vou buscar meu *carpet*.

Depois que tomei nota, indaguei quando ela partiria.

— Depois de amanhã.

— Que gostosura... Passeios, floresta, cachoeiras, excursões...

— Nada disso, publicaste um livro de contos em 1922, levaste com teu primeiro romance trancado numa gaveta até 1931, agora andas com uma papelada confusa, não te resolves, e vamos para Camapuã com o fim expresso de endireitarmos esse material todo para um segundo romance. É crime desperdiçar a vocação.

Com que alegria de adolescente em férias Renata me telefonou já da estação na manhã em que embarcou!

Entreguei a assistentes os serviços da minha especialidade e parti dois dias depois de Renata. Em casa acharam ótimo que eu afinal sempre me resolvesse a tomar umas férias.

O rápido partiu superlotado. Fui em pé, no último vagão, até Barra do Piraí donde, com estímulo infantil, sentado perto da janela até chegar Itatiaia, não fiz outra coisa senão verificar em cada parada a flecha que indicava o nome da estação seguinte e observar o Paraíba, a Mantiqueira e o quadrantezinho do relógio de pulso.

Pouco depois de meio-dia saltei em Itatiaia, transpus a plataforma e, ao descer a rampa ao lado do velho armazém de carga, descobri logo uma diferentíssima índia Comandira: de calças e de botas de montaria. Inutilmente procurei ver o cavalo dando, isso sim, com um Ford.

— Mas será mesmo verdade, Jorge? Estou aqui há mais duma hora. Com o nervosismo de ter de vir esperar encomendei o automóvel com bastante antecedência.

— Tudo bem?

— Cheguei anteontem com chuva; apesar do carro estar com correntes nos pneus, atolamos na vargem, foi preciso que um caminhão do parque Nacional nos empurrasse.

— E... no Rio?

— Tia Noêmia, caso sobrevenha qualquer novidade, me telegrafará para o Correio do distrito de Itatiaia. O administrador de Camapuã vem diariamente a Itatiaia.

Nisto Renata disfarçou entrando para o automóvel, pois o motorista se aproximava após haver esperado em vão por mais

outros passageiros. O trem seguiu para Queluz.

Sentei-me ao lado do motorista. Ruazinha com lojas e muros, sob o revérbero do sol a pino. Transposta a via férrea, a estrada varava um bairro que mais parecia um arraial. À esquerda logo no início da subida e bem depois da vargem, um sanatório militar. Pastos. Os primeiros morros. Chácaras, paredões, cercas, sebes, porteiras, rampas e curvas. A seguir o flanco de matas à direita e um vale sinuoso à esquerda. O motorista pergunta onde deve deixar-me.

— Vou para Camapuã.

Ele então me explica que “essa senhora aí atrás” também está hospedada lá, que veio ao Correio.

Sinto o olhar de Renata em mim. Percebo que sua vivacidade procura chamar minha atenção para a beleza da paisagem. Depois ladeamos uma extensa área onde bosques europeus se inserem em florestas tropicais, até que chegamos a um socalco amplo e opulento, toda uma região cultivada, com retângulo de lavoura e copas de pomares e donde, em certos trechos, se devassam lances do vale do Paraíba. Por fim o carro percorre uma estrada interrompida de vez em quando por porteiras e mata-burros até chegar a uma espécie de esplanada. Transposta uma curva em rampa, o carro entra numa alameda. Dou então com a fachada estreita duma casa antiquíssima. O motorista para o carro, salta, abre a portinhola para “a outra passageira”, agarra na minha mala e a leva para a porta.

Três vidraças em cima. Duas janelas embaixo, ladeando uma porta imperial. Aproximo-me, o primeiro plano vem a mim, em rotação; descortino a ala que dá para o terreiro: umas quinze vidraças no andar de cima, umas dez janelas e duas portas ao rés do chão. Pago ao homenzinho a minha quota, assisto a Renata pagar a sua — que é o dobro, ida e volta. — É necessário disciplina em tudo, mesmo em não dar azo a que gente dum mundo desconhecido tire ilações.

Renata desaparece, e uma sombra vermelhaça, com ar de campônia europeia, vem ao meu encontro, num gloterar pitoresco de miados, aulidos, bufos e arrulhos, decerto o idioma do Suomi ou

algun dialeto resinoso da Ostrobótnia. E não entende uma única palavra do que lhe digo. A verdade é que o fato de estar ali na soleira uma pequena mala valeu mais do que gesticulação, mímica e... esperanto, pois tal criatura bondosa entendeu que eu era a pessoa que havia telegrafado. Ganhei um quarto no sobrado: a segunda porta, no corredor.

Daí a vinte minutos ouvi soar um sino e apareci na sala de refeições. Uma peça enorme, indo de lado a lado da casa, com vidraças de cada banda. Mesa capitular ladeada por dois bancos compridos e uma cadeira em cada ponta. Nada de toalha ou de flores. Todavia, nos polos opostos estavam arrumados dois serviços, constando cada qual de talher, copo, prato e guardanapo. Já encontrei Renata amesendada na extremidade austral; evidentemente me cabia a ponta boreal. Almoçaríamos diante mas longe um do outro, como casal em sala de castelo escocês. Saudamo-nos com discreta reverência, como compete a hóspedes cosmopolitas, muito embora, segundo mostravam aparências e realidades, fôssemos os únicos.

Não tardou que irrompesse da porta da copa a rubicunda Aimó que se pôs logo a explicar entre suspiros e gestos que desejava apresentar-me a outra hóspede (pelo menos foi o que me pareceu). Então fiz uma saudação profunda à desconhecida amazona, fato este que foi vaiado imediatamente pelo escarcéu de marrecos e gansos no terreiro, junto às vidraças.

Uma copeira corpulenta, com ademã de estalajadeira do Kalevala, começou a servir-nos. Frios. Canja. Carne com batata. Legumes. Água. Mamão; isso durante meia hora de cerimonioso respeito, eu com ares de estrangeiro perdido em cismas, Renata sempre acolitada pela finlandesa que nos deixou sozinhos um pouco pois foi ao encalço da criada com as xícaras que tirou do aparador. Então, mais que depressa, Renata empurrou com propulsão elástica o descanso do talher na minha direção. O pequeno metal reluzente veio ter às minhas mãos deslizando como um patim. Em resposta, impulsionei o meu que lhe chegou com ímpeto de *bobsleigh*.

Estávamos tomando café quando irrompeu pela sala adentro uma figura pitoresca de médico ou pastor protestante de romance

de Kilpi. Foi logo prestimosamente cumprimentar Renata, perguntando-lhe em português passável se estava gostando da fazenda, se já passara. Depois veio a mim, articulou o nome, Toivola, desejou que eu me sentisse ali tão bem como em minha casa. Dito isso, foi para junto dum consolo onde pôs a girar num gramofone arcaico um disco cujo som parecia de lixa: cuidei que se tratasse de onomatopeia de clepsidra...

Renata ergueu-se, o mesmo fazendo eu. Ao ver-nos perto prestando atenção no disco, Toivola nos apresentou efusivamente. Renata disse seu nome e estendeu a mão. Eu fiz o mesmo. Toivola repeliu solenemente os dois nomes, enclausurando-os em parêntesis com as mãos que depois passou a esfregar enquanto recuava, já ladeado pela consorte, ambos com muitas medidas se retirando para a colônia lá entre o laranjal. (Nunca mais os veríamos.)

Quando o disco parou, Renata o suspendeu nas mãos, viu que era um kantelê, inclinou-se para guardá-lo, pegou em outros dois — só havia aqueles três —, soletrou alto os nomes:

— *Balada; Palmgrem. Pohjola.* — E acrescentou, lançando uma olhadela para a copa e outra lá para fora: — Fica observando daqui da vidraça. Quando me vires no terreiro presta atenção para onde vou. E depois me acompanha...

Um quarto de hora depois a vi atravessar o terreiro e descer uma rampa sumindo por baixo de grandes copas de arvoredo. Levava aos ombros uma rede colorida que segurava como, em certas estampas, o bom pastor levando um cordeiro.

Enchi o cachimbo, acendi-o, desci para o porão, atravessei uma espécie de abóbada nuremberguesa, cimentada, quase vazia, tendo apenas aos fundos não sei que esquisito instrumento de madeira. Alguma dessas máquinas de supliciar escravos, antigamente?... Não, conforme verifiquei dias depois, aqueles rolos eram primitiva máquina de passar roupa. Saí pelos fundos, rente à escada da cozinha em cujos degraus havia ao sol uma exposição gárrula de crianças, cachorros e gatos. Acompanhei um regato ladeado de lajes, samambaias e tinhorões e cheio de estribilhos mas que depois, aos fundos do terreiro se alargava, com margens de pedra, onde duas mulheres lavavam roupa. Que inefável trecho microscópico de

porto fluvial! Logo descobri os degraus e a rampa por onde Renata descera. Fui ter a uma espécie de rotunda em nível bem mais baixo do que o terreiro e sombreada por mangueiras matriarcais, postas ali em círculo, e cujas copas quebravam a intensidade do sol a pino. Dir-se-ia uma clareira para quermesse e representações bucólicas, não agora nem aqui, mas alhures e em outros tempos. O chão estava coberto por uma camada de estames, pistilos, pólenes e corolas com tons entre róseo e cinzento. E era limitado em cima por um paredão com trepadeiras e embaixo pelo arroio que ali se alargava em curva sussurrante. Vi uma ponte feita de troncos e cipós. Comandira, civilizada, isto é, de botas e de calças de montaria, amarrava a rede nos dois troncos mais próximos, olhando-me (chegar) por sobre o ombro. Quando me aproximei ela jogou na minha direção qualquer coisa que me cobriu a cabeça; tratei de desvencilhar-me; e foi então que vi que era uma segunda rede; ainda bem que as argolas não me machucaram.

— Vamos, Dobaré, instala a tua rede em seguida à de Comandira...

Obedeci pressuroso; e assim, daí a segundos estávamos estirados, cada qual em seu palanque. Três troncos, duas redes. O tronco número 2 prendendo a cabeceira da rede de Comandira, e os pés da rede do Dobaré. E as duas redes rangendo, balouçando vagorosamente enquanto caía por sobre nós e no chão uma poalha tênue, levíssima. E Comandira, de olhos fechados, falando baixo:

— Não precisas, durante as refeições, manter ar de espião internacional. O Toivola já nos apresentou. Logo, também já não há mais motivo para sentarmos longe durante as refeições. E, havendo passeios, excursões, florestas, cachoeiras, estradas, o pico das Agulhas Negras, natural que um cavalheiro convide uma senhora que, conquanto esteja sozinha, não tem ares arrevesados e, por conseguinte, decerto... aceitará! Saiba o ilustre clínico que já andei vendo a coleção de postais da região, sei o nome de tudo quanto é lugar bonito, e andei a cavalo ontem de manhã e de tarde. E, além disso, já visitei as famílias todas desses finlandeses.

— Mas, não disseste que eu viria para aqui a fim de pormos em ordem meus papéis e combinar contigo o meu segundo romance?...!

— Trouxeste a máquina de escrever? Uma resma de papel ofício?

— E tu trouxeste aquela coleção sobre Isolda? Teu quarto, qual é? A primeira porta, no corredor?

— Meu quarto?! Então cuidas que eu ia ficar na casa-grande contigo? Pois sim!... Fiquei no *bungalow* das velhas Kalmar. — E apontou, através do riacho, para uma distância encoberta por vegetação.

Levantei-me, de ímpeto, fui para junto dela que, de olhos fechados, mãos atrás da cabeça, a rede sempre oscilando, disfarçava o sorriso.

— Mas, e se chover, como é que vais transitar pela lama nas horas das refeições?

— Assim que uma das Kalmar me contou que na véspera haviam matado uma urutu no terreiro escolhi imediatamente a casa delas para esta temporada. Aliás, será somente para de noite. Não te aflijas. De dia estaremos juntos realizando passeios. E, escuta: trata, de noite, de fechar a janela do teu quarto ou então de não acender luz. Estás ouvindo, Jorge? Amuaste, Jorge? Não respondes, Jorge?

— A Lambeth é que termina sempre as frases perguntando: “Não achas, Jorge? Ouviste, Jorge? Não é mesmo, Jorge?”...

Renata escancarou os olhos, fitou-me bastante, pulou para fora da rede, enveredou para a pontezinha, caminhando com as mãos juntas, nas costas.

Continuei na minha rede, cruzei as mãos sobre o peito, fechei os olhos; mas logo os reabri. Renata estava parada no centro da ponte, olhando para as águas. Levantei-me, corri para lá, apoiei-me na “balaustrada” de cipó, fiquei a observar o leito do córrego, cheio de areia fulva e de seixos cristalinos. Que doce sussurro! Lajes, troncos e raízes desviavam a correnteza, amansavam-na, formavam remansos em dados trechos. Renata prosseguiu; acompanhei-a. Vimo-nos numa rampa gramada, cheia de pereiras despidas, os galhos em varas. Dir-se-ia que tinham sido borrifadas de cinza. A relva, com lajes aqui e acolá, era cortada por sulcos por onde desciam regos de água, estreitos arroios, tudo cantando. Pinheiros

com seus galhos que nem asas fechavam a esplanada. O sol enchia aquilo tudo de fulgor. Um esquadrão de marrecos seguia em diagonal. Quatro gansos, como oficiais, faziam estardalhaço como dando ordens de manobra. E, de todas as bandas, sussurros, estribilhos e rimas de água. Nossos pés pisavam folhas farfalhantes. Renata cortou uma vareta, agitou-a no ar, ameaçando-me, começou a fustigar um arroio cuja água espadanava.

Os pinheiros formavam profunda alameda. Chegamos a uma espécie de paliçada que uma porteira fechava, passamos rente a um telheiro onde uma carroça, utensílios de lavoura, um trator, uma charrua, pareciam o desenho colorido da primeira caixa de chocolate que me foi dada de presente na infância. Depois, o paiol, a estrebaria e o curral. E então se abriu diante de nós, no pomar, um caminho reto, profundo, cuja perspectiva mostrava o chão, o céu, fumaças de chaminés, telhados de residências marginais, tufo de plantações e a fibrilação do ar. Ao lado direito se adivinhava o percurso do riacho.

Metemo-nos por ali adiante. Renata calada, mastigando uma pétala que colhera; eu apreensivo, mas confiante, pensando comigo: “Zangou-se com essa história da Lambeth; decerto vai para o seu aposento na casa dessas tais Kalmar”.

E, de fato; prosseguimos, sentindo o riacho à direita e a lavoura à esquerda, a todo instante interrompida por terrenos com casas. Na quarta ou quinta, Renata virou dando um uivo mais tirolês do que caiapó. Cancela, trepadeira, criação, um cachorro dócil, uma varanda, cortinas nas duas janelas. E logo, como fascinadas, surgiram duas velhas saídas não de ilustrações dos contos de Andersen ou dos irmãos Grimm, mas telas de Bosch: seres humanos retorcidos, com bochechas reentrantes, queixos coriáceos, narizes de sibilas, rugas de sibilas, e metidas em antiquíssimas roupagens das dinastias Rurik e Oleg.

E, ronronando, esfregando as mãos, sorrindo por entre gengivas roxas, vieram ao encontro de Renata como se esta fosse a princesa Helga ou a rainha Heira; e tão respeitosas para comigo como se eu fosse Olavo ou Ragnar.

Renata não me apresentou sequer, sentando-se num banco da varanda, enquanto uma das velhas foi fazer café e a outra foi buscar uma garrafinha de licor que nos serviu. A verdade é que daí a pouco as velhas falavam e Renata fingia entendê-las e até respondia, aquelas e esta numa algaravia fanhosa. Eu olhava lá para dentro, não compreendia como era que Renata tivera a coragem de hospedar-se ali. Ela reparava e compreendia a minha decepção, olhava-me com um triunfo zombeteiro, gabava as flores, as galinhas, o café, o licor de nêspira.

Um quarto de hora depois, saímos. Na ponte, parando a contemplar a serra violácea batida de sol, Renata dignou-se dizer-me:

— Ora, muito bem. Se falares mais uma única vez nessa tal Lambeth te entrego àquelas velhas antropófagas.

— Mas não são tão boas... Tão hediondamente feias mas... tão avós!

— Pois sim. Foram velhas destas que “eles” levaram da Uppsala para Bizâncio, Novgorod, Kiev e Pskov para envenenar os Jorges petulantes daquelas bandas e épocas!

— Está bem. Nunca mais falo na Lambeth. Mas tens coragem de dormir com estas bruxas e deixar-me acolá no casarão mal-assombrado? — Desamarramos as redes, subimos para o terreiro, eu as levando nos ombros como um pescador, já agora ambos indiferentes a qualquer curiosidade porque na tarde gloriosa, azul, verde e dourada, o terreiro, o porão, a escada, o corredor, tudo tinha riqueza de luz e sombra mas nem sequer uma alma viva a não ser nós.

Renata entrou na primeira porta do corredor, logo depois da escada; eu fiquei parado com as redes nos ombros, vendo lá dentro sua mala, cama, o armário com o espelho, duas cadeiras, uma mesinha. Mas Renata voltou, me tomou as redes, fechou a porta, e eu fui para o meu quarto, furioso, por haver acreditado naquela invenção de aposento no tugúrio das Kalmar.

(Tomamos conta do casarão e do terreiro. Lá embaixo e dos lados, onde os pomares e as lavouras se sucediam, trabalhava e residia a colônia finlandesa, cujo único representante visível era a

criada que durante algumas horas, dentro de estrito anonimato e sorridente silêncio, nos servia o café, o almoço, o chá e o jantar após varrer e pôr em ordem os cômodos. Incumbir-se-ia, inclusive, de receber a conta quando nos fôssemos embora. Mas quanto às gorjetas semanais teria escrúpulos e cerimônias, admitindo-as apenas como um gradual brasileiro.)

Distraidamente nos erguemos, fomos rodear o passeio de cimento que marginava o casarão. Renata largou os livros em cima dum peitoril. Quando reparamos estávamos seguindo pela margem dum rio cheio de pedras e espumas, de mato e areia.

Sentamo-nos numa laje, por cima da correnteza, e sob aquele vozerio bucólico começamos a discutir e a organizar o método e o enredo.

Já o sol descambava quando, por tão linda estrada rente ao rio, vagarosamente começamos a idealizar como haveríamos de passar aqueles dias ali em Camapuã. Banhos, onde houvesse cachoeiras. Passeios a cavalo. Excursões pelas matas. Visitas ao parque Nacional. Escalada aos píncaros. Fotografias. Conversas sobre as nossas vidas. Sim, como era que eu queria escrever um livro nosso se afinal de contas Paineiras, Jacarepaguá, Barra da Tijuca, avenida Niemeyer, Paquetá, Copacabana, Petrópolis, cinemas, telefonemas, tudo isso era o presente apenas? Certo, tínhamos que saber bem um do outro, para assim formarmos uma atmosfera de analogia, de afinidade.

Voltamos para a fazenda já na hora do crepúsculo. Jantamos juntos numa das pontas da grande mesa. Renata na cabeceira nos servindo; eu, ao lado. Quando acabamos, a escuridão lá fora era de breu. Somente no céu as constelações pareciam vidro moído, refulgente. Ouvimos os três discos. Depois, sob a lâmpada muito fraca, exploramos algumas folhas dos cinco livros medievais. A seguir, pus em cima da mesa a ficha do meu segundo romance, começamos a escrever numa folha de papel os títulos, a súpula de cada capítulo e um esboço de itinerário. Em breve, porém, alterávamos tudo, revirávamos os fatos, as situações, procurando um desfecho nunca atingido, até que me veio um nexos que expus com entusiasmo. Ela, sorridente, ouvia, concordava. Então tomamos

nota, riscamos coisas, emendamos apontamentos, fizemos um resumo que fomos cortando, sintetizando num cartãozinho onde a letra de Renata traçou oito linhas constituindo o soclo, o pedestal, a base, o fuste, o capitel, a arquitrave, o friso e a cornija; enfim, todo o entablamento. Combinamos que todos os dias, após troca de opiniões, sedimentaríamos o assunto total, reescrevendo-o em outro papelucho, pois era evidente que isso de romance tinha muito de gestação, sua morfologia evoluindo gradualmente.

Por volta das nove horas da noite, a luz piscou três vezes.

— É o aviso, Jorge, é o aviso! — disse Renata apanhando a papelada, guardando-a depressa na minha pasta, ajuntando os livros.

— O aviso de quê?...

— De que a luz vai apagar. Aqui só tem luz elétrica até às nove horas. Dão o sinal cinco minutos antes... — Olhou para o corredor, percebeu que o meu quarto estava aceso; então perguntou: — Tua vidraça está fechada?

— Está aberta. Por quê? — Olhei para o meu quarto, vi luz pela bandeira da porta. — Homessa, meu quarto aceso!

— A instalação não tem comutadores. Às seis e meia a luz se acende nas lâmpadas que não estão distorcidas e às nove horas a luz se apaga sozinha. Mas, teu quarto está com a vidraça aberta? Credo, Jorge!

— Por quê?

— Pois podes estar certo de que o teu quarto só falta andar sozinho...

Enquanto Renata dava uma risada, corri para o meu quarto. De fato. Na cama, no assoalho, nas paredes, no peitoril, na mesinha, no travesseiro, zumbiam motores microscópicos, negrejantes, luzidios, aerodinâmicos, cheios de antenas vibráteis. Dei em agarrá-los, logo os largando, apavorado. Renata apareceu na porta. Puxei cautelosamente a colcha, fui sacudi-la do lado de fora da janela. Peguei no travesseiro, bati-o várias vezes de encontro ao peitoril. Em dado momento olhei outra vez para a porta. Renata não se achava mais ali. Não tardou a reaparecer, porém. Trazia uma vassoura que fora buscar lá na copa. E deu em varrer meu quarto, amontoando

aquele enxame, enquanto ria como criança. Com os livros fazíamos pás, íamos entornando pela janela abaixo punhados e mais punhados de besouros. Só restavam alguns, dispersos. Mas outros entravam pela janela. Outros, ou os mesmos. Fechei a vidraça, dei em apanhar os últimos, aqui e acolá, na mesa, no assoalho, na cama, no peitoril.

Nisto a luz começou a esmaecer, muito amarelenta, até que sumiu. E o casarão ficou imerso em treva. Renata largou a vassoura na minha mão, correu para o seu quarto. Então peguei no chapéu onde antes estivera jogando o resto dos besouros, soergui um pouco a vidraça, sacudi tudo fora, tornei a fechar e, tateando, fui ter à mesinha e acendi a vela.

Noite plácida. Grilos, perto. Sapos ao longe. Estrelas. Sombras compactas. Sentei-me no peitoril, resguardado por um casaco de camurça, assobiei baixinho o começo do *Largo* de Händel. Renata daí a instantes, se sentava também lá no peitoril da sua janela com os ombros agasalhados.

— Como vai, Dobaré? Está bonzinho? Como vai passando?...

Olhava para mim, para o terreiro, para a amplidão, mostrava-me as estrelas, entortava o rosto a ouvir os grilos e os sapos, sorria. E seu olhar tinha um fulgor que era dos sentidos e da alma, e não apenas um reflexo daquele vidro moído lá em cima.

Nove e um quarto foi a hora que vi no meu relógio quando apaguei a vela. Agora, sentado ali no peitoril, se fosse piloto poderia de vez em quando calcular o tempo pela rotação dos astros que por cima da escuridão absoluta tinham uma nitidez como jamais vira em nenhuma outra noite na minha vida. (Só anos depois, nas margens do Araguaia, eu veria quase em relevo na chapa negrejante da noite côncava centenas de constelações me contemplarem dizendo silenciosamente seus nomes solenes: Libra, Scorpio, Hydra, Capricornus, Sextans, Centaurus, Crux.)

Velamos a noite e velamos nossas presenças esculpidas em sombra, ambos postados ali naquelas duas janelas até quase de madrugada, em contemplação recíproca.

Comandira entoava canções de embalo das índias do Pará, com a cabeça bem para trás apoiada na esquadria da janela, o queixo

oval emergindo da sombra, os ombros numa atitude plácida, as mãos no colo, seus olhos tendo às vezes um luaceiro, outras vezes ficando opacos, como órbitas vazias de esculturas antiquíssimas.

Diz-me que o meu romance, tanto na parte autobiográfica como na parte lírica, não deve ser absolutamente um hino de euforia, e sim uma apresentação humana das contingências do destino. Que não deve ser uma história de duas vontades de amor se realizando na acepção comum, pois em tal caso já não seria romance, mas tão só biografia de dois seres pertinazes e teóricos. Que devo escrever um livro a respeito do estorvo que obstrui a passagem para a felicidade. Ou os dois seres se estraçalham ao tentar transpor a circunvalação que rodeia o burgo, ou se detêm na fronteira da abnegação.

Nós, por exemplo, ali estávamos como telas, cada qual na sua moldura. Se continuássemos sempre como telas emolduradas seríamos meras abstrações românticas. Logo, tínhamos, como criaturas humanas, que possuir vida. Para isso se nos ofereciam duas opções; ou sairmos pelas portas, sem quaisquer problemas, ou nos jogarmos daquelas janelas abaixo, com o mesmo intuito. E por que motivo era que não tentávamos uma das duas soluções, a fácil, ou a difícil? Porque sabíamos que as portas e as janelas tinham grades... Rijas traves temperadas e batidas na bigorna e no fogo da consciência.

Eu perguntava à noite, à amplidão, a mim e a ela própria, se aqueles que se amam e não têm coragem de romper com as amarras seriam desfibrados ou heróis.

Ela permanecia séria, banhada de fulgor e de treva, raciocinando em silêncio. Friagem na noite, no terreiro, na parede de quinze janelas, treze fechadas, surdas, e duas abertas, misteriosas, consultando os astros. Renata despediu-se estendendo o braço. Depois sumiu, abaixando a vidraça. Esperei ainda um pouco, e me estirei na cama.

Levantei-me cedo. Meia hora depois fui falar com a senhora Aimó, pedi-lhe que nos arranjasse dois cavalos com boas selas.

Renata, que cuidei ainda em seu quarto, de repente surgiu das bandas da cozinha, entrou na sala trazendo uma bandeja com um

pequeno almoço e me explicou ter sido feito por ela. Não um *petit déjeuner* cosmopolita, mas algo bem à maneira do norte, no gênero maizena, ovos, leite e açúcar. Assistiu à minha refeição, só compartilhando do café.

Falei-lhe do nosso passeio a cavalo. Entusiasmou-se, disse que seria bom já irmos ela de *maillot* sob a roupa e eu de calção de banho. Corremos cada qual para o respectivo quarto.

Depois dum percurso até Itaoca, entramos no trecho conservado pelas turmas do parque Nacional, e então Renata se soergueu um pouco sobre os estribos, fustigou e esporeou o animal que saiu em disparada num galope vertiginoso. Fiz o mesmo. Lado a lado, em retas, curvas, rampas, ao longo de troncos, taludes, barrancos, cercas e abismos, passamos em velocidade, os cavalos briosos ficando daí a uns vinte minutos com escuma nos peitorais.

Sofreamos os animais e prosseguimos devagar, conversando e ouvindo o ruído dum rio invisível ao fundo do vale que marginava a serra. Ao cabo de meia hora de marcha chegamos a uma ponte. Já desde muito tempo antes vinha até nós aquele bramir agradável que emerge das cachoeiras escondidas. E agora víamos por baixo e depois da ponte o rio se despejando em três quedas, seu jato permanente e translúcido escavando paredões graníticos ladeados por uma flora exuberante.

Um preto calceteiro segurou nossos animais, e amarrou as rédeas em dois troncos próximos, explicando onde era a descida e recomendando cuidado. Daí a instantes descíamos uma escadinha de madeira dando para o mato. Por um atalho alcançamos a segunda escada desmantelada sob um dossel de folhagens e tivemos que nos agarrar a troncos, dar pulos, firmar bem os pés, ainda assim escorregando no barro liso, no musgo traiçoeiro e nas folhas emboloradas.

Descíamos por entre túneis de galharia e por entre lajes, ouvindo a cachoeira arfar numa orquestração contínua. Renata ria, amparava-se em mim, abaixava-se, equilibrava-se, segurando cipós. Por fim chegamos a uma pedra imensa que avançava por sobre a cachoeira como um bastidor maciço. Cautelosamente nos aproximamos olhando para a golfada da lâmina que se despejava

com alarido. Lá embaixo havia uma verdadeira piscina natural rodeada de árvores que assistiam, inclinadas. E da borda desse bojo a água se despejava como jade líquido em cortina indo cair em outra represa clara. O espetáculo plástico da água, sua beleza dinâmica, sua flexuosidade ao mesmo tempo garbosa e indolente, veloz e lânguida, assumiam efeitos magníficos que atraíam por causa do perigo, do espetáculo de libertação contínua alcançada só através da luta e do arremesso.

Renata sentou-se na pedra, ficou admirando o cenário. E eu, em pé, virando-me para todos os lados, contemplava a floresta e o céu, as pedras e a cachoeira, Renata e a serra.

Tratamos de descer mais, pelo atalho da margem em declive abrupto, agarrando-nos a liames, troncos e arestas, até chegarmos quase ao nível da superfície da piscina. Então, mais que depressa, Renata se sentou na pedra batida de sol, e estendeu as pernas, mostrando as botas que lhe puxei caindo quase quando as duas, esvaziadas e ocas, me ficaram nas mãos.

— Jorge, tapa o rosto. Mais! Vira-te para a mata!

Resisti à ordem terminante. Acabei obedecendo.

— Pronto!

Tiro as mãos do rosto, abro os olhos, não a vejo. Espio em volta, pois não ouvi ruído nenhum de mergulho, e nisto dou com ela saindo duma espécie de nicho ou caramanchão, só de *maillot*. Corro para a espécie de gruta rasa onde vejo suas botas, sua roupa; e ressurjo hediondamente, de calções, como um naufrago prévio.

Renata aproxima-se da beirada, estuda bem o fundo permeável, verifica que podemos mergulhar sem perigo. Recua, volta a correr e atira-se. Vejo seu corpo trigueiro e esguio soltar-se da rocha, fender a superfície, emergir longe, com a cabeleira se abrindo. Lá do centro ondulante ela me apupa, seus olhos e seus dentes brilham. Enquanto me espera, sua desenvoltura me atíça e me chama.

Corro, atiro-me no ar, dou uma volta em arco, estendo as mãos, vejo a água subir enviesadamente, mergulho de olhos abertos perscrutando primeiro um fulgor macio e mole, depois um recesso baço e por fim opaco. Subo e me vejo perto de Renata que foge rindo. Juntos nos aproximamos do jato cuja parte central nos

esbordea os ombros e nos vence. Vista dali, a paisagem parece coisa muito diferente. Nós também como que adquirimos outra vitalidade que se infiltra em nós vindo dum panteísmo antiquíssimo e do qual nos lembramos como duma mensagem desde muito esquecida. Tomados de júbilo afoito, começamos a rir, a gesticular, e depois nos atiramos em tudo quanto é direção, nadando, mergulhando, emergindo, procurando-nos, abraçando-nos, até que Renata, índia legítima, se distende como um fuso, com as mãos esticadas em ogiva, desce ao sabor da correnteza e se entorna, luzidia e flexuosa, pelo rebordo da piscina abaixo, sumindo...

Lanço-me na sua direção; sinto-me sorvido por leis indomáveis, e meu corpo se amolda à água; despenco, não num precipício, mas entre bainhas fofas. E de súbito me vejo no centro dum redemoinho irisado de bolhas, espumas e fulgores. Subo radiante, respirando forte como através de brânquias, numa sensação híbrida e anfíbia, sacudo a cabeça, escancaro os olhos e vejo o corpo de Renata sumindo e irrompendo uma porção de vezes, em sucessivas metamorfoses de oréade e dríade.

Depois, de comum e tácito acordo, corremos para a margem, subimos pelo atalho, entre troncos e lajes, chegamos outra vez ao jorro da cachoeira e nos atiramos juntos, logo nos soltando assim que varamos o bojo ressoante e translúcido, para depois nos procurarmos aos repelões por entre risadas.

Vinte dias e vinte noites de altitude, num mundo de rampas verdes e de águas sussurrantes.

Às vezes ficávamos estirados no terreiro, entre as árvores, diante da pasta aberta, folheando as seis únicas páginas do romance, como três folhas apanhadas duma árvore e postas num avental, discutindo-as e programando-as. Outras vezes em plena mata depois do almoço numa observação itinerante e minuciosa da natureza, integrando-nos em seu mistério. Ou a cavalo pelas estradas e campinas, ora vagarosamente, bem juntos, postos sempre no primeiro plano duma perspectiva estereoscópica; ora em disparada frenética, fugindo um do outro ou em perseguição. Renata a gritar o meu nome lá de longe, e eu a ouvi-lo em ecos dentro de mim, como golpes firmando a minha individualidade.

De noite, naqueles dois peitoris, os corpos como estátuas resguardando as almas em vigília e em vigilância, sofrendo a atuação de leis ignotas, anulando em cilício a liberdade de cada dia, desinserindo o contato das horas diurnas. Era como se de dia estivéssemos livres mas de noite separados em dois cômodos de senzala, como prisioneiros submissos.

Não tardou que aquele júbilo dionisíaco de Renata se embaçasse num atarantamento precavido. Sempre, à hora em que o crepúsculo era uma espécie de aviso gutural, ela se transformava. Depois do jantar, tomava-se duma loquacidade estratégica, ali naquela mesa sob a luz frouxa. Então falava muito da infância e da adolescência, a sua voz tomando acentos melancólicos. Assim que a luz piscava três vezes, sua fisionomia se opacificava. Íamos pelo corredor. Eu me apoiava no corrimão da escada, ela se apoiava na sua porta, dizíamos qual o provável programa da manhã seguinte, o passeio, a excursão. A luz esmaecia, vinha a treva. Eu me jogava em seus braços, beijava-a, ela se desvencilhava, fugia para o quarto, fechava-o. Daí a minutos estávamos cada qual no seu peitoril. Mas certa noite ela não apareceu na janela. Bati na parede, com os dedos em nós, começamos uma espécie de código Morse, num diálogo de percussão.

Minha contingência de homem me obrigava a devaneios misteriosos, confusos, enquanto a imaginava do outro lado da parede, deitada imóvel, ela que durante o dia era vivacidade e triunfo.

Dei em notar discreta preocupação em seus olhos e nos traços da sua fisionomia. Estirados na relva vendo a mata no plano em declive e ouvindo a harmonia gárrula da água descendo por toda parte, já não tínhamos a desenvoltura de dias antes. Quando na rede, ela encobria o rosto com uma écharpe e cantava coisas de embalo, ou ficava a olhar para as cambaxirras que meio ariscas vinham vasculhar o tapete de poalha de estames de pistilos.

— Vamos andar a cavalo?

E daí a pouco éramos dois viajantes simétricos rente a barrancos e paredões, indo à pressa para uma distância ilimitada, fugindo de qualquer coisa ou indo verificar qualquer dúvida

longínqua. Bonita, elegante, muito esbelta e expedita, Renata readquiria o júbilo, recuperava o ânimo ante o sortilégio da mata.

Mas o crepúsculo nos trazia como um capataz carrancudo. Ali na mesa comíamos calados, e ali nos quedávamos, como no parlatório dum cenóbio.

Piscar de lâmpada amarelenta. Corredor. Portas. Tábuas. Uma vidraça rente à escada. Grudávamos o rosto no vidro, víamos para lá da treva de breu a história sintética e trágica das constelações que seguem distantes milhares de anos-luz umas das outras. A luz se apagava. Renata pendia a cabeça em meu ombro, cerrava minhas espáduas com os braços tensos, dizia meu nome bem no meu ouvido, como um apelo distante, mas me repelia ante o menor indício de conluio instintivo ou consciente.

E as noites passaram a ser a contrafação atroz e irônica dos dias. Meu quarto era masmorra. Não adiantava eu percutir a parede. Renata não respondia, decerto com os olhos voltados na direção do código crispante, permanecendo acolá, do outro lado, transida, pagando com o castigo da treva e da vigília o preço do dia claro e livre. Já na segunda semana arquivávamos o romance reduzido a seis folhas.

Voltamos no vigésimo dia à cachoeira. Vez alguma faláramos em ir embora. Jamais estatuíramos um prazo para aquela amostra de felicidade. Nessa tarde, porém, estirada na pedra, com metade do corpo dentro d'água, como náufraga num litoral de penhas, ela disse quão inefável seria vivermos longe das cidades, ignorando tudo, ignorando até mesmo um certo travo interno, da alma, da consciência, e podendo atingir uma veracidade consciente e voluntária de vida, anuindo ao apelo certo do instinto.

Olhou-me, puxou-me para a água. Nadamos; e ali no centro reboante, como num sorvedouro, nadando agora dum modo esquisito, em pé, com os joelhos em hélice, me puxou por sobre si, me abraçou com um vigor convulso, beijando-me o rosto e os cabelos. Perdi o equilíbrio, afundei, bebi água, emergi, ansioso e sufocado, quis desvencilhar-me um pouco, mas Renata não deixava... E de repente fomos aspirados pela correnteza, vimos na borda da piscina o flanco vertical da penha lisa por onde a cortina da

água descia, tombamos, e, não conseguindo deter o impulso que nos levava, rolando, bracejando entre espumas e sulcos, fomos sair lá embaixo na margem estreita, afugentando uma vaca, novilhas e bezerros que bebiam.

E ela ria dum modo frenético, pelo atalho acima, até que, alguns minutos depois, se vestia, incisiva, com a fisionomia reluzente, e subia em direção à ponte, cantando, balançando-se em cipós, atirando-se, suspensa, do ar para os degraus da escada. Depois montou a cavalo, fustigou o animal e fugiu gritando o meu nome. E eu a via em disparada, contornando curvas, fustigando o ar, distanciar-se cada vez mais de mim. Quando a alcancei, ambos ofegando, ela me olhou de modo penetrante, como a censurar qualquer coisa.

No terreiro, desceu, entregou-me as rédeas, subiu. Fiquei a andar pelo porão, pelo corredor, depois voltei ao terreiro. Não ouvi o menor sinal de movimento no seu quarto. Quando o sino tocou para o jantar ela surgiu, natural, comeu com apetite, serviu-me várias vezes, conversou sobre música, falou sobre o mundo distante, tia Noêmia, Carmem, política, e perguntou que dia era.

Nenhum de nós parecia saber.

Quando a luz apagou não nos levantamos logo da mesa. Ficamos ali em silêncio.

— Jorge, estou com medo de mim...

Soerguemo-nos ao mesmo tempo. Abracei-a em plena escuridão: diante da minha porta parei e a abri rodando a maçaneta.

A vidraça era um livor tênue. Renata e eu entramos. Ela desvencilhou-se, correu para a janela, ergueu o vidro e, muito lépida, sentou no peitoril, chamando-me como a dizer que fizesse a mesma coisa. Obedeci. Passei o braço por seu ombro, puxei-lhe a cabeça de encontro à minha. Ela começou a dizer o meu nome envolvendo-o em adjetivos cálidos, dum lirismo tenso. Esfregava a face no meu rosto, aproximava dos meus olhos os seus olhos; e então nascia ali, para ambos, um misterioso mundo de fulgores, em turbilhão, como um vórtice visto por duas fendas. Renata soltou-se de mim, pulou para o lado de dentro, fugiu. Alcancei-a já na sua

porta. Nossas mãos lutaram umas por cima das outras, ela querendo rodar a maçaneta, eu fazendo tudo para evitar.

Por fim ela tirou as mãos da maçaneta, segurou meus ombros e disse, sacudindo-me com dulçor inefável:

— Jorge, amanhã vamos embora. Já pedi a conta à criada. Ficou de trazê-la na hora do café, amanhã cedo. Duas notas separadas. A minha e a tua. Até quando teremos que fingir, mesmo em cafundós como este?

Notou minha surpresa que procurou amainar (ou, quem sabe? centuplicar) acrescentando:

— E... como despedida vamos passar parte da noite debaixo das mangueiras; tem feito muito calor. Em todo o caso, vai pegar a tua capa enquanto eu entro.

Quando reaparei no corredor junto ao corrimão da escada, o seu quarto estava fechado.

Teria ela descido, visto eu haver demorado um pouco? Passou-se mais de meia hora.

Resolvi descer, certificar-me.

O porão era um açude de treva, apenas na parte por onde eu descera havendo um halo discreto de escotilha. A porta estava fechada com o ferrolho e a tranca. Subi cautelosamente. Tomado de ânsia e ao mesmo tempo de respeito quis e não ousei bater no quarto de Renata. Enveredei para o meu, fui para a janela, sussurrei uns compassos do *Largo* de Händel, esperei, entrei, bati na parede. Nada... Insisti. Por fim fui para a escada, sentei-me a fumar no degrau de cima, sofrendo uma porção de impulsos.

Três vezes acendi um fósforo para ver as horas. Nove e vinte. Dez e um quarto. Onze. Comecei a sentir frio. Coloquei a capa atravessada nos ombros, fiquei a observar o retângulo da porta ali em cima, e a vasa de treva no porão aonde ia ter aquela escada como degraus dum cais.

Pela quarta vez acendi um fósforo. Onze e vinte. Nisto vejo uma fímbria de luz debaixo da porta do primeiro quarto; ouço passos. E ruídos. Até que a porta se abriu e Renata apareceu com a capa nos ombros. Viu-me logo, pois a luz da vela do quarto iluminou o corredor.

— Já arrumei tudo. Amanhã vamos embora.

— Mas, Renata?... Deixaste-me aqui desde as nove horas!...

Ela sorriu pedindo perdão. Foi apagar a vela e voltou. Descemos a escada. Eu soergui a tranca; ela moveu o ferrolho.

Estridor esfarelado de grilos; vislumbre fosforescente de vaga-lumes. O terreiro ermo como um claustro. A rotunda das oito mangueiras parecendo cenário maeterlinckeano. O riozinho, sob a ponte, incutindo calafrios em nossos nervos.

Quando chegamos perto das mangueiras fiz menção de voltar, exclamando:

— Esquecemos as redes.

Renata segurou-me, detendo-me, enquanto ao mesmo tempo se deitava naquele chão farfalhante. Abraçamo-nos, beijamo-nos. E, estirados, nos amamos em plena escuridão.

E isso até o canto dum galo provocar a resposta dum segundo; então, avisada, a aurora surgiu ao longe por trás da bocaina; antes que o terceiro galo redarguisse, Renata, emergindo do chão com pétalas, estames e pistilos grudados no corpo moreno e nos cabelos desfeitos, me desafiou:

— Um... dois... três!

Corremos e nos atiramos no arroio, cujas águas nossos instintos transformaram em lavas. Mergulhamos, saindo juntos do lado oposto, com os pés, as pernas, os ombros cintilando de areia pois o sol já subia; tão grande testemunha que seu diâmetro abarcava a estação de Itatiaia, na banda leste. Quando paramos ofegantes na bossagem do porão, Renata sussurrou, tiritando:

— Volta, Jorge. Vai buscar nossas roupas.

Tanto na ida como na volta, me senti ridículo por fora e sublime por dentro. Galguei a escada. A porta do primeiro quarto se entreabriu o suficiente para mostrar Comandira que me chamava.

II

Só viajamos para o Rio daí a quatro dias. Chegamos num cálido anoitecer à estação da praia Formosa, naquele tempo ponto terminal provisório por causa das obras em Pedro II. Ali na antiga estação, como sempre um pardieiro, esperamos que um motorista de táxi arrumasse nossas malas.

Ponte dos Marinheiros, Mangue, palmeiras, casarões, praça 11, Campo de Sant'Ana, rua Larga, Itamarati. Uruguaiana, largo da Carioca, Senador Dantas, Monroe, Benjamim Constant, Russell, Flamengo, Curva da Amendoeira, praia de Botafogo, túnel Novo, Barata Ribeiro.

Renata, mais morena, mais queimada de sol, porém menos loquaz. Algumas quadras antes da sua rua, beija-me no ouvido e sussurra:

— Hás de perdoar-me estas últimas noites em Camapuã. E quero que as esqueças para sempre.

— Impossível.

— Nunca mais se repetirão. A não ser que a minha vida se transforme por completo.

— Há de transformar-se.

Olha-me, querendo crer, mas sem encontrar probabilidades. Faço o táxi parar a dez metros da sua esquina. Enquanto o motorista desce a mala maior e a valise, ela ainda balbucia:

— Proibido terminantemente fazer qualquer referência.

— À nossa temporada em Camapuã? Ninguém saberá onde estive.

— Não. Mesmo entre nós, qualquer alusão a estas noites.

— Está bem. — O motorista acompanha-a com as malas.

Nos dias seguintes sua voz ao telefone traía dédalos de evasivas. Levou duas semanas sem sair comigo. Certa noite, para lá da avenida Niemeyer e da Gávea Pequena, em São Caetano, na

praia repleta de bramidos e trevas, tornou a entregar-se. Mas no regresso se fechava em mutismos de raciocínios atrozes, mandando que eu apressasse a velocidade do Stutz.

Ao largá-la em Copacabana, a última vez, declarei:

— Estou pronto a fazer quanto quiseres. Desde o ato mais corajoso até à renúncia mais absurda.

— Ajuda-me, Jorge, nos meus problemas...

Vida intensiva. Manhãs no hospital São Cosme, tardes no Caduceu. Noites e madrugadas redigindo o texto do romance. Renata pelo telefone, ou em passeio na represa do Tatu e na Mesa do Imperador, a exigir emendas, a reagir contra o tamanho do livro.

Meses e meses de clínica radiológica e de artesanato literário. Renata descobria bons programas de cinema para fazer-me descansar. Certas tardes escapulia para o bar do Glória a fim de debater um capítulo ou ouvir minha opinião sobre um vestido, um chapéu, umas luvas. Levava-me uma lata de Half and Half, recebia discos, revistas, perfumes. Todas as manhãs na praia aguardava a minha passagem para o hospital. De longe eu lhe adivinhava o perfil no Posto 5. Ao meio-dia saudava-me com o *Largo* de Händel, que eu ouvia fechado na câmara escura. Suas conversas tinham duas pautas: ou alegria dionisíaca, cheia de comentários vivazes e risadas cristalinas; ou um registro gutural de problemas domésticos.

Durante três meses examinou pericialmente o texto datilografado do meu romance, devastando capítulos, riscando com lápis vermelhos períodos e mais períodos, só de raro em raro traçando vincos azuis de *nihil obstat*. E ria dos avatares a que era submetida como personagem. O desenlace custou discussões intermináveis. Uma noite, no restaurante do Joá discorreu sobre o livro com admirável sabedoria analítica. Estava satisfeita, fazia questão de que fosse publicado logo.

Entreguei-o ao editor. Tarefa monótona de revisão. Renata tinha sempre um trecho a alterar.

Evocávamos o Camapuã, a fazenda, as matas, os rios, as cachoeiras, os passeios, as horas no peitoril das janelas, nas redes, os besouros, a escuridão, o Morse através da parede, a voracidade

com que comíamos mangas e laranjas. E como Renata ria ao evocar tudo! Só não aludia às últimas noites em Camapuã — assunto tabu.

Porém as reconstituíamos intensamente em Petrópolis e nas Paineiras.

O interesse imediato, agora, era a publicação do livro. Certa manhã os jornais apareceram com enormes cabeçalhos: “A ANEXAÇÃO DA ÁUSTRIA”. Tio Rangel recordava seus tempos em Viena imperial, deblaterava contra Dollfuss, invectivava Hitler; apesar de idoso, corcoveava como um bisão querendo desmantelar o congresso nazista de Nurembergue. Mas daí a semanas atirava para longe *O Globo* onde vinha o ultimato de Berlim e Benés, para receber todo radiante um volume do meu romance. Renata recebeu o seu exemplar em papel Alexis. Para isso almoçáramos no Joá, evitando a hipótese de sermos surpreendidos.

Nessa tarde e no dia seguinte ela não deu sinal de vida, e eu por minha vez não pude telefonar-lhe, ocupado em assinar dedicatórias. Só ao anoitecer, de regresso a casa, telefono avisando a minha passagem. Vejo-a do lado de dentro da sala com o livro encostado no rosto. Na manhã seguinte, ao passar pela praia às oito e meia, vejo-a levantar-se da areia com o livro soerguido na mão. Ao meio-dia, após o *Largo* de Händel, ela se manifesta. Lera tudo, estava radiante, achava que eu escrevera um livro vigoroso, afirmou que desejaria ser conforme eu a metamorfoseara em personagem.

— Menos no final, é lógico.

— Principalmente no final, Jorge. É o símbolo da única solução.

— Pelo contrário. Tive que me substituir por um *robot* místico e trágico a fim de despistar fariseus. Mas num futuro livro vou apresentar-te verídica de alma e... de corpo, coisa que por enquanto só aparece em vislumbres.

— Prometes? Bem de corpo e alma, Jorge, como em Camapuã? Acho-me um pouco parecida em teu livro com a personagem de *A Porta Estreita*. Às vezes penso que se eu morresse te daria plena liberdade para me pões exata num livro.

— Julgas então que estás tolhida como aquela personagem de Gide? Mas por que insistes em não transpor a porta estreita?

— Hei de transpô-la um dia, Jorge.

Semanas depois ela se enfurece jocosamente porque a entrevista sensacional de Munique — Chamberlain com seu guarda-chuva, Mussolini fantasiado de ópera, Hitler fardado de motorista e Daladier sorumbático que nem um viúvo — faz as críticas e os artigos assinados sobre o meu livro encolherem-se para um plano secundaríssimo.

Mas até ao Natal de 38 o livro esgota-se. Na noite de 24 de dezembro saio de casa de meus pais logo após o jantar, vou postar-me rente a uma árvore, na sua rua, quase defronte. Ela escancara as janelas, toca bem alto na radiovitrola os oratórios de Haydn, desloca para o centro a arvorezinha de Natal que lhe mandei na véspera. A grande, familiar, está invisível na sala de jantar. Em dada hora, quando a família principia a cear, ela sai para o jardim sorrateiramente, após me fazer sinal; então passo rente ao gradil e recebo um embrulhinho multicolor. Afasto-me depressa, abro. É um segundo cachimbo Plumb. Aperto-o na mão direita, na esquerda, encho-o, acendo-o, vagueio pela calçada, rodeado de volutas, como um boêmio sem lar.

Outro ano. Passeios, cinemas, conversas, evocações de Camapuã, cujas últimas noites se repetem cada vez mais. A política internacional faz locutores de rádio aprimorarem dições estentóricas a respeito da Tchecoslováquia. Renata e eu fugindo do mundo, indo nas tardes propícias rever filmes franceses, conversar à vontade na Barra da Tijuca, nas Paineiras, no Alto da Boa Vista. Até que entramos também nós a deblaterar em uníssono com o Ocidente porque os nazistas invadem a Polônia, irrompe a II Grande Guerra Mundial, tudo se exacerba e nós dois rodopiamos nesse labirinto.

Então prometo a Renata fazer o meu terceiro romance, desde 1914 até agora, inserindo-a no mundo como primavera imerecida, como símbolo deste mundo de cá, poupado, cujos paradigmas o velho continente não merece.

E, de fato, noites adentro, traço capítulos e lhos entrego pessoalmente. Ela, depois, ao telefone, ri, diz que a “matei” no romance anterior e que a vou ressuscitar agora.

— Pois, não te chamas Renata?!...

Nossos espíritos confrangem-se com a nefanda loucura que assola a Europa. A invasão da Dinamarca e da Noruega é um opróbrio demasiado cínico para tio Rangel que pela primeira vez me pede que lhe meça a pressão arterial.

— Rapaz, estou mareado de tanto andar no Atlântico Norte em torpedeiras, encouraçados, aviões e submarinos. Volto-me para Roosevelt. Para Churchill. Acha você que posso ter uma apoplexia, rapaz? Não quero morrer desconfiado de que a civilização vai acabar. Impossível, impossível!... Que inércia é essa, cretina e idiota de Gamelin?! Você acha que posso ter uma embolia, um derrame? Não é amor à vida, rapaz, não é medo da morte, não. Mas não tolero a ideia da derrota das democracias. Você pensa que estou aqui? Estou mas é em Narvik, em Trondheim. Chego a sonhar alto, a agredir fantasmas. A noite passada corcoveei na cama como um possesso, e você sabe que fez Maria Clara? Quis dar-me água de melissa. Essa mulher não para com as suas contumélias. Meça direito a minha pressão, rapaz! Você é médico mesmo, ou foi apelido que lhe botaram?

Quando parecia que a guerra ia confinar-se no Ártico feito um cetáceo a apodrecer no fiorde de Namson, eis que ela vira de bombordo ou de estibordo, sei lá!, e em menos de cinquenta dias jornais e rádios narram o aniquilamento da Holanda, a rendição belga e o tripúdio de mais da metade da França, a linha Maginot se tornando tão inútil e sem préstimo como desde séculos o Coliseu em Roma! Que meses aqueles em meados de 40!

Sempre, ao meio-dia, pelo telefone, após o *Largo* de Händel, Renata e eu trocávamos impressões e expressões de pasmo, surpresa e revolta. Ela já não acreditava em outro Marne sempre adiado. Não confiava em Reynaud, detestava a longanimidade de Gamelin e de Weygand, condoía-se da *guigne* de Giraud.

Esquecemos o nosso hemisfério, transladamo-nos para a Flandres, Charleroi, Antuérpia, assistimos à desagregação do IX Exército em retirada no Mosa.

— Não. Esses nomes de generais começando por B, Billotte, Blanchard, Besson, e outros, não têm o *panache* de nomes como Joffre e Foch.

E até ficava rouca de tanto falar no telefone ou no carro.

Durante três dias não me telefonou nem atendeu quando liguei para a sua casa. Mais tarde explicaria:

— Gripe, da boa. Apanhei na praia aquele tufão de sábado, com chuva e tudo. Não paro de expectorar.

Paris estava cai não cai, quando uma tarde por volta das quatro e meia — pouco antes, portanto, do fim do expediente — Renata aparece pessoalmente no meu gabinete de raios X no Caduceu.

Que surpresa! Que alegria! Ela sorri, deixa-se abraçar, senta-se na beira da mesa, toma das minhas mãos o vespertino cuja *manchette* em letras garrafais é a tragédia de Dunquerque.

Gabo-lhe o perfume, o vestido, o penteado, pergunto-lhe por que razão não telefonou, digo-lhe que por pouco não me encontraria.

Em resposta ela se levanta, inspeciona com interesse a instalação General Electric, para afinal chegar a este aforismo:

— A acupuntura no Oriente, ou esta engrenagem no Ocidente.
— Aproxima-se de mim e explica o motivo da sua vinda: — Ando com um dente aqui me preocupando. Hoje cedo cuspi sangue. Depois do almoço tornei a cuspir vermelho. Ao vir para cá, também.
— Entreabriu a bolsa, fez menção de mostrar o lenço.

— Queres então que eu te radiografe um dente. Mostra-me qual é. Ah! O segundo molar superior esquerdo. A chapinha pega vários. Talvez seja abscesso numa das raízes. Se for tem que ser aberta e obturada direito. Senta-te aqui. Assim; mais de lado. Abre a boca. Que língua!... Que abóbada palatina! Que gengiva! Parecem dum filhote de leoa!...

— E tu, o domador.

Ensinei como devia segurar o filme.

— Imóvel. Pronto. — Levei-o para a câmara escura, tirei-o do invólucro, dependurei-o dentro do revelador. Reapareci e propus: — Depois vamos tomar uns *drinks* no Retiro da Saudade. Está uma tarde tão bonita!

O despertador me chamou à câmara escura. Transferi a película para o fixador após verificar no negatoscópio que não havia abscesso nenhum.

— Com que então é aqui que trabalhas do meio-dia em diante. De manhã, no Cosme Velho. Onde é o telefone?

— Ali dentro. Podes entrar; as banheiras estão tampadas.

Enquanto fingia soerguer o fone me beijou sussurrando uns compassos do *Largo* de Händel. Ao ver na luz a diminuta radiografia exclamou escandalizada:

— Então o meu rosto é assim por dentro? Que horror! Parece a queixada duma caveira.

— Raízes íntegras. Talvez tenhas ferido a gengiva.

— Muito provavelmente. Esta manhã, no pequeno almoço, comi um pêsego-salta-carço. E este, isto é, o carço rugoso, se entalou aqui entre o maxilar e a bochecha. Então está bem. Vamos até o Retiro da Saudade. — Pegou na bolsa e nas luvas. Percebi-a preocupada, com ar de haver mentido.

— Só daqui a pouco. Tenho que ficar de plantão até as cinco. Mais um quarto de hora, apenas.

— Está bem. Aproveita e radiografa-me o coração. Já tens retratos meus de quando eu era pequenina. Alguns, do tempo da juventude e da mocidade. E os que tiraste em Camapuã. Mas não tens nenhum daqui de dentro para a tua coleção.

— Ótima ideia. Entra no vestiário, abaixa o vestido, desnuda bem o busto e põe o avental branco que está dobrado sobre a mesinha.

Obedeceu, muito lépida.

Imobilizei-a com o queixo sobre o chassis trinta por quarenta, arqueei-lhe os braços para fora, ensinei-a a suster a respiração, fi-la ensaiar.

Depois, enquanto ela se sentava na minha cadeira e abria a gaveta da escrivaninha “para saber os meus segredos”, entrei na câmara escura. Lâmina de gelatina emergindo dos écrans reforçadores; estiro-a no caixilho, prendo-lhe as quatro pontas, mergulho-a no tanque de glicina. Dou corda no despertador, tampo a banheira, saio. Surpreendo-a mexendo na Remington.

— Com que então é nesta máquina que datilografas os teus romances, os teus artigos de crítica?

— Não. Na outra, que levei para Camapuã e que fica sempre na minha biblioteca.

— E lá nem sequer a abriste. — Dá uma risada. — Tínhamos muito que fazer... Mas, em compensação...

Nisto levou repentino susto. Na câmara escura o despertador (que geralmente dava apenas dois ou três tinidos) emitiu um gargarejo metálico entre alerta e alarma.

— Com licença, vou passar o filme para o fixador.

Entrei na câmara escura, fechei a porta, destampeei a banheira, ergui o filme. Coração opaco. Diafragma nítido, costelas bem transversais, transparência pleuropulmonar normal. Uma bolha de ar na superfície do filme Kodak, em cima, à esquerda. Enfio outra vez o filme na banheira para que a bolha se desfaça e escorra. Soergo-o. Olho-o na luz antiactínica. Esquisito. Continua no mesmo lugar a imagem redonda, de contorno nítido, na região subclavicular. Será imagem falsa da curva dos arcos costais superiores com a clavícula? Lavo, passo para o fixador. Mas não saio da câmara escura. Daí a pouco Renata bate na porta.

— Estou muito mal? Quando vou morrer?

Entreabro um pouco a porta, faço-lhe uma careta, torno a fechar. Lavo e enxugo cautelosamente as mãos, carrego outra vez o *chassis*, deponho-o em pé na prateleira, abro o tanque do fixador, suspendo o filme, examino-o.

Lá está a imagem. Ela terá passado iodo nas costas? Este filme estará mofado? A emulsão não será antiga? Terá aderido à parede do tanque vertical? Mergulho-o na banheira de água corrente, inclino melhor o negatoscópio, soergo o caixilho. Não há mofo, nem arranhão na película, as duas superfícies estão perfeitas. Então será mesmo o que suponho? Impossível! Clinicamente impossível. Mas... e a voz rouca durante aqueles dias? A expectoração? Escarros de sangue? Ela apanhou o temporal do mês passado na praia, ficou na barraca, a chuva não a deixava fugir para casa... Componho a fisionomia, os gestos, a voz, reapareço fingindo naturalidade.

— Menina, respiraste enquanto eu batia a chapa! Temos que repetir. Expliquei-te tão bem: encher ao máximo os pulmões, reter o ar. Tão fácil. A radiografia se faz num décimo de segundo.

— Sou mesmo uma estabanada. Vamos ver se acerto agora. Mas não deu para ver se tinha alguma coisa?

— Bico calado. Aplica o peito aí nesse pelourinho. Um. Dois. Três. Pronto. Bravos. Podes respirar e vestir-te.

Dez minutos depois eu ainda estava fechado na câmara escura. Do lado de fora, decerto a arranjar-se diante do espelho no vestiário, ela fazia propostas:

— E se fôssemos à represa do Tatu? Não preferes? Larga isso aí, deixa para amanhã. Do contrário só chegamos lá na hora do poente.

— O filme já está fixando. Pensas que só tenho aqui a tua radiografia? Já retirei da água corrente mais de dez e as estou dependurando em ordem.

Um sujeito com labirintite não daria de modo mais cambaleante os três passos que dei na câmara escura. Antes de abrir a porta, recalquei a emoção e recompus a fisionomia. Mas o fiz tão alvarmente que Renata, sentada numa cadeira, apenas disse em tom de apóstrofe:

— Já sei. Basta olhar para a tua cara.

— Filha, aqui assim (contornei com o dedo indicador um disco no meu peito abaixo da clavícula esquerda) apareceu uma imagem... suspeita... anômala... discreta...

— Deixa de reticências, de preparativos. Quero ver.

Arrastou-me para a câmara escura. Soergui o filme de encontro ao negatoscópio aceso, mostrei de relance, e logo o mergulhei na água corrente, outra vez.

— Para que essa pressa? Mostra direito. Aponta onde é. — Obedeci. — Claro que sou leiga. Mas qualquer pessoa por mais estúpida que seja ou mais estupefata que fique, como eu agora, logo vê que isso é uma caverna.

— Não diga absurdos. Um pulmão não se escava duma hora para outra.

Largou-me sozinho, pôs-se a andar pelo espaço existente entre a mesa Victor e as paredes.

— Amanhã cedo te mando a radiografia dentro dum envelope em branco para que ignorem a procedência. Assim que acordares

lava um vidrinho, desses de homeopatia, por exemplo, escarra dentro dele, arrolha-o bem e manda-me pelo portador que te entregar a radiografia. Farei examinar no laboratório do São Cosme. Assim, quando fores de tarde ao médico especialista já levas toda a documentação.

— Vamos embora. Conversaremos no carro. Leva-me para casa.
— Estava séria e lívida.

Fechei o gabinete de raios X. Descemos juntos no elevador que dá para a rua Gonçalves Dias. Ela seguiu pela calçada até o largo da Carioca e enveredou para a muralha do convento de Santo Antônio. Eu, que a seguia a alguns metros, ultrapassei-a, entrei no carro, abri a portinhola do lado oposto.

Entre a rua 13 de Maio e a praça Paris, ela se escondeu apoiando a fronte no meu joelho. Só levantou o busto e se acomodou direito quando íamos pelo Flamengo. Estávamos bem paralelos, e de vez em quando o visor redondo surpreendia nossas faces amaneirando-as como um camafeu. Os perfis dum homem e duma mulher calados. Na curva da Amendoeira ela resolveu:

— Vamos para a represa do Tatu.

Alcansei em alta velocidade a praia do Botafogo, o túnel, a avenida Atlântica. Que beleza de tarde! Carros particulares, ônibus, táxis, arranha-céus, iam ficando para trás. Somente as ilhas persistiam no horizonte retilíneo enquanto Ipanema, Leblon, a avenida Niemeyer me obrigavam a estar atento às curvas do litoral que sempre nos protegera.

A represa do Tatu não oferecia ambiguidades profanas de *drive-in* nem de motel. Quase sempre vazia; até os turistas a ignoravam.

Encalhei o carro entre troncos de amendoeiras e recessos de buganvílias. Sentamo-nos na nossa mesa habitual. O *barman* já sabia: "*Daiquiri*".

Durante o trajeto não trocáramos palavra. Renata não admitiria circunlóquios e menos ainda subterfúgios. O silêncio mútuo durante o percurso nem sequer significava evasivas; era o modo simultâneo de consentirmos que a tarde tão linda (consentirmos ou rogarmos?) extraísse da paisagem anfíbia sempre nossa testemunha, sempre

nosso cenário, um critério sensato de comportamento, uma noção aguda de compromisso e de responsabilidade.

Não trocáramos palavra mas viéramos, ela com a mão esquerda, eu com a mão direita enlaçadas para que os dedos, como signos matemáticos, pudessem resolver mediante soma, multiplicação, diminuição e divisão, ora em cima do meu joelho, ora em cima da ebonite do volante, a incógnita do futuro imediato.

O *barman* trouxe os dois cálices de *daiquiri*. Renata afastou-os para o meu lado e pediu água mineral, mas sem gelo; depois disse:

— Fala-me primeiro daquela imagem.

— Tanto pode ser um círculo como uma circunferência. Opto pela primeira hipótese. Um *reliquat* fibroso, uma cicatriz de antiga pneumonia ou de não diagnosticado pleuris. Quanto à segunda hipótese, isto é, ser uma circunferência, uma vacuolização de tecido pulmonar caseoso, vacuolização essa possibilitada pelos brônquios, o exame de escarro é que esclarecerá.

— Compreendo mais ou menos. Fala-me agora do tratamento.

— Urgirá então murchar esse círculo (se for círculo) fazendo colabar por meio do pneumotórax todo o lobo pulmonar superior. Isso levará de um ano a um ano e meio. — Renata nem sequer pestanejou. — Hoje em dia, há ainda como tratamento complementar os sais de ouro. Ambos os processos têm que ser urgentes, imediatos.

— Imediatos?... Ou quererás dizer crônicos?

— Telefona amanhã para o consultório do Moutinho Nogueira... marcando hora para consulta. Ou, se tua família preferir, escolhe outro médico.

— O que citaste é muito conhecido e famoso.

— Então, repitamos: pneumotórax, sais de ouro, um ano e meio de tratamento.

— Não será preciso sanatório?

— Isso quase não se usa mais. Pertence à Belle Époque. Tratamento a domicílio.

— Falemos agora da nossa situação.

Encarei-a sem falar nada, bebi em dois tragos o conteúdo do primeiro cálice. E, duma vez, esvaziei o segundo. Levantei-me, fui ao

encontro do *barman*, liquidei a conta insignificante.

— Já, tão cedo?

Encontrei Renata instalada no carro, no banco da frente. Sentei-me ao seu lado. Liguei o motor. Mas não fiz mudanças, continuei em ponto morto. Poc, poc, poc, poc. Abaixei a cabeça, apoiei a testa e o queixo no volante que abracei inutilmente agarrando-o com mãos crispadas.

Através dos meus cabelos caídos me chegou ao recesso do labirinto que eu era uma voz próxima porém deformada por incalculável distância:

— Foste leal. Gosto do teu caráter. Não me escondeste a terrível verdade. Conhecemo-nos há nove anos. Sete, de paixão. Dois, de amor total, absoluto.

Perguntei-lhe (e minha voz saiu por entre os cotovelos, as mangas e as lágrimas):

— Por que citas números, anos? Acaso estás fechando uma conta?

Ela ergueu-me a cabeça, intercalou-a entre suas mãos de maneira a voltar o meu rosto para junto dos seus olhos, censurou-me, censurou-se. Eu quis cobrir-lhe as faces com beijos ofegantes. Não deixou, explicando:

— Não sabes que tenho uma infiltração caseo-ulcerosa? — E disfarçando, sorrindo carinhosamente: — Aprecio a tua franqueza para comigo e para contigo. Gostei do modo com que me falaste, fiquei doutora no assunto. Como é que se escrevia antigamente? Tísica. E tinha *ph* também, não tinha? Eu é que vou dizer ao especialista que é que ele tem que fazer. Vamos embora. Tu mesmo declaraste que há urgência, que o tratamento precisa ser imediato.

Nós ambos compreendemos deveras, só então, que iríamos contracenar com o elenco do destino. E que, portanto, o nosso diálogo, neste último percurso que estávamos fazendo juntos, não seria falado mas apenas suposto, assim mais ou menos: “Estás pedindo que eu seja conformado, pusilânime, que te reconduza à tua família, que te restitua ao lar? Está bem, está muitíssimo bem. Pois não”. “Não me vais devolver nem restituir. Temes a ausência, a

separação? Jamais estivemos tão juntos como de agora em diante estaremos, seja qual for a série de transes que depararmos.”

Renata apoiou a fronte e a têmpora em meu pescoço e em meu ombro. Engrenei o câmbio em primeira, mas logo tive que dar marcha a ré por causa dos troncos e da muralha.

Daí a minutos ultrapassávamos a orla dum campo de polo e de golfe. Seguimos pela estrada paralela e rente ao mar, a caminho de São Caetano e do Joá. Na metade do percurso, entre a estrada e o areal erguia-se a cúpula de lona dum circo. Dois postes esticavam cartazes: VENHAM VER AS ESTREPOLIAS DO ELEFANTE ELEUTÉRIO, OS REQUEBROS DO URSO JUVENAL. ASSISTIR AO DRAMA EM TRÊS ATOS “HOLOCAUSTO”. Ante aquela ameaça de retórica, não consentimos que ela nos contaminasse. Fiz manobras a fim de seguirmos para Copacabana. De repente Renata exclamou, apontando para o mar:

— Espia só.

Era o sol. Vermelho, inteiriço, antes de sumir. Descomunal moeda que sozinha compra tudo. Roçava não só o horizonte como também a nossa atenção passiva. Ordenou que enxugássemos as lágrimas. Participou que ia confiar-nos missões, que nos escolhera por saber de que éramos capazes. E resolveu imergir, devagar, rodeado por flocos de nuvens que lhe revestiam o trono e os ombros com vestes fulgurantes, merovíngias.

Levei depressa Renata para seu domicílio, como se levasse uma neófita ao limiar da “estalagem dos assombros”.

Quando em minha casa todos já dormiam ela me telefonou. Perguntei-lhe:

— A quem contaste? É preciso que tal notícia não se espalhe. Que não assuma nenhum caráter que venha a influir depois até mesmo sobre ti.

Ela então disse que esta minha ideia era exatamente a sua. Que contara apenas a quem devia contar, como medida de sossego e de consideração. Mas que se arrependera porque fora sincera e que notara o pânico, não obstante os disfarces. E que sucedera o pior ainda... Abaixou a voz e explicou:

— Telegrafaram àquela pessoa que está no Recife. Telegrafaram pela Western.

Fiquei calado.

Compreendíamos agora, naquele silêncio simultâneo e prolongado, o que isso significava.

Para fugir a tal evidência, passou a falar do seu estado de espírito. Às vezes, uma sensação de pasmo. Depois uma espécie de tenacidade de considerações otimistas fazendo recuar o medo. Com a vinda dos seus, recobrou ânimo, contara tudo com desenvoltura estoica... Estoica? Nem isso. Com naturalidade, sem demonstração de nervosismo ou abatimento. Mas que, sozinha agora ali naquela casa só com a tia Noêmia (que teimara em sair por último mas que depois voltara dizendo: "Enquanto não chegarem fico contigo"), sentia pela primeira vez o sentido agudo e lancinante duma coisa que a pungia...

— Qual?

— A tua ausência.

— Eu estou aí. Quero que me sintas minuto por minuto ao teu lado. Escuta: entendeste a minha coragem de contar tudo? Compreendeste a minha lealdade?

— Tudo, tudo! Entendi tudo. Foste meu amigo. Fizeste muito bem. Mas agora, aqui, adivinhando já o que se vai dar, a chegada, a reação, o pânico e o sofrimento daquela pessoa, como que se me clareia um setor, uma realidade... Fico vendo nitidamente a minha situação. E averiguar isso é terrível.

Estendeu uma série de considerações, dando a entender que a humilhava sobremaneira saber que essa radiografia e esse tratamento iam pôr à mostra uma coisa que conquanto existente, não assumira até então o aspecto de estorvo e de barreira que ia assumir agora: a sua vida com outrem.

— Dizes-me: "Estou aí. Quero que me sintas minuto por minuto ao teu lado". Estás aqui, como? Como é que estás aqui? Como é que poderias estar aqui? E depois, dentro de no máximo três dias, como é que estarás aqui? Estará aqui outrem!

Procurei levantar-lhe o ânimo; e o fiz com efusão máxima. Sentindo-a depois melhor de alma, passei a reduzir sua doença à

proporção mínima; a mostrar-lhe que não poderia haver gravidade já que não tinha febre, suores, emagrecimento, expectoração, pontadas; a dar-lhe conselhos quanto à disciplina do tratamento; a fazer-lhe sentir que evitasse radicalmente quaisquer problemas pois que a condição principal para a cura era o estado de espírito. Exigi que não agravasse um caso físico com outro mental; envolvi-a em ondas de coragem e carinho.

Ela desligou; permaneci mais de hora às voltas com pensamentos que tratei de metodizar opondo o otimismo à surpresa mas não conseguia nada; o pasmo não deixava lugar para o raciocínio.

Depois, deitado, me foi impossível conciliar o sono. Custava a acreditar na verdade. Na noite escura fulgores me enchiam o cérebro. Renata e Dunquerque. Era como se visse no litoral lívido frangalhos de exército embarcando em tudo quanto era espécie de transporte. Como se ouvisse os apitos de rebocadores e lanchas, o uivos do Stukas, os jatos das explosões. Tudo dentro duma espécie de túnel: dentro da caverna daquela radiografia.

Que dias!

O rádio a bradar mais derrotas. A Itália declara guerra, concorrendo para ódio maior. A transferência do governo francês para Tours provoca o desânimo sintomático do colapso.

Mas que tinha eu com isso? Que me importava a mim isso, se na manhã do dia 5 o exame de escarro dava "presença de bacilos álcool-acidorresistentes"! Se passei um dia horrível, imaginando-a no consultório médico, sendo examinada, sofrendo a gradual impregnação da certeza duma realidade cruel? Se na tarde e na noite de 6, e nas manhãs, tardes e noites de 7, 8 e 9 sua voz inesquecível me contava os pormenores, as providências, a instalação da piezoterapia, o regime a ser seguido?! Se na manhã de 10 sua voz tinha um timbre de desolação máxima porque alta noite chegara um telegrama da Western avisando a partida... daquela pessoa? Se na manhã e na noite de 12 e 13, todas as vezes que telefonei atendiam criadas, parentes, tia Noêmia ou então "uma certa voz"?

No dia 14, ao meio-dia, me telefonou mas não ao som do *Largo* de Händel, dizendo:

— Jorge? Atenção. Um minuto só, muito rápido. Estou bem. Atmosfera de nervosismo e desespero aqui por parte daquela pessoa que chegou. Compreendi que já telefonaste ontem à noite e hoje de manhã. Disfarça a voz o mais que puderes, não desligues silenciosamente, pois urge não agravar isto aqui com o que já denominaram de “estranhezas...” Chama pessoas de nomes diversos cada vez; pergunta por números bem diferentes; enfim... entendes, não é? Depois do pneu instalado, isto é, após a quarta ou a quinta aplicação, devo ir para Petrópolis, passando então a fazer insuflações quinzenais. Telefonarei sempre que tiver ensejo. Caso, por circunstâncias eventuais, eu espace as notícias, telefona, chamando tia Noêmia. Ela estará sempre comigo em Petrópolis. Arranjarei modos disso parecer normal. Vou pensar e depois combinamos. Adeus. Não posso prosseguir.

Dias medonhos de semana tétrica! Eu a sair do consultório para comprar jornais! A lê-los esbarrando em transeuntes e postes, a subir, a aguardar telefonemas, a ir para casa pensando em Renata enquanto meus olhos pasmavam para os títulos e as notícias da derrota catastrófica de Forges-les-Eaux, lendo (sem entender direito) as providências de Héring e de Dentz para a defesa da França, sofrendo agudamente com a confusão na minha alma, seguindo por entre a multidão como um foragido pelas estradas de Châlons-sobre-o-Marne.

Em casa, não tomava parte nas conversas, não sentia apetite, não dormia direito. Em São Cosme, deixava os assistentes atenderem, chegava tarde, cuidando que um telefonema para casa pudesse dar informes. No Caduceu (em vésperas de mudança, pois a diretoria já escolhera os andares dum arranha-céu na Esplanada do Castelo para acomodação provisória da sede enquanto demolissem o edifício e erguessem o novo prédio de muitíssimos andares), vagando por entre os trastes em mudança ao longo da varanda que comunica o casarão da rua Gonçalves Dias com o imóvel do lado da avenida; vendo a boa vontade do secretário que insta comigo para ir escolher na sede provisória o local para o

gabinete de radiologia. Agradeço, prometo ir imediatamente; sou simples contratado, a instalação é de minha propriedade, e tal prova de apreço me comove.

De fato vou, mas noto desde logo compartimento exíguo, ausência de sala de espera, corredores em labirinto, o Caduceu disposto agora em salas separadas e em andares diversos, em meio a escritórios de advogados, engenheiros, dentistas, representantes de firmas consignatárias etc.

Volto para o edifício antigo. Já na calçada, balbúrdia, caminhões parados, operários e contínuos, serventes e funcionários carregando móveis, arquivos, cofres, utensílios.

Sento-me diante da minha mesa. Considero, considero... O quê? Nem sei. Cansaço. Inércia. Vontade de dormir. Jornais me atordoando com seus títulos, como grandes revérberos. Estarrecimento no mundo. Lista de cidades que vão caindo. Orléans, Mans, Rennes, La Rochelle. Angoulême ameaçada. E em mim? Um grande pasmo, uma espécie de noite boreal, pior do que treva verdadeira.

III

Em meio a tamanha barafunda, recebo à tarde uma visita no meu gabinete ali no Caduceu. O servente vem avisar que uma senhora está na biblioteca à minha espera desde as onze horas. Ordeno-lhe que a faça entrar. E vejo irromper pelo corredor avarandado uma senhora muito distinta e positivamente tomada de grande vexame. Reconheci-a antes mesmo que entrasse. Era dona Noêmia, tia de Renata, mãe de Carmem. Mãe e filha eu já conhecia desde muitos anos, na verdade desde 1937, embora decerto nem soubessem da minha existência.

Eram ambas que nos valiam sempre, involuntariamente. Pois Renata saía com uma ou com outra, ou com as duas, nas suas vindas à cidade. E elas, juntas ou alternadamente, a acompanhavam a cinemas, teatros, concertos, exposições, compras e passeios, sempre que Renata não se achava sozinha no Rio. Na casa delas, em Petrópolis e em Paquetá, Renata passava temporadas de verão e de inverno. Os demais parentes moravam em outros bairros.

Tia Noêmia servia também de desculpa para os longos telefonemas, seu nome devendo acudir sempre caso acontecesse alguma "estranheza".

Era uma antiga professora que apenas ensinara dois anos, logo se casando com um advogado de grande banca e do qual enviudara havia seis anos. Carmem, bonita, com alguns traços de Renata, estudava música e era de temperamento reservado. Eu de manhã a via quase sempre na praia fazendo companhia à prima. Nem mãe nem filha tinham chegado a perceber qualquer coisa até agora, pois um sistema rigoroso de cautela e cuidado nos fora imposto. O segredo impunha uma perspicácia impecável.

Agora a descoberta da doença iria modificar decerto tal estado de coisas. E era aproveitamento lógico e reflexo termos que nos servir de tia Noêmia para uma ligação subterrânea, caso ascendesse

a tal favor e chegasse a entender o sentimento e a angústia da sobrinha. Não me assombrei pois ao vê-la procurar-me, mesmo porque Renata sempre me dera as melhores informações dessa criatura que cumulava de elogios, dizendo-me tratar-se duma grande alma.

Assim que entrou e que fechei a porta, me perguntou:

— O doutor Jorge?

Fiz que sim, com um movimento de cabeça, pedi-lhe que se sentasse. Instalei-me diante da minha mesa, voltado para essa visita mas sem a observar diretamente a fim de que ficasse à vontade. E ela começou em voz baixa:

— O senhor está diante duma desconhecida, embora saiba quem sou. Mas eu não estou diante dum desconhecido. Para conhecê-lo bem, saber que alma e que sensibilidade é, li, a pedido e instância de Renata, o seu romance. Comecei-o trasanteontem, acabei-o a noite passada. Um fato súbito, descoberto ainda bem que a tempo, além de criar uma atmosfera que apavorou e que exigiu providências terminantes, criou também um verdadeiro drama, de ordem tão pungente que esta manhã Renata, quando lhe fui levar o café (pois estou em casa dela desde a noite de 4 deste mês), me pediu um grande favor. Segurando-me as mãos, deixando as lágrimas lhe correrem pelo rosto, e valendo-se do fato do marido ter saído para tratar de pelo menos exonerar-se da comissão que exerce em Recife, contou-me o que há entre ela e o senhor. Fiquei desolada, não pelo caso. Se tal caso existe deve ser sublime, porque eu, doutor Jorge, eu sei que criatura, que alma é Renata. E espero confiantemente que ela em seu sentimento não se tenha enganado. Li seu romance, sei que a primeira metade é o relato fiel que o senhor faz da sua existência até chegar a Renata, e que a segunda é o sentimento elevado de ambos e cuja realidade teve que alterar por escrúpulo. Como, pois, não me desolar, entendendo o que minha sobrinha passou a sofrer, não só por causa da doença, mas dos fatos e da situação que desde o dia 11 para cá ela está enfrentando? Os encargos do marido, alto funcionário do Ministério da Fazenda, o obrigam a desempenhar funções ora aqui ora acolá, uma temporada em Porto Alegre, outra em Recife, de repente transferido para

Campinas, depois indo instalar um inquérito, digamos, em Vitória ou em Belo Horizonte; a natureza dessas funções determinou que ele mantivesse casa no Rio, já que a sede ministerial é aqui embora ele viva em contínuo vaivém. Tal estado deu à Renata uma noção falsa de liberdade. Sim, podia telefonar, sair, passear; era senhora da sua vontade.

Que tal liberdade tenha sido a causa de, mulher casada, criar um romance, não acredito, pois minha sobrinha não é leviana. Feliz não é no matrimônio por incompatibilidade de gênios. E que essa liberdade concorresse para qualquer ideia, devaneio, não posso acreditar, pois conheço bem Renata.

Bateram na porta. Era um colega meu. Atendi-o na varanda, voltei. E dona Noêmia continuou:

— Bem, encurtando: no dia 11 o marido chegou. E chegou exatamente na hora em que o médico estava fazendo a segunda aplicação de pneumotórax. Viu aquele aparato, teve que ficar parado no quarto à espera de que o doutor terminasse, abraçou a esposa, ouviu com aspecto inenarrável a exposição neutra do médico, desceu com ele, viu na sala a radiografia de encontro à luz da janela, leu o resultado positivo do exame de escarro, acompanhou o médico até ao jardim, depois voltou, subiu. E desde então, doutor Jorge, se criou uma situação pungente: não arreda mais o pé do quarto, aflito, prestimoso, mas na verdade agravando tudo, a doença e o espírito de Renata. Resolveu aposentar-se, tratou logo de telefonar para o ministério, expôs o seu caso, encarregou um amigo e colega de tratar da papelada, e está, dia e noite, sentado diante da mulher. Qualquer telefonema, ele atende. Se se trata de parente íntimo, comove-se convulsivamente ou dá pormenores de como Renata passou, do que o médico disse, das pessoas que estiveram em visita, da sua decisão de largar tudo, de ir com ela para um sanatório, se preciso for. Está combinado já que daqui a dias subirá com Renata para a minha casa em Petrópolis. Bem. O senhor está compreendendo o duplo drama de Renata! Como é que essa criatura pode sarar? Em que atmosfera vive ela? O telefone toca, um desconhecido diz que é engano. Passa-se o dia. O telefone toca, um desconhecido manda chamar não sei quem; outro engano. A noite

passa, vem a manhã, outro telefonema, errado. Que resolve ele? Tirar a extensão do quarto, pois não quer que a esposa, que sofre de insônia, venha a incomodar-se com o ruído da campainha. Ela a custo o demove, fazendo ver que precisa comunicar-se com parentes íntimos, dar notícias. Ele concorda. Vive afoito, pensando na aposentadoria para poder ficar ali, pois no íntimo tem uma ideia sinistra sobre a doença, pensa decerto que a mulher está desenganada, vive num atarantamento impressionante.

O telefone chama na câmara escura. Peço licença a dona Noêmia, vou atender. É de casa, é minha mãe pedindo que eu não me esqueça de pagar à Light, que a conta da luz está no meu bolso. Chamei o contínuo, encarreguei-o disso. Voltei a ouvir dona Noêmia.

— Eu, presente quase sempre a tais cenas, olho para Renata, disfarço; ela sofre, aconselha o marido, irrita-se, condói-se, pede-lhe que coopere com bom senso para que seu tratamento não sofra tais inibições. Ele promete, vai para a sacada fumar, daí a pouco volta de lá. A todo instante liga ela própria o rádio, sofre e se emociona com a derrota da França, interpreta tal derrota como o limiar de coisas tremendas e fulminantes para a civilização e o Ocidente, acha que a humanidade vai ficar escravizada ao fascismo e ao nazismo... No dia 17 voltaram os escarros de sangue. Novo estardalhaço por parte do marido que emprega a palavra “hemoptise”! Veja só o senhor! E que chama o médico urgentemente. Este vem de carro, diz que não é nada de maior, que foi a pleura que deu água. Explica que se trata dum derrame sem importância anexado sempre aos casos de pneu. Saído que foi o médico, Januário se desespera, diz que é mentira, que o estão enganando... Nessa hora exata o telefone toca, ele se atira ao telefone pressuroso... mas é engano! Então, quem passa a sofrer é ela. Vejo tão nitidamente que esse homem com sua solicitude lhe está fazendo mal que o chamo para a sala de vestir e tenho com ele uma conversa muito séria. Tal conversa foi interrompida pela chegada dum amigo, o colega que trabalha na mesma seção que ele no Ministério da Fazenda. Conversam mais de meia hora lá embaixo; e enquanto isso vejo Renata discar não sei que número, perguntar pelo doutor Jorge. “Não está? Como?! Ah! Foi fazer uma radiografia a domicílio? Está bem. Desculpe.” Deduzi

que se tratava do radiologista que lhe fizera o diagnóstico, e que ela quisesse qualquer informação, preocupada decerto com o pequeno derrame.

— Esses derrames, dona Noêmia, são reação das pleuras. Grande percentagem dos pneumotórax apresenta derrame. Às vezes cresce tanto que é preciso tirar a fim de evitar desvios dos órgãos centrais, mas no mais das vezes isso até é providencial, pois dá o que chamamos sínfise, isto é, fibrose do bloco todo.

— Foi o que o médico assistente, aliás um moço muito expedito e sensato, explicou mais ou menos com esses termos. Passei daí por diante a notar uma melancolia demasiado sisuda em Renata, que nos quatro dias anteriores estava com o ânimo levantado. Vendo-me sempre ali por cima, ora no quarto, ora no vestíbulo, Renata, que está deitada não por sentir fraqueza e sim meramente por obediência ao médico que a aconselhou a ficar de cama uma semana, trasanteontem me deu um livro que estava na mesa de cabeceira e disse com ar prestimoso: “Coitada da tia Noêmia! A sacrificar-se tanto. Leia isto. Distraia-se”. Sentei-me, folheei o livro, li trechos esparsos; de noite, deitada no quarto ao lado e atenta à possibilidade de Renata precisar de mim, a bem dizer li até às duas da madrugada. Anteontem li de dia, troquei impressões com ela, e ontem acabei, à noite.

Olhou-me entre severa e compreensiva, continuou:

— Esta manhã, às oito horas, assim que aquela pessoa saiu para tratar da aposentadoria, ela me fez sentar na cama, perguntou: “Então, tia Noêmia! Acabou o livro? Ah! Acabou?” Como me pusesse a elogiar muito, ela me disse: “Pois então, ouça. Ouça e compreenda esta sua sobrinha e afilhada. Essa mulher aí, da página 365 em diante, sou eu!” Redargui que de fato, na descrição do físico e da alma, tinha semelhanças. “Semelhanças?! Sou eu! No corpo e na alma! Eu!...” E contou tudo, por entre lágrimas. Tudo, as cartas, os telefonemas, os passeios, o tempo que isso perdura, a radiografia fatal, os conselhos e as providências, os telefonemas duas vezes por dia e aos quais desde o dia 11 não tem podido atender. Pediu-me que solucionasse a sua agonia. “Menina, não diga semelhante palavra!” “Agonia sim, tia Noêmia. Veja que coisa mais irônica: esta

criatura aqui com a sua sinceridade que me irrita, e pense naquela outra pessoa a telefonar. Faça-me uma caridade. Vá procurá-lo; ele entra de serviço ao meio-dia. Não há nada de vergonhoso em a senhora falar com ele porque o sentimento que existe entre nós é absoluto. Explique-lhe o que se passa nesta casa, neste quarto. Diga-lhe quanto me humilha eu ter que aceitar a minha realidade. Peça-lhe que me perdoe eu, não podendo sequer atender aos telefonemas, lhe estar provando a minha realidade atroz. Explique-lhe que é assim a minha existência; que não tenho ânimo para suportar isto, mas que também não posso livrar-me desta conjuntura. E quanto me amargura e me desespera este drama com tantos lances secretos.”

— Eu avalio. Em igual condição me sinto, pois quando por acaso diagnostiquei a doença de Renata me perguntei a mim mesmo: “E que papel vou desempenhar? Fugir com ela, ou desaparecer?” Contudo, devolvi-a, aqui permaneço, com dó de Renata e com vergonha de mim.

— Compreendo. Mesmo porque minha sobrinha acha ao mesmo tempo que tal drama, caso ela procure meios de comunicar-se com o senhor, fingindo estar falando com uma parenta ou amiga, seria uma comédia indigna perante o alvoroço do marido cuja solicitude agrava a situação.

— Eu entendo e imagino. Vi-me na alternativa cruel: se não telefonasse, ela, sensível como é, julgaria pouco-caso meu; e, telefonando, ela, escrupulosa como é, sofreria em ter que fingir para evitar suspeitas. Tanto que desde ontem de manhã não telefonei mais.

— Como é que Renata pode tratar-se, ficar boa, com essa preocupação terrível de doença, de saudade, de receio, de segredo? Não seria melhor ir para um sanatório? Sair daquela casa? Ou ir já para a minha residência em Petrópolis? Eu... me comunicaria sempre com o senhor, pondo-o a par do estado dela...

Pensei, refleti, passando a mão pela testa, buscando uma solução. Ora, só havia uma, a única, decente, nobre, ao mesmo tempo humana e sobre-humana.

— Escute, dona Noêmia. Neste caso quem tem obrigação imediata de agir sou eu.

— De agir, como?

— Fazendo tudo para ela ter paz.

— Mas, como? Eu não vejo solução, doutor Jorge. Telefonando ou não, o senhor existe para ela. Há de ela sempre e sempre, em sua casa em Copacabana, ou na minha em Petrópolis, sentir sua ausência, pensar no senhor, sofrer pelo sarcasmo do destino em lhe pôr uma pessoa convulsa e solícita ali aos pés, ao passo que... Sei bem, doutor Jorge, que se trata dum estado terrível, para ambos; ela e o senhor. Eu não sei se ela tem caverna em formação ou esvaziada no pulmão; lá isso sabe o senhor que é médico. Mas que tem um rombo na alma, isso eu sei. Vim aqui lhe expor este estado de coisas. Na certeza de que é um alto espírito, um nobre coração, e que nos ajudará.

Levantou-se. Despediu-se com um sorriso bom e compreensivo; acompanhei-a até ao elevador. Voltei, permaneci sem saber o que resolver. Imaginava Renata deitada numa cama, com os pensamentos em brasa.

Atendo como um autômato ao expediente do meu horário. De tarde saio, compro jornais. De noite estiro as pernas sobre a mesa de trabalho, começo a detestar a minha profissão pela ironia do dia 4. De que forma poderei ajudar Renata? Durmo de bruços na minha cama, largado como um peso de chumbo, como um cadáver de refugiado belga ou francês que um *Focke-Wulf* houvesse metralhado no *plateau* de Langres.

De manhã, tomando café, Germana me entrega os jornais cujas *manchettes* ocupam quase a metade superior da folha. Paris fora ocupada pelos nazistas sob o comando de Von Kùchler! O 10.º Exército destruído! 14 de junho.

Não desço à cidade; não vou ao hospital São Cosme nem ao Caduceu. Fico estirado no divã da biblioteca, com a alma rodeada de vapores, como num banho turco. Uma tristeza infinita me prostra. Tudo, rádio, jornais, livros, pessoas, comida, luz, rumores, me causa desgosto, náusea. Resolvo ir rondar a casa de Renata, como um

autômato. O fato de não vê-la, cria em mim um masoquismo. Repentinamente resolvo sair do Rio de Janeiro.

No dia seguinte vou ao São Cosme. De manhã atendo ao ambulatório radiológico; a sala do gabinete se enche de colegas discutindo a situação da Europa, a emergência em que se acha a Inglaterra. Almoço, vou para o Caduceu que está nos últimos dias de mudança.

Telefono para um médico meu colega de turma que esteve ontem em São Cosme e que, não me achando, deixara seu cartão, dizendo precisar da minha experiência e dos meus conselhos. Era de Ubá, estava num hotel do Flamengo. Telefono-lhe, digo-lhe que venha ao edifício do Caduceu onde estarei do meio-dia em diante.

Vou para a biblioteca no salão da frente, tiro um Larousse, procuro o mapa de França, começo a ver a localização das cidades caídas. Hum! Os alemães já estão no vale do Saona e do Ródano. Ameaça iminente sobre Metz, Dijon, Nancy e Lião. Linha Maginot! Linha Maginot! Solto uma blasfêmia, enfio as mãos nos bolsos, desando a passear pela varanda que liga no primeiro andar o prédio da rua Gonçalves Dias ao da avenida Rio Branco. Até que me surge o Alípio, mineiro da Zona da Mata. Abraça-me, diz-me o que pretende, e logo lhe respondo:

— Não. Não preciso acompanhá-lo à Casa Moreno nem ao Lutz Ferrando.

— Ah! Prefere a Lohner?

— Não. Tenho aqui o que lhe serve e convém.

Levo-o, por entre a barafunda provocada pela mudança do almoxarifado e da secretaria até ao meu gabinete de trabalho, mostro-lhe a aparelhagem, escureço a sala, faço uma radioscopia como demonstração, franqueio-lhe o imenso arquivo de radiografias a fim de que veja a qualidade e a potência do transformador. Explico-lhe o motivo: a mudança de sede do Caduceu. Que prefiro descansar ficando só com a instalação do São Cosme às minhas ordens.

Fechamos negócio. Ele se senta ali diante da mesa, enche um cheque, entrega-me, vai procurar na Lohner um técnico para a desmontagem e a reinstalação em Ubá. Esvazio as gavetas, o Alípio

me ajuda a levar os papéis, os livros e a máquina de escrever para o carro que deixo sempre nos terrenos onde foi o teatro Lírico.

— E não quer também comprar este carro?

— De que marca é?

— Stutz. Quando novo custa mais caro do que Mercedes, Packard ou Cadillac.

— Comprar automóvel agora que está faltando gasolina? E logo de seis cilindros!?

Voltamos para o Caduceu onde ele me atazanou mais de duas horas para que lhe ensinasse a trabalhar com os reóstatos da mesa de comando. Fiz-lhe uma tabela de exposições para cada região, ajudei-o a manejar a mesa, verifiquei e corriji seus conhecimentos de câmara escura, expliquei tudo quanto foi hipótese que fez sobre casos tais e tais, escrevi-lhe uma lista de livros técnicos e especializados a adquirir, dei-lhe um recibo da operação feita declarando o estado de bom funcionamento da aparelhagem. E ele de repente me pergunta quanto quero pelo Stutz.

— O que achar razoável.

Pensou, consultou o caderno de cheques do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, quis andar no Stutz. Voltamos ao largo da Carioca.

Olhou bem a pintura, apalpou o couro dos assentos, fez-me subir e descer as vidraças, examinou bastante os pneumáticos, ficou boquiaberto para o painel diante da direção, quis saber se “engolia muita gasolina”, sugeriu uma subida a Santa Teresa a fim de verificar o motor e as mudanças. Gostou, aproveitou e abusou. Uma vez na cidade, já ao anoitecer, entramos num café aos fundos da Cinelândia. O Alípio encheu um cheque, perguntou-me, envergonhado:

— Está bem esta... quantia?

Olhei a importância. Irrisória. Ele então tirou a carteira, anexou outro cheque e quis recibo. Arranjar estampilhas àquelas horas era difícil. Disse-lhe que no dia seguinte trataríamos disso. Não, não, não! Chamou o garção, vendo baldado seu intento, foi à caixa, veio de lá com os selos adesivos. E um quarto de hora depois bebia cerveja, gabava a arrancada alemã na Polônia, a “contemplação e

tempo” que Hitler tinha dado a Daladier e a Chamberlain, depois a Churchill e a Reynaud para “não serem cretinos...” Perguntou-me se eu sabia em quantos dias as *Panzerdivisionen* haviam varrido a Bélgica e a França... Indagou se eu não tinha mais o que vender! E despediu-se porque ia jantar com uma cantora de rádio; que já passara em casa dela em Mem de Sá, que combinara tudo. Não sabia eu dum lugar discreto e barato para um jantar com... música?

— Aqui pelo centro ou na praia, em Copacabana?

— Não, não! Aqui pelo centro. Do túnel para lá tudo é uma roubalheira.

Saindo pela rua Álvaro Alvim mostrei-lhe os anúncios luminosos de dois ou três restaurantes e logo me despedi.

Em casa, encontrei tio Rangel a organizar a resistência da França fora da metrópole, na África do Norte. Não permaneceu pois tinha visitas para jantar, em Prudente de Moraes. Não contei nada do que fizera, isto é, a venda da aparelhagem e do carro, recolhi-me cedo, somei a importância dos três cheques, passei a noite em claro. De manhã chamei Germana ao meu quarto, dei-lhe, endossados, os cheques referentes ao Stutz.

— Compre um carro novo, ianque. Para você e nossos pais.

— Mas, e você?

— Isso é problema meu. — Abraçou-me, radiante.

Na manhã seguinte, após o expediente hospitalar me dirigi a um cartório, mandei lavrar uma declaração tornando meu pai meu procurador no Rio. Como demorasse a pública-forma, comprei o *Correio da Manhã*, fiz tempo no Simpatia. Li telegramas, notícias, artigos, editoriais, esportes e até anúncios.

Voltei ao tabelião; pediram-me que reaparecesse daí a vinte minutos. Reinstalei-me no Simpatia, continuei a ler o jornal. E eis que debaixo do balancete duma casa bancária dei com um anúncio providencial. Milagre? Sei lá! Destaquei-o cautelosamente, pus-me a relê-lo e a meditar muito. Uma hora depois rumei para a avenida México, na Esplanada do Castelo, a fim de informar-me direito. Atendeu-me um colega idoso, esclareceu-me tudo.

A proposta, além de conveniente, possuía em tais circunstâncias a oportunidade dum prodígio, de tal forma solucionava o meu caso. Na localidade mais nova da Alta Paulista, na Cidade Menina conforme diziam oradores de Rotary Clube, havia uma casa de saúde, com aparelhagem radiológica. O proprietário precisava dum sócio que fosse técnico naquela especialidade. Nem titubeei.

Saí acompanhado amistosamente até ao elevador, agradei, tomei o Ótis que me depôs no rés do chão, atravessei a Esplanada do Castelo, subi a pé a avenida, perguntei na portaria do City Bank onde era o Banco de Crédito; para lá me dirigi, recebi o cheque, telegrafei para a cidade cujo nome jamais vira e que nem sabia onde ficava a não ser que era no Estado de São Paulo.

À hora do almoço fui esperar o técnico da Lohner, desmontar o gabinete na minha sala do Caduceu. E, enquanto o aguardei li e reli o tal anúncio caído do céu. Sim, havia acolá nos cafundós de São Paulo uma cidade prodígio: Hacrera. Um médico operador precisava de sócio que fizesse radiologia. Dava as características da sua casa de saúde, onde havia além do mais uma instalação Acme, moderníssima. Não somente garantia movimento do município de Hacrera, como também dos municípios vizinhos até à barranca do Paraná. Assim, eu disporia duma vasta área de Bauru para cima. Dava o nome e o endereço no Rio dum profissional consagrado como informante de sua idoneidade.

Então redigi dois ofícios, um à diretoria do São Cosme e outro à diretoria do Caduceu exonerando-me do meu cargo e lugar, dando como razão e motivo ir para o interior, e solicitando resposta imediata pois deveria partir breve.

Quando vi a instalação reduzida a peças desmontadas sobre o ladrilho, as lâmpadas e o transformador muito bem encaixotados, o Alípio chegando nervoso e alegre, os carregadores levando tudo escada abaixo, chamei o meu servente que incumbi de entregar os dois ofícios explicando-lhe muito bem como devia fazer.

Em casa passei cinco dias de letargo, só durante as refeições adotando tática e estratégia para que a família aceitasse a minha resolução de ir para o interior. Enfeitei as vantagens oferecidas; declarei que meu estado de nervos neste período de notícias

sensacionais não me deixava trabalhar; que sentia uma *surmenage* incrível; que precisava dumas férias longas; que aquela vida das oito da manhã às cinco da tarde atendendo a sócios e membros de instituições já me estava enervando. Falei da mudança do Caduceu para uma sede provisória onde o espaço disponível para a minha seção era precário.

Minha mãe e minha irmã não aceitavam a ideia, fazendo considerações de ordem vária. Mas, tanto falei e debati as vantagens múltiplas, que meu pai optou francamente a meu favor.

— Devia ter feito isso desde muito tempo já. Acho um erro advogados e médicos pulularem nas grandes cidades. Perdem tempo precioso. Não vencem os mais capazes e sim os mais argutos. Ora, uma temporada por aí adentro, além de servir como lição e experiência sob todos os pontos de vista, habilita a pessoa a vir instalar-se trazendo não somente prática geral como também meios de subsistência. Vejamos o caso dos médicos, por exemplo. Os que ficam nos grandes centros lucram pois trabalham em ótimas equipes. Depois de adquirirem, porém, excelência e prática, persistem em permanecer no Distrito Federal, e em ignorar o Brasil. Que é que você conhece da sua terra? Estações d'água. Caxambu, Lambari! Entende um livro sobre a Amazônia? Sabe ao menos o nome duma tribo de bugres do rio das Mortes? Conhece uma fazenda de gado? Uma fazenda de café? Ora, você não distingue um abacateiro dum pé de araçá! Ignora o nome dum peixe de água doce, dum pássaro do sertão. É um *envoûté* da Europa. Plantou-se aqui em casa estes dias, em verdadeiro *knockout* só porque os alemães já estão perto de Chambéry. O mundo é muito grande, rapaz! Ó Germana, desliga esse berreiro de rádio aí!

Seguiu com o olhar a obediência imediata de Germana, continuou, já agora me fitando bem:

— Vá para o interior. Fique por lá um ano, ou mais. E trate de voltar brasileiro. Pelo menos falando no Tietê e no Paranapanema, esquecido de vez do Marne e do Sena! Que é que um período de ausência de dois anos, por exemplo, atrapalha na sua vida profissional? Você ainda é tão moço! Pelo contrário, uma estada na realidade representa, como experiência, muita coisa. Exime-se de

ordenados reles aqui. E, como possibilidade de ganhar dinheiro, isso significa várias vantagens. Inúmeras!

Nisto chegou tio Rangel, exigiu sobremesa, café, perguntou a razão de minha mãe estar com ar choroso, não tardou, com brados proféticos, a fazer considerações sobre a hora trágica do mundo.

Pouco depois nos olhou um por um, deteve-se mais em mim e pespegou-me esta intimação:

— *Quid novi?*

Quando soube que eu pretendia deixar o Rio, ir-me embora, me deu logo os endereços da filha e do filho casados em São Paulo e prometeu uma série de cartas de apresentação a um mundo de gente.

Daí a pouco fomos sozinhos, para o jardim, os dois. Então tio Rangel me convidou para andarmos um pouco pela calçada central da avenida Vieira Souto, diante do nosso quarteirão. Já não manifestava o ar de ainda agora. Seu alvoroço era diferente.

— Ora, até que enfim, depois de várias décadas na rotina doméstica, posso dizer a um rapaz o que disse o Filho Pródigo ao irmão caçula. Não o Filho Pródigo do Evangelho, mas o da interpretação de Gide: “Vai, e possas tu não voltar!”

Atiçou o passo, como a fazer sentir que nos apressássemos ambos.

— Pacato e pacífico tal qual me vês, ainda hoje lamento não ter, quando bacharel em visita pela Europa, descido de vez até o fim do Danúbio e queimado o passaporte a fim de não regressar mais. Sim, já estava noivo da Maria Clara em São Paulo. Recém-formado em direito, fui despedir-me da juventude na Europa. Ah! A Europa daquele tempo! Ah! A Daonela, cantora russa!... Conhecemo-nos em Viena. Fugimos para Budapeste. Não, não era sozinha. Amamo-nos em Presburgo, em Bazias, em Belgrado, em Cernavoda, nas Portas de Ferro e em Galatz...

Passou as mãos pela cabeça esfiapando a cabeleira branca.

— Tempo de caleças e vitórias. De librés e postilhões. De casacas e camisas de peito duro. De saias rodadas e de decotes. De valsas magiares. Eu e a Daonela a fugirmos para o fim dos Bálcãs. Mas, em Kilia, antes da desembocadura, tive que a devolver ao tal

Gaguine. Isto é, para ser sincero, esse latifundiário do Tver a veio buscar, ma arrebatou e ainda teve o topete de desafiar-me para um duelo. Meti-lhe umas taponas e... voltei. Sim, sessenta dias depois eu pegava a Maria Clara lá em São Paulo, no casarão da ladeira da Memória e ia com ela, eu que estivera em Londres, Paris, Roma, Viena, Budapeste e quase em Constantinopla, sabes para onde, Jorge? Para a Aparecida. Vai, rapaz. Possas tu não voltar. Quanto a mim, tenho que ficar nisto: a vida. E ainda por cima vesgo, com um olho nas contumélias da Maria Clara e com o outro nas caduquices de Pétain.

Uma vez tudo resolvido, e desde a visita de dona Noêmia só tendo eu tido ensejo de falar-lhe pelo telefone duas vezes a respeito da saúde de Renata (— vezes essas em que consegui encontrá-la em casa, pois quase sempre estava na residência da sobrinha), tratei de comunicar-me com ela.

— É dona Noêmia? Bom dia. Sabe quem está falando? Desejo saber notícias de Renata. Ela tem passado bem?

Tia Noêmia, com muita naturalidade, respondeu e informou de modo seguro, sem precisar me tratar de “amiga Júlia” (como das outras vezes), dando notícias. Disse até que ia telefonar-me à noite.

Então lhe falei com certa emoção, da qual ela participou:

— Dona Noêmia, quando julgar conveniente, daqui a dias, diga a Renata que achei uma solução provisória para o sossego de que ela precisa. Vendi a minha aparelhagem, vou para o interior. Mas quero que entenda que faço isso sem qualquer atitude intempestiva, e sim procurando colaborar no restabelecimento dela. Não digo para onde vou, se é perto ou longe. Caso seja necessário comunicar-me qualquer coisa (não estou pedindo que escrevam, pois faço questão mesmo da paz de Renata no sentido mais absoluto...), de minha casa dirão onde me acho. Sigo com a certeza máxima de ajudar. E, ausente daqui, na verdade estou sempre com o coração voltado para essa admirável criatura de Deus.

Falei vagarosamente, e percebi que ela escutava muito bem. Tanto que me respondeu:

— Deus levará isso na devida conta. E... nós também.

Desliguei de chofre.

Acendi um cigarro, estirei-me no divã. A criada veio dizer daí a pouco que o Eleutério, meu servente, queria falar comigo. Disse-lhe que o fizesse entrar. Trazia-me dois ofícios que tinham ficado na secretaria já que o gabinete estava fechado. E, vendo que eu não aparecia desde três dias, resolvera vir trazer. Dei-lhe dinheiro, abracei-o, acompanhei-o até ao jardim.

Os dois ofícios eram respectivamente do diretor e do presidente das duas instituições onde eu trabalhara. Agradeciam em linguagem tabelioa, com protocolos de gratidão, meus bons serviços prestados da data tal à data tal. Enfiei-os no bolso como passaporte de minha idoneidade perante o colega lá de Hacrera.

E afinal, paradoxalmente banido do mundo, parti, cheio de abraços, beijos, saudades e recomendações de meus pais e de Germana.

Deitado no leito do Cruzeiro, senti entre as lágrimas as palavras Paris e Amiens (sei lá por quê!) se esbrugarem todas no jornal onde as lia RIPAS. SIPRA. RAPIS. IRPAS. SARIP. PRISA. MANESI. SAMENI. NEMAI. AMINSE. NISEMA. ANIMES...

IV

Em São Paulo não procurei os parentes.

Embora tivesse chegado de noite a Hacrera, procurei interpretar o pressentimento inóspito das suas primeiras ruas até ao hotel como uma consequência de estranheza, pois sabia que onde quer que fosse abrigar a minha saudade, na montanha, no litoral, em metrópole febricitante ou em campo autêntico de concentração, qualquer aspecto que visse, ao chegar, seria literalmente a objetivação daquele trecho de *A Grande Noite*:

“Aí estava pois diante de mim a nova cidade como a estranhar-me toda crispada; e a paisagem noturna era toda ela treva difusa, como se não quisesse deixar-me sobreviver. Mesmo as casas mais próximas não faziam o mínimo esforço para se tornarem compreensíveis. O candeeiro mostrou-me a primeira rua em rampa; e vi que ela me era hostil...”

Assim me hospedei no hotel São Bento donde, duas horas depois, um pouco recolhido para dentro da janela do quarto, vi uma multidão vagarosa sair do cinema quase fronteiriço. Esvazio as duas malas nas prateleiras e no gavetão do armário, sento-me na cama, fico a olhar a parede de cal, a refletir na minha vida. Acomete-me então um desespero cruciante. E, com lágrimas nos olhos, contraindo os maxilares, rememoro tudo, cronologicamente até chegar àquela surpresa tétrica na câmara escura.

Jatos de desgraça esboroam por sobre mim, nos mesmos dias e nas mesmas noites da tragédia de Dunquerque, e da queda de Paris, com ruídos possantes de aviões de mergulho metralhando um litoral lívido onde também os meus pasmos cambaleavam... Emoção paroxística! Eu a comprar jornais, a ler *manchettes* vermelhas, telegramas incríveis, a ouvir rádio, a arrumar as minhas coisas como a transferir o meu drama para uma espécie de África do Norte simbólica, viajando num trem como unidade isolada de retirantes e

foragidos, atropelando-me em angústias e emoções, parte já agora dum enxurro.

Da data da hecatombe de Dunquerque à data da queda de Paris, eu vivera numa covardia de atarantamentos, sob os fulgores e repelões do fato cruel, perante a evidência surpreendente, circunstâncias dramáticas me tangendo o cérebro e o coração como o coice da arma das patrulhas fustigando prisioneiros lorpas.

Que hora do mundo repercutindo em mim com estridência de explosão num fundo sinistro! Primeiras, segundas, terceiras edições de jornais. Notícias urgentes e contínuas de Última Hora goeladas pelos *broadcastings* convulsivos. Locutores inflamados transmitindo comunicados estentóricos. E os telegramas cheios de equimoses violáceas — Munique, Dantzig, Memel, Varsóvia, Trondheim, Narvik, Amsterdão, Dunquerque — recuando para desvãos aquerônticos, enquanto meus nervos, estourados, se estilhaçavam nos bordos da caverna pulmonar de Renata.

Sim, chegara a Hacreria como um rato fugido de bordo e todo marcado de brasas e fuligens. Não, eu não optara pela Alta Paulista como se houvesse optado pela participação e pela resistência num setor técnico longe da ação; nem como se simbolicamente me houvesse engajado numa usina. Fora, isso sim, dar com a minha perplexidade alhures, como um resíduo que escapando da orla da centrifugação é despejado na finitude dum sertão. Queria convencer-me, segurando sobre os joelhos o livro datilografado, que eu emergira do redemoinho, que haveria de transformar a minha angústia e o meu desespero num teor de sublimação, num potencial válido: o meu terceiro romance.

Verdade era que aquele meu livro se me apresentava feito uma boia atravessada de axila a axila; que aquelas páginas começadas quando da revolução de Franco deveriam ser o meu testemunho do mundo, a minha interpretação. Urgia transformar o meu exílio não em estado servil de recluso em Caiena, e sim em *corvée*, em *hard labour*.

Ergui-me logo de manhã, fui para a janela encarar a cidade como um soldado que se levantando da tarimba procura uma eficiência imediata. E quis logo sair para a rua, para o povo, na

verdade para suprir o que em mim havia de carência. *Potentia dicitur ad actum*, diria meu tio-avô Rangel.

Dormira bem à noite, como a ajuntar o que de mim ficara nesse percurso ferroviário de mil quilômetros; e dormira profundamente.

Barbeei-me, tomei banho, desci para o café, mandei chamar um carro, segui para a Casa de Saúde, apresentei-me ao colega diretor.

Meia hora depois já comecei a atender a clientes de localidades para mim totalmente desconhecidas: Tupã, Avencas, Rancharia, Votuporanga. Retomava assim, em setor muito outro, a rotina da profissão, era apresentado a colegas diferentíssimos, via japoneses me fazerem três e quatro saudações litúrgicas, percorria quartos, instalações, corredores, enfermarias, alas. Reentrava no mundo desvalido através duma nesga nova, vendo operados, convalescentes, moribundos, sitiantes em delírio, mulheres em puerpério, notando dificuldades de disciplina e de higiene, aquela gente trazendo para ali, além de sofrimento, promiscuidade.

À hora do almoço, na cidade, lhe surpreendi a feição progressista, os cafés sussurrantes, as esquinas atonetadas, os bancos em efervescência. Um passeio de carro, pelo centro e arredores, me deu uma noção esquemática do movimento em época de safra. Caminhões entravam superlotados; as plataformas das usinas, das máquinas de algodão e dos armazéns gerais se achavam congestionadas de mercadoria, e as balanças imperialistas pesavam o suor da gleba.

Tratei logo de sumariar minha programação de tarefa.

Ao cabo de duas semanas, tendo remetido duas cartas para casa dando minhas impressões, já sabia em que ritmo tinha que agir.

Hospital o dia todo. Vida acolá, das oito da manhã às seis da tarde, ora diante da aparelhagem técnica, ora diante da máquina Remington portátil. Enfermeiras rudimentares, com operados de apendicite e hérnia, com vítimas de trabalho. Frequência de ambulatório e estagnação de internamento constituídas por colonos, sitiantes e operários. Gente de todas as origens: espanhóis, letões, japoneses, nordestinos, mulatos, caboclos, bugres. Casos, os mais variados, agudos e crônicos: malária, úlcera de Bauru, micoses,

leishmanioses, opilação, pneumonia, tifo, tracoma. Quartos particulares parecendo beliches de navios de emigrantes. Enfermarias lembrando tombadilhos de cargueiros, de Cingapura para Áden. Corredores, jardim e sala de espera sempre com visitas acoradas no chão em meio a sacos, baús e bagaços de frutas. *Vermine orientale*.

Na ida para o almoço e na volta do correio para o hospital, ajuntamentos diante do Banco Brasileiro de Descontos; aperitivos e zoeira de palestras na Brasserie; trechos de conversas bradadas em tom de pregões de Bolsa: Casulos de Bastos. Amoreiras de *Varpa*. Tecelagens de seda recém-montadas. Cooperativas. Café. Algodão. Gado. Milho. Amendoim. Arroz. Pastagens. Departamento Nacional de Café. Federação das Indústrias. Sociedade Rural Brasileira. Fernando Costa. Roberto Simonsen. Crédito agrícola. Convênios. Fome ávida de matérias-primas por parte das Nações Unidas. A grande novidade: o rami, a mais formidável das fibras têxteis.

Perto donde me sento, ou nos grupos por onde passo, palavras de materialismo, evidenciando que não estou na inércia da zona velha mas, positivamente, no turbilhão daquilo que se chama genericamente "produção vegetal". E, de fato, nomes estouram no ar, como fibrilações: mamona, alfafa, soja, menta, fumo em corda, arroz, torta, cana-de-açúcar, mandioca, raspa, tomate, gergelim...

Ou crítica ao governo: moratória para os criadores. Extração mineral. Metalurgia. Frigoríficos. Papel e polpa. Couro e peles. Óleos e gorduras vegetais. Construção civil. Transportes. Racionamento. Cifras de balanços quanto a mercadorias armazenadas e encaixes proporcionais. Lucros brutos. Falências. Taxas e fretes. O problema do gasogênio.

Acabado o dia, o meu jantar solitário nos fundos dum café, lendo os jornais chegados, percorrendo os boletins oficiais e os despachos dos Estados-Maiores.

Depois, mansarda acesa: isto é, do meu aposento na Associação Médica, ouvindo o trânsito tagarelado para o cinema, entretendo-me com discos, fumando cachimbo, instalando-me diante da máquina de escrever.

Bem. Eu me achava ali no interior do Brasil, a salvo, pois, da enxurrada. Então aquela minha possível e provável experiência ecológica da Alta Paulista não significaria pelo menos o direito de desamarrar dos tornozelos a grilheta?

Que solidão! Ah! Aquele mundo me era estranho, e estranho me ficaria sendo enquanto eu lá devesse cumprir a minha tarefa tipo *hard labour*, mesmo porque o apelo para a ação não me vinha dali e sim de longe. Durante o trabalho no hospital primitivo, ou durante a vigília em casa, eu estendia meus nervos para o drama da Europa, já que urgia aguardar, me aturdindo, que Renata ficasse boa. No primeiro mês os jornais e o rádio davam os telegramas da constituição do governo do general Pétain e traziam os apelos do general De Gaulle. O armistício franco-alemão dilacerou ainda mais a minha angústia, assim como o armistício franco-italiano me irritou como um escárnio. Só em ouvir comentários e gracejos sobre as fantochadas de Vichy e em ler e seguir pelo rádio (o PRE — Rádio Nacional e o PRG — Rádio Tupi) a atmosfera de nervosismo do Ocidente (até fins de outubro por causa da chamada Batalha da Inglaterra) eu me sentia, mesmo naqueles confins da Alta Paulista, aturdido ainda e sempre, como se fatos gerais, espetaculares, me crispassem não por sua veracidade incrível e sim, muito mais, como deformação macroscópica do meu drama.

Os colegas, no hospital, nos cafés, nas reuniões, à porta dos bancos, à saída do cinema, ou em seus consultórios, só falavam em Sidi Barrani, no ataque de Mussolini à Grécia, fazendo piada com as derrotas fascistas e, depois, se empolgando com a vitória naval inglesa de Taranto.

Junho de 1941. Ataque alemão à Rússia.

Certa vez, indo ao correio buscar correspondência, recebi um rolo de vários números da *Life*. Em casa, abrindo o pacote, folheando as revistas, dei com dois poemas datilografados. Revirei bem as folhas à procura duma provável carta. Não viera carta nenhuma; os poemas, porém, eram conotações copiadas de Fernando Pessoa, através das quais entendi muita coisa.

Levei várias noites a reler aquelas linhas — decerto passadas à máquina pacientemente — e a pensar em que condições e mediante

quais cautelas tinham sido escolhidas no livro que eu dera a Renata.

No dia do meu aniversário recebi despachos de casa e de São Paulo. Telegramas de meus pais e Germana, de tio Rangel e tia Maria Clara, de Lauro e Rafaela, de Roberto e Conceição. Passei o dia em absoluta rotina procurando não pensar em mim para evitar considerações angustiosas. Mas, ao sair do hospital antes de anoitecer, recebi outro telegrama. A redação era bem típica dos bons tempos de Renata. Poucas palavras, mas cada qual com a sua marca efusiva onde a melancolia fora substituída por uma certeza de superação. Jamais me esquecerei do estado radioso que me tomou. Lia e relia o telegrama na rua, na mesa, na cama.

Fim de ano lúgubre para o mundo e tétrico para mim. Entre o Natal e o Ano-Bom estive em São Paulo, porque minha mãe e Germana haviam acabado de chegar, estando hospedadas em casa da prima Rafaela. Durante dias acompanho as três a passeios e a compras. Germana me dá notícias de interesse a respeito de minhas antigas amigadas e conhecimentos. Conta-me que vai ficar noiva; abraça-a. Abordo perguntas mais diretas a respeito de tais e tais famílias, pergunto por Beatrix, pela Lambeth, enfim dou margem a — caso ela saiba da doença de Renata (que conhece de vista e que sabe quem seja, embora ignorando totalmente o que haja entre nós) — informar-me alguma coisa. Os circunlóquios de nada valeram; Germana ignora seja o que for sobre a doença ou a saúde dessa pessoa cujo nome aliás nem cheguei a citar. Apenas me fala que sempre houve telefonemas e que deu a muita gente o meu endereço.

Na noite de Reis regresso a Hacrera, depois de assistir ao embarque de minha mãe e de minha irmã para o Rio.

Volto a viver isolado, embora os fatos do mundo e o meu degredo me obriguem a viver com a atenção e os nervos voltados para a Europa e com a alma e o coração ligados à lembrança de Renata. A minha expectativa é um radar atento, movendo-se.

Laval já não mais era assunto dos jornais, pois o caduco de Vichy o exonerara. A curiosidade dos leitores de jornais e ouvintes de rádio passara gradualmente a ser Tobruk, a adesão dos búlgaros ao pacto nazista, a Lei de Empréstimos e Arrendamentos. Até eu me

ponho a ler, interessado, pois a guerra passa a ser um espetáculo inédito desde que os alemães descem pela Iugoslávia abaixo e em abril Atenas é tomada, sobrevivendo depois o ataque a Creta, por via aérea, a descida de enxames de paraquedistas dando uma feição nova à guerra e assombrando por seu ineditismo.

O fato e a certeza, já agora, de que Renata sabe onde estou, mitiga de certa maneira o meu isolamento. Como teria feito para descobrir meu paradeiro? Chegam mais pacotes de revistas, as entregas sendo já agora mensais e os rolos chegando juntos, como se a remessa e o empacotamento fossem feitos num único dia por mês. Sempre um poema em cada remessa; às vezes, dois. Uns, estrofes de fácil transposição. Outros, verdadeira criptografia. Percebo que certos meses ela se restringe a informar-me indiretamente do seu estado geral de saúde; e que outros meses procura fazer-me compreender seu sofrimento de alma. Já não me sinto tão só quando recopio meu romance horas e horas seguidas, quer de dia quer de noite, procurando esquecer o mundo de vez, alheio à alteração de mapas. Meu mapa é aquele telegrama de Renata e que abro, consulto, releio.

Mas o povo, Hacraera, essa Alta Paulista onde estou confinado, passa a querer-me bem, a interessar-se por mim, a confiar no meu trabalho e na minha presença, a tirar-me da solidão clandestina, a incorporar-me ao seu conjunto. Verdade é que me custou vir a ser parte, fibra ou nervo daquele conglomerado orgânico de tendões, bielas, eixos, diferenciais, transmissões e alavancas que a faziam, embora sendo a cidade mais nova do Estado, campeã nos índices de arrecadação, desenvolvimento e produção. Mas eu "não me podia aliterar aos apaniguados de Mammom", conforme me escreveu tio Rangel em resposta a uma carta onde lhe dava informes da região onde me enquistara.

Acomodação grata com o corpo clínico, com a sociedade, com o povo. Ainda assim, reclusão depois do expediente hospitalar. E quem passasse pela calçada indo ou vindo do cinema ouvia uma rádio-eletrola tocar sinfonias, ou escutava o ruído do teclado duma máquina de escrever. É que desde muito eu retirara da mala os únicos livros trazidos, *Morceaux Choisis*, de Gide, e a Bíblia, embora

sem suspeitar que, quando me retirasse definitivamente, a balança da estação haveria de pesar caixotes no total de meia tonelada. Sim, pois gradualmente àqueles dois livros se iriam juntando muitíssimos da minha biblioteca do Rio e os que editoras e escritores me mandariam de todo o país para eu escrever artigos de crítica na *Folha da Manhã* de São Paulo.

Por melhor que fosse o êxito material e o trato que me dispensavam, e não obstante as amizades de que me vi cercado, o meu mistério não criava interesse nem curiosidade. Ninguém, mesmo nas eventuais rodas de psicologia mais aguçada, pressentiu naquele médico solitário problemas pessoais íntimos. Eu não frequentava residências, quase não era visto no Tênis Clube, transpunha discretamente a entrada de bancos, evitava rodas de café, escolhia certos filmes para aparecer no cinema; nos intervalos de expediente hospitalar ou durante as melhores horas noturnas, vivia relendo, emendando e recopiando laudas dum calhamaço. Em dada época dei em passear a cavalo nas cercanias do hospital. Certos domingos aceitava convites de almoço em fazendas.

É que, se eu deixara um mundo a que continuava ligado por antenas obrigatórias, Hacreria mal conseguia polarizar-me dentro de seus cordões e ductos.

Seria paradoxal eu me aclimatar àquele meio que só vivia em função de café, algodão, óleo, tecelagens, bicho-da-seda, gado, cooperativas, enriquecimentos, comissões, jogo de Bolsa, venda e compra de *datas*, lucros e riscos de toda sorte.

A todo passo me apontavam sujeitos expeditos e loquazes, contando que se tratava de indivíduos vindos de Santos com avidez de *gangsters*, com fundilhos rotos, e que em cinco anos tinham nas mãos, como rédeas, cadernos de cheques. Era comum me apontarem outros, vindos da zona velha com economias e fortuna e, após vicissitudes, estarem agora em decadência chocante. Não raro ouvia alusões a grileiros e a cheques sem fundos, a golpes e a falências.

No gabinete da minha especialidade atendia a clientes de toda espécie mandados por colegas ou vindos espontaneamente de Guarantã, Padre Nóbrega, Lucélia e Lins: colonos tanados de

soalheiras; fazendeiros chegados em automóveis com instalação precária de gasogênio; japoneses que se explicavam em algaravias quase de pidgin. Um dia, depois da saída dum cavalheiro nédio com fisionomia de escultura em cenoura, vim a saber que se tratava dum suíço latifundiário com mais terras "aí para dentro" do que toda a área da Helvécia. Noutra ocasião, após servir um espécime caquético e taciturno, fiquei sabendo que era um soba da zona velha, político matreiro e antiga força quase absolutista na Alta Paulista.

Causavam-me alergia certos tipos de ganância. Cumprimentava-me sempre, por exemplo, um medalhão agroindustrial das bandas de Sabina, um analfabeto ousado com tez grossa de capataz e desenvoltura de capadócio que vivia embarafustando pelas diretorias dos bancos sempre de pasta debaixo do braço, a arrancar empréstimos e obter cauções, a jogar na alta do café, a pagar para amigalhaços contas de oitocentos mil-réis de bebidas no bairro do meretrício, a embarcar todas as semanas para São Paulo tomando conta do *Pullman* com seu vozeirão e suas gargalhadas, sempre pomposo e rastaquera, tropeçando em *gaffes* e em sintaxe. Atreveu-se a ter a honra de escandalizar Hacrerera com uma falência de montante espetacular, estarrecendo rodas bancárias e meios forenses, suas aventuras virando ensejo para piadas e anedotas.

Constavam-me existências de comanditas sem idoneidade operando até em armazéns gerais, pavoneando-se em cafés, no Tênis Clube, jogando *pif-paf* com quantias e crédito ilimitados, como em cassinos de Santos ou de Poços de Caldas, construindo *bungalows*. E isso não era para mim tentação sequer de arquivá-los como personagens ou comparsas de qualquer livro eventual.

Já em sentido contrário, eu sentia a pulsação tônica da cidade e da região através de seus pulsos sadios, responsáveis pelo progresso e desenvolvimento idôneo de todas as atividades passíveis de afirmação. Assim, o fato de uma simples casa bancária acabar transformando-se num banco de proporções tão olímpicas que alastraria sua musculatura pelo Estado todo em sucursais de gerências e expedientes verdadeiramente benéficos era um prodígio não só da época oportuna como de organização pioneira.

Meu estado de ânimo criava reações críticas mas não desdenhosas. Eu tentava até acertar o passo e a velocidade de minhas possíveis eficiências humanas com o ritmo acelerado daquele exemplo moderno. Não considerava Hacreria produto anódino de *Far West* nem manifestação improvisada de “ponta de trilhos”, e sim traslação de bandeirismo, aglomerado de brio e de trabalho, fenômeno social e econômico. Tampouco me escandalizava com interstícios de astúcia e ousadia, atrevimento e desfaçatez acaso irrompendo pelas frestas ainda não calafetadas daquele mundo híbrido onde, à falta de válvulas de politicagem local — por ausência de eleições —, certas ambições individuais se cevavam na exploração da terra, do colono, do operário e até mesmo das profissões liberais.

Estas, pela quase totalidade proba de seus elementos, imprimiam à cidade um sistema nervoso e reflexo. Advogados, engenheiros e médicos conjuntamente com banqueiros, fazendeiros, professores, funcionários, comerciantes, industriais, operários, sitiantes, colonos etc., conformavam Hacreria, davam-lhe estabilidade e desenvolvimento, depuravam-na de arrivistas, lixavam sua primitiva fisionomia bárbara ou adventícia. Colégios, instituições, bancos, tabelionatos, escritórios, empresas, organizações, a Santa Casa, a Casa de Saúde, aparelhavam a Alta Paulista com as comodidades funcionais e orgânicas indispensáveis.

Claro é que não se tratava dum meio selecionado mediante programações prévias e teóricas. Hacreria, fenômeno real e pasmoso, também tinha, como corpo vivo, suas escaras e rebotalhos parasitando através de caldos de corretagem nas poças de estagnação circunjacentes à estação ferroviária e rodoviária onde a “paqueiragem” caçava clientes incautos ou bisonhos, arrastando-os para pensões coniventes e salas de espera de organizações e que mais pareciam depósitos humanos como aquela prancha *O Mercado da Rua do Valongo*, o livro de Debret.

Hacreria... A sua avenida principal, já quase toda calçada desde o edifício do ginásio até diante do Tênis Clube e do cinema, formava uma fachada de corpo com hipertiroidismo. No bairro São Miguel e na ourela da estrada de ferro — contrafação imediatista de São

Caetano e da Mooca — se erguiam entrepostos, cooperativas, serrarias, galpões, fábricas, usinas, com toneladas de produtos e de matérias-primas. Nesses redutos de cimento armado e de metal, com plataformas, chaminés, turbinas, caldeiras e transformadores, se processava, como num grande fígado, o metabolismo da Alta Paulista.

Já na rua São Luís e transversais, lojas atacadistas davam à cidade aspectos de dinamismo concêntrico sempre servido por filas e filas de caminhões abarrotados.

Pouco a pouco bairros residenciais substituíam orlas de matas e primitivas fazendas, modificando o anterior frontispício de casas de madeira.

Assim, Hacrera, em sua evolução, estava a merecer reportagem, entrevistas e até ensaios sociológicos dos atuais sucessores de Rugendas, Saint-Hilaire, Davatz e Luccock.

Em meio à azáfama de núcleos técnicos como os parques industriais da Anderson Clayton, da Matarazzo e da Mac Fadden, em terrenos baldios surgiam sempre toldos esticados de circos; ou, diante das duas matrizes, se instalavam quermesses noturnas com alto-falantes e barraquinhas.

Jamais supusera eu que tendo publicado em 36 meu segundo romance com remate suposto de fuga para o Oriente viesse, por injunções irônicas da existência, dar com os costados num crivo de aculturações onde os quistos de imigração japonesa, por seus aspectos inéditos, me interessavam sobremaneira desde os primeiros meses. Assim, achava extravagante tantas insígnias e tabuletas em caracteres japoneses, desde os nomes de tinturarias e botequins até os de organizações com verdadeiro sentido atacadista ou consular, como por exemplo (mais tarde) a Hinomaru Kai e a Hakko Kai.

Pelas ruas o aparecimento dum macróbio com o neto amarrado às costas feito mochila era aspecto repetido em cada quarteirão. De todos os lados, dos trens, das jardineiras, dos fundos de pensões, dos portais de lojas e botequins, de caminhões e de escadas, irrompiam japoneses cujos encontros recíprocos eram espetáculos, tais as séries ininterruptas de saudações e zumbaias. A Casa de

Saúde vivia atulhada com súditos do Micado; as sessões de cinema regurgitavam com suas presenças amassadas.

As jardineiras, ligando a cidade com outras próximas, ou vindas de grandes distâncias — rijos veículos enlameados ou poeirentos —, depunham nas calçadas, com ritmo de sístole e de tenesmo, bandos de lavoura e de sertão, grupos descalços e de botas, baianos cândidos, espanhóis truculentos, caipiras enfezados, crianças barrigudas de opilação, caixeiros-viajantes com guarda-pós, capatazes entroncados, derrubadores de mato, mato-grossenses metidos em bombachas, ministros adventistas, letões de Bastos, ciganos balcânicos, funcionários de arrecadação, e até gente das barrancas do Paraná. E isso com profusão de dinheiro e doença, sacos e sacas, baús e trouxas, esteiras e utensílios, tais chegadas parecendo extravasamentos de retirantes e cabroeiros, cortes transversos de vagões e de tombadilhos. Enfim, fusão rural e portuária, toda a limalha humana remanescente dos ciclos do ouro, da caça ao bugre, da tropa de derrubadas. Algo entre curral tangido e acampamento itinerante, já não no Tietê e no Paranapanema, e sim no Peixe e no Guatemi. Reçaga febril de bandeiras, entradas e emigrações.

Hacrera! Estrutura apressada de sociedade urbana e fabril dentro de áreas rurais; encaixe de primário civilizado em secundário virgem, dando imantação.

Todavia, horas altas da noite, da minha janela, fumando cachimbo e pensando em coisas tremendas, eu via um, outro, mais outro caminhão cheio de móveis, de famílias, de cacarecos, atravessando a cidade, rumo ao Paraná, a Londrina. Sim, havia gente que não fascinava, Hacrera, que te atravessava apaticamente, que desejava estabelecer-se mais além, onde houvesse melhor exílio. E eu, que cuidara ter vindo parar na ponta extrema da solidão!

Nisto, abruptamente, nos primeiros dias de dezembro, uma notícia em brado cavernoso: o ataque japonês a Pearl Harbor! A declaração de guerra dos Estados Unidos! Dentro de dois dias a primeira vitória aeronaval nipônica ao largo da Malásia. Nove dias depois, Hitler assumia o comando da Wehrmacht. 1941 acaba

tetricamente com a estabilidade imperial inglesa: queda de Hong Kong.

Reflexo imediato em Hacrerá. Acessos de xenofobia contra a colônia nipônica. Acidentes. Pancadaria. Comícios. Retração dos japoneses nas ruas, mas brilhos mordazes em suas pupilas sob as pálpebras em fendas. Fanatismo febril, secreto, que se iria multiplicando, urdindo uma teia sinistra que anos depois se expandiria nos jatos da *Shindo Renmei*, na proliferação dos *tokko-kai* e da *seinenkai*.

Entretanto, num grande mapa da tabacaria, atrás das cadeiras dos engraxates, germanófilos pregavam bandeirinhas no mapa europeu assinalando os avanços; não porque soubessem geografia e estratégia, mas porque tinham tempo para conferir relatórios e boletins. Enquanto isso, os quistos nipônicos, empolgados pelas vitórias, coesos, longe ainda das futuras dissensões que dariam margem ulterior à ação fanática da *Suishinbu* e da *Suishintai*.

E, a minha alma? O meu tormento? A minha saudade?

Tinha a sensação exata, ao passar as mãos pela cabeça, pelo rosto, pelo peito, de ser aquele chão de neve de Dombas que vira numa fotografia da *Life*.

Sim, da *Life*, pois naqueles meses todos Renata, decerto por intermédio de tia Noêmia, me mandava números. De dentro das folhas desses exemplares eu retirava poemas datilografados de T. S. Eliot.

Lia, relia, guardava, tornava a pegar e a interpretar aqueles poemas. Eram mensagens dando a entender que tudo devia perdurar assim até à hora nona, até que uma sereia desferisse seu clangor ressoante: "Tudo livre!" Não a sereia desfazendo o *blackout* da guerra, do mundo, mas de Tintagel, donde Renata como Iseu, com a tia Noêmia feito suave Briolanja, me chamaria para o litoral de penhascos da Cornualha. Aqui me competia aguardar, nesta espécie de cerca de chuços, qual Tristão; com um amigo solícito, o Nelson, meu companheiro de vida e de temperamento, transformado em Governal.

Mas... o último poema falava em mar. Interpretei tal palavra como um sinal de volta de Petrópolis para Copacabana. Levei dias

com um alvoroço incontido, até que certa tarde da primeira semana de junho de 42 tirei da gaveta o romance que concluíra, emendara e recopiara no *hinterland* paulista. Dei-lhe um título extraído dum dos capítulos, embrulhei-o, amarrei-o, muni-me da carteira de identidade — eu que já nem sabia ao certo quem era! —, toquei para São Paulo entre gente galharda e afoita que conversava sobre o Avanhadava, o abarrotamento de Santos, o general Tojo, Roosevelt, Stálin, Timochenko.

E eu alheio a tudo aquilo, levando sobre os joelhos o meu romance que, iniciado no conforto da minha biblioteca de Ipanema, acabara se transformando em bateia de garimpeiro, em bigorna de laminador.

Em São Paulo esperei a hora do avião lendo relatos sobre o processo de Riom.

Uma vez no ar, vendo a paisagem baixa e dianteira ir retrogradando ao rés fictício da asa esquerda do avião, a ideia de chegar, a suposição do que iria acontecer, enfim as hipóteses alternadas em breve me criaram um nervosismo quase jubiloso feito de ansiedades apoiadas numa certeza peremptória: ia rever Renata. Ia falar com ela! Já devia estar boa. Já decorrera o prazo para um tratamento radical. E então o espírito se me clareou, tive o dom de esquecer e alijar o sofrimento maciço, atirando fora como lastro cuidados, pressentimentos e inibições.

Ia agora levado a dois mil e duzentos metros de altura por cima duma paisagem nítida, de cujo panteísmo me vinha ânimo quase dionisíaco. O ruído dos motores era uma orquestração. Parecia-me estar sendo levado ao som simultâneo de violinos, violas, violoncelos, contrabaixos, flautas, oboés, clarinetas, fagotes, pistões, trombones, tubas, tímpanos, baterias, por sobre a paisagem vicentina, em meio à primeira *suite* de Villa-Lobos — introdução e alegria — interpretando o *Descobrimento*. Sim, eu ia para uma redescoberta.

QUARTO CADERNO

O diálogo das lágrimas
A tarefa aprazada
"Rapta ad angelis"
O andaime e a demolição

I

A visão global do Rio de Janeiro me empolgou. Era como se me debruçasse sobre um mapa de clorofila e vidro que pouco a pouco principiasse a crescer até adquirir veracidade de espera e oferta. Saltei no aeroporto e logo se deu o prodígio: instantaneamente me inseri na movimentação urbana. Tudo imutável, presente, nítido, como até 1940; as diferenças, mesmo essas, não me dando sensação intrusa. O percurso pela antiga área do morro do Castelo — tão diversa do resto da cidade — não me interessou senão como travessia até me ver diante dos trechos tão conhecidos desde a infância: Monroe, Glória, Russell. Flamengo, curva da Amendoeira, Botafogo, túnel, rua Barata Ribeiro... Como meus olhos saudavam essa estereoscopia de trajetos! O Rio de Janeiro! Eu! A cidade verificada nos pormenores de esquinas, calçadas, prédios, nessa tira fisionômica tão característica, defronte, em cima, à direita, à esquerda. Ônibus, bondes, táxis, pessoas, jardins, lojas, fachadas, praças, estátuas, morros, anúncios, alamedas, tudo bem carioca, cheio de sentido. Ah! Agora, as imediações da casa de Renata. Saltei em dada esquina. Da banda do mar me vinha um revérbero de magnificência. Entrei no mesmo botequim onde tantas vezes entrara para telefonar, dizer: "Estou aqui perto. Vou passar por aí".

Liguei para lá, sentindo uma alegria misturada com sofreguidão enquanto ouvia o chamado insistente. Nada de atenderem. Não pude conter meu ímpeto: embarafustei pela rua acima. O gradil, o jardim, a casa. Tudo imutável, como se a última vez da minha passagem por ali tivesse sido ontem. As janelas de cima e de baixo, fechadas. Então ela não adivinhava? Não sentia? Por que era que eu não batia palmas, não tocava a campainha, não ficava parado diante do portão? Voltei ao botequim, tornei a telefonar do varejo de cigarros. Ruído oco, inútil. E já ia desligar, contrafeito, zozzo, quando senti que uma voz atendeu. Reconheci-a logo.

— Aqui... quem... fala... é... o... Jor-ge!

Então ela prorrompeu de lá num pranto lancinante, empastado, dissolvendo as sílabas do meu nome em sufocação estrangulante:

— Jor... ge...?!

— Sim, sou eu, Sumo Bem!

E aquele pranto (fluyente, entrecortado, por fim convulsivo, rouco, sem cerimônia nem reserva, sincero, benéfico, desaforo e paroxismo, alívio e queixa, saudade e certeza, agradecimento e desespero, gratidão e ânsia) não parava mais de brotar, até que Renata pôde repetir muitas vezes, em exclamações, vocativos e súplicas, o meu nome.

Tomou-me uma angústia paradoxalmente envolta em júbilo, uma emoção cruciante; ouvia aqueles soluços incontidos que vinham a mim como bolhas sufocantes. Sensações centuplicadas de afeto e carinho, curiosidade e triunfo, percorriam meus nervos despertando exaltação em meu cérebro. Não podendo falar, querendo ouvir, receber incólume aquele clamor angustiado, fiquei com uma verdadeira pujança nos sentidos e na alma, até que prorrompi em lágrimas.

Após alguns minutos assim, ela conseguiu dominar-se, ultrapassar tudo, reaver o ânimo, acreditar na surpresa violenta e inefável, aspirar para dentro da sua avidez feliz e dolorosa os sinais da realidade aguda. E então aquela voz de sempre, inconfundível, específica, alertada por premências e entusiasmos, perguntou quando eu havia chegado, indagou da minha saúde, da minha alma. E quis saber se eu recebera o telegrama, as revistas, os poemas; se lhe perdoara a exigência daquela disciplina, de tamanho sacrifício; se me lembrava sempre dela, se sentia seu carinho, sua saudade, seus apelos! E agradecia haver eu adivinhado e seguido com estoicismo a necessidade de exílio e de separação. E, depois de ouvir minhas respostas, declarou que se rebelara muitas vezes, que ninguém no mundo podia fazer ideia do seu suplício. Que não podia mais! Que só Deus sabia da angústia em que vivia por minha causa. Depois pediu que lhe falasse da minha vida, que a informasse dos meus dias e dos meus trabalhos.

Atendia-a, explicando tudo resumidamente; ela fazia perguntas, comentava, queria sempre saber mais. Em dado trecho lhe perguntei como fora que soubera do meu paradeiro, lhe disse da emoção causada por seu telegrama quando do meu aniversário. E ela então esclareceu que ao saber que eu saíra do Rio, no começo reagira ante a perspectiva duma solidão insuportável. Mas que meu gesto dando sumiço à aparelhagem fatídica, desmanchando gabinete e escritório, arrasando o ambiente e os utensílios da condenação irônica, a enchera de ternura infinita. E que assim, com a explicação de tia Noêmia, pudera avaliar e medir com a escala do seu tormento a capacidade do meu sacrifício. Que achara meu gesto duma nobreza exemplar, e que imediatamente se entregara com todas as veras a uma única finalidade: ficar boa para merecer-me. Quanto ao meio de vir a certificar-se do meu paradeiro, explicou que se valera dum expediente: telefonara em começos de agosto para a minha residência, dizendo ser uma cliente com uma requisição clínica de exame. E que uma voz — decerto a de Germana — informara com solicitude e lástima que eu não tinha mais consultório, que saíra do Rio por uma temporada ampla, que estava clinicando e escrevendo um livro no interior mais recuado de São Paulo. Agradecera neutramente. Mas que, dias depois, não podendo conter-se, ligara de novo o telefone e fizera, assim que atenderam, tia Noêmia perguntar o meu endereço certo, dizendo ser da secretaria do hospital São Cosme.

Procurei explicar-lhe, então, as razões de haver eu guardado segredo da localidade onde me encontrava: o desejo absoluto de cooperar por um modo assim tão paradoxal para a sua cura, para a sua paz. Para a cessação súbita de cuidados e angústias, percalços e vexames. Para que se concentrasse no seu tratamento, sabendo de modo peremptório que eu me arredava em benefício principalmente da sua saúde.

— Entendi tudo. Abrangi logo o alcance do teu intuito. Tanto que não te escrevi, só te passei aquele telegrama e me restringi à remessa de revistas. E os poemas? Entendeste? Mando-os como um código sucinto para diálogo.

E passou a dar os informes que lhe pedi sobre sua saúde, os seus pulmões. Que estava continuando o pneumotórax; que não tinha complexo nenhum e tampouco pânico da sua moléstia; que entrara já numa fase de rotina terapêutica; que no começo vivera em Petrópolis, só descendo de carro nos dias de consultório, dormindo no Rio e regressando na manhã seguinte; que a *sua gente* também já perdera o pavor, já se acostumara a confiar na cura. Mas que isso de cura exigia um período de dois anos e meio no seu caso; que a tal caverna (e aí riu, como outrora) estava colabada, quase unida. E passou a mostrar conhecimentos exatos; a empregar terminologia de tisiólogos; a ironizar seu caso; a citar expressões clínicas; a dizer o que lia; que, entretanto, não tivera tempo de esgotar o sortimento de livros que eu lhe deixara. Declarou que ultimamente ia até assistir a um ou outro filme bom; que se fartava de ouvir música; que o meu exílio deveria ser interrompido em breve. Contou o tempo do tratamento, as insuflações feitas. Respondeu com presteza e naturalidade a perguntas minhas, ouviu atentamente os meus conselhos, fez-me indagações evidenciando interesse e curiosidade franca, acentuou que eu ficasse mais do que certo de que ela entendera a razão material e espiritual de haver-me afastado aparentemente da sua vida.

— Foi, bem vês, um modo cruel, violento, de mostrar-te a minha realidade doméstica. Sim, sei que compreendes. Mal souberam por alto do meu caso, vieram logo, arranjaram transferência para o Rio, quiseram aposentar-se, postaram-se ao meu lado dia e noite. Era natural, eu bem compreendia. E que havia de fazer? Se nem podia atender aos teus telefonemas! Se nunca me via sozinha no quarto! Se não arranjava um expediente mesmo perigoso para comunicar-me contigo! De mais a mais, seria crueldade minha ver aquela assistência, aquele cuidado, e ter que inventar estratégias, subterfúgios. O coração sofria por ti, mas a consciência sofria por ele que sentava numa cadeira rente à minha cama, ficava a olhar-me, a adivinhar a minha angústia, a cuidar que fosse medo, aflição por causa da doença. E redobrava de atenções! Ah! Era cruel para mim tal situação! Ou eu morria, ou tinha que solicitar que me entendesses. Sei que alma tens, que sentimento é o

teu, do que és capaz. Não foi preciso submeter-me ao constrangimento de expor-te a minha situação. Logo ficou provada a impossibilidade de comunicar-te ao menos o meu estado de saúde, explicar que todas as providências haviam sido tomadas segundo a tua orientação secreta. Ah! Jorge, como te agradeço teres entendido que eu precisava que me prestasses um favor sobre-humano. Sim, era necessário um sacrifício que, sendo martírio para nós ambos, assumia ainda assim um caráter de medida indispensável. Não podias esgueirar-te por entre o meu drama... nem mesmo como eventual intruso, como médico, por exemplo, quanto mais como um amigo. Teres que te afastar da minha vida, do meu tratamento precisamente naquela hora em que o ar para os meus pulmões seria a tua presença... o teu desvelo! Que ironia cruel compreendermos ambos, sujeitarmo-nos a uma separação, ficares à margem de tudo! Como uma coisa real e súbita provou com evidência dramática o tormento inenarrável a que teria que ficar reduzido o nosso caso! Tia Noêmia, vendo o meu sofrimento, se ofereceu a ir conversar contigo. Imagina tu, uma criatura como tia Noêmia se oferecer a essa grande prova de misericórdia e compreensão! E não foi necessário ela te solicitar nada, influir sequer com um pedido. Tu mesmo logo te deste conta de que, para tranquilidade relativa mas que ajudasse o meu tratamento, tinhas que transpor uma fronteira. Tu próprio te empenhaste em me aliviar de sobressaltos.

Eu escutava sem fazer o menor comentário, sem perder uma sílaba das suas palavras que me provavam uma certeza que, em Hacrera, às vezes, me fugia, confusamente: a certeza de que seu coração permanecera inalterável. Parecia agora que o sofrimento o tonificara.

— Tia Noêmia, assim que conseguimos ficar a sós — quando desceram para o jantar — me contou apressadamente a vossa conversa. Coitada! Transida e pálida, segurando as minhas mãos, com os olhos e os ouvidos muito atentos para a escada, me disse que tu entenderas tudo e que ela percebera que ias fazer alguma coisa decisiva. E de fato fizeste, amor! Respeitaste religiosamente a minha situação, alijaste de vez a instalação técnica que te causara aquele golpe na alma, foste para longe a fim de outorgar-me

sossego. Ah! Sossego, meu pobre Jorge! Foste aguardar longe o prazo do meu tratamento. Nem te despediste, pois bem sabias que se eu viesse a saber da tua decisão passaria por um golpe medonho; talvez até reagisse, não entendesse, viesse a piorar.

— Tu sabes que se não me despedi foi por isso mesmo. O fato de ir para longe te viria a ser esclarecido mais tarde, quando telefonasses, por exemplo. De minha casa informariam onde eu me achava.

— E foi o que se deu. Assim, sumiste, por amor da minha vida, e tratei com todas as veras do meu ânimo e da minha saudade de ficar boa depressa. E, sabes? praticamente estou curada. Trata-se agora tão só duma consolidação. És médico, não preciso dizer-te mais nada a respeito. Voltarás para Hacrera por uns... seis meses, ainda. Eu continuarei a dar informes por meio de poemas. Cartas, não digo que as escreverei... Sim, estão sempre perto. De mais a mais não quero avivar sofrimentos que uma correspondência secreta reavivaria na minha alma. Enquanto isso, arrumarás a tua vida material. Pois é. Trata de consolidá-la para quando vieres definitivamente. E então... Deus há de apiedar-se de... todos.

Indagou, logo a seguir, dos meus trabalhos; do meu livro.

Disse-lhe do meu esforço quase maníaco em cima do texto; de como o refizera mais duas vezes, relendo, emendando, copiando, com um senso pertinaz de artesanato, desesperadamente. E que terminara, que trouxera, que estava com ele debaixo do braço, nenhuma alteração cabendo mais, o todo exato e uniforme. E dei explicações minuciosas das normas seguidas, de como mantivera sempre diante de mim o papel que ela dois anos antes escrevera sugerindo que fizesse assim e assim, que desse força a tais e tais personagens, aconselhando que distribuísse desta e daquela forma os episódios.

Fez perguntas, aprovou, e por fim quis saber o título. Achou magnífico.

Era a antiga Renata. A de sempre. Que temperamento, que clarividência, que dom de interferir e de comentar!

Passou depois a querer saber pormenores de Hacrera. Tamanho, população, distância de São Paulo, o tempo que durava a

viagem, como era o hospital, onde eu morava, se via sempre seus retratos, se gostava dos poemas.

Rindo, escutando, falando, me repôs no clima de antes de 1940. Contou que adquirira um mapa moderno de São Paulo, que levava dias sem poder abri-lo, desde que tia Noêmia — encarregada de comprá-lo — lho trouxera fingindo o haver achado por mero acaso nos fundos duma estante. E que então sim, ela, Renata, muito grave, muito calada, percorrera o litoral, para disfarçar, depois localizara as cidades antigas e as novas, e descobrira sem falar nada, fingindo distração vaga, onde estava Hacrerá... Que o dobrara dentro do Larousse, que tinha o Larousse à mão para fingir procurar coisas eventuais.

Perguntei-lhe como devia fazer para entregar-lhe o romance.

Ficou quieta algum tempo, depois perguntou com tristeza vincada de embaraço.

— E como vou fazer para lê-lo... se praticamente não estou nunca sozinha? Por um acaso providencial me achaste sozinha. Foram à cidade, a um banco, chamaram um táxi do ponto, por telefone, quando telefonaste haviam saído havia minutos. Neste tempo todo, saíram raramente pois tomaram providências radicais de vida. Imagina só. Jorge... Como vou ler? Já arranjaste editor? O mesmo? Ah! Ótimo. Pois remete para lá, então...

— Mas sem que hajas lido? Será possível?

Disse-lhe isso com tal veemência, que ela ficou algum tempo calada e confusa; depois declarou:

— Vieste então entregar-me o livro?

— Expressamente para ver-te e... entregar-te o original.

Novo silêncio.

— E se eu te pedisse que o entregasse ao editor?

— Mas...

— Quantas vezes o refizeste?!

— Nem sei. Dia e noite, sem parar. Às vezes ia me deitar às quatro da madrugada, levantava-me às oito por causa da Casa de Saúde.

— Não está direito isso. Por que essa pressa?!...

— Não, não foi pressa. Se o refiz pelo menos três vezes sem contar as leituras lentas, cuidadosas, evidentemente não houve pressa nem atropelo. Além disso, tenho escrito para jornais de São Paulo, critico livros que me mandam; traduzo para editores.

— Quanto trabalho! Façamos uma coisa. Tens cópia?

— Tenho.

— ... Façamos uma coisa...

Pensava de lá... E de repente começou a tossir. Percebi que tampou o bocal do aparelho. Daí a pouco, disse com ar risonho.

— Não foi nada. Falei tanto que até me esquecia que era doente... Foi porque me inclinei e forcei o pulmão colabado. Estás vendo? *Colabado...* Não emprego direitinho os termos? Escuta, Jorge, quero ver-te.

— Posso ir aí?

— Oh! Não. Impossível. Passa pela calçada do lado de lá, para eu te poder ver bem. Passa, sobe, desce, se for possível para um pouco, mas não muito defronte.

— Não podes descer? Pegar o embrulho com o romance?...

— Ah! Não, filho... Impossível.

— Então vou depois à cidade, compro-te uns livros, uns discos, e mando tudo, o meu romance, os livros e os discos para o endereço de tia Noêmia. E ela te entrega. Não poderias dizer que é tradução dum livro inglês... que uma amiga, quem, por exemplo?... te pediu que corrigisses?

— Jorge, temos muita responsabilidade nesse teu romance. Eu, e tu. Afinal, é a tua grande obra. Trabalhas nele desde fins de 37. Quase cinco anos... Conheço dois terços. Achava-o esplêndido, diferente, englobando um período tamanho do mundo... Em certo sentido é como *Os Thibault*, nisso de abranger gerações. Não digo bem, nisso de... Escuta, fui causadora de o outro romance — interferindo, aconselhando, discutindo — haver de certo modo saído desorientado. Como era um romance autobiográfico, a primeira parte, a da tua infância, da tua vida, das tuas memórias, está tão boa, tão comovente! Mas quando entrei eu como personagem, me envaideci, quis colaborar, tomei-me de narcisismos! E como era impossível descreveres a verdade já que estávamos peados por

tantos embaraços, tiveste que criar sucedâneos aos episódios. Enfim, saiu bom; mas na verdade não somos nós realmente, às claras, pois tomaste cautelas, deformaste situações, elaboraste variantes e disfarces. Tudo culpa da minha vaidade, do desejo de que me soerguesses a um clima de platonismo de romance inglês com auras místicas de novela espanhola... E a verdade é que te saiu, nos saiu um romance que da página 1 à página 364 é memória mas que da página 365 em diante perde sua autonomia, sua lógica, fica tutelado por inibições. Está bem, pode-se dizer que tem corpo e alma, verdade e mistério, ação e poesia. Assim, escuta uma coisa: se eu te pedisse mais um sacrifício? Afinal, o tempo passou Deus sabe como, mas pelo menos te dei *full-time* para realização integral do teu terceiro romance. Emenda-o mais uns meses. Digamos... seis meses... Até lá estarei boa de vez, esta guerra se terá esclarecido. Se digo "emenda mais seis meses" não estou dizendo que sujeites teu livro a torturas, e sim que descanses um pouco, que ouças música, te distraias e depois comeces a reler como leitor. Até lá reingressarei na vida civil. Desaparecerá este ambiente... Queres? Aceitas? É um pedido meu que, pensando bem, só será vantajoso, pois sabes melhor do que ninguém que um livro, relido tempos depois de realizado, já a leitura é feita sem saturação, sobrevém outra lucidez. Por exemplo, não disseste sempre que teu primeiro romance ficou numa gaveta durante sete anos, desde 1924 até 31, e que com isso só te adveio vantagem? Não há quem diga que é teu romance mais perfeito?! De mais a mais já te expliquei... Entendes? Queres? Aceitas? Hein, Jorge?!

— Está muito bem, filha — respondi, desapontado.

— Escuta uma coisa. Entrega-o ao editor.

— Volto para Hacrerá com ele, como disseste; é o melhor que tenho a fazer, não é mesmo? — Sem querer, a minha voz era outra.

— Escuta! Mas... Está bem. Fica assim combinado. Agora passa aqui defronte, que estou ansiosa!

— Não podes mesmo sair? Amanhã, por exemplo? Ou depois?... Quando é que vais ao médico? Vais com quem? Tia Noêmia não te leva de carro?

— Jorge! O médico vem fazer a aplicação aqui em casa! Não saio nunca!

— Como?! Não sais nunca? Mas não disseste que praticamente já estás boa? Que até uma vez ou outra vais a um cinema, dás uns passeios?... Como é isso?!

— De fato. Realmente. Boa estou. Não tenho febre. Minha temperatura é normal. Os sintomas todos sumiram... O ápice tem clareado. A espelunca, depois do corte da aderência, colabou, já se está formando fibrose em torno... Saio sim, assisto no mínimo uma vez por mês a filmes no Metrô de Copacabana. Tenho estado em casa de tia Noêmia. E...

— Pois então?!

Silêncio opressivo. Disse-lhe, afinal:

— Amor, desculpa em haver insistido. Isso decerto te aflige, passará hoje, amanhã, depois, a constituir cuidados, nervosismos... E não está direito, da minha parte. Eu entendo tudo. Vou seguir o teu conselho.

— És uma grande alma.

— Deixas que te telefone? Se não puderes atender, ou se atenderes e tiveres que disfarçar, não faz mal. Eu entendo tudo. Não há o que eu deixe de entender. O essencial é que tenhas paz. Muita paz. Ou será melhor me telefonares tu?

— Está bem... Pois sim; sempre que houver ensejo, possibilidade, telefonarei. Sim, telefonarei para tua casa. Nem que tenha que te chamar... de tia Noêmia! Quanto tempo vais ficar no Rio? Demora o mais possível.

— Não sei — respondi, cheio de vexame.

— Escuta, vou desligar. Saíram de táxi, não devem tardar, e seria horrível se eu não te pudesse ver. Onde estás? Onde?! Ah! Sim. Então passa já. Atenção, entendes?

Desligou.

Dei dinheiro ao homem do varejo, em paga do tempo demasiado longo que lhe ocupara o aparelho, pedi-lhe que me guardasse por uns momentos a mala. Comprei-lhe cigarros, enfim, agradei de modo bem objetivo.

Dirigi-me para o lado que vai para a praia. Atravessei para a calçada de lá. Olhei para o prédio, pouco recuado da rua. Olhei para a sacada da frente, em cima. Um pouco para dentro, decerto devido a cautela e emoção, ela apareceu. Passei olhando bem. Lá estava ela, em pé, morena, aquilina, esguia. Alguma diferença, sim. Mais magra? Pelo contrário. Um quase nada mais forte, mais cheia. O rosto porém... Quando passei bem defronte, quase parando, ela mostrou-se e cobriu o rosto, a soluçar! Prossegui. Voltei. Estava para dentro, chorava, com o rosto tapado. Mas quando me viu parar bem defronte, tirou as mãos do semblante, mostrou-se de novo, dando um passo à frente, e tornou a recuar, em soluços. As lágrimas me caíam pelo rosto abaixo, e eu sentia uma emoção estrangulante, tudo rodando à minha volta; tive que me agarrar a um poste e ali ficar em atitude miserável, com o embrulho do romance numa das mãos e o chapéu na outra, olhando sempre para lá.

Um pouco para dentro da sacada, ela não tirava o olhar de mim, meneando a cabeça sorrindo e chorando, balbuciando o meu nome, apontando para o original do livro na minha mão, fazendo que o pegava e beijava, que o apanhava e apertava de encontro ao coração. E eu, com exaltação confusa, procurava reavivar todas as minhas energias a fim de poder fixar-lhe bem a imagem.

E estando assim ali, eis que a vejo recuar. Um táxi aproximou-se do meio-fio da calçada. Voltei-me logo e dei uns passos até dobrar a esquina. Repus o chapéu e daí a instantes reapareci para observar relativamente de longe. Já o carro dava a volta na rua para aproveitar o declive do passeio diante do portão. Não vi mais ninguém. Todavia continuei ali na esquina, ora sumindo, ora procurando ver. Levei assim nesse alvoroço mais de hora, hipnotizado por sua presença em potencial.

Depois fui para casa, retomando a mala no varejo de cigarros.

Lar. Efusão. "Como a família é verdade!" Minha mãe um tanto grisalha. Meu pai atarefadíssimo com o expediente da repartição. Germana, às voltas com as suas aulas num instituto oficial, toda entregue a corrigir provas mensais; ainda não marcara o casamento.

Encravei-me ali em Ipanema. Que bom rever e sentir a paisagem entre o Arpoador e os Dois Irmãos! Ter diante de mim

aquele areal de sempre, o mar tão mutável, as ilhas áridas lá longe. Tão raro passar um navio!...

Ao jantar, tio Rangel e tia Maria Clara, avisados, apareceram. Achei-os mais do que nunca um casal admirável. O velho desembargador riu satisfeito, como sempre, de eu compará-los a Disraeli e Mary Anne. Tia Maria Clara não se fartava de mostrar os retratos do primeiro neto formado em direito. O jantar e boa parte do serão decorreram sob o domínio de tio Rangel.

— São uns meninões esses ingleses. Estão a apregoar a tomada de Madagascar! Será que com esse golpe meramente poético julgam desfazer em si mesmos e no mundo a péssima impressão da queda de Hong Kong?

Eu, ansioso, longe dali e da conversa, suspenso em minhas emoções e expectativas, mal ouvia os arrazoados de tio Rangel cuja voz me parecia a do *Repórter Esso*.

— São, por enquanto, apenas bem-intencionados os governos das Nações Unidas. Rapapés e discursos. Declaração conjunta das vinte e cinco nações aliadas. Conferência pan-americana em Havana e no Rio de Janeiro! E Cingapura a cair, apesar dos seus canhões.

Ergueu-se, procurou ligar o rádio, no que foi ajudado por Germana. E então o que ouvimos foi de estarrecer: a queda de Corregidor.

Sensação. Pânico. Tio Rangel pegou no chapéu para ir embora, furibundo:

— Bem, Corregidor, compreendo que possa cair. Que é que isso representa?! Que será retomada. Se será! Ahn!!!

E lá se foram as duas silhuetas venerandas ao longo da calçada da avenida Vieira Souto.

Quando reentrei, meus pais e Germana já haviam subido. Fiquei na biblioteca, sem ânimo para subir quando, às onze e pouco, o telefone tocou. Reconheci a voz de Renata:

— É tia Noêmia? Como vai? Já estava deitada? Ouviu a irradiação? Que coisa, hein?... Telefonei para dar boa-noite e dizer que estou bem. Há muito tempo que não passo um dia assim tão animada. Até amanhã, tia Noêmia!

O fato de Renata telefonar, usando do expediente de fingir estar falando com tia Noêmia, provava ainda o mesmo *status quo* doméstico; mas me deitei sentindo conforto e consolo. Impossível dormir. Revia a cena da sacada, escutava os soluços, considerava pormenorizadamente as palavras ouvidas, tomava-me duma esperança cálida, fazia cálculos.

Sim, dois anos aturados. Ah!... Pensar isso é uma coisa. Viver assim, porém... Eu saíra do Rio havia dois anos. Fora o prazo normal para o tratamento e a cura. E de fato ela me informava estar praticamente boa, solicitava, para consolidação e decerto para uma gradual normalização de vida, mais seis meses apenas. APENAS...

Dois anos: dois séculos num campo de concentração. E agora, mais seis meses. Renata curar-se-ia antes do mundo?!

No dia imediato, não saí de casa. Jardim, escritório, sala de estar. Minha mãe a querer saber particularidades de Hacrerá. Eu a dar as impressões mais otimistas, nisso não mentindo de forma alguma.

Antes do almoço, telefonei cautelosamente para a casa de Renata. Uma voz de homem atendeu. Perguntei se era o número tal e tal, dando outro, bem diverso e arranjando uma voz idiota. "Engano." Desliguei.

Mas havia a possibilidade dum chamado a qualquer hora. Almocei atento, depois me instalei na biblioteca, mais ou menos sempre perto do aparelho, pois mamãe não se fartava de matar saudades constantemente a conversar comigo.

O dia passou. Antes do jantar não consegui resistir mais e, tomado de imprudente nervosismo, não aturando o meu estado de tensão, depois de muito girar em torno do telefone como limalha agarrada a um ímã, tornei a ligar. Atendeu a mesma voz de pouco antes do meio-dia. Assumi uma vitalidade intempestiva, de timbre e disposição, berrei que me chamassem o Miranda! "Miranda?" Não, ali não havia Miranda nenhum.

Fui para o jardim, sentei-me diante da grande amendoeira, fiquei a contemplar o poente, o mar, as ilhas, o farol, a passagem esquisita de veículos a tração animal (por falta de gasolina) e de

automóveis bizarros com suas instalações de gasogênio. Mas permanecia sempre com os ouvidos atentos, que nem antenas.

De noite, após o jantar, durante o qual MacArthur foi o tema, ouvimos a BBC fazer grandes comentários à situação, esforçar-se por dar valor moral a vitórias ianques se acentuando no Mar de Coral.

Todos já dormiam, bem depois das dez, quando o telefone tocou. Ali mesmo no escritório atendi pressuroso.

Uma voz baixa disse apenas:

— Boa noite, Jorge. Até amanhã.

— Boa noite, meu Sumo Bem...

Desligaram logo.

Saí, depois de esperar alguns minutos. Fui passear na praia. Só voltei depois de ter chegado quase ao Leblon. Entrei, subi, estirei-me na cama. Insônia. Vigília.

Na manhã seguinte estava eu à mesa do café, sozinho, lendo um jornal, quando o telefone tocou. Isso, por volta das oito horas.

Uma voz cautelosa:

— Quem fala... Jorge?

— Sim, sou eu.

— Escuta. Antes, uma coisa: se eu desligar, não toques para aqui. Mas fica por perto do telefone. Jorge, quero pedir-te uma misericórdia: volta quanto antes para Hacrera. Estou sofrendo como só tu podes avaliar por te saber no Rio e não te ter aqui perto de mim e nem poder sequer falar contigo. Estão lá embaixo no jardim. Trata da passagem, telefona para o aeroporto para que te arranjem lugar. Na hora de embarcar passa por aqui, telefona antes. Mesmo que outra pessoa atenda, entenderei que és tu e que estás perto. Farei o possível para que me vejas. Usarei de qualquer expediente. Ouviste bem?

Eu ia responder quando ela sussurrou:

— Não posso prosseguir.

Às nove horas telefonei para o balcão da Vasp. Reservaram-me lugar para o avião das duas da tarde, recomendando que chegasse meia hora antes a fim de preencher a ficha.

Os meus tomaram meu regresso como coisa natural visto eu em conversas constantes haver avisado que não poderia demorar-me no Rio. Mãe apenas reiterou as admoestações referentes a eu ficar meses e meses sem sair de Hacrera. Prometi vindas amiudadas e mais longas. Almoçamos cedo. Ao meio-dia telefonei para Copacabana. Renata atendeu.

— Vou passar por aí.

Então ela disse, com voz muito lenta e muito baixa:

— Há meses que venho debatendo com Fulano a nossa separação. Concedi-lhe um prazo. Na semana passada contratei advogado. Sabes quão difíceis e longos são os trâmites judiciais. Peço-te a paciência de mais um ano de exílio. Hás de calcular quanto eu anseio pela liberdade. — E desligou.

Daí a um quarto de hora saltei na esquina, deixando a mala no táxi.

E passei devagar pelo lado oposto. Tudo fechado. Olhando porém para o jardim vi nos fundos um carro particular, e distingui de relance um homem conversando com o motorista; examinavam ambos o motor. Compreendi ou reconheci, nem sei bem, que o automóvel parado lá no fundo do jardim era de Carmem. E nisto adivinhei, antes mesmo de ver direito, os vultos de Renata e de tia Noêmia atrás do canteiro da frente da casa. Passei aparvalhadamente, fingindo ajeitar a aba do chapéu. Logo que cheguei à esquina seguinte atravessei para a calçada oposta e vim rente a portais, muros e gradis. A parede da fachada encobria o lance lateral do jardim em cujos fundos estacionava o automóvel fora da garagem. Diminuo o passo. Vejo tia Noêmia muito lívida mas com fisionomia compreensiva. Renata, encostada na parede da casa, com as mãos para trás, me contempla com ânsia indefinível. Seus cabelos, cortados à maneira de pajem, têm uma leve ondulação; lábios e faces pintados; usa um vestido que reconheço: o da sua visita à sede do Caduceu em junho de 1940. Posso ver melhor o seu rosto; conserva a mesma beleza, todavia está diferente; bem diferente, mesmo: já não tão magro e incisivo como antes. Decerto efeito do regime a que se vem submetendo.

Ouço uma voz chamá-la, fazer uma pergunta absurdamente natural de expediente doméstico. Ela não responde, aderida àquela parede, assim, morena, aquilina, esguia, os olhos presos nos meus, os lábios soletrando vocativos.

Ao fim do gradil volto a cabeça para rever aquele semblante amargo, aquele olhar pungente.

II

O avião é um artefato lúdico insistindo em inexistir sobre o édredon das nuvens acolchoadas que o reduzem a brinquedo com mola em cima de flocos de creme *chantilly*.

O vidro embaçado é uma escotilha inútil por causa da bruma do mar da Mancha.

Da Mancha, como? Pois isso aí embaixo não é a restinga de Marambaia? Mas, passemos ao essencial. Renata está praticamente curada. Pelo menos devo acreditar no que me disse e na impressão que tive... de longe. Este raio desta palavra espacial e temporal "longe", ora é adjetivo, ora é advérbio. Para nós ambos ainda é substantivo concreto que devemos reduzir a abstrato.

Levo alguns minutos a repetir o compromisso que Renata assumiu comigo. Por entre aquele texto oral sussurrado mas categórico se intromete a voz da aeromoça: "Apertar os cintos". E imediatamente o avião começa a pular e a sacudir-nos por causa de sucessivos vácuos, como se quisesse roçar no mar da Mancha. Que raiva! Corcoveio sem querer, receio vomitar, de tal modo o cinto me sustém e me dependura. "Isso aí embaixo é o oceano Atlântico. O Atlântico!" De fato, vou discernindo Angra dos Reis, Parati, Ubatuba. Estou amarrado aqui, o cinto sacrílego me machuca o umbigo por causa da fivela. Haverá apenas o umbigo anatômico, cicatricial do tempo de nossa dependência às matrizes sagradas? Ou a alma também tem seu feixe de fios ligado a outras almas? Eu estou aqui a dois mil metros de altitude e por mais veloz que voe este bimotor não me desliga de Renata que por sua vez, mesmo atada a mim, ainda não conseguiu safar-se do ecúleo. Tanto a primeira parte da asserção é verdadeira que uma voz feminina, quase de contralto, diferentíssima da de ainda agora (da aeromoça) sussurra helicoidalmente nos meus ouvidos: "De qualquer modo dentro dum ano estarei ao teu dispor para sempre".

Congonhas. Rua Barão de Itapetininga. Restaurante. Horas. Estação da Luz. Vagão-leito. Noite. Manhã. Pederneiras. Baldeação para a bitola estreita. Bosques e mais bosques de eucaliptos até Garça. Depois, Vera Cruz e Hacrerá, distanciadas por geometrias de cafezais e algodoais em losangos. O trem a fazer curvas na paisagem ampla que desce pelos dois lados do espigão.

Onde estou, Senhor? Donde venho? Até quando este tormento de solidão apreensiva? Um ano mais?

Está bem. Há dois anos passados vim ter aqui, sem saber sequer onde isto era. Queixar-me por quê, se o mundo está cheio de campos de concentração? E não é isto uma paradoxal menagem me dando direito ao tempo e ao espaço, à espera e à confiança?

Entro no quarto. Sento-me no leito como um apátrida num catre. Respiro fundo. Ar confinado. Poeira sutil sobre os móveis. Vou abrir a janela. Volto. Esvazio a mala, tiro a pilha do romance datilografado. Deponho-o em cima da mesa, arrebento o barbante, desfaço o embrulho, disposto a enfiar aquele calhamaço numa gaveta. Por que motivo, então, o abri? Gesto reflexo de grilheta. Nisto me lembro de telefonar para o hospital avisando que já cheguei; de lá me solicitam que compareça urgentemente pois houve um desastre de caminhão na estrada do rio do Peixe e há vários fraturados. Pego no chapéu, desço, batendo a porta. Tomo um carro.

Mal saio da Casa de Saúde me envolvem lufadas de pó no trecho da avenida ainda não calçada até diante do ginásio. Uma ventania súbita, trazendo o cheiro de queimadas distantes, forma redemoinhos; tenho que me acoitar aqui e acolá, agora no posto de gasolina, mais adiante dentro da Casa Dias. Por fim me aventuro rua abaixo. Cafés movimentados.

Quando reentro no meu quarto vejo e escuto a janela batendo fragorosamente. Corro a fechá-la e a acender a luz porque dou com as folhas do meu romance revolteando no ar, pelas paredes, pelo chão, a pilha reduzida a quase nada. Começo a juntar páginas e páginas no assoalho, embaixo da cama, da mesa e do armário. Por fim, com aquela barafunda em cima da cama, pretendo pôr tudo em

ordem. Mas como, se me esquecera (velho hábito!) de numerar as páginas?

Sentado no leito, olhando para aquela confusão, reflito na minha vida e a custo retenho soluços estrangulados. Mais uma vez, com lágrimas nos olhos, revejo tudo, cronologicamente. Fora, em halo de breu, o mundo, a guerra. Dentro, como dois cromossomos dum núcleo só, nossas duas existências. Sim, surge na parede a caverna de bordos granulados do pulmão de Renata e dentro dela cabe como reflexo dentro dum globo, a tragédia distante: um litoral apocalíptico: embarcações, apitos, bombardeiros, vasa, celeuma, infantes enchendo a praia como ovos de tartaruga. Eu e Renata na parte central, em tecnicolor, em relevo. Fecho os olhos, esfrego o rosto de cima a baixo, até ao queixo. Que é isto nos dedos? Pranto, ou saliva?

Não é nada. Não há de ser nada. Ela disse mais um ano. Ahn! Já não estou aqui há dois?

Dois anos? E consegui aguentar? E suportei isto? Esta vida? Este inferno? Esta solidão? Esta distância? Esta ausência? Martírio e tormento, nada são quando ao cabo de tudo existe um prazo. Por que desesperar-me, em lugar de fazer uma comparação com o que sofro e o que sofrem os demais? Sim, os demais, no resto do mundo? Os infantes dos exércitos vencidos; os civis das cidades bombardeadas; os prisioneiros nos campos de concentração cada qual à espera da vez para o forno crematório!

Acode-me um anelo de solidariedade. Pego em folhas e mais folhas do romance, postas ali baralhadamente feito enxurrada num ralo, vou formando pilhas, batendo com elas em pé na beira da mesa; arranjo o bloco todo, mesmo sem ordem numérica, enfio-o numa gaveta, vou almoçar, ver a cidade, apresentar-me, oferecer-me, participar.

Mais um dia de rotina. E hão de passar muitíssimos outros. Ainda um ano. Quantos dias há em um ano? Não sei, não quero saber. Estou cansado e confuso para fazer cálculos. Para qualquer analfabeto, trezentos e sessenta e cinco dias; para mim, um século.

De noite o Nelson e o Kimura me ajudam a pôr o livro em ordem. O japonês junta pequenos maços, eu verifico o fim e o

começo de cada página, vou passando para o Nelson que as enumera.

Nos dias seguintes, jungido àquela mesa como a um cadafalso ou a um catafalco (sei lá) trato de passar o tempo imediato como quem quer atravessar depressa uma ponte. Entalo-me entre releituras de certos trechos como numa porta da qual só estivesse aberta meia folha. Porta estreita por onde passa por vez apenas cada heterônimo da minha euidade, como os gomos duma fruta cuja acidez eu deva provar.

Atrapalhado pelos múltiplos de mim mesmo (quantos indivíduos não fiquei sendo de 40 para cá?, dadas as contingências sucessivas, os solilóquios contínuos), acabo de ler o original, resolvo não alterar, não diminuir, não estender.

Acho que neste romance ambicioso trabalhei com diversas estruturas, que os capítulos são alas, tamanhos os assuntos que formam o contexto. E, quanto ao estilo, à desenvoltura, acho que guiei os personagens e os fatos como se eu dispusesse dum *tablier* de avião, dali, com apertos de botões e manobras de alavancas, movimentando motores, asas, paraquedistas, aterrissagens, voos.

Aquele era um romance ambicioso, sim. Da situação do mundo desde pouco antes de 14 até a derrota de Dunquerque e a tomada de Paris, já na Segunda Grande Guerra.

Como, então, encher mais um ano de campo de concentração?

Ainda bem que a Globo e a José Olympio me haviam solicitado traduções.

Folheei ainda algumas noites o meu romance.

Quem, dos futuros e eventuais leitores desse meu livro, entenderia na personagem brasileira — que cruzara tal fuligem como um fulgor — o sentido de prêmio não merecido, apenas entrevisto?

Uma vez terminadas as ponderações críticas a respeito da minha obra já pronta mas ainda inédita, esvaziei a mesa do gabinete de radiologia e a mesa da minha sala na Associação Médica. Aqueles ambientes fechados eram os meus dois cômodos: o profissional e o residencial. Deixei-as livres como dois recantos para os Evangelhos, o laico, de Joyce e o ortodoxo, de Dostoiévski. Pois dois encargos severos e minuciosos, a tradução de *Retrato do Artista Quando*

Jovem e a tradução de *O Idiota* eram incumbências que preencheriam o meu tempo atulhando-o como o alforje dum contrabandista.

Cartas de casa traziam duas novidades. Que Germana, namorada crônica dum arquiteto que há anos fora nosso colega no Anglo-Americano, ficara noiva, mas o casamento só seria no fim de 43; Hermínio (o noivo), já construtor de diversas residências nas ruas internas de Ipanema, estava terminando na avenida Vieira Souto um prédio de apartamentos com doze andares, o último sendo onde iriam morar. A outra novidade era já esperada. Germana e meus pais viriam passar o Natal, o Ano-Bom e Reis em São Paulo, na residência de Rafaela. Claro que contavam com a minha presença.

Dezembro de 42 chegou, fui a São Paulo no avião-escola do russo representante da Ford em Hacrera; deixou-me dirigir até Garça, apenas.

De volta à minha solidão no começo de janeiro de 43, afastei-lhe o sentido crônico de exílio, de tal maneira me empolgavam as traduções.

Isso de tradução pode ser comparado ao suplício dum operário demolir sozinho um prédio e ter que reconstruir-lhe depois a carcaça com o mesmo material. Constitui um curso retrospectivo e um teste ulterior de capacidade.

Mas no meu caso, assim que iniciei tamanha tarefa, tive a impressão de, sentado numa cadeira diante duma Remington, estar gessado ortopedicamente até a altura do hipogastro, tendo livres apenas o busto e a cabeça. Ainda assim sentia dificuldade em mexer com os braços e as mãos para virar páginas, bater nos teclados da máquina; em mexer com o pescoço e a cabeça a fim de que os olhos pudessem ver os parágrafos traduzidos e o texto original. À vontade mesmo apenas sentia a boca para fumar centenas de cigarros e vociferar imprecações.

De vez em quando, zozzo e exausto, me erguia (pesando arrobos como qualquer rês) para olhar no espelho se eu estava mesmo virando múmia de Joyce ou de Dostoiévski. Baralhava os dias. "Hoje é terça-feira ou sábado? Estou na Alta Paulista ou em

Dublin?” Confundia o Argolo com o príncipe Myshkin. Esquecia a guerra até me chegarem exemplares enrolados da revista *Life* com fotografias de Estalingrado e com tiras de papel cujas linhas datilografadas eram trechos de Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo e Mário Quintana.

Só uma noite ou outra me livrava da metamorfose e ia, a bem dizer incógnito, assistir a um filme. “Nós não estamos sós. Lírio Partido. Cais das Brumas.”

Mudava de textos, interrompendo o de Joyce e principiando o de Dostoiévski. Faltavam inúmeras páginas, tinha trabalho para mais de ano. Do idioma russo quase não me lembrava direito embora em Berlim o cônsul Petrof me houvesse ensinado durante o outono e o inverno de 22 e 23.

Cheguei ao cúmulo de esquecer em que mês estávamos, porque somente em junho me iria embora definitivamente.

Um dia, em fins de maio, indo eu ao correio, recebi uma carta. O carimbo era do Rio. Ela não seria de mamãe nem de Germana e muito menos de tio Rangel; estes escreviam e subscritavam à mão suas correspondências, ao passo que aquele envelope era datilografado. Abri-o ali mesmo na rua.

“Prezado Jorge:

Está a inteirar-se o terceiro ano do seu exílio aí, tão longe dos seus e de nós. E avalio o seu estado de ânimo, assim como você avaliará o nosso, pois combináramos para o próximo mês de junho o seu regresso definitivo.

Convém, portanto, analisarmos os motivos que forçaram tamanha ausência.

Primeiro: Sem estatuir qualquer prazo e sem significar em absoluto uma fuga, você deixou o Rio a fim de possibilitar a R. imediato tratamento, livre das preocupações e conjunturas que, pelo

contrário, agravariam o estado de coisas se tal providência não fosse tomada.

É evidente que o sacrifício de você determinaria, da parte de R., a obrigação espontânea de recuperar-se quanto antes a fim de agir logo em seguida noutro sentido: o de emancipar-se e resolver deveras o vosso desejo.

Do ponto de vista médico, ou melhor, orgânico e terapêutico, se julgou que dois anos seriam necessários e suficientes para a cura. E de fato foram.

Segundo: Pediu-lhe R., então (em junho de 42), sem lhe apresentar pormenores mas apenas se baseando nas providências de ordem judicial que ia tomar, que você só se transferisse de vez para aqui em junho de 43. Todavia, Jorge, você nos fará a caridade de vir somente em dezembro.

Imagino o desgosto, o pasmo que você sentirá, por conseguinte se torna imprescindível uma explicação:

Não se trata de motivo de saúde, graças a Deus. O lobo superior do pulmão esquerdo já clareou, o exame de escarro tem dado negativo, o médico prossegue com o pneumotórax apenas para consolidação. Já meses antes, certificada de que os trâmites judiciais que ocorreriam longe estavam de interferir no seu *status* físico, ou pulmonar, R. tratou logo de conseguir desquite amigável.

Os colóquios, diálogos, debates e insistências prolongaram-se durante meses. Tendo sido vãs as tentativas de acordo, ela partiu para o desquite contencioso, servindo-se dum advogado de fama e que habitualmente só aceita causas após examiná-las e compenetrar-se das respectivas viabilidades.

Tendo o juiz, ao qual coube por distribuição o processo — magistrado íntegro e que segundo consta já está na lista das promoções (irá para o Tribunal de Alçada) — deferido o pedido de separação de corpos, Fulano não se alterou: apenas mudou do quarto da frente para o dos hóspedes. Como R. fugisse para a minha casa em Petrópolis, ele apareceu em menos de vinte e quatro horas e se aboletou no aposento contíguo. Tendo R. me chamado pelo telefone, fui até lá e a trouxe para a minha casa; ele fez disto aqui hospedaria...

Eram atitudes pessoais, que por certo não influiriam na marcha da causa. O advogado de Fulano é useiro e vezeiro em inventar chicanas, obter protelações, reter consigo os autos, requerer recursos, adiar audiências etc.

Toda gente sabe que a máquina judicial ao invés de rodas tem mais pernas do que uma centopeia; mas se caminha centímetros, logo para e se enrola. E quando a causa é vultosa, os arrazoados da parte contrária se tornam do tamanho desses camelos que no deserto de repente se deitam na duna e não há ofertas de tâmaras, chicotadas e berros que façam a caravana levantar e prosseguir.

Isto posto, prezado Jorge, já vê você a necessidade que eu tinha de escrever-lhe (atitude que nestes quase três anos nem eu nem R. tomáramos até agora por escrupulosa cautela). O nosso advogado está certo da vitória, e sempre que nos enervamos ele sorri ante a nossa precipitação de leigas e a neutraliza com um argumento que lhe parece válido e peremptório: 'O meritíssimo juiz da Vara de Família e Sucessões, ciente da sua provável promoção, não entrará em férias forenses em dezembro, sem aliviar as suas pastas de tudo quanto é causa de mais de ano. Tem em grande apreço as responsabilidades. E por ser escrupuloso não as transfere'.

Em todo o caso, Jorge, se você quiser vir agora em junho, venha; mas as dificuldades de aproximação ainda serão as mesmas, ou piores. Não precisa nem deve responder-nos; basta de sobressaltos. Assim, pois, até o Natal.

Abraços de
Tia N.

Pós-Escrito:

R. quis acrescentar algumas linhas a este meu texto; porém desandou a chorar de saudades e isso lhe provocou tosse. Como tia autoritária que sou, lhe vetei novo intento, fazendo-lhe a vontade

apenas ao transcrever esta 'canção de amigo' que ela me ditou e que é do século XII:

Se nesta vyda mortal
No há hy prazer que dure,
Tampouco há tamanho mal
Que por tempo nam se cure.”

Que decepção! Mais seis meses. Ao todo, três anos e meio de degredo. Meti a cabeça nos textos, as mãos na máquina, e haja traduzir até altas horas da noite, não raro vendo amanhecer lá fora, a claridade da rua brigar com a iluminação elétrica da sala. E consegui o prodígio de me meter no fluxo consciente de Joyce e no dédalo das almas dostoiévskianas. Em meados de novembro reli a minha versão, emendei, embrulhei num só os dois pacotes. E dei em vagar pela cidade até alta noite.

A ironia do Tempo é ele fingir de substantivo abstrato.

Bairros comerciais fechados. Cafés vazios. Luzes somente no Tênis Clube, onde advogados, médicos, banqueiros, comissários, fazendeiros e respectivas senhoras jogam *pif-paf*. O rádio dá a notícia do desembarque aliado na África. No bairro de São Miguel, japoneses misteriosos sentados nas calçadas, como cangurus ao luar. Na entrada do Leader e do São Bento, caixeiros-viajantes e corretores de seguros conversam em cadeiras de palha. No setor industrial, as máquinas de beneficiar algodão descansam do *full-time*. Parecem silos, prensas; de dia fazem ruídos compactos de porão de navio, de sala de tear, de usina. Nas plataformas, fardos com cintas de ferro.

Mais além, rente aos desvios da via férrea, sequências de aparelhagens pesadas como paquidermes terminando em supostos alambiques que lembram proboscídeos de cristal.

Entro em casa, levo uma noite e um dia a encher cinco malas; principalmente com livros mandados para eu fazer críticas, artigos e ensaios.

Esvazio estantes, armários, gavetas. Após o almoço vou ao banco, retiro em cheque todo o meu depósito. Depois vou à estação. Passagem para o noturno.

Despeço-me do Argolo, sem dizer ao certo que pretendo não voltar. Não aguento mais este exílio. Devo passar duas semanas em São Paulo, onde tenho compromissos sempre adiados.

Germana casa-se nas vésperas do Natal; vou ser padrinho. Estarei no Rio na terceira semana de dezembro.

Noite de 28 de novembro de 43.

Lá vou eu estirado numa cama fria, coberto até ao queixo. Meu companheiro, gerente dum banco, põe-se a conversar comigo lá em cima, pois instou em me ceder o leito inferior. Por mera atenção respondo ou comento de vez em quando o que ele me diz. É um emérito caçador que, paradoxalmente, ama as aves. E, no escuro, de Hacrerá até Gália, explica a vida, a alimentação, o *habitat*, a postura, as características e os costumes dos bichinhos que apenas caça uma vez por ano.

Assim é que vou sabendo coisas singulares a respeito do macuco, do inhambu e das codornas. Que o mutum tem um nome científico que parece verso parnasiano. Que o uru põe ovos no chão, debaixo de folhagem densa, e que o ninho parece um forno. Que o irerê não é ave nossa apenas, não, pois existe na África, nas Antilhas e em toda a América do Sul, desde a Colômbia até o sul da Argentina. A respeito de rolas, o que ele me diz parece um poema bucólico. Ouço aqueles nomes: pomba-trocaz, rola-pedrês, pombagemedeira, avoante, parari, fogo-apagou, juriti-azul... E tais nomes sugerem paz. A ele sugerem sono, pois para de falar depois de muitas explicações sobre os tamanhos, colorações, bicos, pés, rêmiges e crissos; não tarda a dormir, resfolegando beatificamente.

Eu, por mim, só consigo dormir depois de Duartina, pois levei horas absorto em considerações, numa espécie de revisão geral do tempo. Três anos e meio! Quanta coisa surpreendente, quantas diferenças, alterações, sofrimentos, ânsias, pasmos, marasmos, atordoamentos e tarefas! Que baralhada no meu espírito! Copacabana, Ipanema, avenida Niemeyer, Barra da Tijuca, Paineiras, Paquetá, Petrópolis, São Cosme, Caduceu, cinemas, livros, telefonemas, passeios, música, poesia, cerimônia, intimidade, Munique, Dantzig, Memel, invasões, derrotas, bombardeios, paroxismos, confusões, pânicos, rádio, jornais, golpes de Estado,

direitas, esquerdas, aviação, estados-maiores, mapas, congressos, Polônia, Noruega, Holanda, Bélgica, França, Líbia, Extremo Oriente, Stuka, Messerschmitts, Spitfires, Fortalezas Voadoras, comandos, *blackout*, *make-up*, insânia, delírio, contrafação, loucura, radiografia de pulmões, caverna, tia Noêmia, o doutor Alípio, Congonhas, Santos Dumont, Nurembergue, Estalingrado, Midway, espaço vital, sudetos, judeus, campos de concentração, Downing Street, Wilhelmstrasse, Krêmlin, Casa Branca, Von Brauchitsch, De Gaulle, Wavell, Giraud, Darlan, Rommel, Tojo, Hacrerá, Casa de Saúde, Eisenhower, Nimitz, Montgomery...

Sonho baralhadamente, ou penso sem nexos cronológicos, feito fogueira fumegando enquanto lhe botam água?

Três anos e meio! Modificação total na minha vida! Fuga e exílio, desterro e trabalhos forçados a mil quilômetros de distância de onde antes fui disponibilidade e gratuidade! E o livro? Sim, o livro, o romance datilografado? Ah, que susto! Ali está ele na mala, verdadeiro alforje de couro com pedras, sementes, raízes, coágulos, lágrimas, obstinações. Envolto em mapas ecumênicos, atado com meus nervos, lacrado com a minha febre.

Este percurso de Hacrerá a São Paulo pelo trem que sai à meia-noite e só chega às duas da tarde é fatigante e monótono. A minha inércia algo estremunhada não é senão ainda um cansaço de oito. Dói-me a alma como o dorso dum *coolie*. Dói-me o corpo como se eu tivesse passado três anos e meio deixando que me laminassem. A verdade é que vim desde meia-noite até de manhã deitado, suspenso na treva e na insônia, ao léu de rodas que me transportaram até Pederneiras. Em todo esse primeiro percurso risquei mentalmente o vão da cabina, negra como nanquim, com riscos brancos como giz, formando e superpondo desenhos como os que vejo agora nesta revista cheia de reproduções de Hans Erni. Ora, nas prisões em França poetas fazem pior: decoram os sonetos e os retêm já que nem sabem quando lhes será dado ao menos um lápis!

Agora, neste segundo trecho do percurso, no trem de aço, primeiro faço uma faxina nos compromissos, repondo em ordem a minha vida que parece ter chegado ao fim dum capítulo, o seguinte

não podendo vir a ser um *da capo*. Ajo mentalmente, arrumando os meus propósitos tal qual o sujeito que, ao acordar num hotel, minutos antes da viagem, revista os bolsos, rasga papéis, guarda recibos e prepara o seu expediente do dia. Perfeitamente. Três anos e meio. Sobrei de tudo o mais. Aqui estou. Valeu-me ou não a experiência da Alta Paulista? Claro que me valeu, já que sofri. Sou outro homem. Meu pai tinha razão. Se vim para uma variante de itinerário, não fiquei dormindo num motel. Tampouco carreguei pedras à toa como Sísifo. Superei tudo e no litoral do desvalimento montei um estaleiro. Agora, regresso de vez. Claro! Lógico! Nem será preciso voltar ligeiramente a Hacrera, levar um substituto, despedir-me de todos. E no Rio?...Vida nova? Sim. Voltar à clínica especializada? Ou viver escrevendo só? Escrevendo o quê? Ora, ora, que importa? O que conta, o que é essencial... Sim, o essencial é Renata, é renascermos ambos.

Teremos diante de nós a Vida. A autêntica, aquela a que fazemos jus porque a resgatamos pagando alto preço.

Respiro fundo, acendo o cachimbo, olho para os viajantes sentados ali no *Pullman*; trato mas é de ir almoçar. Gente. Paisagem. Sol. Rumino um verso de Éluard enquanto espero ser servido na mesinha para dois. O verso diz: "*Le monde change de couleur, naissance contraire absence*". Está certo. Quanto à verdade estatística de que os nascimentos encham as lacunas de óbitos, não resta dúvida. E o que vem difere sempre do que se foi. Eu próprio não renasci, não mudei quando descobri que dia era ontem? Aliás o meu exílio o que foi senão realizar literalmente o postulado de Eckhart? Qual postulado? "Despojar-se de todo o quê."

Afinal de contas, pensando bem, é a poesia que determina o comportamento certo em todas as conjunturas. Determina, mas não resolve. Quando fui para Hacrera me anulei do mundo, obedecendo ao verso de Pasternak: "De que te vale clamar se este mundo é um lugar surdo?" E de fato lá cheguei estourado, acreditando naquele outro verso, de René Laporte: "*Nous sommes des fruits éclatés*". Mas agora estou aqui regressando não intato mas bem amadurecido, e sei duma programação eficiente contida num verso: "*Que la bouche remonte vers sa vérité*".

Na mesa ao lado uma nédia matrona corta com a faca um pão para os filhos atentos. Será que dentro em breve o mundo (sim, essa invasão da Europa deve estar próxima!) não se re fará? Mas tornará a civilização a ser o que foi antes, isto é, um aspecto sucessivo na gangorra da Liberdade? Essa matrona brasileira, aí, não será o símbolo de qualquer coisa misericordiosamente solícita e oportuna, assim partindo o pão em pequeninos e, junto com sal, azeitonas, rosas e água de cântaro, servindo uma geração que não comerá mais em cochos?

De tarde o trem passa pelo flanco do Juqueri. Vejo para lá da rampa ajardinada um paranoico conclamando por meio de gestos e apóstrofes os valores invisíveis. Conclamando o quê? Não sei. Ele deve saber. Sua atitude parece vincar um brado assim: "Em verdade vos conclamo à pressa!"

São Paulo. Sim, cheguei depressa. Conclamam-me.

Em São Paulo hospedei-me desta vez em casa de Conceição e Roberto — desde muito enciumados por eu preferir (segundo eles) Lauro e Rafaela.

Tive que cumprir diversas tarefas. Duas conferências, uma na Associação de Medicina, outra no auditório da Biblioteca Municipal; a primeira, lotada, com gente até nas janelas; a segunda com debates que quase a transformaram numa daquelas *bagarres* dadaístas da sala Pleyel em Paris. Oswald de Andrade sempre ao meu lado. Ainda bem. Outro compromisso foi autografar obras minhas numa livraria do centro. O lucro das vendas de volumes felizmente chegou para pagar os *drinks* e os canapés de caviar.

Como afinal iria de regresso definitivo para o Rio, durante as duas semanas de dezembro fiz ternos num bom alfaiate, muni-me de boa roupa branca, escolhi gravatas, porque o triênio e meio na Alta Paulista tinha sido de relativo desleixo.

Não obstante convites e recepções, dispus de tempo para reler o *Retrato do Artista Quando Jovem* e *O Idiota* antes de entregar as duas traduções datilografadas aos representantes da Globo e da José Olympio. Endossei os cheques dos pagamentos e recolhi-os à minha conta-corrente no Banco Brasileiro de Descontos.

Argolo falava em vender a Casa de Saúde a um consórcio formado por dois terços dos médicos de Hacrera. Tão logo isso se efetivasse eu poderia dar provas a meu pai de que lhe havia seguido os conselhos.

Estava ansioso por voltar ao Rio. Tão ansioso que não suportara mais o exílio, viera descontar o fim do prazo em São Paulo. Mesmo porque as remessas da revista *Life* tinham parado em novembro, fazendo-me interpretar isso como aviso e "atenção ao sinal verde".

III

15 de dezembro de 43. Só consegui passagem para o avião das seis horas da tarde, mas o grupo de parentes e amigos me comboiou relativamente cedo para o bar do aeroporto de Congonhas. Uns beberam cerveja, outros, uísque; eu, um pouco de tudo enquanto acendia e reacendia o cachimbo, prestava atenção na barafunda rente aos balcões, no embarque e desembarque dos passageiros, no ronco dos aparelhos, nos avisos do alto-falante. Isso, a bem dizer para me capacitar de que me ia embora mesmo, e de vez.

Logo joguei fora esse estado de alma de passageiro ferroviário, e passei a dar provas de efusão grata a quantos tinham vindo despedir-se de mim. O meio mais evidente era responder-lhes às perguntas, reencher-lhes os copos. De vez em quando palpava num dos bolsos o bilhete de passagem e os talões das diversas malas.

Quando o alto-falante chamou os passageiros portadores de fichas amarelas, despejei-me para o *zinc* do *bistrot* a fim de pagar depressa as despesas; Lauro e Roberto não consentiram. Depois fui chacoalhado por diversos abraços que quase me sufocavam... Foi quando alguém verificou que a minha ficha era vermelha.

Nova rodada de cerveja, Coca-Cola, uísque, Lindoia, gim, rum, conhaque. Meu cachimbo entupiu. Haja descobrir um instrumentozinho cibernético adequado para a discreta operação; por fim serviu um pedaço de arame descoberto dentro duma tina de samambaias.

Consegui pagar secretamente a segunda despesa, custei a acertar o bolso onde guardara a passagem e os talões das malas (a ficha de embarque estava metida no bolso do lenço no paletó), o bando me conduziu ao portão A, ouvi uma senhora que não pertencia ao grupo exclamar: "Decerto é algum oficial à paisana que vai para Campinho ou São Cristóvão servir nos Obuses Autorrebocados da Força Expedicionária Brasileira".

Durante a viagem de noventa minutos, os motores simulavam orquestração. Ao passar por cima de Cunha e São Luís do Paraitinga cuidei estar ouvindo a *Sinfonia do Novo Mundo*, de Dvořák; depois, por cima da ilha Grande e de Mangaratiba, foi como se escutasse a suíte *O Descobrimento*, de Villa-Lobos. A noite surpreendeu-nos ainda por sobre o mar. Pouco antes da Guanabara já o espetáculo à esquerda se ofereceu bizarro e grandioso; não como paisagem mas como profusão de fosforescências recamando a treva. O litoral, desde a Gávea até o Pão de Açúcar, submetido a *blackout*, mas, da altura em que íamos, a iluminação profusa dos bairros internos tornava aquela precaução teórica um paradoxo redundando em pleonasma.

Fundo e longínquo, girando obliquamente, corroído de negror rente às águas, mas polvilhado com poalhas de safira, rubi e topázio nos subúrbios, o Distrito Federal ofertava geometrias coruscantes.

Saltei afoito no aeroporto Santos Dumont indo logo telefonar para a casa de Renata. Ruído insistente, como de moinho doméstico. Por fim interferência da telefonista perguntando que número eu queria, para daí a pouco esclarecer: "Aparelho retirado". Pensei: "Foi morar com a tia". Liguei para outro número. Uma voz, decerto da criada, informou: "Estão todos em Petrópolis", e desligou.

Que alívio! Foi como se eu jogasse o coração para o alto, batesse palmas e júbilo e o apanhasse de novo. Eu compreendia, adivinhava! Renata deixara a casa onde morara. Eu conhecia o seu temperamento. Não era criatura para permanecer onde sofrera. Alforriada afinal, tratara de safar-se; e em Petrópolis, na residência de verão da tia, formulava projetos, a principiar do Natal.

Bem. Agora ir para casa. Amanhã comunicar-me com Petrópolis, subir para lá.

Nenhum táxi. Nem rente à calçada, nem estacionado na praça. Enquanto eu demorara a procurar e anotar o número do telefone de dona Noêmia, os outros passageiros do último avião o haviam lotado. Pensei em ligar para nossa casa. Mas refleti: "Germana vendeu o Chevrolet para com o dinheiro melhorar o enxoval. Já me escreveu isto um par de vezes. Descobrir o noivo para virem juntos buscar-me no carro dele...? Sei lá onde estarão agora? Num cinema,

no bar Zeppelin... De mais a mais quero pregar uma surpresa em meus pais”.

Dei os talões das malas a um carregador, fui com ele para o setor das bagagens. Lá estavam elas. O marçano perguntou-me se eu tinha carro. E avisou-me: “Não há táxi que leve isso tudo”. Aconselhou-me a depositá-las até amanhã e então providenciar.

Agradei-lhe a excelente ideia. Retirei apenas uma valise. Daí a uns vinte minutos, com as duas mãos ocupadas, uma segurando a valise, a outra a alça da pasta, embarafustei pela Esplanada do Castelo, atento a um possível táxi vazio. Ou lotação. Dirigi-me para a esquina da rua México, onde os ônibus de Ipanema tinham ponto inicial ao lado do Nilomex. Mas eis que deparo com o novo edifício do Ministério da Educação e Saúde. E, de repente, me vejo cercado por abraços e clamores. Diante de mim, sob o pórtico moderníssimo, Beatrix e José sobraçando flores e pastas.

Que alegria! Exclamações, risadas, cirandas, perguntas. Sim, estavam saindo do ministério onde havia mais de mês dirigiam, ensaiavam e promoviam o programa especial *Hora de França*. E eu? Estava chegando da Pauliceia? Ia para casa? Então me levariam de carro.

Para início de gratidão prévia fui logo perguntando a Beatrix como ia de poemas provençais. Isso declanchou como demarragem (junto de ambos senti ganas de fazer galicismos), explosões de entusiasmo, novidades e a exigência: comparecer à recepção que ela vai dar ao embaixador do Canadá, às dez horas da noite. Sim, em casa dela, na avenida Vieira Souto, perto do Cabral e do jardim de Alah, pois então eu não sabia, ora essa!, vários quarteirões para lá da nossa residência. Sim, José irá buscar-me às nove horas. E Beatrix fala, toda empolgada, da sua campanha pelo rádio a favor da França e em prol do general De Gaulle. Uma sensação! Todos os grandes espíritos, todos os grandes intelectuais ajudando-a. O próprio Bernanos a estimulava apesar de tão casmurrão! Precisa que eu colabore também. Vou ficar de vez? Que história é essa mais estapafúrdia dum amigo como eu estar no interior? Tenho que ficar no Rio definitivamente. Sim, espera-me esta noite. José irá buscar-me de carro às nove horas. E ele explica, entre outras coisas, que

receberão a visita do embaixador do Canadá, “essa espécie de Herbert Moses do dinamismo diplomático...” E Beatrix tem uns poemas patrióticos, quer que eu os leia!

Ao passar pela esquina da rua de Renata olhei para aquela perspectiva conhecida, não vi senão calçadas, árvores e postes. Do lado da praia, tudo às escuras.

Beatrix com seu paroxismo ingênito fala angustiadíssima da situação do mundo, mas logo se reanima, explica como a França estava recuperando a sua soberania, desanda a falar no general Giraud, na Resistência, nos *maquis*, nas Éditions de Minuit, no opróbrio dos reféns; vitupera contra Vichy, inflama-se toda com o afundamento da frota em Toulon.

Largam-me na calçada de casa. Estranho a escuridão. José, ao entrar para trazer a maleta, já que Beatrix me encheu as mãos de papéis, folhetos e programas, diz que tal escuridão é periférica, pois os cassinos de noite são labaredas e sorvedouros.

Germana vem abrir. Alegria. Surpresa. Essa minha mania de irromper no Rio sem telegrafar! José convida-a terminantemente a estar pronta também às nove horas, grita lá para cima, dirigindo-se a mamãe, que sirva o jantar cedo. Virá roubar-lhe os filhos às nove horas.

Janto aqueles pratos familiares tão sadios, de antigamente. Ouço novidades a respeito de tudo quanto é parente e conhecido. Sou intimado a dizer que volto de vez. Explico que de fato já estou saturado. Que vou ficar no Rio para sempre. Informam-me que tio Rangel continua a reagir contra as “contumélias” de Maria Clara.

O lar. Meus pais. Minha irmã. Os quadros, os móveis, os livros. Aquelas fisionomias. Saio um pouco. Ah! Como cresceu a amendoeira no centro do jardim! Depois, enquanto Germana sobe para arranjar-se, papai e mamãe comentam o dinheirão que Beatrix está gastando nos programas da *Hora de França*.

Estamos ali na biblioteca. Os vidros das janelas forrados com papel preto. As frestas calafetadas. Cortinas novas, bem grossas, nas janelas e portas da frente.

Subo. Abro a maleta. Resolvo barbear-me. Mamãe intervém, acha que isso é perigoso depois da refeição.

— Parece incrível que um médico...

Explico que o embaixador do Canadá estará presente, que não me barbeio há mais de dois dias. Mãe fica a assistir, toda embevecida. Acha que estou bem, declara que da última vez me estranhou muito, que me achou tão triste...

José fonfona, embarafusta — o cachimbo feito fogueira — pela casa adentro, sobe, arrasta-nos, pois Beatrix quer antes de mais nada que eu dê minha impressão sobre os seus poemas de guerra.

Lá fomos. Ipanema vazia, às escuras. Aquele vão tão lindo de praia está muito lúgubre. Carros de tração animal. Calhambeques com gasogênio. Meniscos pretos nos globos de luz das esquinas.

Primeiro se atiram a nós os cães policiais, belos, elásticos, com um pelo que faz parecer que saltaram dos Gobelins para receber-nos. Reconhecem-me. Depois acorre Beatrix em pessoa, gesticulando, gabando a beleza de Germana, chamando-a de ingrata, mostrando as *corbeilles* recebidas, fazendo-nos entrar para a sala cheia de telas. Lhote, Milena, Gromaire, Vuillard.

Sento-me numa poltrona Aubusson reingressando num mundo que não é a minha mansarda.

Enquanto José nos serve *armagnac* em copos bojudos, ela me faz ler, imediatamente, os poemas que estavam em cima da lareira provençal. Não, já não é mais a suave poetisa de Arles, das azinhagas bucólicas, das primeiras comunhões, das vindimas. Agora é uma bandeira tricolor flamejante. Crava os olhos em mim, enquanto lhe declamo os versos, vibra como um feixe de nervos.

Estava eu ainda em meio quando entra o primeiro grupo amigo. Poetas, músicos, pintores, ensaístas, gente de jornal, mulheres de sociedade. Invectivam-me. Declaram que sou um foragido, exigem meu regresso quando mais não seja para atíçar-lhes as ciúmeiras.

Logo se estabelece uma intimidade reflexa, pois em casa de Beatrix direitas e esquerdas se fundem dialeticamente. Chega um segundo grupo: gente de Minas. Não deve tardar, segundo diz o José, o grupo do Nordeste. Às dez chegará o embaixador. Então nos dividimos em núcleos e me vejo trasladado para a biblioteca imensa, no último andar. Naquele ambiente quase monástico de tão severo, com as cortinas da frente abaixadas que nem velários,

ficamos uns seis, indiferentes às conversas e risadas no vestíbulo e no salão. José pompeia com suas gargalhadas. Mas Beatrix o chama; ele desce. Falatório embaixo. Nisto sobe a Lambeth, vem a mim, abraça-me, fica radiante, pede que eu lhe acenda o cigarro, e não para mais de falar. Conta então que um guarda da radiopatrulha batera, exigira que se fizesse *blackout* total. Que deixara a Beatrix lá embaixo a oferecer *cognac* ao homenzinho, a perguntar-lhe se a achava com cara de quinta-coluna! E a Lambeth imita o guarda a beber e a zangar, e imita Beatrix a enchê-lo de charutos e descomposturas.

De fato, havia risadas lá embaixo. Mas cessaram. Agora, ruído de taças, vozes femininas e, como contraponto, daí a pouco, outra vez, as risadas do José.

Por fim um violoncelo se faz ouvir e ficamos sem saber quem será que está cantando a ária e dança do martelo da *Bachiana n.º 5*.

Penso na minha ida amanhã cedo a Petrópolis. Primeiro procurar falar com tia Noêmia ao telefone de modo a avisar que cheguei, que subi, que estou perto. E assim saber ao certo qual a situação. Aquela história do telefone retirado...

E a Lambeth, com seu aspecto vivaz de locutora cosmopolita de *broadcasting*, encara a minha fisionomia, pergunta da minha vida, dos meus trabalhos. Isso em voz sussurrante, para não atrapalhar o silêncio dos que ouvem a música e o canto. Está colocada bem perto da lareira cheia de esmaltes e pratas antigas. Pergunta-me se trouxe algum romance pronto. Quer saber o enredo. Nego-me a um resumo, dizendo que estou saturado. Ela concorda, toma-se como exemplo. Ah! Aquela Lambeth!

— Preciso muito que você veja e me diga com sinceridade o que acha da minha nova fase. Deixei de vez aquela *constante* Chagall. Pois é. Larguei o onirismo. É tão mórbido como o mundo de Dalí.

Muito loquaz, diz ser um tormento em arte uma pessoa não saber como fugir a influências para ter personalidade. Caiu no abstracionismo! Coisa impessoal, não é verdade? Todavia pior do que imitar não será, ora não? Exposição? Jamais. Só para os íntimos. Mas tem certeza de que desaparecerei outra vez, que não verei a

sua evolução. Acha que decididamente não acredito nela como artista. Da mesma maneira que provei não acreditar como... mulher.

Olha-me brevemente.

— Promete ver, dar sua opinião sincera? Não rirá de eu haver virado abstracionista? O Pedrosa e o Bento gostaram. Imagina, Jorge, que o Pedrosa me comparou a Manessier... — Riu muito, prosseguiu: — Que eu tenha adquirido a transparência e a estrutura de Manessier é piada do Pedrosa. Mas que estou fazendo umas coisas puras, singelas, como Singier, lá isso estou. Como é que lhe hei de mostrar? Decerto estes dias você andarás muito atarefado. Chegou hoje, como ainda agora me disse, deve ter muito que fazer. Mas fica de vez no Rio, não é? Quero a sua opinião sobre tudo, desde a minha fase titubeante, até a maneira geométrica, no gênero de Kupka. Já estou tentando planos moventes. Você acha que eu conseguirei, Jorge? Quero sua impressão não só porque admiro sua análise como porque você anda longe das rodas e portanto está mais capacitado para ser sincero e apreender logo! — Outra risada, desculpando-se. — Pois é. Telefone-lhe daqui a quatro dias. Vê só como sou camarada? Vou dar tempo para você armar-se contra mim. E, sabe? sempre me valeram aquelas aulas com o Nagy em 1928 em Berlim. Tanto que não deixei meu marido tratar com ninguém a planta da nossa casa nova. Eu mesma fiz a planta do apartamento. Começaremos logo a construir. Doze andares. Mostrei ao Flávio, quando estive em São Paulo, ele disse que parecia McGreevy. Ficaremos no último. Vou decorá-lo eu própria. Só tenho medo duma coisa: que do décimo segundo andar eu não tenha vista nenhuma. Você sabe, não é todo mundo que pode comprar terrenos na praia. Aliás não podemos comprar nem no subúrbio. Que horror, o subúrbio! Aproveitamos o terreno da única propriedade que meu marido tinha. Tinha!... Herdou! Mas é tão perto do mar! Você acha, Jorge, que me vão tapar a vista com outros arranha-céus? Hein, Jorge?! Tenho tanto medo... E que dificuldade para arranjar que a Caixa Econômica financiasse. Afinal, vamos ficar mas é pagando aluguel a vida inteira e só com a sugestão de proprietários. Você acha, Jorge, que isso de construção financiada, tabelas price etc., no fundo não é uma situação pior, mais escravizada do que ser

inquilino? E depois, Jorge, se eu me arrepender, se mudar o gosto, o senso das construções, se eu reparar, só depois do prédio feito, que ficou um aleijão, como é que vou desmanchar doze andares, Jorge? Ah! Estou tão aflita! Sou uma burra. Já que pretendi ser arquiteta (é assim o feminino dessa palavra, Jorge?) por que motivo hei de estrear logo no meu prédio de apartamentos? Não seria mais prudente arriscar “genialidade” numa construção alheia?

Nem sequer me lembrei que os Lambeth eram proprietários da residência de Renata.

— Mais prudente? Hum! E se o proprietário dum edifício ou os donos dos condomínios onde você tivesse estreado como “arquiteta” lhe dessem depois dor de cabeça? Se você, Lambeth, se esquecesse por exemplo de fazer as portas!...

— Credo! É mesmo, Jorge. Melhor errar em casa, na “intimidade”, não?

— E você já começou a construção?

— Que nada! Apenas meu marido e eu encarregamos uma firma de demolir a casa velha, que foi da tia de Arnaldo.

— E enquanto isso onde é que vocês estão morando?

— Sempre no Leme. Por quê? Ah! Você pensava que nós morássemos nessa casa que mandamos demolir agora? Não, Jorge! Nunca. Sempre no Leme desde que nos casamos. Pois você já não esteve lá?! Elogiou tanto o meu *studio*, e já nem se lembra!

— Já compreendi. A tia velha foi morar com vocês no Leme...

— Ora, Jorge!! A tia do Arnaldo morreu em 32. Aturou até aos oitenta e um anos; mas um dia, Deus me perdoe, resolveu estrear o mausoléu que mandara edificar no Caju desde o tempo do império. E desde 32 a casa esteve alugada até agora, o mês de novembro. Inquilinos ótimos, cuidadosos.

— E por serem ótimos, cuidadosos, você os botou na rua para poder levantar uma torre inclinada como a de Pisa...

— Ah! Jorge! Eu ia fazer uma coisa dessas!?

— Mudaram-se, então?

— A Renata, coitada! Tão bonita! Tão interessante! Nunca cheguei a conhecê-la pessoalmente. Eu tinha tanta curiosidade,

ouvia sempre tais louvores! Como é que se morre assim, Jorge!? Morreu... haverá quinze dias.

A biblioteca sumiu. Tudo: pessoas, paredes, livros, candelabros, poltronas.

Foi como se um avião desgovernado, em fúria, com os motores em rotação máxima, num ronco estertorante, despencasse entre labaredas. Recuei o corpo como ante o estouro dum peso batendo numa queda de seiscentos quilômetros horários.

É assim que se morre. Aquela notícia passou por mim da cabeça aos pés, como um fuso sibilante. Imóvel, transfixado, via passar estrias e riscos lixando meus sentidos. O mundo todo despencava vivisseccionando-me. E ali fiquei hirto como um eixo virtual. Trinta segundos? Um minuto? Um quarto de hora?

Quando tudo emergiu do estampido percebi a presença de Lambeth boiando numa poalha de fulgores. E depois a sua voz, no silêncio absoluto que sobreveio, parecia dição ventríloqua.

— Jorge! A cinza do cigarro vai cair, queimar sua roupa. Como é que se pode manter uma cinza de cigarro assim direitinha com mais de dois centímetros, Jorge!?...

Olhava-me aproximando muito o rosto, a ponto de eu lhe ver quatro olhos em série. Fechei as pálpebras, esfarelei o cigarro no cinzeiro ao lado. Cada vez mais próxima de mim, a Lambeth, muito zozna, me analisava como se assistisse à morte dum homem. Morte sem sangue, sem agonia, sem estertores; apenas um calor sumindo. Pela fresta das pálpebras eu a vi recuar, sair depressa; descia as escadas. (Não ali as escadas da biblioteca, mas sim os degraus dum subterrâneo cavo produzindo ruídos de efeito agudo.)

Atolado naquela agonia volvi os olhos para a escada por onde novos ruídos subiam em curva. A Lambeth voltava com minha irmã. As duas aproximaram-se correndo. Eu continuava esfregando ainda o cigarro no fundo do cinzeiro de cobre, como se meus dedos procurassem transmitir não sei para onde um apelo desesperado de S.O.S.

Dois semblantes esticados sobre mim como gárgulas.

— Jorge! Está sentindo alguma coisa?

Os olhos esbugalhados da Lambeth. A boca em pasmo de Germana. Uma náusea ganhava-me como se fosse vomitar a existência.

Na expressão de horror estampado nos rostos que me observavam se refletia o esgar do meu assombro.

— Germana, que é que ele tem?... Costuma ter isso? Beatrix! Beatrix!!!

O brado da Lambeth foi tão estridente, de pânico e de socorro, que se fez silêncio súbito lá embaixo. E depois ouvi tropel escada acima.

— Passou — disse eu. — Deve ter sido uma crise de angina falsa. Tenho fumado muito.

Agora eu me via cercado por mulheres e homens. Germana desfez o laço da minha gravata, desabotoou-me o botão da gola da camisa. A Lambeth disse que se afastassem, que não me tirassem o ar. José indagou se eu queria recostar-me. Gente subia, espiava, apoiada ao corrimão.

Nisto me levantei, calquei o peito com as mãos bem espalmadas, procurei sorrir, creio que lhes disse a todos que já estava bom. E, como prova, dei uns passos, olhei para uma estante. Os que estavam na escada desceram. Diante de mim, batendo palmas, Beatrix dizia a rir, magnanimamente:

— Já está bom! Já está bom! Mas tem que sentar. Tem que deitar.

E procurava levar-me pelos ombros para junto dum canapé.

Lá embaixo recomeçou a alegria. Alguém principiou a tocar piano e uma voz feminina se pôs a cantar o *Lullaby*.

A curiosidade em saber quem estaria cantando fez a biblioteca ficar quase vazia, só ficando eu, Germana, a Lambeth e Beatrix.

Não aceitei, resisti à pressão desta última a querer que eu me estirasse. Germana arregalava muito os olhos, analisando-me.

Beatrix exprobrava seu egoísmo:

— A culpada fui eu. O Jorge estava cansado, veio dos cafundós do sertão, do meio dos índios e das onças, deve estar exausto da viagem de mais de mil quilômetros! E eu instei para que viesse dar um abraço nesta sua velha amiga.

Nisto, silêncio súbito, lá embaixo. E vozes transmitindo uma espécie de senha de protocolo: — “O embaixador do Canadá! O embaixador do Canadá!”

Beatrix precipitou-se escadas abaixo.

Então eu disse à Lambeth que ia aproveitar para sair, pois decididamente já a abraçara bem como a Beatrix, e precisava descansar. Sugeri-lhe que me telefonasse marcando quando poderia ver seus trabalhos.

Desci com ela e Germana, abotoando o colarinho e compondo a gravata. José irrompeu com seu cachimbo e sua taça de *cognac*, fez um escarcéu, chamou a Lambeth de espetacular. Não, eu não podia ir embora.

Mas viu meu semblante, disse:

— Eu levo você, Jorge, e sua irmã.

— Não é preciso.

— Como não é preciso? Não há táxis. Está tudo escuro.

Sentamo-nos os três no banco da frente — tendo saído pela porta de serviço da copa e tomado o carro na rua transversal. — Trecho relativamente perto. Alguns quarteirões.

No jardim de casa, assim que José sumiu na Delaunay, eu disse a Germana:

— Entra. Dá-me a chave. Vou sair.

— Sair?! Absolutamente. Vais mas é deitar já e tomar remédio. Ainda estou com o coração na garganta por causa do susto que levei.

— Susto por quê? Tenho culpa da Lambeth ser histérica, maluca?! Não senti nada. Uma ligeira indisposição. Passou logo. Preciso sair.

Ela notou a minha pertinácia. Se havia alguém que entendesse a minha alma nos meus olhos e no tom da minha voz era Germana. Entrou, acendeu a luz, perguntou-me baixo:

— Que foi que te disse essa espinoteada da Lambeth?...

Sentou-se no sofá, ficou a analisar-me.

— Preciso sair.

Deu um passo, segurou-me pelo punho. Abri a porta quase a arrastando.

— Ir aonde? És médico, sabes melhor do que eu o que seja uma angina. Bem disse mamãe que não fizesses a barba logo depois do jantar.

— Deixa de tolices, criatura. Que é que tem que ver uma coisa com outra? Estou bem. Preciso ver uma pessoa. Entregar um documento que em Hacrerá me encarregaram de...

— Oh! Jorge! A estas horas? Tens amanhã o dia todo. Estás mentindo!

Trouxe-me para a biblioteca. Obedeci como uma criança, sentei no canapé, passei as mãos bem abertas pelo rosto, desde a testa até ao queixo, esfreguei a boca, depois me deixei ficar de braços frouxos, olhando não sei para onde.

Com as mãos nas ilhargas, Germana me observava. Até que fez menção de, conforme percebi, subir para avisar mamãe.

Levantei-me, puxei-a para o canapé. Ela procurou abraçar-me, depois desistiu, ficou muito atarantada.

— Germana, preciso certificar-me duma coisa medonha... terrível...

O sentido das palavras, os meus beijos trêmulos, o meu olhar desvairado lhe aumentaram a dúvida.

— Conta. Fala. Seja o que for! Eu entendo tudo.

— Germana, preciso já... agora mesmo... verificar se... é verdade... uma coisa.

— Verificar como? Onde? É longe daqui?... E a estas horas? Que horas são?

Pegou no meu pulso, voltou-o, leu as horas:

— Dez e quarenta. Aonde queres ir?

Então a minha angústia se transformou em raciocínio. Meus olhos se encheram duma luz cega. Raciocinei: "Ir aonde? Não será melhor ligar para Petrópolis? Dizer à telefonista o número da casa e o nome da rua? Mandar Germana chamar dona Noêmia quando atenderem? Depois eu pegaria o fone... Mas não seria melhor ligar outra vez para a casa dela aqui no Rio, indagar e tomar nota do telefone de Petrópolis?"

Nisto tal pensamento me trouxe uma golfada súbita de pranto. Fiquei com a cabeça no ar como se, cortada, fosse cair. Minha

fisionomia decerto se deformou toda de sufocação e desespero, pois Germana me jungiu com ímpeto. Escondendo o rosto no seu ombro chorei desatinadamente.

Algun tempo depois, Germana instava:

— Que foi, Jorge?

— Renata morreu!

Instantaneamente uma criatura como Germana entendeu tudo.

Largou-me. Sentamo-nos. Ficamos ambos inclinados para a frente, com as mãos sobre os joelhos, entregues a um diálogo doloroso.

— Como soubeste? Tinhas chegado com tanta animação!

— Vim de fato com a ideia de ficar definitivamente. Agora vou voltar de vez, sumir... sumir!

Agarrou-se a mim, fez sinal que papai e mamãe poderiam acordar e ouvir. Cobrou ânimo, conseguiu perguntar:

— Foi a Lambeth que te contou?

— Foi. Contou-me ao acaso, pois Renata era sua inquilina... Escuta, Germana: quando fui para Hacrerá, houve um motivo. Vou contar conforme me for possível. Há três anos e meio eu a radiografei. Tuberculose... Vendi a aparelhagem, fui-me embora porque não era possível ficar aqui. Tu compreendes, não? Havia a vida, a realidade doméstica, civil, dessa criatura... Renata era casada.

— Bem que estranhámos fechar de repente o gabinete de radiologia e venderes a aparelhagem. Iludiste-nos quanto ao motivo, embora fosse verdade ires ser sócio duma casa de saúde na Alta Paulista, região em franco desenvolvimento. Em última análise, um exílio. Com que então ela era a personagem do teu segundo livro?

Fiz que sim com a cabeça, enquanto telefonava outra vez para Copacabana. Queria certificar-me, através da criada, mesmo.

— Quem fala? Da casa de dona Noêmia?

— Ela própria.

— Aqui é o Jorge. Telefonei do aeroporto, a senhora não estava.

— Cheguei de Petrópolis neste instante. Desço de dois em dois dias para ver se há respostas suas aos meus telegramas e à minha

carta de 30 de novembro. Não recebeu? Extraviaram-se? Mas como? Enderecei para a Casa de Saúde.

— Que coisa! Eu já estava em São Paulo. Transferi-me para lá no dia 28. Fui fazer conferências na Associação de Medicina e no auditório da Biblioteca Municipal e autografar obras minhas numa livraria. Mesmo porque o combinado era eu regressar ao Rio na segunda metade de dezembro.

(Subconscientemente protelávamos o assunto ainda mantido em suspenso, de tal maneira ele nos apavorava; e assim o precedíamos com um diálogo que de antemão esclarecesse enigmas mútuos.)

— Ante o seu estranho silêncio e demora telefonei para sua irmã, mas sem dizer o motivo. Respondeu-me que a família estava à sua espera sem falta porque você ia ser padrinho de casamento dela quatro dias antes do Natal.

— Pois é. E aqui estou, tia Noêmia.

— Ela, porém, não está mais aqui. Deus a levou.

Nossos prantos simultâneos irromperam afinal. Queríamos prosseguir a conversa, mas os soluços não deixavam, como se estraçalhassem as palavras, causando trismos, sufocações, engasgos, parecendo tosse e até mesmo paradoxais risadas. (É esquisito como em transes desse teor o pensamento da gente desvirtua a essência cruciante causadora da inibição, fazendo despontar paralelamente disparates sem propósito! Pensei, enquanto naqueles segundos chorávamos, que quem nalguma linha cruzada nos ouvisse cuidaria estar escutando por acaso fonemas dum idioma aglutinante ou flexional...)

Mas a urgência de informes, a idiosincrasia pelo melodrama, a necessidade dum contato esclarecedor nos restituíram ao diálogo, embora visualizado como através duma vidraça que a neve e a fumaça opacificassem.

— Antes de você telefonar do aeroporto já sabia?

— Em absoluto!

— A criada lhe disse?

— Não, senhora.

— Então como foi que soube? Onde?

— Beatrix Reynal e o José me encontraram na Esplanada do Castelo e me arrastaram para uma recepção. E lá...

— Eles conhecem-nos?

— Não sei. Foi a Lambeth, por mero acaso. Ainda agora. Referindo-se à demolição da casa dela que estivera alugada durante anos, lamentou a morte da inquilina ocorrida em fins de novembro.

— Escute, meu pobre Jorge: onde é que você está? Aqui perto, ou em sua casa? Precisamos ver-nos, conversar. Não faz mal que seja tarde. (Aquela palavra “tarde” soou nos meus ouvidos com dupla significação.) Eu o espero no meu jardim.

— Vou já para aí.

IV

Germana, que ouvira as minhas palavras, apagou a luz e me seguiu depois de fechar a porta de casa e o portão do jardim. Dobramos a primeira esquina, atravessamos a segunda, fomos até os degraus da igreja de Nossa Senhora da Paz, à espera de táxi ou de bonde. Agrupamento e trânsito de gente nas imediações do templo, do cinema, da farmácia e da padaria.

Afinal distinguimos um bonde no fundo da perspectiva afunilada e opaca, ao longo da qual os trilhos, as árvores, os postes, os toldos e as pessoas se alinhavam em cenário, bastidores, ribaltas e elencos dum permanente repertório.

O bonde vinha depressa, como se não devesse parar, como se fosse recolher; deteve-se além do ponto. Tomamo-lo. (Por que será que já não se fala nem se escreve mais assim com semelhantes contrações vernáculas? Está-se a ver que mesmo agora os meus pensamentos procuram divagações gratuitas e pretextos eventuais para que eu fuja à narrativa direta.)

Na praça General Osório — onde pela primeira vez se utiliza um chafariz e não uma estátua equestre para se homenagear um herói, procedimento este de ordem meramente urbana — vi um táxi despejar um homem obeso e, com maior dificuldade, um violoncelo. Tal averiguação e as anteriores provam que os meus sentidos misericordiosamente se interpunham ao meu estado de alma poupando-me para os lances dramáticos que me aguardavam. Mas o cérebro dominou a medula; tanto assim que puxei o cordão da campainha e o motorneiro entendeu.

Este verbo aqui, “entendeu”, não é má tradução de “*entendre*”, que em francês equivale ao nosso “ouvir”. Não; quero afirmar que o motorneiro entendeu logo que havia algum passageiro aflito e por isso parou o bonde de supetão. Quase me joguei do estribo abaixo e até me esqueci de dar a mão a Germana. Mas o motorista do tal táxi

nos atendeu, perguntou se trabalhávamos em estação de rádio e nos conduziu ao endereço dado e repetido durante o trajeto para Copacabana.

Dona Noêmia abriu o portão enquanto descíamos do táxi. Nos poucos passos que dei do meio-fio para o jardim me senti despojado instantaneamente da suposta condição numérica e rotineira de pessoa acordada àquelas horas e me reintegrei, me restituí a mim mesmo, repelindo quem os agrupamentos da praça Nossa Senhora da Paz, da praça General Osório e os passageiros daquele bonde haviam condicionado em mero comparsa.

Dona Noêmia abraçou-nos sem efusões instintivas de protocolo, mesmo porque o espaço de quase uma hora entre o telefonema e o encontro desafogara um pouco a emoção aguda, a urgência agora sendo os pormenores e as minúcias do drama em que eu, devido à ausência, não dialogara. Foi somente quando nós três atingimos a varanda, que lhe apresentei Germana.

— Minha irmã.

— Ah! Falamos-nos pelo telefone no princípio deste mês.

— E não lhe respondi que ele estava a chegar?!

Entramos num salão iluminado apenas por um abajur. Foi-nos oferecido o sofá. Germana preferiu a banquetta do piano; talvez para ficar mais perto da porta e do jardim; era desde já uma testemunha acanhada, ofegante e nervosíssima.

— Jorge, é a segunda vez que falo pessoalmente com você. Antes, muitas vezes nos acompanhava incógnito, mas a pobre de mim não percebia. Depois, até a sua partida para a Alta Paulista, nos falamos pelo telefone; durante três anos e tanto lhe remeti rolos de revistas e uma vez uma carta a pedido de Renata. Agora, há duas semanas, lhe passei dois telegramas e lhe remeti a segunda carta.

— Mas Renata não estava curada de vez? Então como foi que...?

— O motivo? Ter perdido a causa em fins de outubro.

— Perdeu a causa? Mas o advogado, ela e a senhora não estavam tão certos da vitória? Tão confiantes?

— Se estávamos! Os advogados do conjunto onde trabalha o doutor Moutinho são cinco e ainda recentemente ganharam causas

de desquite concedido por esse mesmo juiz, tendo perdido três que, todavia, o tribunal reformou. Não vou ao ponto de afirmar que o doutor Loureiro em sua longa e provecta carreira adotasse sempre o critério pessoal e ortodoxo de católico praticante. Afinal, ele não pertence ao clero e sim ao foro. Tenho, porém, a impressão de que só concede desquites quando as provas são berrantes; mas vacila e propende a respeitar na prática o argumento canônico; assim permanece com a consciência tranquila porque sabe que quem perde recorre do despacho para o tribunal e, portanto, ele não cerceia o direito a essa espécie de apelação.

— Mas tal conduta não é... digamos assim... maquiavélica? E o doutor Moutinho recorreu?

— Imediatamente. E perguntei a Renata se queria que eu comunicasse o despacho a você. Ela refletiu durante alguns minutos e respondeu: “Para quê? Decepção, basta a minha. Mesmo porque confio no tribunal. Jorge que tenha paciência por mais alguns meses...”

— Em que se estribou o juiz?

— Admitiu que houvesse impasses no convívio do casal por desnível nos planos familiares de sensibilidade, educação e temperamento, um dos cônjuges sendo burocrata burguês e o outro intelectual distinto. Que nenhuma das testemunhas apresentadas pelas duas partes jamais assistiu ou teve conhecimento de maus-tratos, ofensas e rixas. Que as outras testemunhas intimadas no Recife e em Porto Alegre, tendo comparecido isoladamente, cada qual afirmou que nas cidades onde aquele alto funcionário da Fazenda estagiava de vez em quando, sempre teve procedimento diuturno e noturno correto e exemplar. Que ele, juiz, pudera certificar-se através de declarações de gente idônea e através de cópias autenticadas de documentos que o marido logo que soube do estado de saúde da esposa veio do Recife para o Rio e tratou de requerer aposentadoria a fim de permanecer no lar, determinação essa que adotou antes mesmo de findos os trâmites complexos dessa providência. Ao passo que a outra parte, a litigiosa, antes mesmo de entrar com a ação, e durante quase todo o período contencioso se homiziou em casas de parentes, dificultando o

ingresso e a permanência do cônjuge. Que ele, juiz, à vista de tal pertinácia, embora inferisse tratar-se de divergências de caráter íntimo, de alcova, se compenetro, mediante pareceres de peritos e textos de tratadistas, que essa atitude em pessoa enferma, vítima de mal orgânico específico, não raro decorria de contingências mentais e glandulares. Por isso, julgava do seu dever não privar quem precisava de constante ajuda, assistência e tratamento do elemento humano incumbido legalmente disso e capaz de lho proporcionar. Assim pois, vistos, examinados e considerados os autos, negava provimento.

— Se ela confiava que o tribunal reformaria a sentença do juiz singular, como foi que teve uma recaída de marcha tão rápida, galopante?

— Assim que lhe foi comunicado o despacho ela se fechou nos cômodos que desde muitos meses ocupava em minha casa, não abrindo nem mesmo para mim. Temerosa de que ela cometesse um desatino, levei horas no corredor a escutar na porta e horas no jardim a escutar na janela. Ouvia muito bem que estava a remexer em suas coisas, cheguei a supor que houvesse decidido voltar para casa a fim de favorecer a sua situação visto o doutor Moutinho ter dito que ia recorrer. Tanto insisti que ela, escancarando o quarto, declarou, alucinada: “Vou-me embora para Hacrera”, “Menina, você quer agravar o seu caso?” Respondeu-me: “O meu caso, não!” “A sua causa?” “Que me importa! Vou telegrafar a Jorge, juntar-me a ele. Já devia ter feito isso muito antes da radiografia e quando os exames de laboratório indicaram o único caminho de que eu dispunha para usufruir o tempo que ainda me restava para lhe provar o meu amor. Que mulher sou eu que o deixo acolá no exílio exatamente quando mais precisávamos um do outro? Que mulher sou eu, que espécie de querer bem é esse que ante o primeiro obstáculo suposto logo o afastei? Como é que somente agora sinto pejo, humilhação, remorso em haver caído na armadilha como se ele fosse inútil, incapaz de me salvar? Vi-me diante dum simulacro de dilema e optei pelo sacrifício dele e pela minha acomodação provisória. Provisória...! Pois sim. Crônica. Três anos e meio e mais

quantos doravante? Não, não! Os escrúpulos, as aparências que se danem.”

— E a senhora não consentiu?

— Eu? Ajudei-a a retirar do armário e das gavetas e pôr em cima da cama os vestidos, os sapatos, a roupa branca, os vidros, a arrumar as duas malas em que tropeçávamos ali no assoalho. Nisto, curvando-se, indo e vindo da cama para o guarda-roupa, ela parou, com uma pontada, ficou imóvel, e após um acesso de tosse, se sentiu sufocada e teve uma hemoptise em cima dos tapetes.

Ergui-me do sofá, perplexo, enquanto Germana quase caía da banquetta do piano.

— Levei-a com a ajuda da governante para o quarto de banho, ao passo que as criadas enrolavam os tapetes e as passadeiras levavam tudo para o tanque no porão. Telefonei para o médico, não tardou a vir. Deixou-se examinar, já então com uma fisionomia sarcástica de quem desafiava o destino. Tomou o remédio, estirou-se na minha cama, no quarto ao lado. E quando ficamos sozinhas, ponderou: “Se interpretei errado o tal dilema, agora me vejo diante dum segundo referente não a uma solução mas a um discernimento”.

— Que é que ela queria dizer com isso?

— Você pergunta, Jorge, e eu também perguntei; mas foi somente ao clarear o dia seguinte após uma noite em que não fechamos os olhos, que Renata ponderou; não para mim, mas para ela própria: “Estou pagando caro e em forma de falência o investimento absurdo que fiz da minha mocidade quando do regime do colégio interno deixei que a família me transferisse aos dezoito anos de idade para o regime do matrimônio, sem a menor experiência da vida? Ou estou sendo castigada por haver infringido a pauta dum sacramento? Será que além da problemática do amor, da doença, ainda tenha que me haver com escrúpulos de consciência, de religião?” Passou as mãos uma na outra, como a limpá-las de quaisquer responsabilidades, pediu o termômetro, enfiou-o na axila, pôs-se a olhar para o teto, a fazer tempo, retirou-o, franziu as sobrancelhas, soletrou: “Trinta e oito e meio”.

— E a senhora não me escreveu... — queixei-me. — Devia ter-me posto a par de tudo já que concordara em lhe arrumar as malas.

— Consultei-a a tal respeito. Não consentiu em tom de proibição categórica: “Avisá-lo agora? Tenho é que arrumar as malas para outro itinerário. Deus lhe comutará a pena em exílio e me levará como refém. Amávamo-nos e amamo-nos tanto que erramos juntos. Onde já se viu amor-renúncia, amor-sacrifício, quando ele por sua própria condição é presença, contato?”

Ali no sofá, diante de dona Noêmia e de Germana, passei a sentir uma forma inicial, difusa, de remorso que ao invés de substituir a saudade daqueles quase quatro anos e o desespero agudo das poucas horas de conhecimento do irrevogável se juntava às duas contingências no auge da perplexidade mais atônita. Aparentemente mantendo impassível o rosto, fazia a ameaça das lágrimas se ater ao recato e no recanto das órbitas.

Germana foi chorar no jardim, onde se encolheu num banco, escondida entre folhagens.

Dona Noêmia aproveitou para calar-se de maneira às palavras já ditas darem lugar às restantes, como as respigadoras que aproveitam os menores sobejos para acabarem de formar um ramalhete órfico ou elegíaco. Disse-me a seguir:

— Apenas escreveu à mão numa tira de papel:

“Chegou a tanto o meu mal
Que nam sey estar sem ele...”

Pedi-me que enfiasse aquela tira numa das revistas que regularmente enviávamos para Hacrera. “Ele entenderá e tomará decisões.”

— Claro que não recebi. Maldita a hora em que a 28 de novembro vim para São Paulo descontar o resto do prazo... Será, dona Noêmia, que ela nunca exprobrou como covardia eu ter ido embora?

— Nunca. De modo algum. Mas pelo menos jamais se sujeitou à presença de Fulano. Quando este se aboletava em minha casa, quer no Rio quer em Petrópolis, ela se fechava à chave no quarto. Raramente, só quando ele saía, ela vinha para a rede no jardim, debaixo das amendoeiras, e isso mesmo vigiada pelo cão de fila, que

se deitava na grama bem perto. De certa época em diante, quando Fulano saía para ver o andamento da aposentadoria ou para ir a um banco, Renata passou a fechar com cadeado o portão social e o da garagem; ele voltava, fincava o dedo no botão da campainha elétrica e o fila avançava no gradil, ladrando. Ainda assim aquela pessoa só desistiu de aparecer depois que o seu advogado apresentou em juízo testemunhas desse procedimento.

Eu não comentei nada mas refleti comigo mesmo: “O cão por impulso intuitivo a defendia enquanto eu em Hacrera contemporizava”.

Percebendo talvez este meu raciocínio, dona Noêmia não deu mostras de querer finalizar a entrevista; ainda faltava o remate lúgubre:

— Na primeira semana emagreceu seis quilos. Na outra, cinco. O raio X portátil deu derrame nas pleuras dos dois pulmões. Passou a ter dispneia, suores frios; foi necessário fazer mais de uma punção. Nas duas semanas de novembro a febre subia de tarde a trinta e nove graus, e o emagrecimento prosseguia. Quando ela, no dia 29 de novembro, foi desenganada por uma conferência médica, o especialista, um clínico e cirurgião (para o caso de toracoplastia), então telegrafei a você; não obtendo resposta, daí a três dias lhe escrevi e tornei a telegrafar dizendo que viesse imediatamente por via aérea. Nada. Então telefonei para sua irmã, sem dizer o motivo. Aliviou-me um pouco saber que, caso os telegramas estivessem retidos, pelo menos de qualquer maneira nos meados do mês você apareceria. Como Renata soube que eu telegrafara, pois cuidei de minha obrigação dizer-lhe, se tornou ainda mais confrangedora a situação: exigia silêncio, permanecia de ouvido atento à campainha do portão, do telefone, aos ruídos no jardim e dentro de casa. E isso até ir ficando ausente de tudo. Na carta a você eu pormenorizava o estado dela e os motivos causadores desse estado.

Calou-se. Insisti:

— Vá falando. Preciso saber, como se tivesse estado presente.

— Emagreceu de modo impressionante. Seus braços e seu pescoço ficaram com a pele flácida. O rosto, já de si esguio, aquilino mas belíssimo, era só ossos configurando uma escultura. Quando a

falta de ar e a tosse a deixavam um pouco em paz, então se preparava para morrer, rezava ou me pedia para rezar. E eu obedecia; decerto assim já um tanto grisalha, mesmo agora, Jorge, ainda devo ter ares de carpideira... não? Uma noite pediu que eu lhe pegasse o livro que estava em cima do criado-mudo. Abriu-o numa página dobrada, principiou a ler um trecho; devido à rouquidão me passou o volume. E com o gesto, a mímica, solicitou que eu lesse o que estava sublinhado com lápis vermelho. Está aqui o livro, Jorge. Deixou-o para você. Uma espécie de testamento. Leia-me, faça o favor, embora eu, de tanto o ler desde então, o saiba de cor. E, o que é mais, entendi e estou de acordo.

Peguei o livro aberto; Germana já voltara, estava sentada de costas para o piano. Li alto, devagar, sem ênfase:

“Esta é uma morte de alto quilate, rijamente formada; aquela morte exata, que não prescinde de nós pois que a vivemos desde já.”

— Nessa mesma noite Deus a chamou. Estava menos lúcida mas não em estado de coma. Um ar assim hebetado de neófito. Cinco horas da manhã. Acordei nos pés da sua cama ao ouvir-lhe os estertores. Ela passava os dedos numa das têmporas como a prender um fio de cabelo; e enquanto isso fazia menção de esticar o busto como a pedir que eu lhe soerguesse mais o travesseiro. Compreendi e, engatinhando pelo lado e por cima do relevo do seu corpo, a acomodei melhor, perguntando-lhe, depois, se queria mais alguma coisa. “Água.” Fui até à cômoda, voltei, acendi a lâmpada da cabeceira antes de entregar o copo. Seus cabelos, enegrecendo a fronha, rodeavam aquele rosto moreno lavado em suor. Estendi-lhe o copo enquanto com o braço esquerdo procurava sustê-la. Mas Renata, embora erguesse o braço descarnado, não aconcou os dedos da mão para pegar o copo. Olhou mas foi para as cortinas da janela, entortando um pouco o rosto. Estou a rever a cena. Ela a fazer-me sinal de silêncio e de atenção. Ouvei o que ela já estava ouvindo desde segundos antes. Os passos apressados do leiteiro desde o portão da garagem até os fundos do parque, por cima dos paralelepípedos em rampa. “Bebe, amor”, disse-lhe. Ruídos de passos, bem mais próximos. Ela esboçou um sorriso, seu rosto se

transfigurou, enquanto os últimos dons ainda possíveis de comunicação se articularam entre a laringe, o céu da boca, a língua e os dentes incisivos superiores. Eu estava tão perto, tão inclinada por sobre o seu rosto, que notei todos estes pormenores na sua boca. Não ouvi nada, mas percebi três sílabas, a primeira separada das outras duas: “É... ele”.

Erguendo-me, vacilante, me joguei nos braços nem sei se de dona Noêmia ou de Germana. Sim, foi nos braços de dona Noêmia, cuja voz entrava pelos meus ouvidos em frases tensas.

— Ela reacomodou-se, quis sentar-se, e agora olhava mas era para a porta do corredor. Suas mãos compuseram fios de cabelos desde a frente até atrás das orelhas; passaram a esticar a orla da colcha, juntando-se e afastando-se uma da outra como se medissem os metros que você, Jorge, ia transpondo para entrar. Depois aqueles braços se ergueram e as mangas da camisola escorregaram para os cotovelos. Renata preparava o abraço... Larguei o copo, cuja água lhe molhou o rosto substituindo lágrimas. Ele caiu primeiro na cama, depois no assoalho. Atrapalhei-me ao querer ampará-la. Mas... ampará-la como? Sua cabeça e o seu rosto acabavam de tombar metade sobre o travesseiro, metade fora do colchão, no ar. Os olhos muito abertos tinham um luaceiro que logo se vidrou. O queixo, esticado, mostrava essa parte do pescoço que fica sob o centro da mandíbula e a junção das clavículas. O mais, você avaliará.

Soltei-me daquele amplexo, fugi para o jardim. Germana apanhou de cima da credência o livro “herdado” e o meu chapéu. Quando aquelas duas mulheres de porte davinciano me ladearam, o demônio (ou o arcanjo?) que nos lances dramáticos me oferecia *close-ups* de delírio misturando mágica e rotina, me fez achar as duas parecidas respectivamente com Sant’Ana e Santa Isabel, e me restringi à minha realidade dizendo para mim, para elas, para o gradil (qualquer gradil não imita sempre grades de prisão?), para a rua vazia:

— Três anos e meio de saudades, de confiança absoluta, de espera matemática. E todavia, agora...

Atarantada, dona Noêmia não tinha coragem de despedir-se. Despedir-se como, se eu era a visita?:

— Venha sempre ver-me. Agora, vai ficar no Rio, não é?

Baluciei:

— Vou voltar para o exílio.

Ela ficou no portão até nos ver sumir na esquina.

Comecei a andar depressa, segurando a mão de Germana. Dobrei a próxima esquina, andei, andei, transpondo ruas transversais, até que em determinado quarteirão de determinada rua parei diante dum andaime.

Sim. Entre uma casa antiga de frente de rua e uma outra maior ao centro dum jardim, havia andaimes tapando um terreno duns vinte metros de largura; andaimes cujas tábuas a noite calafetava. Pondo as mãos na madeira áspera, procurei uma fresta. E vi, ajudado por um lampião na calçada, lá dentro uma ruína: paredes desmanteladas; ausência de teto; pilhas de telhas no chão muito bem superpostas; esquadrias em pé nos muros; esquadrias de janelas e de portas. Nisto recuei, puxado por Germana. É que lá de dentro investiu contra as tábuas, contra meu olhar de louco, um enorme cão, ladrando.

No alto do andaime, uma placa:

RODRIGUES & FILHOS
DEMOLIÇÕES

Compram-se casas velhas para demolir.

Bem, esses Rodrigues, pai e filhos, não ganhariam, a preço baixo ou caro, o material em que me fui desmantelando para me demolir de todo. Dei dado à noite e ao vento resíduos da minha lucidez, esboroando-me pelas ruas, abaixo e acima. Se Germana pensava segurar-me muito presa ao meu braço tenso ao longo das calçadas, na verdade segurava o quê? O que Germana procurou levar para casa não foi seu irmão; mas sim um boneco de Kleist.

Ó ruas solitárias e escuras, de iluminação restrita, que me levastes como polia entornando-me numa calçada da avenida Vieira Souto! Onde, Germana? Como é que estou sozinho diante deste espetáculo sinistro de negros e de ecos? Ah! Germana está aqui,

aderida a mim, ombro com ombro, caminhando certo comigo, tão certo que nossos passos reboam.

Quando atravessamos a última rua antes da praia, parecíamos, assim afoitos, essas pessoas que transpõem correndo uma via férrea onde só passa o trem de doze em doze horas.

Lembro-me que a areia tinha um livor de solidão final, que o mar estava grosso, profundamente majestoso, me respeitando, o bom gigante!

Parei e, alargando o colarinho, com o olhar estatelado para o firmamento cheio de constelações, respirei profundamente. Que peso tamanho! Germana puxava-me. Agora eu não estava mais leve, não era mais o fantasma dilacerado pelos dentes dum cão. Voltara a ser um homem dando acordo total de tudo.

Do Arpoador aos Dois Irmãos, a enseada Ipanema-Leblon era um cenário lívido.

Germana me levou para casa. Não existe nunca solidão completa a não ser na morte. Há sempre, ao cabo de tudo, uma casa para receber a nossa angústia, mesmo que o nosso desatino a considere estalagem de intervalo para a viagem maior.

Casa paterna. Silêncio cáldo. A mesa das refeições e dos conciliábulos de família. A janela por onde a mãe espia de vez em quando, atribulada pela demora do filho que entra afinal, a beija, e não diz nada dos seus sofrimentos.

Os móveis. Flores. O assoalho. Tapetes. Tudo querendo indiretamente abrandar cansaços.

O escritório. Estantes e mais estantes. Tantos livros. Todo um arquivo de experiências da vida. Pego num, encosto-o ao rosto. Que ouço? Nada. A vida prensada ali é resíduo de paleontologia, não ensina, não adverte nada... E eu? Quem me quiser ouvir, se minha mãe descer lá do quarto, der com meu desespero, abraçar-me, apoiar o ouvido no meu coração a fim de descobrir o que há, pobre mãe, que escutará seu ouvido?

“Tum-tac. Tum-tac. Tum-tac.” Pancadas surdas batendo numa porta.

E perceberá o quê?

Um grande mistério. E, depois, o olhar filial a exproba-la, querendo dizer a quem lhe deu vida “que o pior mal é sempre o ter nascido...”

Mas meus pais estão dormindo lá em cima. Germana, encolhida no divã, perto do abajur que acendeu depois de apagar a sala, finge folhear uma revista, na verdade me vigiando. Estou sentado diante da mesa, com a cadeira um pouco longe, os pés estirados sobre uma gaveta aberta, a cabeça entortada para trás fazendo da estante travesseiro vertical. Fechei os olhos.

Que estuporado vezo de encher de imagens a solidão! Assim, de olhos fechados, via um velório, aquela hora particularíssima adstrita a determinada casa de certo quarteirão de dada rua. Via o enterro... Isto é, as salas, os corredores, a varanda e o jardim cheios de gente. Sentia o cheiro das grinaldas. Via a saída; um tropel lento, compassado; ombros, flancos, pés. Depois o rodar de carros, muitos carros, devagar, paralisando o tráfego da rua preferencial, demandando o cemitério. E via com nitidez incrível. Chegava a reconhecer certas pessoas. E eu no meio disso, enorme, permeável, fluídico.

Acompanhava e ao mesmo tempo estava ali, agora, no escritório. Rodar de carros... Rua Barata Ribeiro, rua Siqueira Campos, túnel Velho. Rua da Passagem. Cemitério. E ao mesmo tempo a voz de Germana lá do divã:

— Pobre Jorge! E te exilaste, foste viver tão longe dela e de nós... Abandonaste tudo. Foi melhor teres ido. Imagina tu aqui. A tua situação?... Que é que poderias fazer?

Enxaguava-me uma tristeza de redenção. E a voz de Germana, pensando alto:

— ... E esse romance que trouxeste, que levaste tantos anos escrevendo... também trata dela nesse livro?

(E eu respondendo não ali, não no cemitério, mas sob os golpes de picareta da firma Rodrigues & Filhos. Demolição):

— No livro anterior, a matei, para acabar bonito. Combinação nossa. Para parecer Tristão e Isolda... Shakespeare... Tragédia grega... Líamos juntos, sorridentes, a morte dela. Uma grande morte. Neste, o que acabei, o que trouxe, a enchi de vida, de

trópico, a fiz passar de relance como um fulgor em meio aos bastidores da Europa e da civilização como a imagem disto, disto tudo, do Brasil, desta luz, dum mundo novo, puro e poupado, que o velho mundo não merecia senão contemplar de relance. E agora... agora vou rasgá-lo!

Ergui-me de ímpeto, corri para a escada, subi aos três e quatro degraus. Imediatamente Germana correu e subiu. Já me achou no quarto abrindo a maleta. Mas foi ela quem arrebatou de entre a roupa o embrulho e desceu fazendo sinal, com um dedo na boca, que não falasse, não acordasse papai e mamãe.

No escritório lutamos, entortando o pacote. Ela conseguiu safar-se, foi para o patamar, ameaçou:

— Chamo papai! Olha que eu chamo papai!...

Depois apagou a luz do vestíbulo cujo comutador apagava também a escada e o *hall* de cima, veio para a porta, implorou:

— Jorge, pelo sacratíssimo nome de Deus, vamos conversar no jardim. Vem desabafar comigo.

Obedeci. Ela, sempre com o volume fortemente apertado de encontro ao peito, seguiu para a varanda, sentou-se no banco diante da amendoeira. Ó treva rasa, quase sólida rente aos gradis e às calçadas! Ó céu constelado onde a Via Láctea parecia lixa fluorescente para esfregar no rosto, no coração.

Leve aragem acariciando meu rosto, piedosamente.

— Senta aqui, querido. Fala, conta. Eu entendo tudo. Quero e posso ajudar. Oh! Jorge, que foi que houve entre vós dois?

— Tudo e nada. Vi-a a última vez em junho do ano passado, depois duma ausência de dois anos. Falei com ela ao telefone, demoradamente. Garantiu-me que estava quase boa. Pediu mais um prazo para a convalescença integral. Sugeriu que, enquanto isso, eu revisse o livro mais uma vez. E que depois de mais um ano voltasse pois então teríamos direito à vida já que tínhamos pago o nosso resgate a preço tão alto...

— E durante a ausência, não vos escrevíeis? Não te mandou dizer que piorara?

— Desde que fui para Hacrera a deixei à vontade, se é que não há nestas palavras uma ironia tétrica. Mas entendemos, ambos, que

dada a sua situação,urgia respeitar as circunstâncias. Compreendi que com isso eu colaboraria para a sua cura; que ela, para reaver-me mais cedo, se trataria com disciplina. Só me mandava revistas mensais capeando trechos datilografados de poetas célebres. Nunca lhe escrevi para não exasperar sua saudade e, principalmente, em respeito ao drama da sua e da nossa vida.

— Mas dona Noêmia não te podia escrever? Não procuraste sempre estar ciente de qualquer possível novidade? Por que não me escreveste, não me encarregaste disso? Eu entendo tudo...

Veio-me um pranto incontido. Enxugando as lágrimas, assoando-me, estirei-me de lado no banco e apoiei a cabeça no colo de Germana como para dormir ao relento.

Estuporado vezo de reconstituir imagens saudosas, fazendo da felicidade antiga suplício e, do suplício de agora, cinza de lareira. Ali no colo fraterno, relembrava cenas e mais cenas. Renata e eu sentados numa grossa muralha das Paineiras — onde fôramos tantas vezes — contemplando o cair da tarde. Um céu de cobalto por sobre nós; a mata vibrando de sussurros. Ipanema e Leblon; lá embaixo, cubos sobre areia, como uma cidade de Argélia. A lâmina muito tensa do Atlântico... Renata de pernas cruzadas, a cabeça no meu colo, cantando *Foi uma Noite Calmosa*, imitando a voz de Elsie Houston. Depois, pela estrada abaixo, eu, dirigindo o carro, cantando *Swing Low, Sweet Chariot*, fingindo o vozeirão de Paul Robeson.

A seguir me evoco rondando a sua residência. Muitas vezes me pedia pelo telefone que ao ir para casa passasse na sua rua, pois queria ver-me; e logo a descobria um pouco para dentro da sacada do quarto ou do escritório ou embaixo, no jardim, colhendo pétalas que mastigava. E agora ouço sua voz atendendo ao telefone: “Vem depressa. Se o portão estiver bem aberto, entra. Quero que conheças onde vivo e sofro, onde penso em ti”. Lá vou eu pela rua acima. Casas, esquinas, gradis, crianças, amas, árvores, postes. O portão está escancarado. Procuro entrar com naturalidade, mas sinto o sangue revoltear em mim, tal a emoção e a ousadia. Na porta lateral que dá para a varanda, Renata encostada, com as mãos e a cabeça para trás, me vê entrar, diz com voz rouca e baixa, o corpo

imóvel: “Entra. Começa pela sala de visitas. Depois sobe. Atenção... Eu fico aqui”. Entrei. Poltronas, um sofá, estantes, piano, radioeletrola. Duas telas. Renata deu uns passos, soergueu a aba da vitrola. Um disco principiou a tocar. Presente meu. *Apenas um Coração Solitário*. Ela voltou para a porta, inclinou a cabeça para trás, vigiando ora o jardim, ora o “intruso”. Com um movimento de queixo me indicou o caminho. Sala de jantar. Mesa. Cadeiras. Aparador. Porcelanas. Uma tela grande. Sala de estar. Um divã com almofadas. Estantes com livros, credenciais com retratos. Três reproduções dependuradas, uma de Utrillo, outra de Seurat, a terceira eu não conhecia. (Depois me disse que era de Derain.) Volto. Com outro gesto de queixo me indica a escada. Subo, nervosíssimo. Vestíbulo. Uma cômoda. Cadeiras de palha. Quarto de vestir. Dormitório. Dois leitos. Luzes acesas decerto porque as janelas estavam fechadas e porque em cima do criado-mudo eu tinha que ver os livros de minha autoria, encadernados, com fitas marcando trechos.

A orquestra de Marek Weber pondo frenesi em meus nervos, voltei precipitadamente. Ela olhava de um modo esquisito enquanto eu descia a escada. Fez um gesto hirto que lhe sacudiu os cabelos, mostrando-me a saída. Quando passei, beijou-me de relance.

Uma vez na rua olhei por entre o gradil, antes de me ir embora. Lá estava ela com as mãos para trás, a cabeça um pouco vergada de encontro ao portal. Mas não lhe vejo (agora, nesta evocação) o rosto. Não o ESTOU VENDENDO direito! Rememoro atropeladamente uma porção de várias cenas. Reconstituo a vez última, quando a vi crucificada na bossagem da parede da sua casa, junto à tia Noêmia. Mas não lhe vejo o semblante exato. Não a vejo direito. Sumiu. Nunca mais a verei. Mas a casa, a casa que não existe mais, que está reduzida a lances de paredes derruídas, sem telhado, ruína pura, tal casa vejo, exata, intacta, cheia de flores, de círios, tudo envolto em lufadas guturais de oboé que encham os meus ouvidos, a noite, o mar, o céu, a escuridão.

Ah! O seu rosto! Escancaro os olhos, dou ao poder da visão sua capacidade funcional máxima. Vejo Germana tão bem! Entro. Vejo a sala, a biblioteca, os livros, minhas mãos, as veias das minhas mãos,

o cristal da mesa, uma diminuta mancha no teto; escancarar a janela e vejo já não mais a noite e sim a madrugada lívida, o mar, a areia, a avenida, a grande amendoeira! Passos na calçada. O leiteiro?! Não arredo da janela. Germana está junto de mim, apoia o rosto no meu ombro. Vejo tudo. Até as horas. Cinco e dez. Reconstituo Renata como um grande bloco do tamanho do horizonte, do chão ao céu. Surge imensa, exata, dos pés ao pescoço, com todos os pormenores dos seus vestidos, os matutinos, os de passeio, os de cerimônia, os de teatro. Mas está acéfala!

Germana puxa-me pela mão, fecha a janela, encaminha-se para a outra peça, depõe o embrulho do romance num degrau, tira os sapatos. Eu a imito. Ela pega nos sapatos unidos com uma das mãos e com a outra segura o embrulho do livro datilografado. Subimos a escada sem barulho nenhum, cautelosamente. Em cima, beija a minha testa, recolhe-se ao seu aposento. Eu entro no meu quarto antigo, fecho a porta, tiro o paletó, desfaço o nó da gravata, e me jogo em cima da cama cujos lençóis, colcha e fronha cheiram a alfazema, tão bem esticados pelas mãos de mamãe. Depois do almoço, meu futuro cunhado me leva de carro ao aeroporto. Vamos buscar as malas.

Minha mãe muito sentida comigo. Afinal de contas acha que a minha experiência na Alta Paulista é um absurdo. Demitir-me de lugares ótimos como São Cosme e Caduceu, abandonar a clínica numa capital, rodas de colegas e de amigos de tantos anos, grupos de intelectuais, trocar a praia de Ipanema pelo sertão, é coisa, birra, que tenha propósito?

Respondo-lhe placidamente que voltarei de vez assim que a guerra acabar. Meu pai intervém: que isso de formar-me na Europa e ficar no Rio de Janeiro, quando há este Brasil imenso, é tolice e erro crasso. Que faço muito bem, se é que estou seguindo um plano, obedecendo a um intuito, realizando uma programação; se, entre outras coisas, tenho também uma finalidade financeira. Considera que decerto disponho de tempo para, além do mais, juntar umas economias. Assim, voltarei conhecendo deveras uma parte da realidade nacional, e trazendo um bom livro como esse aí...

E mostra o romance que Germana está lendo, muito absorta. Acentua, porém, que um reparo devo eu ouvir; o seguinte:

— Apareça no Rio mais vezes. Com a aviação, é mais fácil. E quando vier, demore mais tempo.

Germana vai casar-se agora no dia 21. Ela e mamãe estão atarefadíssimas com a embalagem minuciosa do enxoval heterogêneo, desde vestidos e sapatos, quinquilharia e perfumes, até panelas e faqueiros, quadros e louças. Dispõem também de pouco prazo para os preparativos da recepção, pois a cerimônia civil e a religiosa vão ser em casa mesmo. Ao todo, entre parentes e convidados, no máximo cem pessoas.

Ainda assim, minha irmã concorda em me levar ao cemitério São João Batista; preciso ver a tumba de Renata. O noivo empresta o carro.

Na rua da Passagem — formidável nome que até serviria para título dum dos poemas da série Rosa-Cruz de Fernando Pessoa — adquirimos coroas, ramalhetes e braçadas de flores. Renata gostava de mastigar sépalas e pétalas...

Na portaria do cemitério fico vendo entrar gente viva rodeando gente morta e ouvindo o sino avisar horários de partida... Enquanto isso, Germana procura junto com o zelador, folheando um calhamaço, o número da quadra e do túmulo de determinada pessoa cujo nome, sobrenome e falecimento recente ela citou e teve que repetir, ambos virando as folhas bem devagar.

Serventes oferecem-se (serventes ou candidatos a coveiros?) para transportar aquela quermesse floral.

Caminhando, observo mausoléus, esculturas em mármore e bronze, cúpulas góticas e renascentistas, barrocas e rococós, anjos, cruzes, donzelas e bustos de anciãos barbados.

Após muitas quadras assim da nobreza, da alta burguesia, da grande indústria, as seguintes são discretas, algumas sepulturas dispendo apenas de vasos, cártulas, esmaltes, iniciais e datas. Mas todas têm números, como os automóveis num parque de estacionamento. Deus do céu, onde Renata, abandonada por mim, veio parar!

Em determinada quadra constituída quase que apenas por quadriláteros de pedra ou de cimento, Germana afinal acha certo sepulcro. Faz-me sinal, pois vou devagar entre flores que se movem como aquela floresta de nem sei que tragédia de Shakespeare.

Mera geometria dum paralelogramo com resquícios de flores secas. Sem nome. Sem data. O único e misterioso signo de identidade é um número que, sendo neutro, não esclarece se acaso se trata de sentenciado ou de sentenciada. Mas Germana me mostra o cartão rubricado pelo zelador lá na portaria.

Ela ajoelha-se, junta as mãos, reza. Levanta-se, depõe duas coroas, uma na cabeceira, outra nos pés; de modo que se estiver enganada, se for ao contrário, tanto faz. Uma coroa estará certa em relação à outra, e vice-versa. (Lá vem o demônio — ou o arcanjo das divagações — interferir em meus pensamentos.) Depois ela e os serventes começam a desmanchar ramalhetes e braçadas de rosas, margaridas, gladiolos, lírios, cravinas e não sei mais que flores, sobre aquele portal caído no chão. A terra limitada pelo arremedo de cais desaparece; só se veem corimbos, umbelas, amentilhos em nível igual. Se esta noite houver luar, Renata estará debaixo dum vitral.

Procuro lembrar-me das orações que minha mãe me ensinou mas que depois, no colégio interno, devido à pressa com que eram proferidas por quatrocentos alunos, se me tornaram prosaicas. E agora apenas digo: “Salve, Rainha!”

Ajoelho-me não aos pés mas do lado daquele antimausoléu; e percorrendo-lhe com o olhar a superfície rasa mas cromática, vejo que na provável altura do coração há uma nesga que me deixa ver a terra. Mostro-a a Germana mas não deixo que ela a tape com flores.

Minha irmã já pagou os garotos que ajudaram a transportar as flores. Estando nós sozinhos, explico-lhe:

— Complúvio. Cisterna romana... num pátio interno... para receber as águas das chuvas... Das chuvas... e dos olhos.

De volta para casa, ao lado dum jovem que dirigia o automóvel, ninguém, dos que olhavam das calçadas e das esquinas, diria que eu, aquele homem exposto ao vento, ainda agora tinha chorado lancinantemente.

Durante o trajeto da rua da Passagem até a avenida Vieira Souto, conversamos.

— Sempre tive a certeza da existência dum drama na tua vida. Mas és de índole tão reservada!...

— Um artista, Germana, exteriorizando sua vocação, cumprindo-a com a eficiência dum artesanato ou duma revelação outorgada e que lhe cumpre passar adiante, está exposto à vida, ao mundo. E por mais introvertido que seja, é, a bem dizer, uma antena. Sei perfeitamente que tenho a felicidade na asserção íntima dentro de nossa casa aqui no Rio. A felicidade naquilo em que ela consiste como essência de tradição, virtude e tempo. Uma família é um agradável compromisso espiritual, emanando dum sacramento e dum plano ético, pressupondo deveres naturais e rendendo vantagens puras. Mas o artista é um ser que por mais que possa estar arraigado a um lar, o seu, opera sempre *extra muros*, pois recebe, aceita e centrifuga para depois devolver o que o mundo lhe entregou; e o faz deformado por aparências estéticas e por signos sobre-humanos.

Germana me olhava muito como a querer ver onde eu queria ir parar.

— Publiquei, por exemplo, o meu primeiro romance em 1931. Ora, a gente realiza um livro como quem desreca um complexo; e afinal ele tem sempre alguma criatura que o recebe como mensagem a ser decifrada.

— Tio Rangel já me disse coisas mais ou menos assim. Asseverou que devido à qualidade sensível dos teus livros só te poderias comunicar com certas almas eleitas. Que a tua literatura era um utensílio de descoberta de almas.

— Pois é. Longe estava eu de supor que tal romance, mercê, digamos, de coisas que as fórmulas de Thévenin explicam (tu és professora de física num ginásio, logo me entendes) — fluxos de forças, potenciais magnéticos, linhas de indução, meridianos magnéticos e geográficos — acabasse se transformando literária e vivencialmente na experiência de Gauss, ou de Barlow. Sim, essas experiências se processam também nas almas, através da metapsíquica. O fato foi que aquele romance exerceu na esfera lírica

uma rede complexa, uma força eletromotriz. Ao escrevê-lo, longe estava eu de supor que dada alma, certa sensibilidade, lhe captasse a essência.

“Como consequência, nos comunicamos, tal alma e eu. O meu segundo livro teve que ser distorção duma dada realidade subjetiva e interior, dual, transferida para um clima sparkenbrokeano; foi a redução infinitesimal e artística duma grandeza reduzida a microcosmo. Algo como a cena de paisagem natural e extraordinária que uma lente fotográfica pôde colher num retângulo diminuto. Disse eu paisagem natural e extraordinária. Devo ajuntar: paisagem insular, inabordável. Um *atoll* que acabou submergindo. Objetivemos melhor. Renata era casada. Eu, solteiro. Nosso amor cresceu e se expandiu primeiro como uma epifania. Tu, que és religiosa, sabes qual é o sentido da alegria mística sempre que não é possível haver a alegria panteísta... órfica! Já que era impossível o amor total, transpusemos tudo para um plano de platonismo exaltado; e, não podendo viver a vida, passamos a sublimá-la. Leste e releste meu livro. Lembras-te que o personagem masculino principal começa a desejar a fuga para a Oceania. Ora, não havia nisso um senso gratuito de evasão literária influenciada digamos por Chadourne — que já leste. Tampouco um desvalimento em busca da ‘situação-limite’ tal qual no caso de Gauguin ou de Rimbaud. O que eu queria dizer, e pouca gente entendeu, era que um mundo sagrado como o em que eu estava querendo desembarcar, uma vez profanado pelo sacrilégio se estilhaçaria moral e espiritualmente, virando uma Oceania. Naquele meu livro a Oceania não representa a distância antípoda, a fuga para o oposto, mas sim a fragmentação da alma e da consciência. Percebes? Servi-me dum *double* do personagem, para evitar tal cataclismo. Evidentemente esse outro personagem era eu próprio. Na verdade, tal elemento acode como força decisiva. Isto é: se tinha que haver o estilhaçamento, consequência da queda, do pecado, tal personagem irrompeu antes como elemento de intervenção. Assim, aquela morte é imagem tão só de afastamento do corpo para a oferta livre da alma.”

Germana dava indícios de estar compreendendo.

— Não escrevi tal livro para que toda gente o entendesse. As circunstâncias obrigaram-me a transformá-lo num texto cifrado. Fui para a Alta Paulista não porque um tiro de revólver na personagem do romance a houvesse prostrado. E sim porque algo idêntico, isto é, um novo instrumento do destino, a prostrou. Na verdade o meu exílio e o sofrimento dela eram uma espécie de preço altíssimo de resgate. Mesmo assim, tudo falhou. Agora volto para Hacrerá não mais como para uma temporada em Vana Vana, mas, deveras para confinar-me no Patusan.

— Não, não, Jorge! Não transformes tamanho desgosto pessoal num maior que nos abrangerá a todos. Agora é tempo de voltares para a família. E o teu livro? Quando o entregas ao editor?

— O meu último romance? Vai voltar comigo. Vou arquivá-lo.

— Não, não. Cumpre a vontade de Renata. Publica-o. Será um *Magnificat* a essa criatura.

— Não sei de nada. Só quero uma coisa. Ir-me embora. Depois... pode ser. Agora, isolamento absoluto. Preciso duma espécie de hibernação.

Já vestida de noiva, Germana veio ao meio quarto um instante para me dizer que contara tudo a papai e mamãe, tendo eles ficado impressionadíssimos.

— Desde o motivo que me fez ir para a Alta Paulista?

— Desde o começo, segundo me pormenorizaste. Podes ir embora quando quiseres, porque mais do que nunca precisas agora de solidão. Não te preocupes com o fato de papai e mamãe ficarem sozinhos no Natal e no Ano-Bom, já que eu vou hoje mesmo passar uma quinzena em Cabo Frio.

— Claro que tenho, que temos que nos preocupar!

— Foi um modo de dizer, meu. Mas é que tendo ido convidar dona Noêmia para assistir ao meu casamento e durante a conversa ficando óbvio que nossos pais permaneceriam sozinhos, dona Noêmia alvitrou a ideia de convidá-los a passar estes dias de calor tórrido em sua chácara de Petrópolis, até Reis. E quando você e Hermínio estiveram ontem no cartório de paz, onde se demoraram, ela apareceu para me trazer um presente, um Gallé, e tanto insistiu com mamãe e papai que eles acabaram aceitando. Aliás, é pessoa

tão comunicativa que a gente logo se sente à vontade. — E abraçando-me: — Vão ficar sabendo, através dela, que espécie de criatura foi a apaixonada de seu dileto filho... Corre, vai para o vestibulo, já estão chegando parentes de Hermínio e alguns convidados.

Acabadas as cerimônias nupciais — uma diante da mesa coberta com falso arrás e tendo em cima um tinteiro duplo de prata (que tio Rangel achou parecido com um galheteiro), duas canetas e o livro de registro, a outra diante do altar que era um oratório mineiro, desses com presépio embaixo — tanto a autoridade do cartório como a da paróquia aceitaram participar da cerimônia laica, isto é, o *buffet*, “comedorias”, conforme disse tio Rangel em voz baixa acrescentando depois mas baixo ainda, “ágape ecumênico e econômico”. Fora encomendado à Confeitaria Colombo, servido por três “mordomos” (ainda expressão de tio Rangel) e no qual não havia salgadinhos, pastéis nem empadas e muito menos fios de ovos, e sim uma profusão de microacepipes e microsobremesas dentro de escrínios de papéis de seda uns e impermeáveis outros. Sem falar nos círculos concêntricos e excêntricos que os ditos mordomos faziam pelo vestibulo, pela sala e pela varanda oferecendo e servindo desde guaraná e Coca-Cola até Málaga, madeira, xerez, porto e *cordón rouge*. Música só mesmo de vitrola, Amadeu se encarregando de mudar os discos. Nada de Brahms, Schubert ou Schumann, apenas *blues*, por imposição do noivo: Louis Armstrong, Bud Powell, Mahalia Jackson, Roberta Flack e Duke Ellington.

Mamãe, papai e os progenitores do noivo faziam sala aos demais parentes, a dona Noêmia, e a diversas matronas, que quando jovens tinham sido elogiadas no *Binóculo* de Figueiredo Pimentel: eram avós, agora, de netas sofisticadas, usavam camafeus e leques.

Tio Rangel, enquanto ainda perdurava o protocolo dos abraços e “parabéns” em dupla fila a desfilar diante dos noivos, já travava debates com outros três desembargadores sobre o marquês de Barbacena, o barão de Cotegipe, Evaristo da Veiga, Bento Gonçalves e Bernardo de Vasconcelos.

A noiva foi mudar de roupa para a viagem; então tia Maria Clara, Rafaela, Conceição, Lauro, Roberto, João Paulo e Amadeu se esgueiraram para longe daqueles “canastrões” e foram jogar *pif-paf* no escritório.

Vários convidados iam saindo à inglesa. Tio Rangel e seus ilustres companheiros, dignos sócios do Instituto Histórico e Geográfico, atracavam-se espetacularmente a fatias dos bolos e aceitavam copázios com água tônica, blocos de gelo e “dois dedos” de John Haig.

Conversei muito com dona Noêmia, sem contudo aflorarmos sequer o *leitmotiv* secreto que não saía de nossas mentes. Ela despediu-se dos pais dos nubentes e que, comigo, a acompanharam até o carro. Tivemos que esperar um pouco; o seu motorista era servido na copa. Prometemos escrever-nos.

Os desembargadores também se retiraram, assustando-se, na calçada, com um carro que saía vertiginosamente da garagem: era dos recém-casados. Punhados de arroz lhes atingiram também as calvas e as melenas já alvoroçadas por latejos de alta pressão.

Sozinho, abandonado, tio Rangel aferrou-se a mim:

— Ora, compreende-se que jogar por distração, para esperar o sono, seja expediente utilizável. Nem é por outro motivo que casais velhos, por volta das bodas de ouro — falar nisso as nossas estão relativamente próximas e imagino o aranzel que Maria Clara não anda já a premeditar! — se abancam em torno dum *guéridon* horas e horas a jogar paciência. Mas jogar *pif-paf* é uma insensatez oriunda da guerra de nervos. Vestir *toilettes* como para recepções e levar saindo noites e noites para o palácio de Fulano, para o apartamento de Beltrana, e depois voltar tarde para casa lastimando os prejuízos ou gabando os lucros, palavra de honra, é dum ridículo macabro! Mas, por que tolero eu isso? Ora! Tolerando porque sei que é uma consequência da época. Estas matronas, não havendo aqui incursões aéreas noturnas que as aglomerem em subterrâneos, fingem solidariedade de vigília!... Ou, mais explicitamente: imitam os grupos que passam as noites nas adegas durante os bombardeios e imitam estados-maiores debruçados sobre cartas. Só com a

diferença de que em lugar de serem coronelas e generalas se satisfazem em ser Locustas e Proserpinas.

Pouco antes do crepúsculo saímos os dois a passear diante da praia. Olhando para trás, a certificar-se da distância gradual que o ia afastando das “contumélias” da esposa, tio Rangel me agarrou pelo braço e me pespegou esta pergunta:

— Que é que lhe anda a roer a alma? Que coisa tenebrosa foi que lhe aconteceu?

E, parado, enrugando as sobrancelhas, procurava devassar o meu acabrunhamento.

Então, através daquele crepúsculo neutro, contei-lhe a minha desventura como quem esgarça um soneto camoniano (arreda, demônio ou arcanjo das divagações!); pois eu precisava não só que a sensibilidade de meus pais me compreendesse mas também que uma experiência como a dele me encarrilhasse. Permaneci mais dois dias em casa, porque sabia que no dia 23 meus pais subiriam para Petrópolis no carro de dona Noêmia. Eu ia voltar de trem noturno porque me seria desagradável contemplar da escotilha dum avião a paisagem da Guanabara e do litoral tão cheia de reminiscências.

Tio Rangel acompanhou-me, ou melhor, levou-me à estação decrépita da praia Formosa que estava servindo provisoriamente de estação inicial devido às obras monumentais da Pedro II.

O seu velho carro Delage e respectivo motorista ficaram esperando rente ao mangue, debaixo das palmeiras cantadas por Múcio Teixeira, o poeta mistagogo.

Até a hora do noturno sair ele não me disse palavra, mas era todo afabilidade. Quando a sineta tocou então, abraçando-me, comentou:

— Haverá no mundo lugar mais feio do que este aqui, com a pedreira de São Diogo toda escalavrada, a favela, este mangue sujo, aquele bojo negrejante do gasômetro?

— EX FUMO DARE LUCEM — retruquei-lhe, citando o dístico que ainda agora víamos na fachada da companhia do gás.

— Então, está bem. Transforme num livro a hulha que leva na alma.

QUINTO CADERNO

Complúvio para lágrimas
Na barranca do Araguaia
A mão na aldraba
A tempestade

I

Como aguentar durante uma noite inteira a viagem do Rio a São Paulo, em estado de absoluta vigília? Só mesmo lançando pelos quatrocentos quilômetros do leito da Central os meus pensamentos quais escaravelhos de Mercúrio.

Após hora e tanto, deixei a cabina, de pijama, por causa da noite tórrida, fui para a plataforma dianteira do vagão-dormitório, onde pouco permaneci porque o efeito era de estar sendo sugado por uma hélice.

Sentei-me na ponta do beliche, a olhar pela janela as estrias que passavam em sentido oposto. E, não sei se depois de Resende ou de Itatiaia, vi de relance, sentado ou esculpido num barranco, um sujeito parecidíssimo comigo. Estaria eu olhando lá para fora, ou para um espelho?

Deitei-me. Estirado naquele leito, era como se estivesse numa padiola encravada num trem-hospital. Captava para dentro do cérebro, como se estivesse com uma espécie de máscara de clorofórmio no nariz, o coro que dentro daquela aparente cela revolteava como resultado do diálogo da locomotiva e da composição com os trilhos e os dormentes.

De vez em quando um apito agudo se entorta lá da frente até ali atrás.

De madrugada sento-me na extremidade do leito, estendo as mãos, soergo a cortina. Então a janela passa a ser uma pantalha lívida, fluorescente, reproduzindo paisagens cartografadas, silêncio de bosques, arames farpados de currais ou de campos de concentração.

Com que então isto é a estação do Norte! Uma abóbada fuliginosa por sobre vagões que parecem caixas de fósforos e por sobre pessoas que parecem formigueiro. Em chegando às portas, a vida nos assalta de rompante, com a sua péssima catadura. Olho, do

táxi onde vou, aquela avenida típica que ondula como pista de montanha-russa. Calçadas, cinemas, confeitarias, tabuletas de médicos, casas de móveis, gasômetro, parque Dom Pedro II, rampa, arranha-céus, demolições, centro urbano. A cidade acordando, com a fralda de fora, cheirando ainda a lavatório. No balcão da Exprinter, ali no Mappin, compro passagem para Hacrerá como o condenado que pede ao almoxarife uma senha. Só poderei ir no trem das cinco horas da tarde; o das dez e meia da noite já não dispõe de leito vago. (Ainda não havia — naquele tempo — carreira de avião para a Alta Paulista.) Tomo café num botequim da Xavier de Toledo. Reentro no táxi que me aguardava com a mala, salto no Esplanada, encho uma ficha como quem faz um verbete de dicionário biobibliográfico, fecho-me no quarto.

Mexendo na mala percebo que o pacote do meu romance datilografado se acha reduzido à metade. Abro-o, e então verifico que ali no embrulho só está a cópia. Compreendo imediatamente: Germana ficou com o original. Torno a refazer o embrulho, estiro-me na cama, vestido como estou.

Por volta do meio-dia almoço num ambiente postiço que parece sala cosmopolita tanto ali nos fundos do Municipal como na praça Vendôme, no Hyde Park, na Calle Alcalá ou na Pariser Platz, e que sendo o Esplanada, podia ser o Ritz, o Lancaster Gate, o Regina ou o Adlon da minha mocidade itinerante. Depois me sento num dos salões mas começo a embirrar com as fisionomias irritantemente *au-dessus de la mêlée*. Então saio.

Atravesso calçadas e de repente me vejo percorrendo uma exposição de armas ao fundo de uma galeria. Meu Deus, que variedade, na evolução da arte de matar! Armas de golpe de percussão. Manuais, contundentes, cortantes, de ponta e de gume, de arremesso e de fuste, de jato e de fogo. Bons metais, bons ferros, madrepérolas, marfim, incrustações, baixos-relevos. E provenientes de origens legítimas. Desde as mais arcaicas até às mais modernas. Neolíticas, mesopotâmicas, egípcias, gregas, romanas, bárbaras e medievais. Estão à venda, só algumas pertencem a coleções particulares, acham-se ali por especial

deferência. Haverá gente com esse recalque transformado em reflexo condicionado?

Alabardas, chuços, flechas, dardos, espontões, azagaias, cimitarras, mosquetes, espingardas, garruchas, revólveres, punhais. Sim, senhores, e classificadas com todos os protocolos técnicos. Damasco. Toledo. Nurembergue.

Todavia se morre sem isso...

Olho para os dois judeus melífluos que decerto sentem que preciso urgentemente dum instrumento daqueles; saio, resvalo pela multidão. Vitrinas, lojas, cores, ângulos, reflexos, movimento, estrépito. Quanta gente hoje nas ruas!

Voltar para o hotel? Deitar-me, cobrir o rosto com o travesseiro? Por que motivo voltar para Hacrerá? Não será terrível viver lá? Por que razão vim do Rio? E se voltar, outra vez? Hoje mesmo? Agora! Já! Paro na rua, viro, sigo para o Mappin. Adquirir passagem aérea para o Rio, imediatamente. Nutrir-me do passado, ter com que visualizar a saudade.

Não há mais lugar em nenhum avião hoje. Serve para amanhã? Indecisão. Saio, percorro livrarias, deixo que a rotação do povo me leve sempre numa espécie de eclipse. Entro em cafés, fumo, paro em vitrinas, ouço trechos de conversas, ruídos de bondes e de ônibus. E de novo dou comigo parado numa agência de viagens. Devo ir para Hacrerá? Devo voltar para o Rio? Ah! Como eu precisava agora de um amigo, numa sala, numa cadeira. Um amigo para sentir uma afirmação humana. Uma sala para aí, vítima e réu, assistir ao meu *processo*. Uma cadeira onde abater todo o lastro desta angústia.

Multidão. Tráfego. Pés, pés, pés... Fisionomias, fisionomias, fisionomias... Rodas. Buzinas. Campainhas. Brados. Pregões. A morte de Darlan!! Compro o jornal. Leio. Vejo a data. Amanhã é Natal! Ah! Foi por isso que mamãe me olhou com aquele silêncio ressentido! Boa mãe, tanto compreendeu que eu tinha fome urgente de solipsismo que nem me fez o menor reparo!

É *Natal amanhã!* Eis a razão de todo este movimento nas ruas! De todo esse espetáculo de caprichos e enfeites nas vitrinas! Vejo todas aquelas dádivas para outros. Até 1939, neste dia, a estas horas, nós dois, eu e ela, comprávamos presentes para surpresa

mútua. Agora... Limpo os beijos com o dorso da mão. Viajar na noite de Natal? Se arranjar avião chegarei ao Rio ainda a tempo para a consoada em casa.

Volto às pressas para o hotel. Pago a conta. Mando descer a mala. Tomo um táxi, mando tocar para Congonhas. Nos diversos balcões das companhias me respondem que está tudo lotado, mas me aconselham a esperar: talvez falte algum passageiro à última hora. Fico ali naquele pandemônio, atento sempre aos empregados da Vasp e da Panair.

Motores giram no chão. Grandes pássaros mecânicos que todavia, ao rés da terra, são paquidermes de alumínio experimentando seu potencial de metamorfose, retouçando a erva. Uns embarafustam pela área útil como tartarugas paradoxais, de súbito virando garças. De quarto em quarto de hora, pessoas, acolhendo-se às suas famílias, são unidades aderidas a outras dentro de bojos leves! Parece que as vejo. Atam o cinto ao ventre. Não tarda a cidade reduzir-se a um disco de sete cores cujos interstícios estão cheios de cambiantes. Lá vão; a terra fica para trás, cá embaixo. Nela as estradas são diagramadas para itinerários de formigas, e as montanhas e as florestas (vistas da altura de dois mil e tanto metros) meros acidentes inúteis, papelão de presépio. A paisagem sotoposta, vencida, sempre e sempre intata, não se oferece já que sabe do desdém dos que vão para mais adiante. As cidadezinhas a custo se deixam adivinhar surpreendidas como ovelhas bebendo em filetes que são sempre o Paraíba. O leito da Central é um erro tortuoso gastando aço.

E esse círculo é metade terra, metade água, de certo trecho em diante. E quem vai, descobre Caraguatatuba, a ilha Grande, Angra lá no fundo. Aquela paisagem rolando em polias para projeção contínua de Kodachromes de Owen Williams e John Schultz para distrair tripulações e passageiros.

Mármore e alabastro, basalto e clorofila, esmeralda e topázio. Recortes incisivos de curvas e de arestas, de reentrâncias e de gumes. De vez em quando perpassam flocos de nuvens esgarçadas, como fiapos de paina. À direita, uma fímbria de gráfico: a Mantiqueira, onde fui feliz! Embaixo, o mar, onde seria bom cair

como lastro de chumbo. Marambaia, gengiva de cetáceo... Pautas cor de ocre onde deve ser o chão de Sernambetiba. Vértices, cilindros e esferas rodando em torno da Gávea.

Cá estou na balaustrada do Portão 3 do aeroporto. E todavia me sinto a grande altura, vendo dum golpe só o mapa pesado dos subúrbios do Rio, o tom de cobre dos penhascos, a escotilha de cristal da lagoa Rodrigo de Freitas, o flanco de cá do Corcovado. Bairros heterogêneos se enviesam com chácaras e prédios velhos, ou com arranha-céus e cubos modernos. Instantaneamente localizo o cemitério São João Batista. Tão fácil! Está para tudo isso aí embaixo como reprodução de Herculano ou Pompeia. Agora, já estou sobre a Guanabara. Ou estou sobrevoando o Mar Morto?

Estou aqui na balaustrada do Portão 3 do aeródromo de Congonhas, mas na verdade me sinto entrando pelo Rio de Janeiro adentro. Lá vou com o meu romance datilografado, como esses inventores maníacos que penetram comportadamente em antecâmaras de repartições técnicas em busca da patente, do carimbo e do certificado. O avião vai agora tão baixo que vejo ruas, morros e casas. Durante dez segundos ele dá voltas, passa outra vez por sobre o cemitério São João Batista. Imagino localizar a tumba de Renata. Só vejo mausoléus, restos da casa de Domitila.

Todos os que escrevem pensam como conforto e incentivo, numa criatura predestinada a lê-los e inspirá-los. A minha, a que existiu, a que se retirou para que com a minha saudade eu me tornasse íntegro, lá está. Não direi que a vi parada como estátua primitiva à saída duma catacumba nem como barco na rampa dum estaleiro. Na verdade, entre nós está a pausa do infinito. Definitivamente.

O último avião do dia 24 de dezembro segue lotado para o Rio. Ouço tal declaração dos empregados das companhias todas; agradeço, saio pela estrada abaixo, comportadamente. Devo ter um ar submisso de membro do Exército de Salvação. Para que este livro? A leitora, a personagem, o arcanjo de vigília, ou o ignorará para sempre ou já o sabe de cor. Antes, sim, outrora, certa voz, a sua voz, surgira, primeiro louvando, depois incentivando, com a sua dialética. No começo, a interferência fora cerimoniosa; a seguir se

tornara afinidade humana e prestígio sobrenatural. Galardoara-me toda a sua sensibilidade. Criatura de tabernáculo, exteriorizara-se como autenticidade e como símbolo. E, de leitora, consentira ser personagem para poder ser guia. Quis aliterá-la aos textos de *Dáfnis e Cloé*, *Tristão e Isolda*, *Peleas e Melisanda*, *Dafne Adeane* e *Sparkenbroke*.

Agora seus despojos estão na MORADA, e sua alma aderiu à franja do empíreo.

Vou andando, com a mala ora numa ora na outra mão, por causa do peso. E na verdade é como se estivesse andando no Rio, em direção ao cemitério. Chego. Entro. Paro diante da sepultura. Sem flores, sem mármore, sem inscrição; apenas com um número. O número do ergástulo. Permaneço algum tempo parado ali. Ninguém sabe o que seja a morte. Nem os versos que me acodem explicam coisíssima alguma. “Quando alguém morre, nem só isso é a morte.” “Também é quando alguém está privado de morrer.” “Morte é quando alguém vive e não sabe.”

Desdenho qualquer explicação metafísica ou metapsíquica. Morte... Maturação a termo? Despedaçamento malbaratado? Encolho os ombros. Deixo o cemitério. Nem me volto. Na rua tomo um táxi. “Toque para Copacabana.” Salto pouco antes da sua casa. Passo, olho, limpo a boca. Andaimos. ANDAIMES. Tapando o FIM. Volto para o táxi. Mando tocar para a praia, passo pelo Posto 5. Areia, oceano. Vazios desde o Leme até à Igrejinha. Luminosidade incrível. Sensação estereoscópica em tudo, para mostrar que *non est hic*. Limpo a boca, mando tocar para a Barra da Tijuca. Lá vou eu, recostado naquele calhambeque, vendo a montanha, a muralha, o Atlântico, a gruta da Imprensa, o Golf Club, a represa do Tatu, São Conrado, o Joá. Barra da Tijuca: Vasa, aningas, muricis. A pedra da Gávea, maciça e violácea. Espio para o céu por onde em imaginação (tudo é imaginação) passei não faz muito. Limpo a boca com o dorso da mão. Mando voltar para a cidade. Salto diante do Caduceu. Espio. Não existe mais o edifício *art nouveau*; agora quase pronto um arranha-céu. Embaixo há uma galeria ligando a avenida à rua Gonçalves Dias. Lojas. Povo. Pago o táxi, desço, percorro as ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias, Sete de Setembro, Uruguaiana (para quê?),

subo pela da Assembleia, torno a descer pelo outro lado, detenho-me diante do largo da Carioca que é, atualmente, um imenso anfiteatro disponível. Dali sigo a pé para a praça Quinze, o antigo Cais Pharoux. (Para quê?) Abeiro-me do parapeito, vejo no pontilhão de cá uma barca atracada. Conheço-a bem. Sei que horas sairá para Paquetá. Entro na sala de espera, encaminho-me para a barca, entro, subo, vou sentar-me lá em cima onde há bancos como pautas antes e depois da chaminé. Enquanto ela não sai contemplo alvarmente o edifício da Cantareira. O molhe! Paus, como estaleiro; limo; frutas boiando, rente à fachada de horrível mau gosto toda sinapizada de anúncios. GUMEX. MINORATIVAS. CERA CRISTAL. GÂNCIA. DRAGO. FIXOL. ELIXIR DE NOGUEIRA. RHUM CREOSOTADO.

Depois, ilha Fiscal, boias, diques, torpedeiras. Dois encouraçados eternamente ali, como ferros de engomar reverberando ao sol. Claridade ofuscante. Fecho os olhos. Reabro-os não sei mais como é o mundo.

À toda volta, a Guanabara lustradinha. Atrás da barca a espuma do caminho vencido. Cargueiros enferrujados. À esquerda, a ilha do Governador, com os cubos cor de alumínio dos depósitos de óleo e gasolina. Ao fundo, a serra dos Órgãos, como um gráfico de estatística. Paquetá inefável, como cesta de flores e de frutas, boiando. Paquetá colonial, dom de Deus aos pobres, presente domingueiro à pequena burguesia e ao funcionalismo público, sombra suave ao fim da canícula da semana, sem hotéis, sem arranha-céus, sem automóveis, sem palácios; mas com liberdade, com carrinhos puxados por cavalicoques, com coqueirais, botes coloridos, noivos de mãos dadas, velhinhas que não pedem, aleijados que dizem onde é a praia tal e tal... Com restaurantes primitivos atulhados como quermesses. Dança, música, sorvetes, *picnics*, melancias, cocos, farofas, pastéis, perus e leitões assados, bailaricos debaixo de mangueiras, penhascos onde se tiram retratos em atitude feliz. Rodeada por um mar manso, rasiño, cuja fímbria alva e translúcida é cortada pelo lampejo súbito dos peixes-agulhas que parecem fiapos.

Uma casa rente a um morro e com estátua de louça em cada canto dos telhados. Um quintal que é uma chácara. Jabuticabeiras que são maternidades (das raízes aos ramos) tantas são as flores e frutinhas. Árvores velhíssimas, tribais. Como a passarada gosta! E as flores ficando diferentes, em lugar de murchar intumescem; e não tarda uma profusão de bolinhas envernizadas, no teor de uvas, grudadas na árvore toda com insetos grudados em mel. Domingos depois, aquilo se torna túmido, cor de vinho, e em uma pessoa destacando uma não para mais, pois são, sem tirar nem pôr, mosto, néctar e pólen.

E as mangueiras? Na extremidade de cada subdivisão de ramo, bem na ponta, as flores formam um templozinho anamita. Em ocasiões do ano as mangueiras vergam ao peso de tantas frutas. As mangas parecem bochechas de irlandês.

Casa fechada. Chácara sem viva alma. Onde o caramanchão? Será preciso podar aqueles jasmineiros. Passo rente ao muro. O portão está fechado com enorme cadeado. Limpo a boca. (Noite longínqua. Capítulo quase de *Paulo e Virgínia*. O jasmineiro. A manta...)

Volto ligeiro. Será que ainda conseguirei tomar a mesma barca? Pensando, quase corro ao longo da praia. Ruído de correntes de desatracação, pesadamente, sobre tábuas alcatroadas. Pulo a tempo. Sento-me ali embaixo, num banco qualquer, estiro as pernas por cima do banco fronteiro. Barca vazia, quase. Um rantran contínuo de máquina exausta de percorrer não a Guanabara mas todos os rios tristes do mundo da escravidão: Nilo, Eufrates, Paraíba, Mississipi, São Francisco, Iang-Tsé-Kiang... Por que não vou ali para trás espiar o rastro de espuma? Não quero, ora essa!

O melhor é dormir. Fecho os olhos e penso; devo ir a Petrópolis? Irrita-me a ideia de ir. Sobressalta-me a ideia de que talvez tenha a coragem de não ir. Levanto-me, vou para a frente, fico vendo a cidade aproximar-se. O cais, as árvores, a catedral, o mercado, os morros, os arranha-céus. A proa roliça vai tocar a cidade por baixo. Se esta proa aumentasse... aumentasse, como a lâmina duma imensa Caterpillar, e desinserisse este prédio velho, anfíbio, da Cantareira, com os seus anúncios todos!

Lâmina de aço? Não há mais aço no mundo! Todo quanto havia a guerra requisitou. Todo o aço disponível no mundo está sendo triturado nas usinas, para novos motores, canhões, navios, máquinas. Todo ele está sendo preparado também para plataformas que adiram ao chão da Sicília, de Dieppe, de Salerno, está sendo retorcido e mastigado pelos monstros apocalípticos dos bombardeios e das batalhas nas praias, estepes e arquipélagos. E o outro, intato nas minas, onde quem os vá esgravatar, já que todos os dedos estão dilacerando reciprocamente corações de irmãos?

O melhor é ir para casa, lá em Ipanema. Sim, um táxi. Onde? Um bonde. Estão apinhados. Um ônibus. Que filas imensas de pretendentes! Eis-me no centro urbano do Rio. As lojas, nesta véspera de Natal, são formigueiros entre lantejoulas. O remédio é ir para casa, entregar dado, de vez, este coração com sete espadas à minha mãe e a Germana! Que presente lindo! Dir-se-ia que o tirei dum altar de Burgos ou de Salamanca!

Entro em casa. Minha mãe, com seu ar de donata, me recebe com uns braços que Ingres lhe deu. Natal! Natal! A que horas é a ceia? Haverá castanhas, passas, tâmaras, figos, avelãs, depois da Missa do Galo...

Ó derrisão!... Puro delírio.

Estou aqui, deveras, humano e miserando, neste aeródromo de madeira, tão cansado que só Deus sabe. Fico quieto, tão quieto!... Fumo, respiro fundo.

Sentado num banco, adormeço e sonho. Bem. Ótimo. Mas há qualquer coisa que não deixa o meu sono ser completo, ou pelo menos sensação de inércia mesmo. Que é? Ah! Já sei. Levanto a mala, abro-a. É este livro datilografado. Será melhor atirá-lo para um terreno devoluto. Não. Alguém acharia. Abro-o. Tiro uma pilha bem fina, da página 1 à página ٣٦. Acendo um fósforo. Aproximo-o do papel. Que chama azul encarquilhando a celulose! As páginas se retorcem, como se sofressem. Repito. Às vezes o bloco se apaga. Com as mãos sujas de fuligem, reacendo fósforos. Passa um sujeito. Que pensa ele? Decerto cuida que estou queimando literatura subversiva. Como custa incendiar um livro! Como o estupor reage! Aquele monte de cinza não esbruga, não pulveriza, por mais que eu

o pise e esfregue com a sola dos sapatos. Pego pedaços onde, apesar da cor cinérea, se podem ler verbos, adjetivos, como em fotocópias.

Bem, há que limpar as mãos. Meu lenço fica negro como a fralda da camisa dum mineiro de Cardiff. Por que de Cardiff? Ora esta! Fica negro, mais nada. E agora tratar de tomar o ônibus para o Anhangabaú, depois um bonde para o Brás, entrar na estação de luzes mortijas, sentar num vagão soturno entre gente de Grosz e Levine.

Mas, na praça do Patriarca, fico em dúvida outra vez. Não será terrível viajar numa noite de Natal? Isso não é sadismo, querer estraçalhar ainda mais a alma já em molambos? Tenho eu o direito de conspurcar ainda mais a minha dor?... Não é ela grandiosa e solene, sacrossanta e minha? A única coisa que me sobrou de tudo? (O sonho continua.)

Procuro no bolso a passagem para Hacrerá. Mas... era para o trem das cinco! São sete e meia! Agora, só no noturno das dez e meia. Decerto não haverá leito mais. Ir sentado? Como, se não posso comigo? Então?! Voltar para o hotel, dormir, resolver tudo amanhã. Sim, só amanhã viverei. Hoje sou autômato. Aquele romance que levei tanto tempo a escrever fiz bem em queimá-lo? Ou foi insensatez? Não sei. Amanhã me julgarei; hoje não. (O sonho prossegue.)

No Esplanada, não há lugar. No Bristol, não há lugar. No Rex, também não. No hotel do Oeste, nem falar. Um táxi me leva de porta em porta, como tabaréu zonzo. Mando voltar para o Esplanada. Deixo a mala no balcão de expedição. A gorjeta da tarde sempre valeu como ricochete.

Janto com catadura sinistra de ruminante. Estou decidido a seguir para Hacrerá. Mas sinto que tal decisão me envenena a vontade. Será o que Deus quiser. Sei a hora do trem. Deixemos que o acaso ou o subconsciente me dirijam.

(O sonho não acaba.)

Solução intermediária? Andar, andar. Perpasso diante de cinemas, detenho-me infantilmente diante dos cartazes. A que cinema poderia eu ir esta noite? A qualquer um para dormir no

escuro? Não. E se entrasse em não importa qual e me aninhasse sozinho num desvão de treva, supondo estar num nicho, como quando outrora nós nos aninhávamos em duas cadeiras do Metro, ou do Palace, no Rio?! Não é possível tal ilusão. Que fazer, pois?

Entro numa igreja. O presépio já está sendo armado. Onde, a minha infância?! Andar, supondo não sei quando nem sei onde, todavia num lugar real, assistir não mais um filme combinado com ela pelo telefone e sim, duma vez só, a todos os filmes que ficaram na minha memória como beleza plástica e comovedora. Sim, estar sentado com ela num vão escuro, de mãos dadas, ombro contra ombro, não de 1934 a 1940, não agora, bem fora do tempo.

E em sonho, desço a avenida São João, dobro para a rua Vitória, caminho, vejo-me não sei como na rua dos Gusmões, ando, ando, chego ao aspecto miserável e velho de tudo quanto é bairro rente a estações terminais. Dou com o edifício da Luz, sinto pavor, recuo, viro, subo outra vez, embarafusto rua acima, passo por botequins, cheirando a vício e malandragem, cruzo esquinas, tapumes, prédios velhos, edifícios de apartamentos, lojas fechadas. Chego à avenida São João, atravesso-a, continuo, vou desembocar na praça da República. Lâmpadas multicores nas árvores.

Andando, o que levo de maior importância é a saudade, mas adormecida como uma criança oriental nas costas dum avô macróbio. Noto na boca certa amargura, ou certo amargor, mas que me agrada como um menisco de jujuba. E o que acabou acontecendo, não sei explicar. Ou emiti um pseudópodo que aderiu ao passado, ou foi o passado que avançou uma alavanca da sua máquina de andar em marcha a ré e me atingiu. A verdade é que me sentei como desempregado ou mendigo num banco da praça da República tendo por companheiros não crianças nem amas (por causa da hora noturna) mas algumas raras criaturas sem Natal, banhadas de marasmos, com sapatos cambados de pobreza itinerante e com barbas de estupor grosso. E eis que apareceu uma telazinha que ficou suspensa entre dois plátanos. Daí a pouco um projetor invisível (dentro de mim) começou a passar vagarosamente uma porção de filmes estragados. Jardim da praça da República?

Sim, e não. A bem dizer eu estava numa sala suburbana, com assistência singela.

Embaixo da tela onde se refletiam filmes mudos e sonoros, uns com gestos apressados de pantomima, outros já com técnica melhor, alguns mesmo ótimos, estava um trio constituído por uma senhora com uma blusa de gola alta, sentada diante dum piano; à sua esquerda um senhor alto, em pé, abraçado a um rabecão; à sua direita, sentado, um indivíduo corcunda com um violino enganchado sob o mento. Sim, a pianista tinha gola alta escorada por barbatanas, tão em voga ao tempo do primeiro filme. O paletó de alpaca do violinista lhe dava um ar de amanuense; já o sobretudo do homem do contrabaixo parecia sobrecasaca de luto, visto como tal cavalheiro dava a impressão de abraçar de lado alguém e dar pêsames a esse alguém (na verdade o contrabaixo) que lhe respondia com uns grunhidos.

O Lírio Partido. O Cavalo de Ferro. Horas Roubadas. O Amigo Fritz. Beau Geste. Sétimo Céu. Variété. Ratos e Homens. Vinhas da Ira. Não Estamos Sós. Terra dos Deuses. La Maternelle. O Grande Motim. Tempos Modernos. Romance de um Trapaceiro. Carnet de Baile. A Besta Humana. Pépé le Moko. A Vendedora de Cigarros de Mosselprom. Tempestade sobre a Ásia. Os Vinte e Seis Comissários. O Cais das Brumas... Hotel do Norte.

Quando tudo acabou, nem sei a que horas, me levantei dali, sozinho já agora, pois Renata com pressa sempre, coitada (a sua vida, não é mesmo? não lhe dava liberdade), teve que voltar à fímbria do empíreo. Levantei-me porque os caminhões da limpeza pública, com seus jatos, me enxotaram daquela inércia de catatonia. Jogado de chofre na vida de agora, mas não na realidade consciente, vendo que haviam desaparecido também a senhora da gola alta, o senhor de paletó de alpaca e o velhote do sobretudo judaico, dei em andar, outra vez.

Evidentemente sou eu que estou andando, vendo vitrinas com enormes figuras de Papai Noel, e grandes flocos de algodão imitando neve.

Mola para caminhar sem saber durante muitas horas tem sempre todo aquele que sabe o que seja a ausência lancinante dum

lar, principalmente quando uma festa de tradição lhe põe nas gengivas um absinto tórpido.

Imiscuo-me em labirintos de ruas e bairros, desde a rua Santo Antônio até às travessas da Bela Vista. Ou estou, sem saber, andando, longe daqui, distante, pela Alfama, Mouraria, Clichy, Heinrichplatz ou Whitechapel?

Entro num botequim, peço Macieira, compro fósforos (pois o romance deu cabo dos que eu tinha), bebo, fumo, prossigo, transformado numa espécie de marinheiro ruivo ou de clandestino escorraçado. Chego até o "cais das brumas" não sei de que porto, arrastando a árvore genealógica do cinema, varrendo com ela paralelepípedos, asfaltos, sarjetas, calçadas, muros, postes. Rebocando-a sempre. Tal árvore, o que me custou arrancá-la, com raízes adventícias e tudo, dos cadáveres do Della Porta, dos irmãos Lumière e de Max Linder!

Que porção de tresnoitados atrás de mim, em algazarra patusca! Motoristas, vendedores de bilhetes, aleijados, bêbados, frequentadores de baiucas e gafeiras, moleques, jornalheiros, marafonas, escroques, vagabundos, motorneiros, garis, gente de botequins da praça da Sé donde saem hálitos e gírias que são blasfêmias ao seu próprio nome.

Vaias e risadas por causa do espetáculo dum homem arrastando uma grande árvore cheia de raízes, galhos, ramos, folhas, lanternas acesas (como, não sei!), insetos refulgentes, pássaros cromáticos e frutos policromos.

E a turba investia, arrancava etiquetas luminosas lendo errado nomes assim: *Griffith. King Vidor. Chaplin. John Ford. Orson Welles. Mamoulian. Lubitsch. Von Sternberg. Renoir. Abel Gance. Pudovkin. Sam Wood. Eisenstein. Duvivier. René Clair.*

Isso arrancado do tronco. Dos galhos. Dos ramos. Puxavam e se punham a ver por transparência, diante dos lampiões, retângulos diminutos de película representando instantâneos da guerra tirados pelos sinaleiros dos exércitos aliados. E berravam alegremente nomes em evidência: Roosevelt. Churchill. Ou diziam que estavam vendo, assinzinhos, encouraçados, aviões, paraquedistas, incêndios, bombardeios.

Por fim me arrancaram a árvore e a jogaram pelo viaduto de Santa Ifigênia abaixo. *Blackout* total e difuso não ali, mas em mim.

Já agora sozinho, continuei andando.

Até de madrugada, com o cachimbo apertado entre os dentes, a gola do casaco soerguida, as mãos nos bolsos, a barba já áspera.

Ando. Não penso em nada. Madrugada... Manhã... Apenas vejo cartazes pregados em andaimes. Onde as filas de fregueses nas calçadas junto de padarias e açougues, que vi ontem, entrando em São Paulo de manhã cedo? E os bondes superlotados e com cachos de operários nos balaústres? Ah! Hoje é dia santo, Natal!

Após haver vagado até agora, sem conseguir tirar do corpo nem da alma esta saudade incoercível, vim parar num bairro com toldos, anúncios de móveis, placas de empórios e cartazes.

Ah! Não poder tirar de mim esta saudade! Saber que nunca mais em rua alguma verei quem busco, quer de dia, quer de noite!

De modo que esta é a conclusão única: arrastar esta saudade pela cidade imensa até dar com a manhã autêntica numa praça lívida onde a banca de jornais expõe, recente e cálida, a história dos crimes de indivíduos e nações.

Olho este chão de calçada e de estalagem que mulheres lavam. A água escorre pela sarjeta. Eis que me cai da boca o cachimbo. Inclino-me depressa a fim de apanhá-lo. E de fato o pego esvaziado até de cinza. Mas ao abaixar-me muito para agarrá-lo então me cai o coração que esguichos e vassouras vão lavando.

Bairro do Lavapés, lava meu coração!

Andando, vejo diante de mim, como nuvem transparente atravessada pelo sol, uma ilha suspensa, com vergéis, colinas, vales e fontes, e que enche a rua, as superfícies esfregadas das vitrinas e os cartazes dos andaimes.

A voz do garoto dos jornais brada bem alto o que está acontecendo no mundo. Sim, este mundo mudou, Renata, porque tu morreste.

Bairro do Lavapés, lava meu coração!

(O sonho — ou pesadelo? — acabou.)

II

Cheguei a Hacrera com a alma marcada de piche como um inseto que entomologistas quisessem submeter a experiências de Pávlov. Ou como aquele funâmbulo do conto de Kafka que exigiu dois trapézios já que uma morte só não lhe bastava.

De que me adiantou pôr os retratos de Renata em cima da mesa? Ou os meus olhos estavam diferentes, ou as efígies tinham virado imagens baças de incunábulo? Em vão os alinhei vezes inúmeras em cima da estante, apoiados contra a caixa de madeira como aquelas raparigas do Erecteion formando colunata humana num templo. Em todas as fotografias o mesmo semblante igual mas metamorfoseado em cariátide.

Sete dias depois recebi os livros prometidos por tio Rangel. Eram de Jaspers e de Heidegger; verdadeiros tratados sobre angústia, mas ensinando a tática de transformar o desespero em lance supremo para a existência autêntica. Apenas os folhee.

Preferi trabalhar de dia como autômato e de noite pensar, ouvindo horas e horas seguidas o lado B dum disco imutável: a segunda parte da abertura de *Berenice*.

Passaram-se semanas, meses.

Do Rio chegaram três telegramas espaçados reclamando notícias e cartas. Era como se eu estivesse fora do tempo. Como se, tendo tropeçado num alçapão, houvesse caído num vácuo onde, contra todas as leis físicas, me sentisse tão pesado como um escafandro, embora devendo chegar no fundo ao mesmo tempo que um fiapo.

Certa manhã, num vislumbre de lucidez e responsabilidade, escrevi cartas respectivamente a mamãe, papai, Germana, dona Noêmia e tio Rangel, fingindo naturalidade, contando entre outras coisas que meu silêncio só podia indicar saúde e vida normal bem como "imersão" num outro romance, desta vez sobre Hacrera. Pura

mentira, já que saúde e vida eram silêncio em mim e que literatura passara a parecer-me desafogo vão.

Em resposta minha mãe e logo a seguir Germana me comunicavam que, já que eu falava em literatura e estava escrevendo outra vez, então esperasse para relativamente breve o aparecimento de meu livro!

Como? De noite pedi uma ligação interurbana para o Rio.

— Após mais de quarenta minutos de espera, o telefone tocou. Ouço sucessivamente Germana, mamãe, papai e tio Rangel. Notícias normais, de casa, de cada qual. Perguntas várias. Severa repressão pelo silêncio guardado. Depois o desvendamento do enigma: Germana atendera a um telefonema da sucursal da minha editora a lembrar que se esgotara o prazo contido no contrato de 1940 a respeito do meu romance. Em resposta, ela automaticamente dissera que estava pronto, que ia levar naquele dia mesmo... E de fato entregara.

— Mas... e as provas? Preciso corrigir, modificar uma porção de coisas!

— Eu e papai fizemos a última revisão.

— Por que não me consultaram antes?

— Ora, ora, Jorge! Nem dás notícias, deixas todos aqui apreensivos e ainda te queres abespinhar? De mais a mais um livro tão bonito, tão oportuno sobre o mundo! Vou mandar a carta da editora com a opinião dos leitores categorizados.

— Categorizados? Que palavra é essa?

O telefonema acabou com reciprocidade de compreensão, saudosas instâncias de imediato aparecimento, aviso de cartas e súplicas de resposta.

De fato vieram as cartas, capeando a correspondência de Germana com a editora, e exigindo que eu fosse amiudadamente ao Rio, que não esperasse para quando a edição aparecesse daí a meses.

Em resposta avisei que, forçado por convites de amigos de Hacrera, iria em época propícia fazer uma excursão às margens do Araguaia, prometendo mandar minhas impressões e fotografias, ou

as levar pessoalmente numa possível ida ao Rio e cuja data não especifiquei.

Na verdade o Argolo e o Seixas, da Casa de Saúde, o Lemos e o Cunha, banqueiros, o Fernando e o Mendes, clínicos, o Andrada e o Mauro, fazendeiros e donos de armazéns gerais — que todos os anos programavam e realizavam incursões à selva, escolhendo de cada vez regiões de interesse máximo — viviam instando para que eu aderisse ao grupo.

Primeiro entrei com a contribuição da minha quota, a fim de aplacar-lhes a insistência, deixando para mais tarde então a descoberta dum motivo razoável para eximir-me a essa combinação de convívio itinerante tão desajustado ao meu feitio.

Depois me mostraram o roteiro feito pelo Cunha, a lista de sortimentos organizada pelo Lemos. E, durante a semana me levaram a ver as armas na casa do Seixas, os anzóis e o motor de popa na loja do Andrada, os cães de caça na fazenda Jatobá, as caixas de gasolina no galpão dos Armazéns Gerais de Hacrerá.

Expliquei-lhes que só os poderia atrapalhar, que não tinha jeito para essas coisas, que eu não passava dum carioca ignorantão da vida rústica.

— Mais um motivo para aproveitar o ensejo. Pelo menos não sairá de volta para o Rio, um dia, dizendo que não conhece sequer o rio do Peixe, o Avanhandava, o rio Paraná, que nunca deu um tiro, que nunca pescou. Dirá, isso sim, que esteve até entre bugres nas selvas. E os seus colegas do Distrito Federal o respeitarão. Conte-lhes que matou onças... o que aliás será muito provável — chapou-me o Cunha.

Vida de autômato. Da Casa de Saúde para a minha residência. Dos cafés para o correio, da realidade rotineira para a recordação acabrunhante.

Durante o plantão do hospital, o servente Kimura debruçado na mesa da secretaria arma com papelão, munido de tesoura e cola, diminutos modelos de aviões Mitchell, Curtiss, Consolidated, Douglas, Spitfire, Hawker e Hurricane. A enfermeira nordestina chama-o de espião, de quinta-coluna, asseverando que ele, Kimura, tinha no almoxarifado, entre as goteiras para fraturas e as máscaras

para anestesia, modelos de bombardeios alemães. E o Kimura, esquálido, sibilino, a rir, a dizer que sim, que já construía com celuloide pequeninos espécimes de aviões Messerschmitt, Stuka e Heinke... E a olhar, misteriosamente franzindo de cara, a cólera da enfermeira... sua noiva!

O Nelson é transferido para a sucursal de Rio Claro da autarquia onde trabalha.

Eu a acompanhá-lo ao *Pullman*, a despedir-me, dando-lhe livros de arte. "Paul Cézanne, nascido em Aix-en-Provence, filho dum banqueiro, amigo de infância de Zola..." "Giorgio di Chirico, nascido em Volos em 1888, de família italiana..."

Bom amigo Nelson, vendo desde 1940 o meu isolamento, respeitando meus mistérios, fumando cachimbo, ouvindo música, discorrendo sobre Picasso e Braque, analisando calado o meu marasmo.

Cartas do Rio. Jornais de São Paulo. A guerra...

De tarde, entre cinco e seis, comecei a andar a cavalo, aproveitando o régio presente dum sela que o Guimarães me deu em paga dum exame em série do seu duodeno. Estradas. Cafezais. Carreiros monótonos, infinitos. Colônias com crianças, cães e criação raquítica no fundo de fazendas prósperas. Eucaliptos. Gado. Crepúsculos. E eu de botas envernizadas, de calças de montaria, sozinho, recordando meus tempos de escola de equitação em Paris e Berlim, pensando em Paineiras, no frescor de floresta limpa, no chilreio de pássaros.

"Não pareço o ex-rei Ferdinando da Bulgária?" (Renata correndo, fingindo apanhar borboletas.)

"Presente de Comandira a Dobaré..." "Lembrança de Maluero a Zavahúri." (Renata prendendo em cima do meu coração três orquídeas.)

Que estranho fato eu vir a saber da sua morte pela boca da Lambeth!

Esporeio o cavalo, passo a galope rente às saias verdes do cafezal graúdo. A paisagem standardizada recua em boleios. Chego ao jardim da Casa de Saúde depois dum carreira de vinte minutos. Mudo a roupa. Vou para o centro da cidade como um civil que fosse

embarcar no trem das seis da tarde. Entro no meu quarto, depois de passar pelas portas de residências, lojas, bancos, cafés, restaurantes, escritórios. Da janela que abro para arejar a sala vejo a estação. Vagões parados nos desvios. Trilhos. O armazém de carga. A plataforma. Viajar!... Vejo o trem que vem de Tupã. Agora assisto engatarem o vagão-restaurante e o carro *Pullman*. Parece que me sinto acolá, no compartimento dos fumantes, sentado na cadeira giratória, vendo passar Vera Cruz, currais, eucaliptos, pastos, glebas e fazendas. Começa a escurecer deveras. Garça, eucaliptos, cafezais, matas. Gália. Duartina. A noite densa. Bauru. A grande estação oca, de cimento armado. Vagões da Noroeste. Retirantes nordestinos. Viagem. Outra cidade. Baldeação. Um rio. Jaú. Locomotiva elétrica. Beliche no carro-dormitório. Lá vou eu como um corpo numa rede. Amanhecer. Névoa. Vargens. Morros. Subúrbios. Usinas. Fábricas. Armazéns gerais. Trapiches. Chaminés. Trens em velocidade contrária. Estações. Bairros. Casas. Ruas. Bondes. Ônibus. São Paulo! Agora, descer na Luz, tocar depressa para Congonhas. "Alô! Alô! Tripulação da Vasp do avião das oito! Alô! Alô! Passageiros para o Rio pelo avião das oito, portadores de fichas encarnadas; Portão 4. Boa viagem!" Lá está o pássaro mecânico querendo gente em sua gaiola afunilada. Depressa! Mas... para quê? Para quê?!

Largando tudo e de tudo fugindo como o desertor da mochila, o galé das correntes e o mineiro do grisú, vou para a selva não como evadido de Dachau, do Afrika Korps, do Repulse ou de Anopopei, mas sim como desarraigado da minha veracidade pessoal, do meu ortônimo.

No pouso, a barraca entreaberta mostra pela nesga da lona o servente Eugênio debaixo dum toldo de palha najá, assando cateto num jirau. Enquanto isso, na copa do angico, à direita, canta tristemente a cauã.

Estou me lavando com sabão de cinza. O corpo, por causa das mordidas dos carrapatos e das taiocas. A alma, por causa da urticária do mundo. De nada vale o Olímpio estes dias todos querer animar-me declarando que isso não é nada, que eu não poderia sequer fazer ideia do que seja a dor causada pelo ataque das

tocandiras cujos painéis e cocurutos, não sei em que parte longínqua destes sertões imensos, ele se esforça por descrever.

Estou todo arranhado e ferido. Esqueço até o tormento que os borrachudos e os pólvoras nos infligiam naquele dia em Araguari e as muriçocas e os maruins naquela noite em Goiandira.

Apesar de tudo, que horas agradáveis, belas e bárbaras, desde madrugada até ao anoitecer!

Esta manhã, por exemplo, bem cedinho, descemos de batelão, com o motor de popa desligado, o Argolo e o Seixas manobrando cabos e varejões por entre a gostosura perigosa dos rápidos e corredeiras; os pedrais de gorgulho e os travessões espumarentos sacolejam a embarcação e todos nós.

Só lá para as nove e meia é que podemos descer à borbulha, isto é, ao sabor da correnteza, assistindo ao perpassar da série dupla e contínua da paisagem. Diante do rio: amplidão livre. Dos lados: recesso denso de reservas do reino botânico, mineral e zoológico. O Olímpio, ex-marinheiro da Costeira, ex-seringueiro no Xingu, ex-lavrista fluvial, ex-sacristão dos salesianos, conta casos de caucheiros em luta com os gorotirés, uma tribo que não sei onde vivia ou se existe mesmo. O Argolo já dissera que o Olímpio não mente: delira, e o apelidou, desde o começo, de Cobra Norato.

Vamos acompanhados por ondulantes séquitos de botos. Mais tarde, com o sol já a pino, a tais bailados se juntam lontras e ariranhas; seus mergulhos e emersões são espetáculos. Para maior enredo plástico e acústico, estridentes araras e periquitos, bem como, às vezes, macacos e recongos, fazem estardalhaço nos renques das gariobas.

Passamos resvalando por um mundo poupado até agora; ali somos tataravós de nós mesmos. As margens se abaixam, apresentam agora aluviões de areia onde antas dormem em promiscuidade com capivaras. Em dado trecho, e riscadas pelos desenhos de troncos, à esquerda, pacas correm aos pulos, elasticamente. O Mendes se serve ora do rifle automático, ora do Colt 45, conforme a distância. Chegamos enfim ao trecho onde dias antes preparáramos entre saranzais uma ceva para o êxito fácil da nossa pescaria.

Que entusiasmo! O bando todo se afoita.

Abandonamos os miguelinhos rajados. O Mendes e o Argolo atingem a especialização técnica de só escolher matrinxãs, ao passo que o Mauro, o Olímpio e eu nos atiramos aos pacus e dourados, às piabas e bicudas.

Depois, com a proa da barcaça cheia como banca de mercado, tendo todos nós arrastado seu cavername para cima da margem, almoçamos gulosamente o que, uma hora depois, o Luizão e o Kimura, respectivamente nosso cozinheiro e servente, acabam preparando. Ali estamos, o bando de pesca, reunidos como expedicionários empíricos. O Argolo, porém, conta passagens interessantes do São Francisco, resultando disso o Cobra Norato entrar em delírio narrando peripécias da sua vida ulisseana.

Saímos a tempo de chegar com dia ao acampamento. Sim, o sol ainda está alto, mas agora o estirão será contra a correnteza. Fica para trás a barranca onde os restos do nosso almoço a restringem a pouso eventual no Congo, tamanho é o bastidor selvagem de troncos e folhagens.

Os que têm experiência da selva e dos rios, recordam fatos para eles corriqueiros, para mim que ouço, extraordinários. Kimura ri através da cara oblonga de feto e de ídolo oriental, ouvindo o Olímpio lhe contar (com trejeitos) de como as piranhas comem os miolos dos jacarés baleados deixando em minutos as caveiras vazias que nem potes. Quase modorrando. O Seixas, com sua responsabilidade de chefe, pergunta a si mesmo o que estarão fazendo no acampamento o Marcelino e o Eugênio, cozinheiros.

O motor de popa, com seu barulho de vedeta naval, leva horas e horas picotando o tempo, puc-puc-puc, enquanto o rio augusto, braço rude de imensa rede hidrográfica, corta regiões intatas de tesouros. Quando formos estatística lendária de *hoje* transformado em milênios, ali desabrocharão paródias de civilizações clássicas. Para atizar-me a inspiração nefelibata, o Argolo declama, chamando aquela correnteza de veia cava do trópico, de bueiro do El Dorado!

E eu, como querendo roubar ao Olímpio o delírio de vítima da peçonha da Cobra Norato, desando a exteriorizar beatitude e pasmo, refestelado ao rés da água:

— Não me amolem! Não vim pescar nem caçar. Quero, isso sim, perder a configuração humana, virar tronco e raiz, arrastadamente, rio abaixo, ao léu de declives. Atirei a alma nas cachoeiras; só trouxe o corpo com os sentidos. Meu corpo é uma draga raspando as horas majestosas e a paisagem empolgante. Olhem, contemplem, sintam como eu, o espaço e o tempo. O espaço segundo uma geometria sobrada do Gênese, guardada aqui para que mais tarde os outros Seixas e Argolos, Mendes e Mauros a devastem e sistematizem deuteronomicamente! Que realidade maciça e ainda não bem enxuta, a da floresta! Espiem seus cretinos! Que realidade plástica, a deste rio! Que enormidade guardada, conforme a lei pelas megeras piranhas! Sim, vocês outros, profanadores do sortilégio, serão devorados pela fauna vigilante e vingadora! Aqui ficarão suas carcaças utilitaristas! Eu também ficarei, mas porque quero. Aqui me diluirei voluntariamente, imerso neste batismo hialino.

Paro, olho-me como um suicida nauseado.

Dito isto, ergo-me de junto das piabas reluzentes e dum salto me atiro nas águas, começando a nadar galhardamente, como a dissolver-me.

Ninguém se assusta porque desde vários dias era assim que eu chegava à barranca do acampamento.

A bombordo, o Argolo, o Mendes e o Mauro conclamavam, aos berros, o reino das piranhas para que estas cumprissem aquele testamento de Heiligenstadt.

Enquanto isso o Seixas aflagava a sua carabina Schönauer, fingindo querer liquidar o monstro anfíbio em que eu me transformara.

Lá de terra o Eugênio e o Marcelino se preparavam para salvar dos saranzais quem vem como uma hélice furibunda, assustando os paturis. Os cachorros latiam.

Eugênio, radiante, conta que pegou um cateto tresmalhado do bando e que já o preparou para o jantar. Por sua vez o Marcelino diz que teremos sobremesa: mandioca e mel. Sim, descobriu grandes colmeias numas moitas de pequizeiros. Ao desembarcarmos levamos um grande susto: é que o Marcelino está com as orelhas inchadas; as abelhas tiúbas o atacaram.

Içado o batelão e bem recoberto com lona encerada, o Kimura e o Luizão transportam para a barraca o motor; o Olímpio e o Eugênio carregam os peixes; o Seixas e o Argolo, altos e fortes, assumem cataduras hirsutas de chefes de monções naquele cenário deslumbrante, não tardando a acertar tiros na testa de jacarés que dão enormes rabanadas como troncos eletrificados.

A caminho do pouso os dois continuam a ser contrafações ridículas de Theodore Roosevelt, ao passo que eu, escorrendo água, pareço, assim só de calção, um Fernão Mendes Pinto emergindo dum naufrágio. De fato, o Argolo e o Seixas derrubam um jacu-cigano. Impossível apanhá-lo em meio àquela confusão de macambiras e japecangas.

Lembro-me de meu pai dizer que eu ignorava o Brasil autêntico, e então ajudo a procurar a caça, ferindo-me nos espinhos dos caules das marajás.

O Eugênio não mentira: lá está a carne do cateto assando no jirau. Com seu apetite de antigo sinhô-moço nutrido a adolescência toda na exuberante cozinha afro-ameríndia, o Argolo funga em longos sorvos o cheiro acre e adstringente, enquanto eu confundo o cateto primeiro com tapir e depois com veado-campeiro.

A nossa barraca, perto da maior, parece uma tenda de feira. Caixotes, lataria, barris, utensílios, ferramentas, armas. Em cima da minha cama um facão e um machado. (Para quê?...) Vejo ovos de tartarugas e cuias. Sinto cheiros de óleo, de peles, de bichos, de gasolina, de rapadura. A estadia depende da provisão. Essa é farta, pois o Seixas e o Mendes, previdentes e práticos, tiveram tempo para programar não somente o itinerário como o êxito e o conforto que eu invectivara de cópia "colonial" de colonialismo frustrado.

Antes de anoitecer, latido de cães ao longe e a resposta dos daqui evidenciam a chegada do grupo que foi caçar. Estão agora todos reunidos numa aldeia. Médicos, engenheiros, advogados, diretores de bancos, fazendeiros, altos funcionários, cozinheiros, serventes. Ninguém se lembra de suas profissões e interesses longínquos. Jantam com apetite voraz. Vozes diferentes acrescentadas às anteriores. O Cunha e o Lemos gabam o dia; caçaram bastante. De fato, lá junto da fogueira onde o Marcelino

parece um soba e o Luizão um feiticeiro, estão as massas inertes dum tapir, de três pacas e duma veada-catingueira, enquanto os mutuns e os jaós dependurados são troféus menores sob a palha najá.

A conversa vai pela noite adentro: começou desde muito o martírio que nos infligem os mosquitos.

O Andrada faz a programação do dia seguinte. O grupo que hoje caçou amanhã irá pescar; e o nosso bando irá caçar. Irão com o primeiro grupo o Marcelino e o Kimura; e com o segundo grupo irão o Luizão e o Eugênio, ficando de atalaia no acampamento o Brito e o Emerêncio.

Há em mim ainda muito do egresso e clandestino de bordo, do aturdido de escombros. Disfarço com a máscara de intelectual urbano estranhando a selva.

Pela noite adentro, só uma vez ouvimos o esturro duma onça. Mas a floresta, com seu rico murmúrio, me parece um *pizzicato ostinato*; envergonho-me desta comparação. Passo por pequenas modorras de vez em quando, ouvimos o Lemos e o Cunha falarem na Conferência de Casablanca e na derrota nazista em Estalingrado. Sim, a guerra de um mês antes, quando deixamos Uberaba.

Durmo, vencido pela prostração.

Na manhã seguinte o grupo todo resolve ir caçar.

Fico no acampamento com o Brito e o Emerêncio. Durmo ainda bastante, depois que a expedição armada até os dentes como modernos antropófagos se interna nas brenhas.

Depois do almoço, o Emerêncio me ajuda a arrastar o batelão para a água e a atarraxar na popa o pesado motor. O Brito enche o reservatório depois de "sangrar" uma lata de gasolina, "esse sangue precioso para a Vitória e que nós estamos desperdiçando aqui". Faço cautelosamente a minha "regata" ali pelas imediações. Rio acima. Rio abaixo. Rodeado por florestas. Anfiteatro de cores e de claridade. Sentado na popa, com a mão no leme, o rastro que deixo atrás de mim, gorgulhante e espumarento, é a última porção do itinerário por onde procurarei esfregar a memória. De vez em quando bato fotografias ou rodo um filme de oito milímetros. Já fiz isso ao passar por Campinas, Ribeirão Preto, Igarapava, Uberaba,

Araguari, Anhanguera, o Planalto Central, Goiandira, Leopoldo de Bulhões, Anápolis, a serra do Catingueiro, a serra Dourada.

Agora, o regresso, sacolejado pelos solavancos do caminhão ao longo duma rota quase impraticável.

Vou voltar diferente, ou o mesmo? Será que a densidade geográfica, a Natureza, não age sobre a anatomia humana dum indivíduo? Pelo menos o que se tornou óbvio é que não foi o deserto que fez o anacoreta, nem foi este que fez aquele. Ambos atraíram-se.

Bem que quis dissolver-me em celulose no Araguaia. Já de regresso, constato que entre o meu anterior e o ulterior à viagem houve apenas um hiato.

Pelo menos conheci o sertão. Eu, que na juventude e na mocidade fizera tantas viagens ao estrangeiro.

III

Em Hacrera, minha distração durante dias foi projetar na parede os *slides* e o filme; e então o rio e a selva perpassavam frontalmente pela sala. A selva intata, o rio impetuoso, como nos tempos de Frei Custódio, de Manuel Brandão e de Pinto Gaia. Fascinava-me por demais o instantâneo do molhe de madeira podre de Dumbá Grande; dir-se-ia que por ali eu sumira da civilização, qual personagem de Conrad, indo acampar em Cocalinho.

Encontrei cartas do Rio intimando-me a dar sinais de vida.

Acedi.

Ainda no jardim de casa desandei a brigar com Germana. Por que motivo? Porque em dezembro de 43 ela retirara da minha maleta o original datilografado do meu romance — deixando apenas a cópia — e o entregara à editora; de modo que desde julho eu vinha sendo alvo da curiosidade dos críticos e dos leitores, tinha daí a dias que atendê-los numa tarde de autógrafos. Em resposta ela me entregava um exemplar, exigia dedicatória e me atirava nos braços de mamãe e de dona Noêmia, pois eu telefonara de Congonhas dando a hora da chegada; meu cunhado fora esperar-me em Santos Dumont.

Após tão longa ausência, tive que permanecer no Rio uma temporada maior.

Tio Rangel a azucrinar-me, como um *manager* que faz massagens numa vítima a fim de prepará-la para novos *rounds*. Parecia locutor da Nacional ou da Tupi, alvoroçadíssimo com o desembarque americano em Salerno e em Nápoles, a partida para a Itália da Força Expedicionária Brasileira, o torpedeamento de navios mercantes nossos, o refrão "A cobra está fumando...", a Conferência de Casablanca, o armistício italiano, Badoglio, a Conferência de Teerã, a queda de Roma, a libertação de Sebastopol.

Em contrapartida, eu lhe pespegava a minha aventura no Araguaia, causando deslumbramento em minha mãe e fazendo meu pai distrair-se horas com os *slides* e o filme.

Só deixei o Rio após a recepção que o tio Rangel deu para celebrar a entrada de Leclerc em Paris. Ele fez um discurso sobre a vocação do francês para a barricada. Daí a semanas ele me escrevia que estava com o coração e aorta entalados na goela de tanto se esbofar em seguir o general Patton na França, o general Clark e o Regimento Sampaio na Itália, e o general Jukov na Rússia.

Eu já agora não aturava mais Hacrerá. Talvez influxo dos efeitos da selva araguaia, tinha a impressão de me achar em zona territorial que ainda recentemente os mapas do Estado de São Paulo não davam, quanto mais os do Brasil!

Os que se haviam despedido de mim no dia 28 de novembro estranharam o meu regresso e isso me mortificava, pois eu lhes dava prova de malogro. E para essa gente decerto a ideia que desde muito eu lhes incutia era de usufruir a exclusividade de pairar *au-dessus de la mêlée* por esnobismo intelectual, filosófico e político, a ler jornais de pernas cruzadas num café, a folhear revistas durante as manobras do engraxate, a assistir no cinema os *Paramount News* e o *Pathé Journal* como alguém que terminou os seus afazeres profissionais diários.

Essa gente desconfiava que eu, introvertido e misantropo, vinha pagando com alta alíquota o imposto do exílio, às voltas do degredo, e que mesmo assim vivia com os meus complexos por, em face da hecatombe mundial, ser um civil poupado. E essa atitude alheia às vezes atuava em mim a ponto de eu próprio me perguntar se não teria sido preferível diluir o meu drama na ressaca da tragédia universal.

O fato de ter vindo reassumir meus encargos trazer ainda por cima o compromisso de novas traduções me parecia embuste de desertor. E em situação pior, conquanto íntima, me sentia sempre que me hospedava em São Paulo ora em casa de Rafaela ora em casa de Conceição. Pois era quase impossível eu esconder os complexos; talvez até os manifestasse no meu silêncio e na minha

fisionomia quando por exemplo durante a conversa, ao jantar, Amadeu me disse:

— Lembra-se do Luís Manfredo, do regimento de Quitauína, que conversava com você sobre Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa? Que foi meu colega em Eton de 33 a 37? Sabe onde ele se encontra agora?

— ???

— Partiu no Primeiro Escalão a bordo do transporte General W. A. Mann. Escreveu-me. Manda-lhe lembranças. É intérprete no estado-maior do marechal Sir Alexander...

Ou quando José Paulo, servindo o vinho, exclamou:

— Hi!... O Erasmo Pontes, que jogava xadrez comigo, escreveu aos pais, furioso!

— ???

— E com razão. Imagine você que em Litoria e durante a roçada para o vale do Serchio se viu reduzido a carregador de sacas postais do Correio Regulador da 1.^a DIE.

Ao que Amadeu interferiu, mas voltado para mim e não para o primo:

— Já o Dioguinho escreveu contando que foi uma sorte ele não pertencer à infantaria.

— ???

— Porque se pertencesse a essa arma teria tido que lutar corpo a corpo com os elementos da 42.^a DI alemã na tomada difícil de Monte Castelo, em fevereiro.

— Mas lógico! — interveio Amadeu. — Caso os vinte e seis mil pracinhas comandados pelo general Mascarenhas de Moraes respondessem a um inquérito confessariam preferir obuses autorrebocados, artilharia de dorso, companhia de petrechos blindados. Lutar, sim; mas sem o *close-up* medonho dos feridos, dos mortos, do sangue, dos miolos expostos feito geleia.

— Chega desses assuntos de guerra! — bradou Conceição. — Me aborrece tanto ou mais do que aturar debates imbecis de vocês sobre *football*...

Mesmo sem os pormenores fornecidos pelas estações de rádio, pelos jornais, pelas revistas e pelas conversas deste teor, eu estava

mais do que ciente de quanto a humanidade, como conjunto ordinal, quantitativo, de bilhões de unidades, se sentia afetada pelo *boomerang* da hecatombe militar. Nem se julgue que eu me valia das traduções a fim de me desviar desse ricochete. Nos solilóquios em horas de vigília me via, oniricamente, pessoa singular, individual, entre os três bilhões de civis meus contemporâneos. Ou via esse conjunto desmesurado fluidificar-se e inserir-se na minha pessoa.

Noutras noites de insônia, os meus complexos e escrúpulos se manifestavam em ensaios incompletos de divagações gráficas e plásticas: no quadro negro e didático da treva noturna absoluta, se alinhava o número 3 000 000 000, como um dividendo. E eu me atribuía o papel de divisor. Queria afoitamente verificar quantas vezes o divisor cabia no dividendo. Enfim, queria saber o quociente.

O quociente?! Ora, que é que o número 1 divide? Apenas repete, traslada. Portanto, o quociente era igual ao dividendo. Na angustiante problemática da morte, com M grande, da Morte, a humanidade e eu, ou vice-versa, nos revezávamos...

Acabei a tradução de *Recordação da Casa dos Mortos*. A editora achou-a excelente. Pudera, eu entendia do riscado!

Ela, a editora, me entregou enorme envelope com recortes de notícias, críticas e ensaios sobre o meu romance, mais outro envelope fechado, com selos e carimbos.

Passei aquela sexta-feira última de abril de 45 em casa de Rafaela e o sábado em casa de Conceição. Ambientes diversos, quase opostos. Numa, a ordem, o luxo, a pragmática, o protocolo. Visitas cerimoniosas: professores de direito, juízes, acadêmicos imortais, *top set*, enfim. Na outra, estudantes, vizinhas, namorados precursores nas roupas, nas guedelhas, nas barbas, nos sapatos de tênis com cadarços de cor, na gíria, dos futuros *beats* e *hippies*.

Na primeira residência o assunto foi a morte de Roosevelt: verdadeiras exéquias oral e retórica, com interstícios de goles de uísque.

Na segunda residência o assunto foi a morte (por assassínio) de Mussolini e os aspectos macabros do velório do seu corpo pendurado num gancho em certa praça de Milão, autópsia verbal do

ex-civil e socialista desnudado da farda tipo indumentária de ópera. Agora, rês abatida e conspurcada pela população que o endeusara.

Já me achava em Hacrerá, nos primeiros dias de maio, quando a BBC de Londres irradiou o desaparecimento de Hitler, admitiu mesmo o seu suicídio.

Na primeira semana de agosto vim a São Paulo trazendo a tradução de *O Vermelho e o Negro*. Na editora me entregaram volumoso envelope repleto de recortes referentes ainda ao meu livro, e uma segunda carta fechada, com selos e carimbos. A cidade, no dia seguinte, acordou na rua como expulsa de casa por abalos sísmicos. As *manchettes* dos jornais e o vozeirão dos locutores só tinham uma tônica: a bomba atômica lançada sobre Hiroxima. E por mais extemporâneo que pareça, quando a população resolveu se recolher com a preguiça untuosa dos caramujos aos seus apartamentos helicoidais, tio Rangel irrompeu em casa de Rafaela.

Falou pelos cotovelos. Obrigou-me a medir-lhe a pressão arterial. Dispensou o motorista por algumas horas, esteve deitado até o chamarem para o jantar. Atrasou o horário, porque fez a barba, tomou banho e substituiu a roupa branca.

Comeu um pouco de tudo. Quando veio a sobremesa, iniciou o esperado exórdio, virando-se para a filha e o genro, para os netos e para mim, seu sobrinho em quem punha todas as suas complacências:

— A história é um fichário de morticínios. Disse Heródoto, Tucídides, Xenofonte, o Conselheiro Acácio, e digo eu. Você, Jorge, passe a empregar alta voltagem na ficção.

— ???

— Como hão de os leitores, depois desta guerra, emocionar-se com personagens e enredos, mesmo que sejam trágicos e cruéis como os de Edgar Allan Poe e Villiers deL'Isle-Adam, se tudo o que assistimos embotou a nossa receptividade em esgares de catatonia? E se sabemos desde já que as atuais experiências maciças se tornarão generalizações súbitas e imediatas? A humanidade tem disparates como os que acabamos de averiguar em abril e maio deste ano de 45. Resigna-se (como se tivesse procuração para isso!) a emocionar-se sumariamente com a perda de milhões de si própria.

Pega depois ao acaso um exemplar unitário, anônimo, desconhecido, da lavoura, da usina, da universidade mas que morreu pela pátria. E lhe rende grata homenagem. Paciência. Não pode ser doutra forma. Nisto, sucede ser sangrado um dos responsáveis mais insensatos por esse estado de coisas no mundo; e suicidar-se o outro. As duas notícias causam impacto na humanidade, abalam-na, põem-na atarantada... Vamos para a varanda. Já pode acender o seu cachimbo, Jorge.

A peroração foi depois que a criada veio recolher as xícaras esparsas e levá-las na bandeja para a copa:

— A turma exótica e maníaca dos futurologistas — esses gozados que querem marcar o dia exato do Juízo Final — não precisa mais fazer cálculos cabalísticos. O número 6 (referia-se a 6 de agosto, data do lançamento da bomba atômica sobre Hiroxima), esse número é o logaritmo do apocalipse.

Passou as duas mãos pela boca, ajeitou a dentadura. O automóvel de Conceição e Roberto entrou todo aceso. Os dois jatos que varreram o jardim iluminaram não o rosto murcho do pai e sogro, mas a efígie do profeta Isaías.

Eu tinha afazeres em Hacrera. A Casa de Saúde estava na iminência de ser vendida. O Banco Brasileiro de Descontos, anos antes ainda simples agência bancária particular, mostrava-se disposto a ajudar os compradores, no caso dois terços da classe médica de Hacrera. Argolo terminava a sua tese, se inscrevera no concurso para a cadeira de clínica cirúrgica em Salvador. Eu precisava traduzir *O Egípcio*, já adiantara a versão bem mais fácil de *A Leste do Éden*.

Depois? Bem, se o mundo ia transformar-se de sucata em... Em o quê?...

Meses. Quase um ano. Claro que quando me estafava em Hacrera, aparecia em São Paulo e no Rio. Na Pauliceia ia bebericar na mesa do Paribar, ao lado de Sérgio Milliet. No Rio, tomava banho de sol e de mar em Ipanema; depois, à tarde ia conversar com Graciliano na livraria José Olympio ali na rua do Ouvidor, ou na Editora, com Zé Lins, acolá na praça 15; das janelas via com emoção secreta a Cantareira, a barca de ou para Paquetá.

Cessaram os artigos sobre o meu livro. Não recebi mais recortes dentro dum envelope grande, desses de ofício. Mas recebi uma terceira carta fechada, com selos e carimbos.

Assim que principiava a estranhar o centro do Rio de Janeiro, a sentir-me fantasma, abalava para a Alta Paulista. Atendia clientes de Bastos, Lins, Dirceu, colonos de fazendas e patrimônios com centenas de alqueires de café, algodão e amendoim.

Os novos proprietários da Casa de Saúde solicitaram que a antiga diretoria terminasse o mandato; isso lhes facilitaria a estatística e o balancete de 46, a prática com o arsenal cirúrgico, bem como a familiarização com o radiodiagnóstico.

Quanto a mim, haja traduzir. Verdadeira *corvée*. Estava exausto de folhear dicionários, de emendar erros de datilografia segundo as modificações recentes do novo regime ortográfico.

De quando em quando ouvia música, pegava naquelas três misteriosas cartas assinadas por uma suposta Calipso. Eram escritas e subscritadas à mão e se iam diferenciando gradativamente. A primeira, cerimoniosa e inibida, girava em torno do binômio obra/autor. Ela, Calipso, supusera, até 44, que eu sempre vivera no estrangeiro tendo vindo de lá somente quando o clímax internacional se agravara. Mas que, numa tarde de lançamento de livros com autógrafos, certa amiga me mostrara na livraria e, em ulterior conversa, lhe dissera que eu tinha cursado humanidades no Condorcet, formando-me em medicina, depois, no Rio, e fora especializar-me em universidades europeias.

Que esses informes lhe haviam elucidado muita coisa dos meus livros; inclusive a tendência para o *roman-fleuve*. Natural que, tendo passado a juventude em Paris e a primeira parte da mocidade lá e em outras capitais, eu me utilizasse às vezes de cenários e lembranças como bastidores dos meus contextos. Achava que eu urdia os capítulos com um sistema desenvolvido de distribuição todo meu. Que pairava neles, ao invés do cosmopolitismo à Valery Larbaud, uma estrutura vivencial ecumênica. Que ela, Calipso, se irritava com certos críticos por não verem que a plataforma de lançamento dos meus enredos era sistematicamente o Rio. Mas o Rio bem carioca e bem brasileiro.

Quanto ao estilo, sua opinião era que eu aproveitava o meu temperamento barroco inato para, mediante o trato com as ciências, as bibliotecas, os museus, os idiomas, aperfeiçoar o senso estético, a tendência lírica e autobiográfica.

A segunda carta, com intervalo de meses, da anterior, a bem dizer debatia o binômio obra/leitor.

Falava de suas leituras desde os tempos de colégio religioso interno. Que, quando menina, lia depressa para atingir logo o remate da história ou da estória. Quando adolescente, ainda no colégio e logo a seguir em casa, se interessava simultaneamente pelo assunto e pelo estilo. Agora, vivendo em casa e na fazenda, dispondo na residência urbana de uma biblioteca mais que razoável de literatura brasileira e universal, e na "casa-grande" de várias estantes com livros recentes, preenchia o seu lazer lúdico somente com o que havia de melhor em poesia, romance e ensaio.

Qual o motivo dessa determinação preferencial? Explicava: tivera que desistir do piano porque os professores do colégio eram tão ruins que ela ao invés de adquirir desenvoltura ficara com os vícios de teclado e de mão esquerda.

Pedia licença para afirmar que devia muito a mim com referência às correntes modernas e de vanguarda, por ser desde algum tempo leitora pressurosa dos meus artigos na *Folha*. Com relação aos autores nacionais e estrangeiros seus prediletos (e evidentemente eu estava incluído na lista) deixava de enumerá-los a fim de não parecer *bas-bleu*.

Asseverava, ainda assim, que cada vez que relia obras por exemplo de Machado de Assis, Vicente de Carvalho, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, ou de Thomas Mann, Marcel Proust, ou a plêiade russa etc. etc., lhe parecia não estar mais se submetendo aos textos e sim criando paralelamente um intertexto, um diálogo, uma revisão.

A terceira carta, de meses, entremostrava curiosidade por mim, pela minha vida, pelo enigma de eu ter ido para tão longe. Que sabia haver eu me metido em política, feito comícios, sido vaiado por integralistas, intensamente como obliterar um desgosto...

Não estaria esse enigma camuflado nos meus romances? Não seria de natureza tão bela e ao mesmo tempo tão angustiante que eu o transformara em razão única de vivência ou... de sobrevivência?

Nos últimos parágrafos voltava a falar como que mais de perto, como o fotógrafo que muda de posição, que escolhe uma nova angular. Perguntava se aí, no simbólico litoral onde eu queimara a nave para impossibilitar o retorno, ignorava por acaso que a minha alma calada emitia um constante S.O.S.? Lógico que eu, como escritor, sabia. Por que era então que continuava à deriva, indiferente aos escutas que haviam descoberto o meu código, que o captavam e respondiam?

Consideraria eu sacrilégio outra criatura dum oásis se abeirar da cisterna para calçar as sandálias da anterior e assim ter o direito e o privilégio de atingir e alcançar a catacumba, de percorrê-la, de reacender a candeia apagada para, descobrindo o cântaro, descer o córrego subterrâneo a fim de poder, depois, vir reanimar quem jazia na duna?

Seria possível que eu tivesse ficado como aqueles infantes da Rússia e da Espanha que, tangidos pela fuligem das revoluções, não viam nunca os ninhos nos pomares floridos nem escutavam mais o sussurrar das fontes?

Na próxima correspondência com tio Rangel contei-lhe por alto o mistério dessa nova personagem; e, para que ele aquilatasse melhor, incluí no envelope as cartas assinadas com o pseudônimo Calipso.

Fiz suposições vagas. Ultimados os negócios em Hacrera, com um banquete oferecido a mim e ao Argolo, toquei para o Rio detendo-me uns dias em São Paulo.

Como quase sempre, hospedei-me em casa de Rafaela. Já constituía hábito me armarem no Retiro (entre o pavilhão de música e o *court* de tênis) uma cama de hóspede.

Avisaram-me que à noite haveria recepção, como cada última terça-feira de cada mês. Tratei por isso de vestir um dos melhores ternos que mandara fazer na primeira metade de dezembro de 43. Não estava enxovalhado porque eu o vestira em Hacrera para o

banquete e nestes três anos o alternava com outros quando das minhas estadas no Rio.

Cumpro declarar que durante a viagem de Hacrerá para a Pauliceia usei um dos envelopes vazios das citadas cartas como anteparo em cima da mesinha giratória do *Pullman* para encher o meu cachimbo com tabaco Navy Cut. Os três envelopes me atrapalhavam, assim frouxos, quando eu metia a mão no bolso. E tal circunstância, repetida mais duma vez, me levou a pensamentos que já me incomodavam antes. Como dispunha de tempo e só chegaria ao termo da viagem muitas horas depois, os monólogos faziam cama de gato não nos meus dedos mas dum lobo frontal para o outro.

Carradas de razão tinha Baudelaire em considerar a poesia (enfim, a literatura lírica em geral) um nó de víboras. Provas bem anteriores às *Flores do Mal* tinham sido as páginas de *Werther*, causadoras duma epidemia de suicídios. E provas ainda, conquanto ulteriores, haviam sido as páginas de *Le Lys Rouge*. Agora ali adiante da paisagem que corria em sentido contrário, eu repetia várias vezes: "Derrisão. Nó de víboras". Sim. Renata tinha sido vítima. E agora outra criatura tinha sido vítima do filtro, do sumo dessa beberagem que se chama romance. Tais fatos advinham do seguinte fenómeno: certas leitoras iam além dos personagens e dos enredos: atingiam o autor, pessoa real. Portanto, processo mais lógico do que atingir apenas o fichário dele. Ora, sendo os meus romances de pauta lírica, o interesse que despertavam decorria da similitude das almas, dos problemas, da procura de soluções. As leitoras se davam conta de que, já que o autor urdia tudo aquilo, e que havia íntimas e mútuas analogias, *ipso facto* personagens e leitoras se revezavam, facilitadas por sucessivas coincidências.

Era óbvio que os ou as personagens morrem. Os leitores ou as leitoras, também. Somente o criador perdura. Se não como homem, como autor, que pode perdurar séculos.

Estava eu ali no Retiro, enfarpelado para a recepção. Quando irrompi numa das salas, logo recuei disposto a tocar para o Rio sem me despedir, tamanhos os grupos que impediam o acesso em várias direções. Sem contar os cuidados, as ginásticas para não ser

atropelado pelas inúmeras bandejas que se equilibravam no ar como planadores. Em todo o caso, a frequência a embaixadas nas capitais europeias nos idos de 30, ao tempo de Guerra Duval, me ensinou a arte das medidas, de reconhecer Beltrano e Sicrano, de inserir um aparte numa conversa, um beijo na região tênar de mão que se estendia, de saber se Amadeu continuava a receber cartas de pracinhas amigos.

— Sim. De Castelnuovo. De Porretta Terme. Conhece, dona Eusébia de Rezende Cintra? aqui o doutor Jorge? Sim, o romancista.

Curvei-me, beijei aquela mão semicoberta por *mitaine*. A matrona de ar bem matronal sorriu, pegou quase de relance uma taça, meteu-se num grupo. Amadeu, antes de tomar direção oposta à minha, teve tempo de me elucidar:

— Nossa vizinha. Mora aqui ao lado. Nossos jardins são laterais e nossas varandas paralelas. É neta do barão de Lorena e bisneta do marquês de Valença. O número de escravos que seus antepassados tiveram é igual ao número de livros raros que há na sua biblioteca.

— Lê tanto assim?

— Não. Prefere bridge. A livralhada é para a filha, incompreensivelmente ainda solteira.

Fazendo diversos desvios, fui subconscientemente parar no jardim lateral.

Apenas um gradil separava o gramado da residência de cá da pérgula da residência vizinha.

Ladeei a casa de Rafaela, vim ter ao vestíbulo. Era o único local propício para, enfim, conseguir acender o cachimbo.

Observava eu uma tela de Matisse, quando veio duma sala quase vazia ou pelo menos silenciosa uma jovem esbelta sobraçando três livros encadernados. Sorriu apenas *pro formula*; e, aproximando-se, falou com nervosismo:

— Quer ter a bondade de autografar estes romances de sua autoria? Não estranhe estarem novos. Não trouxe os que me servem de constante leitura, devido ao estado em que já ficaram; um até sem capa.

— Com muito prazer autografarei os volumes encadernados e as brochuras.

— Então vou buscar depressa. Deixo aqui estes. No frontispício de cada um tem o meu nome. Moro aqui do lado.

Sumiu; escutei o trinco duma folha do portão bater na fechadura.

Sentei-me num banco em X, desses de fechar, abri um volume em cima da mesa, virei três folhas. De fato, em cada frontispício estava escrito: Maria do Carmo Rezende Cintra.

Reconheci instantaneamente a letra. A mesmíssima caligrafia daquelas três cartas. Assinei o meu nome por baixo da seguinte dedicatória:

“PARA CALIPSO.”

Daí um quarto de hora, se tanto, ela reapareceu. Recebi as três brochuras, tracei depressa a mesma dedicatória, devolvi os livros. Ela, em pé, abriu, leu, ficou rubra, e nisto quis pegar os seis juntos; dois caíram.

— A coisa mais difícil de se carregar é um pacote desembrulhado de livros. Posso ajudá-la. Não mora ao lado? Levo-os aqui pelo jardim e lhos entrego por cima do gradil.

Aceitou impetuosamente porque precisava sumir.

A recepção não ultrapassou a meia-noite. Só se retiraram um pouco mais tarde dois grupos da saleta de bridge. Uma das parceiras, segundo notei por acaso, era a matrona descendente do marquês de Valença. A filha não reapareceu na recepção. Depois que lhe entreguei os livros por entre o gradil, a vi correr para dentro de sua casa como se o todo, os canteiros com hortênsias, a pérgula com buganvílias, as paredes com heras, os degraus com vasos de magnólias e ela com o vestido azul moldando-lhe na carreira os ombros e os joelhos reproduzisse em tamanho natural uma capa vinte e quatro por trinta da revista *Marie Claire*.

Sim; não reapareceu na recepção. Mas, ao percorrer o jardim de cá a descobri sentada na varanda da casa de lá (ambas paralelas mas relativamente distantes). Vinha não sei donde a música de *Narcissus*, de E. Nevin. Creio que as avencas tapavam a eletrola.

Postei-me — talvez levemente — num dos degraus da entrada do Retiro. Envolvia-me em censuras mentais e em volutas

de fumaça do meu cachimbo. Aliás, precisei reacendê-lo várias vezes.

Quando a mãe chegou, e deduzi essa circunstância pelo fato de tudo sumir daí a pouco na escuridão, só notei claridade nos aposentos do canto. Luz que as duas venezianas filtravam através das fendas paralelas e oblíquas. As tênues listras perduraram até de madrugada. Mas *Narcissus* se extinguiu mais cedo. Ou menos tarde.

No dia seguinte, as venezianas permaneciam fechadas ainda, quando eu segui para Congonhas.

Demorei-me longos meses em Copacabana. Tive diversos conciliábulos com tio Rangel.

(Depois?... Bem. Depois, aqui estou eu chegando ao fim do meu viaduto. Viajei esta noite com tio Rangel que desembarcou em Volta Redonda e que durante a viagem me narrara o seu apólogo *A Ladeira da Memória* para que eu soubesse tirar ilações. Não tarda a clarear de vez. Começo a reconhecer as imediações da fazenda Camapuã.)

IV

Como pôde um autômato chegar até aqui, em meio a uma paisagem lunar que pouco a pouco veio tomando um livor boreal de madrugada?

Sinto-me enregelado, transido de frio, procuro aquecer o rosto e as mãos sorvendo e segurando o cachimbo quase em brasa. A lua já agora é um disco translúcido inútil, pois começa a amanhecer. A estas horas tio Rangel já deve estar pronto, lá em Volta Redonda, para ir ver os altos-fornos. Tio Rangel! Ladeira da Memória!... Se as evocações de cinquenta anos de vida conjugal do velho desembargador merecem bem o nome de Ladeira da Memória, à minha evocação se adaptaria melhor a palavra "viaduto"; pois enquanto subi de Itatiaia para Camapuã, meu espírito na verdade percorreu uma reta varando o espaço-tempo. O corpo é prisioneiro da terra; resvala entre muralhas e abismos, encarrilha-se no sulco duma estrada. Mas o espírito trabalha com leis mais velozes do que as que regem o som e a luz, avança e retrograda, torna a inserir-se na sua bainha. Agora, por exemplo, corpo e alma estão juntos num ponto de estrada, como duas patrulhas que se reencontram após uma ação de vanguarda na terra da Memória, e ficam juntos, atentos, como na porta duma guarita. E ambos, corpo e alma, notam o estremunhamento próximo das coisas: névoa se esgarçando no fundo de grotões; sussurros de águas melodiosas; trabalhos de ourives da natureza que faz o que quer com orvalhos e teias por cima de brotos, corolas e musgos. E juntos notam o acordar majestoso das coisas ciclópicas de que a serra é a amostra bronzeada. E retomam, como gêmeos, ao acampamento. Qual acampamento? Bem, isto é um modo de dizer. Estou chegando a Camapuã, neste raiar baço dum dia novo que quero que seja igual a um dia antigo e radioso.

Volto-me, inspeciono o que posso abarcar com os sentidos e com a inteligência. É como se estivesse emergindo da massa conglomerada de círculos concêntricos. Vários círculos temporais: 1934, 1936, 1938, 1940, 1942, 1943, 1944, 1946. Oito círculos, como frisos dum anfiteatro em cuja arena estão o mundo e a guerra; em cuja orelha estão o amor e a morte. Atravessa esses círculos um gráfico em nanquim dando a febre do mundo e mostrando o percurso de dois seres.

Paro na extremidade, como um estilete que estacou na latitude ambígua duma cartografia sem bússola.

Camapuã, pequena plataforma na serra, onde antes fui feliz! Enquanto volto a ti, porque ferido, evoco a mocidade, o amor, o exílio, a guerra, a morte, a paz e a superação. Sou um vencido cheio de dignidade. E agora a manhã me alforria do delírio difuso, me liberta da estrada por onde rastejei metamorfoseado em caramujo, e me concede a graça de ser homem outra vez, com o rosto banhado de orvalho, um pobre passageiro que saltou em Itatiaia, que tentou subir a serra em plena treva, que por fim se aproveitou da misericórdia da lua e subiu a sua ladeira da memória, e parou, com o coração quase na boca, os sentidos quase deiscendo, pois o que emerge é o arvoredor, a sebe, o telhado, a fazenda Camapuã .Oh!!!

Senhor, estou reconhecendo este trecho de estrada! Estou reconhecendo estas paragens! Aqui, neste chão, eu e Renata, vinte manhãs seguidas, vinte tardes seguidas, passamos a cavalo rumo a florestas e cachoeiras! Estes troncos, estas lajes, estes barrancos eram bastidores iniciais. Corro, e logo paro, deslumbrado, com os olhos no esmalte da realidade lírica: a porteira, a alameda da entrada, o telhado, as três vidraças do sobrado, a porta imperial, as duas janelas escuras ao rés do andar térreo.

Detenho-me, respeitoso e emocionado, como um peregrino. Tenho a sensação mais que lógica de que vou rever Renata. Poupo o tempo e o júbilo, prelibando a felicidade; conheço o que seja o êxtase; fico olhando para aquilo como se tudo fosse uma fibrilação de cores e texturas espiritualizadas.

E por fim entro devagar na alameda, como um besouro feliz subindo por um camafeu de três camadas, de ônix, de ágata e de

esmeralda. Como um catecúmeno reingressando numa basílica. Como se aquela alameda fosse por exemplo a nave de Santo Apolinário em Ravena; como se a fachada da fazenda Camapuã fosse um retábulo de marfim bizantino. Como se aquela porta fosse o tímpano da igreja abacial de Moissac, e que, ao abrir-se, me mostrasse o grupo da Visitação.

E novamente me detenho já agora colocado em meio ao terreiro, abrangendo a ala do nascente, com suas quinze vidraças em cima e com suas dez janelas e duas portas embaixo. Que silêncio! Tudo fechado, imerso em sono. Mesmo a manhã é, assim baça e indecisa, um halo de vigília, não querendo interromper aquela saudade que vai se tornando recuperação. Vejo as horas no relógio do meu pulso: seis horas... Tudo parado. Nem sequer uma aragem. Olho para a vidraça onde foi o quarto de Renata. Olho para a vidraça seguinte, onde foi o meu quarto. Estão descidas. Todas as outras estão descidas. E as portas são rictos opacos na bossagem a que o tempo deu um tom corrosivo.

Sento-me em cima duma pedra, fico dali vigiando a fazenda, esperando que alguém irrompa de lá, que as janelas e as portas se abram, que surjam crianças, que o sol nasça vencendo as nuvens que cobrem todo o vale do Paraíba desde a Bocaina até a Mantiqueira. Tiro o lenço, desdobro-o, enxugo o rosto molhado de orvalho, aliso os cabelos, cruzo as pernas, esvazio o cachimbo da cinza morna, encho-o, fico fumando, vendo, refletindo, como querendo pregar uma surpresa, surgir em dada hora, entrar pelo casarão adentro, percorrê-lo todo, tomar café, ir ver o riacho, as árvores, a senzala, os atalhos, os finlandeses, a floresta, as cachoeiras, tomar banho, nadar naquelas águas encachoeiradas, montar a cavalo, cantar, rir, escutar outra vez a voz de Renata, sua risada rouca, suas exclamações: "Jorge! Jorge!" ao longo dos pinheirais, atrás dos penhascos, no vão entreaberto da porta do quarto ali em cima, no corredor. "Jorge! Jorge!"

Seis e um quarto. Seis e meia. Seis e três quartos. Sete horas. Levanto-me, rodeio a casa, parando em cada face. Desço o atalho que dá para a rotunda, querendo ansiosamente ver as árvores onde atávamos as nossas redes. Ali está o arroio, em curva... Mas, e as

árvores? E a ponte? Desço depressa para junto do arroio onde outrora, descalços, pisávamos areia fulva e seixos cristalinos. Ah! É que, com o dia assim encoberto, o sol está custando a irromper. Dou mais uns passos para a margem, disposto a lavar o rosto naquela água límpida. Límpida?! A correnteza tem uma cor lilás, como uma vaga do Mar Vermelho, e nem nas minhas mãos em concha aquela água parece ao menos pranto e sim, sangue. E as árvores? Rodeio a rotunda baixa, onde outrora o chão estava sempre coberto por uma poalha de pistilos, estames, carpelas e corolas. Oito cepos, oito tocos, cortados quase rente ao chão. Como a fugir, vou em direção à antiga pontezinha de troncos e cipós. Mas, não era neste ponto? Sim era. E ainda está aqui, mas destruída, oscilando na margem de lá como um farrapo túrgido, os cipós e os troncos presos por pregos e arames boiando como o resto duma jangada. Atravesso o riacho pulando por cima de lajes. Onde a relva? As pereiras? O mato cresceu, invadiu, reconquistou tudo.

Enveredo em direção aos telheiros, tenho que parar porque o atalho é vencido por uma extensão de capim-gordura que enche alqueires como uma onda verde parada. E os laranjais? E o gado? E a lavoura? E as casas dos finlandeses? Onde aquela gradação de planos, aqueles tabuleiros cromáticos, aquelas chaminés, aquelas mulheres que pareciam saídas de telas do Brueghel-o-Velho, aqueles homens louros, aquele gado que parecia porcelanas disseminadas?

E a serra, aquela escultura de bronze, onde as florestas e as penedias formavam muralhas de clorofila e de azinhavre, a serra, com seu sortilégio? Névoas resvalam por ela. Bem, esperar. E esperar que o dia se firme. Que o sol irrompa. Que a serra e o vale se livrem deste momentâneo estremunhamento. Ao meio-dia. Ou de tarde. Ou mesmo amanhã. Quando Renata aqui chegou, há tantos anos passados, não havia atoleiros lá embaixo perto de Itatiaia, na estrada de Resende e de Queluz? E três dias depois o panorama não era glorificação de minério e de flora?

Bem, a cozinha já deve estar aberta, o fogão deve estar aceso, o café decerto estará pronto. Mulheres, crianças, cães, devem estar acolá, em cenário íntimo, matriarcal. Dirijo-me para os fundos do casarão. Dou com a porta fechada. Subo a escada, mas escorrego e

trato de apoiar-me como posso. Limpo as mãos. São limo só. Torno a subir, cautelosamente: os degraus de cimento parecem cobertos por um forro de musgo. A porta escura, áspera, bárbara, está fechada com um cadeado. Olho pela fresta. Escuridão. Desço. Vou espiar do lado do terreiro. A porta áspera, bárbara, está fechada ainda. As janelas encoscoradas só me deixam entrever, através de fendas, uma escuridão completa. Afasto-me para o centro do terreiro, levanto o olhar para as vidraças da copa e da sala de refeições. Vidros opacificados, descidos.

Torno a espiar as horas. Sete e quarenta.

Vou para a porta da fachada, bato com os dedos em nós. Espero. Dou socos. Murros. Agarro os travessões, sacudo-os. Sacolejo freneticamente a aldraba fria e grossa. Afasto-me, paro no centro da alameda, grito, bato palmas, insisto, espero. Não acode ninguém. Vou para o centro do terreiro, chamo em altas vozes o nome que me vem à baila:

— Toivola! Toivola!

E, depois:

— Dona Aimó! Dona Aimó! Senhor Toivola! Senhor Toivola!

Aguardo, olhando para as vidraças, para os atalhos, para a senzala, para a alameda, para a estrada, para o vale, para a serra. Será possível? Ninguém!

Percorro o cimento que rodeia o casarão, vou batendo em todas as janelas e portas, nas quatro faces. E é quando me dou conta súbita da diferença. As paredes do edifício imperial apresentam aquele aspecto inconfundível, característico que minha inteligência ainda assim não quer reconhecer. Uma cor enrugada de lâmina histológica, algo entre parede de muro de tela de Utrillo pintada com mofo e resina, e bossagem de ruína corroída. O terreiro é uma área que se, ao entrar, considere simbolicamente um claustro, na verdade não passa dum terreno baldio, cheio de mato e de lixo. Empolga-me tamanha decepção, angústia tão constringente que corro para a senzala, bato nas seis portas e nas seis janelas, espero, grito, começo a ir e a vir pela alameda e pelo terreiro, desço até ao arroio, subo, vou aos galpões e por fim sem querer, deveras sem

querer, fico parado na estrada, diante da porteira. E dali contemplo tudo. Sim, ruína, marasmo, tapera.

Mas é impossível que não apareça alguém. Não há mais no mundo, nem nos litorais nem nos desertos, lugar algum onde não haja alguém. Devo esperar, sentar-me. Daqui a pouco — ainda é tão cedo, são apenas oito e dez, aparecerão pessoas. E... se eu descer, ir até às casas dos finlandeses na baixada? Longe? Não. Um quilômetro, se tanto. Mas, por onde? De que lado? Aqui à esquerda, pelo caminho que margeia o riozinho. Lembro-me das casas num e noutro lado, com suas sebes, trepadeiras, árvores, varandas e cortinas. Das chaminés não se evola nenhuma fumaça.

Começo a andar, tão aflito, tão sôfrego! E nisto dou com uma criatura humana. Um êmulo de Jeca Tatu, de barbicha, de calças arregaçadas, com um ventre de opilação, com uma tez de maleita. Digo-lhe “bom dia!”, ofereço-lhe um cigarro, pergunto pelo senhor Toivola, pela senhora Aimo, pelos finlandeses, e mostro muita cordialidade, legítima gratidão por encontrá-lo na estrada segurando uma aniagem, com um facão pendente da cinta.

Que voz de falsete, de lassidão, de inércia, com sílabas tão fanhosas! Que fisionomia tão desvalida e ao mesmo tempo resignada, que ar de bicho e de vegetal! E o homenzinho me olha quase com medo, coça as perebas dos tornozelos, e me declara em tom merencório que os finlandeses foram embora para a terra deles, que a “Companhia” tomou a fazenda outra vez, que isso de laranja durante a guerra “teve que acabar, num sabe?!”

— Mas... “não há um administrador? Um encarregado, pelo menos?”

— ... Sou eu mesmo...

Não me aventuro sequer a perguntar se ainda alugam cômodos. O caipira desanda a coçar-se, a amaldiçoar os carrapatos, faz tenção de prosseguir. Pergunto-lhe se vai para a fazenda, digo-lhe que estive hospedado, confesso-lhe que tenho interesse em rever a casa, chego a ter ganas de dizer que pretendo comprar a fazenda.

Então ele coça a barbicha, fica mexendo com o saco de aniagem, numa irresolução enervante. Remexo dinheiro no bolso, faço menção de tirar uma nota, mas me arrependo, considero que

talvez ele se ofenda e então tudo se torne pior. E nisto ele me diz que fique esperando um pouco pois vai dar milho às galinhas; segue muito lerdo, some num atalho. Um galo canta. Outro responde.

Oito e três quartos. Decido descer o atalho. E, estando já em meio, dou com o tabaréu que volta cortando fumo, a palha de milho nos beijos, o olhar seco posto em mim, sem curiosidade, apaticamente.

Acompanho-o, conversando. Suas respostas não me elucidam nada. São monossílabos grunhidos. Procuo espevitá-lo, digo que sou pretendente, que li um anúncio, vim ver porque preciso saber do estado em que se acha o edifício; tiro dinheiro do bolso, explico que como estou atrapalhado, pois decerto ia trabalhar, que me desculpe se lhe ofereço aquela notinha para comprar fumo de rolo em Itatiaia. Aceita, não agradece.

O dia se torna duma luz dúbia.

Ele guarda lerdamente o dinheiro, e tira do bolso da calça onde o enfiou uma chave enorme, de arca, em cujo barbante está amarrada uma figa da guiné.

A porta do lado do terreiro é aberta. Entro, disposto a subir os degraus para o sobrado. Mas o Jeca me chama, diz que preciso ver tudo “dereito”, começando pelo porão; escancara a porta da frente e abre as janelas. A claridade penetra mostrando as traves do teto e o cimento do chão. Um cheiro de couro e cereais define o ar confinado. Volto, decidido a subir a escada. Nisto, aquele homem dá um pulo elástico, de funâmbulo, duma agilidade felina, e solta uma risada explicativa. Tenho tempo de perceber a causa: uma ratazana passa e some rente à parede.

Enquanto isso o meu guia sobe. Ouço-o abrir as persianas e as vidraças da sala de jantar, as portas dos quartos, as janelas do banheiro, da copa, da cozinha e da despensa.

Subo aquela escada que tantas vezes subíramos Renata e eu parando demoradamente em cada degrau, absortos em nossas conversas. Entro no primeiro quarto. A sensação angustiante é de estar na cripta duma catacumba e de ver nas paredes as maiúsculas MPT — que significam martírio. Mas tenho que fugir por causa das abelhas, guardiãs daquela sacralidade cúbica e cujos favos,

zumbindo, clamassem: "*Filia in Domino*". "*Vivas in Deo*." "*Rapta ad Angelis*."

Recuo depressa, vendo tudo através de arestas ortorrômbricas. E entro no meu antigo quarto. Vazio, sem mínima peça dum móvel. Nem eu estou ali. Compreendo deveras o verso: "Uma coisa central que é coisa nenhuma". Fujo dos marimbondos, guardiões briosos da anterioridade temporal. Chego à sala de jantar. Um cheiro adstringente, fluídico. Uma espécie de dilúculo interno, frouxo, como se as horas daqueles vinte dias e daquelas vinte noites continuassem ali num silêncio comunicativo de sibilas invisíveis.

Na sala, encravada como necrotério ao cabo de enfermarias, só está a mesa, sem os bancos. Sim, aquela mesa que foi o nosso retângulo de mútua contemplação, parece agora a mesa da morgue dum posto de Legião Estrangeira, alhures...

E eis que um ribombo agudo, tonitruante, se prolonga como escala cromática e sacode tudo. O tabaréu segura o cigarro de palha e fica inerte. O trovão cavernoso se despenha por sucessivos degraus; um cheiro telúrico invade tudo. As vidraças estremecem, como nervos. As portas batem como catapultas. A fazenda Camapuã vibra. Novas descargas se enviesam pela distância e a serra as recebe em seu flanco tão rijo que as descargas se enfurecem e centuplicam suas sílabas mitológicas. Novamente as portas batem, como teclas de instrumento de percussão acompanhando o ressoo de bigorna da serra. Chego depressa ao peitoril, enquanto, lépido como uma onça, o tabaréu desanda a abaixar as vidraças e a fechar tudo. Colho ainda o livor tétrico de lá de fora e logo me vejo na obscuridade. Desço a escada, cerrando antes a porta do quarto de Renata, como quem sela uma lápide. Passa por mim o Jeca Tatu que vai fechar as janelas e as portas que batem tomadas de fúria no porão.

A vegetação se contorce como cabeleiras e raízes. Nuvens de pó enxameiam o terreiro, e o céu está cheio de laivos de gangrena. Meu chapéu é levado de roldão pelo terreiro afora. Corro a apanhá-lo; e nisto ouço uma espécie de vaia feita de gargarejos, algo assim como vários motores numa sala de máquinas. E o aguaceiro

compacto, que me encharca imediatamente, como se eu tivesse dado um mergulho na cachoeira do Maromba.

Literalmente molhado, volto, me coso à porta que sacode como uma enxárcia.

Pergunto aos brados, como um convés, ao ser humano que ali está resignado e reduzido a mera testemunha inócua, se não será possível me arranjar um cavalo. Ele repete a minha pergunta duas vezes; primeiro como se não a entendesse. Depois a considerá-la bem como probabilidade viável ou utopia absurda. Coça a barbicha, diz que então tem que ir falar com o "seu" Kurvelo. Sim, ele tem um bom cavalo, de estimação; mas, se consentir, neste caso tenho que lhe pagar antes, e depois, lá embaixo, em Itatiaia, deixar o cavalo no posto de gasolina, entregá-lo ao seu Floriano. Insisto, rogo que vá falar com o seu Kurvelo, decido-me mesmo a acompanhá-lo. Mas o Jeca vai pela chuva, todo encolhido, enviesadamente atravessando o terreiro com o saco de aniagem metido pela cabeça abaixo feito cogula.

Fico ali no porão, atrás da porta entreaberta, segurando-a com o peso do meu ombro bem encostado, vendo a estrutura linear da chuva que corta a paisagem com tubulações permeáveis desde não sei onde até à névoa difusa onde deve ficar a serra da Bocaina. Todo vale é uma espécie de paisagem submarina. Lembro-me da minha mala guardada na estação de Itatiaia, retiro a capa encharcada, torço-a, abro-a por sobre o corrimão. Aliso os cabelos, sacudo o chapéu, recuo sem querer cada vez que os relâmpagos avivam a paisagem e espero o troar desesperante do raio. Longe, no tecido opaco do céu, nervuras luminosas, como líquens, se desenham eletricamente. Depois a serra repete fugas de quiálteras que se despençam em rajadas.

Nove e vinte. Nove e meia. Nove e quarenta e cinco. O aguaceiro canta, em alaridos sucessivos, como coros dispostos em perspectivas. Parece uma exclamação nasal, gutural, visceral...

Vejo por fim, como numa tela, um homem e um cavalo. A mão esquelética segura como por encanto o focinho do animal, como se não houvesse rédea nem cabresto, como se aquilo fosse simples

contato. O animal, lúcido de chuva, vem esbelto, meneando a cabeça.

Ouçõ os cascos do cavalo, a voz em falsete da criatura humana dizendo que seu Kurvelo mandou recomendar muito que entregasse o *São Jorge* no posto de gasolina de Itatiaia, "ali na estrada que vai para Caxambu, num sabe?"

— E, quanto é?

— Seu Kurvelo disse que num é nada. "Pro senhô entregá dereitinho o animal."

Severo de rosto e de atitude, como sacramentado por aqueles trovões e relâmpagos, visto a capa, jogo-me sobre o cavalo, enfio um pé no estribo, agarro as rédeas que ajunto numa das mãos, amaneiro com a outra o loro para enfiar o sapato no outro estribo bamboleante, recebo o rebenque, vergasto a garupa do cavalo, curvo-me sobre a tábua do seu pescoço.

Brioso e lépido, o animal percorre a alameda, enquanto me volto um pouco para rever pela última vez o casarão de Camapuã.

Dum lado, floresta e barrancos. Do outro lado, despenhadeiros e troncos. A estrada é um talvegue sem fim para onde escorre a água da mata. Estrépito e mistério, névoa e obscuridade. Diante de mim, diante da cabeça do animal, das minhas mãos juntas, os pormenores da estrada empapada de dilúvio e, a todo instante, no tecido grosso do céu, nervuras luminosas, como líquens se desenhando em pertuitos.

Vou em velocidade, indiferente ao perigo quanto à alma, mas cauteloso quanto ao corpo, pois o instinto resolve lutar. Atiço o cavalo, vergasto-o, ele desce a estrada coleante, num galope contínuo e crescente.

Severo de rosto e de atitude, vou levado pela velocidade, aos arremessos e galões, enquanto vejo recuar em rotação um mundo de troncos em cujo recesso ressoam alaridos e bátegas.

Com as mãos juntas segurando as rédeas, com os joelhos enrijados por causa do declive, perpasso através do aguaceiro procurando chegar depressa. Onde? Onde, para mim, Senhor, haverá bonança?

Sim, vou para Itatiaia. Lá, entregarei o *São Jorge*, enveredarei para a estação, pedirei a mala, mudarei a roupa em qualquer hotelejo, ficarei na plataforma esperando o trem. Para São Paulo, ou para o Rio?

Qualquer um. O que passar primeiro.

E, como a açular a minha pressa, o vento que perpassa pela crina do cavalo joga nos meus ouvidos a voz de tio Rangel transformado em interpolador de textos alheios:

“Cuidava você, então, que neste mundo não havia nenhuma criatura capaz de captar o seu S.O.S.? Em todas as perplexidades solitárias, Jorge, embora nos julguemos resignados, emitimos constante apelo. E há sempre escutas capazes de os decifrar, seja qual for o código, seja qual for o litoral simbólico ou verdadeiro onde tenhamos queimado a nave para o impossível retorno.

“Você ainda se está debatendo em problemas de consciência porque é leal e magnânimo. Julga que outra criatura do oásis, ao abeirar-se da cisterna e ao descobrir as sandálias da anterior, não deva calçá-las para ter o direito de atingir e percorrer a catacumba; e que, ao ver num degrau do altar a candeia apagada não tem o direito de reacendê-la para procurar o cântaro e ir buscar água no córrego subterrâneo a fim de vir reanimar quem se acha prostrado na duna.

“Será possível, Jorge, que você tenha ficado como esses infantes que, perplexos e atônitos, na Espanha ou na Rússia, quais pássaros tangidos pela fuligem das revoluções, não veem nunca os ninhos nos pomares nem ouvem mais o sussurrar das fontes?!”

¹ Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Editora Cultrix, 3ª ed., 1975, p. 465.

² Francisco Foot Hardman, “Noturno da Memória ou a Esperada Volta de um Mestre”, in *A Ladeira da Memória*, São Paulo, Editora Planeta, 2003, p.8.

Table of Contents

A Ladeira, a memória, o amor e o tempo

PRIMEIRO CADERNO

I

II

III

IV

SEGUNDO CADERNO

I

II

III

IV

TERCEIRO CADERNO

I

II

III

IV

QUARTO CADERNO

I

II

III

IV

QUINTO CADERNO

I

II

III

IV